The Library
of the
University of North Carolina

Endowed by The Dialectic
and
Philanthropic Societies

898.1
M141d
v. 1-2

This **BOOK** may be kept out **TWO WEEKS ONLY**, and is subject to a fine of **FIVE CENTS** a day thereafter. It was taken out on the day indicated below:

V 30 1991

APR 02 '92

Joaquim Manoel de Macedo

Microfilmed
SOLINET/ASERL PROJECT
1990-92

OS DOUS AMORES

PRIMEIRO VOLUME

SUPPLEMENTO ROMANTICO

DO

"JORNAL DO BRASIL"

Nº 16

Library, Univ. of
North Carolina

I

O céo côr de rosa

Ninguem ha na cidade do Rio de Janeiro que não conheça perfeitamente o largo da Lapa do Desterro. Sobretudo, elle se faz notavel pelas missas, que de madrugada se dizem em seu pequeno convento; por suas bellas festas do Espirito-Santo com seu imperio sempre cheio de offrendas, e seus grandes fogos de artificio; e, emfim, pela multidão immensa de povo, e pelos carros, omnibus e gondolas, que incessantemente por ahi transitam, indo ou vindo desses bairros aristocraticos, que ficam além do cáes da Gloria.

E, como para compensar esse ruido constante e essa concurrencia, de que fallamos, o largo da Lapa tem por vizinhas algumas ruas pequenas, mas bonitas, que se podem chamar solitarias em comparação delle.

No anno de 1846, porém, os habitantes de uma dessas ruas, de cujo nome agora não nos podemos, ou não nos queremos lembrar, mas que será facil conhecel-a pelo que della diremos, começáram a notar que ella se ia tornando muito frequentada a certas horas do dia.

De tarde, quando já o sol não incommodava e a sombra e o frescor convidavam as moças a chegar á janella, viam-se passar primeira e segunda vez pela rua de... numerosos mancebos, que trajavam com elegancia e gosto, e que por seus modos e ademães mostravam pertencer ao circulo feliz, que actualmente se conhece pelo nome do — bom tom.

Deu isto muito que pensar aos socegados habitantes da rua de... até que finalmente certo dia um homem que ali morava, e que se chamava Jacob, apontando para uma casa, que ficava defronte da sua, disse em tom confidencial a alguns de seus vizinhos: — a causa é aquillo.

Tambem Jacob era a pessoa mais capaz de descobrir qualquer mysterio. Pelo sim, pelo não, diremos já e em duas palavras, quem era elle.

Jacob tinha sido escrivão, e apenas ha tres annos havendo perdido o seu lugar por motivos, que elle a ninguem dizia, mas que o fizeram viver na cadeia durante alguns mezes, retirou-se do centro da cidade, onde habitava, e veio com sua mulher, e uma escrava morar na rua de...

A casa de Jacob era terrea, e constava de uma porta e duas janellas de vidraça cobertas com cortinas brancas: a porta abria-se para um corredor, ao lado direito do qual outra dava entrada para a sala.

Sem ter nada que se occupasse, Jacob vivia do fructo de seus antigos trabalhos, e sua mulher, para ajudal-o nas despesas da casa, fazia um pequeno commerciozinho de balas e confeitos, que a escrava vendia em um taboleiro á porta do corredor.

Um homem baixo, um pouco gordo, e um pouco calvo, com os cabellos que lhe restavam, já meio-grizalhos, com olhos pequenos e vivos, tendo sempre no semblante uma alegria fingida, tomando rapé, e trajando constantemente um fraque rôxo, abotoado até em cima, calças pretas, e botins de cordovam de lustros — era Jacob.

Uma mulher alta, gorda, com poucos cabellos, olhos pardos, rosto, e principalmente o nariz, que não era pequeno, muito vermelhos, com pés immensamente grandes, com voz fina, retumbante, e fallando de continuo — era a Sra. Helena, a mulher de Jacob.

Este par vivia na mais estreita união: e, tendo pouco ou nada em que cuidar, gastava o tempo em descobrir mysterios.

Jacob tinha o seu posto de dia, sentado junto de uma das janellas, e só o deixava, se suppunha conveniente seguir a alguem; dali elle observava, e adivinhava tudo; seu olhar, vivo, penetrava no interior da casa alheia, e seu ouvido, apurado, ouvia, apezar das paredes, o que se fallava na dos vizinhos; se sahia, apanhava e lia o pequeno escripto, que desprezado rolava no chão; e de noite, escondido atrraz da cortina da janella, devassva as ruas, e escutava o que diziam aquelles que passeavam conversando.

Helena ajudava excellentemente seu marido nesse *innocente* passatempo; ella conhecia os escravos de todas as casas, praticava com elles, e dava conta a seu esposo das questões domesticas, dos segredos, e das mais miudas circumstancias da vida

alheia; o papel em que vinha da venda embrulhado o assucar, era lido e estudado; e durante a noite uma das cortinas das janellas pertencia aos cuidados de Helena.

A intriga, a maledicencia, e mesmo a calumnia alimentavam este homem e esta mulher, que se tinham encontrado no mundo tão iguaes, tão dignos um do outro.

Não era, pois, acreditavel que a causa dos passeios desses mancebos por aquella rua, dantes tão pouco frequentada, escapasse a Jacob e sua mulher.

Um dia Jacob disse — a causa é aquillo.

E aquillo era uma casa de bella apparencia, que ficava defronte da delle; casa muito conhecida, mesmo muito amada pelos habitantes da rua de..., ou, melhor, pelos habitantes, e frequentadores do bairro da Lapa do Desterro.

Era essa casa assobradada, e sobremontada por um sotão, ou, se quizerem, por um meio sobrado com tres janellas de peitoril, tendo o andar inferior cinco, todas porém igualmente de peitoril; do lado esquerdo dava entrada para ella um humilde alpendre, que levava, os que por elle praticavam, a uma escadinha de quatro degráos, pelos quaes se subia ao primeiro andar; pela parte direita, e na extensão de trez braças, erguia-se um muro, que occultava aos olhos dos curiosos pequeno e gracioso jardim, e breve se terminava confinando com uma velha casinha. Nada, portanto, mais simples, nada menos romanesco do que o aspecto dessa casa; mas porque sua frontaria fosse toda pintada de uma bella côr de rosa, exceptuando-se a cimalha e os caixilhos das vidraças, que eram brancos, os habitantes e frequentadores do bairro da Lapa do Desterro deram-lhe o nome, e teimavam em chamal-a com o titulo muitissimo poetico de "Céo côr de rosa".

Seria, porém, a côr da frontaria da casa, de que tratamos, a verdadeira causa de sua denominação quasi sacrilega ?... certo que não; o instincto do coração d eum homem adivinha, para logo, que ahi deve habitar uma mulher, provavelmente muito bella; porque esse nome de Céo côr de rosa tem em si alguma cousa de poetico; e neste mundo, tão por demais enganador e falso, e nesta vida tão por demais esteril e trabalhosa, o homem só encontra poesia e encanto, onde respira a mulher; por consequencia a côr da frontaria era o meio; a existencia de uma mulher, nessa casa, era a causa unica de seu bello nome.

Com effeito, uma moça, que, a ser julgada pelo que della apregoava a fama, era tão linda como nova, tão rica de encantos como pobre de annos, embellecia, tornava cheia de interesse a modesta

habitação; centro para onde convergiam mil sympathias, tinha ella seu nome abençoado, sua vida mergulhada em uma atmosphera toda poetica, seus habitos e costumes, suas acções, sua casa, e quanto com ella estava em relação gozando honras romanescas, graças á imaginação fervorosa de um publico idolatra.

Assim já vimos, com que nome tão altivo era conhecida a morada da feliz moça, e fez o povo mais ainda: para com uma antithese tornar dobradamente notavel a conta, em que tinha o Céo côr de rosa, aproveitou-se da existencia da pobre casa, que junto do muro do jardim da primeira se via; e em castigo de sua miseria, pois, que muito baixa, só havia nella demais um sotão, que nem mesmo lançava janellas para a rua, e toda se mostrava já meio-arruinada pela força dos annos, e bastante intrigueirada pelas desfeitas do tempo, deu-lhe o epitheto affrontoso de — Purgatorio-trigueiro.

Tendo por essa maneira feito notar a casa da moça querida com um nome sagrado, e a que lhe ficava contigua com uma alcunha de maldição, os enthusiastas foram por diante com a sua antithese. Entenderam que o nome baptismal da moça, não exprimindo nenhum dos sentimentos, que por ella nutriam, não lhes podia servir para fazel-a designar; e então acertaram de chamal-a — Bella Orphã; — porque assim a tornavam por dous modos interessante; interessante aos olhos pela belleza, e ao coração pelo estado; e, emfim, chegou a vez da antithese cruel, e a uma pobre mulher septuagenaria, que morava no Purgatorio trigueiro, foi lançado o insultuoso appellido de — Velha bruxa.

Depois, como para dar os ultimos toques á apotheose da feliz senhora, elles estudaram os habitos, observaram as acções e os pareos da Bella Orphã, e interpretações e explicações tão poeticas e como esse nome vieram completar o romance, que a imaginação popular creava. Porexemplo: a moça tinha desde os mais tenros annos contrahido o habito de despertar com a aurora para passar a primeira hora da manhã no pequeno jardim do Céo côr de rosa; a explicação não tardou. "Ha, diziam-se sorrindo uns aos outros os enthusiastas, ha uma paixão, e a mais decidida correspondencia amorosa entre a Bella Orphã, e o sol; de ajuste despertam ambos á mesma hora para, livres de testemunhas, se irem namorar de manhã cedo, elle do alto dos céos, e ella do meio das flores.

Pensamos haver dito bastante para que se comprehenda, com que excesso era amada essa moça, e, como não pretendemos fazer côro com a multidão, que a incensava com lisonjas tão exagera-

das, e pouca importancia damos a esses exaltamentos populares, que, tantas vezes, basta um leve sopro para de todo apagar, ou mesmo dar-lhe direcção absolutamente opposta, vamos dizer o que era ella em realidade, e do que com justiça se lhe devia; e se, no correr desta historia, usarmos repetidamente de alguns desses epithetos mencionados, será porque o povo, á força de repetir os nomes de sua escolha, acabou por generalizal-os, de tal modo, que só por elles eram bem conhecidos os objectos que nomeavam.

Força é agora partir de mais longe.

Deus legou aos homens pensamentos grandes, importantes, e sagrados, em sua passagem, de padecimentos para elle, e de salvação para nós, em sua passagem por este mundo, dizemos, cada passo que deu, cada acção que fez, cada palavra que pronunciou, foi uma lição de virtude angelica, uma amostra do caminho do céu, um pensamento de santidade; e o cumprimento de cada um desses pensamentos é o emblema, o motte de cada classe da sociedade; entre elles, se fosse possivel dar-se mais belleza e uma do que a outra idéas do Espirito Divino, seria um dos mais sublimes e difficeis — a caridade. — E os missionarios dessa virtude angelica são especialmente os medicos. A medicina é o sacerdocio da caridade.

O negociante de receitas, aquelle que, mercê de seu titulo, anda por ahi curando, se póde, os seus doentes tendo em mira sómente o pobre interesse; que só presta o seu conselho a troco de ouro; que morde nos outros medicos, como em concurrentes que lhe diminuem o ganho; esse, que não comprehende o gemer da alma da humanidade; que não sabe o que é o soffrimento mal gemido, as angustias, abafadas do homem pobre; esse, que emquanto receita com a mão direita, tem já a esquerda estendida para receber dinheiro; esse, que define a medicina — sómente um meio de vida; — esse, que não entende, que a religião de Jesus-Christo, a nobreza de sua sciencia, e a honra do coração marcam-lhe o posto ao pé de quem geme, e não unicamente ao pé de quem paga, esse... é apenas um mercador de receitas.

Mas aquelle que, no exercicio da medicina, não faz distincção entre rico e pobre, e vê só individuos, que de seus cuidados carecem; aquelle que combate as enfermidades, disputando contra a morte dia por dia, hora por hora, instante por instante, o campo da vida; que invade corajoso a atmosphera da peste; que se expõe com marcial bravura ao contagio mortifero, respirando aqui ar miasmatico e envenenado, banhando-se ali em suor fetido e peçonhento, para, caridoso, levar soccorros a infelizes, de quem

sabe não receberá um ceitil; aquelle que nem mesmo desanima, nesse viver trabalhoso, ante o monstro, que tantas mil vezes fere o coração do medico — a ingratidão; — que paciente se amolda á impertinencia da infancia, ao capricho da velhice, e ao pudor da virgindade; que não conhece no homem só os padecimentos da materia; que entende e falla tambem o idioma da sensibillidade, o eloquente dizer da alma; aquelle que tem na cabeça a medicina para curar, nas mãos metade do ouro, que recebeu do rico para espalhar sobre a miseria da pobreza; nos labios consolações salutiferas para com ellas abrandar os tormentos do infeliz; e no coração uma sepultura para eternamente encerrar os segredos das familias; esse sim... esse é medico.

E se acaso se orgulha de sêl-o, tem, a sobras, razão para orgulhar-se.

Nobre, alta, importante, solemne missão é essa!... e essa missão tinha sido cumprida á risca pelo Dr. Paulo Angelo.

A' vida de Paulo Angelo fôra uma longa historia de philantropia e caridade; comprehendendo perfeitamente o ministerio do medico, não se arredara nunca em nenhum de seus passos da linha de proceder, que lhe cumpria seguir. Dias e noites gastara elle em fazer bem ou em preparar-se para fazel-o a seus semelhantes, porque de dia eram suas horas votadas á observação, e ao cuidado de seus enfermos; e de noite estudava, estudava sempre: pois que jamais pensava ser sufficientemente sabio; havia reconhecido que, assim como o homem moral, o homem physico é tambem um livro immenso, em que sempre se acham segredos novos para interpretar; e que, lendo-se mesmo de continuo até á ultima hora da vida, ainda assim não se tem lido bastante, ou, antes, nunca se chega a sua pagina derradeira.

Moço ainda, desposara elle uma mulher virtuosa e amavel, e o céo, abençoando sua união, lhe fez presente de uma filha, que deveria fazer o encanto de sua velhice; occupou-se desvelado em sua educação; possivel e muito lhe fôra preparar-lhe uma herança elevada, porque, medico habil e afamado, exercia uma clinica vasta e rendosa; quasi sempre, porém, metade do estipendio do rico ficava debaixo do travesseiro do pobre.

No entanto, se seus cofres permaneciam vazios, as bençãos do povo choviam sobre Paulo Angelo e sua familia; pois que sua esposa, obedecendo á propria indole, e seguindo os exemplos que lhe elle dava, cumpria tambem a santa virtude da caridade, com essa graça no bem-fazer, com esse segredo de ser beneficente, quasi brincando, de que sómente são capazes as mulheres; e sua

pequena filha, amamentada com o leite da virtude, embalada no berço da beneficencia, era um galante cherubim, de quem Deus modelara o coração, e o amor o rosto.

Ia indo Paulo Angelo em seu viver socegado e ditoso, quando, no começo do anno de 1844, victima de seu proprio ministerio; contrahindo uma enfermidade contagiosa, trouxe o germen da morte para o centro de sua familia; e em um mesmo dia os sinos da capital gemêram com seu dobre lugubre por elle e por sua esposa.

Era um espectaculo bem triste vêr familias inteiras, de quem elle havia sido o bemfeitor, acompanhar, chorando, seu carro funebre!... era uma scena despedaçadora vêl-as ao derredor de seu feretro misturando lamentos e soluços com os hymnos funeraes dos sacerdotes.

E havia, com tudo isso, um objecto ainda mais triste, ainda mais lamentavel, do que todo esse espectaculo: havia uma orphã de quatorze annos.

Aos quatorze annos, pois, ficou quasi só no mundo a filha de Paulo Angelo; é verdade que um nobre e respeitavel ancião, seu avô paterno, encarregou-se de sua tutela; que ella achou, em uma bella e interessante senhora, filha de seu avô, e portanto sua tia, uma companheira e amiga; é certo que firmes e não ingratos se mostraram alguns dos muitos antigos amigos de seu pae; por sem duvida, que herdou ella toda a idolatria, que votava a classe necessitada ao medico bemfeitor; é verdade tudo isso, mas não será verdade tambem, que ainda mesmo no centro da multidão está quasi num ermo, que ainda mesmo no meio de mil riquezas está mais pobre que o ultimo mendigo, aquelle que perde dimproviso o que mais ama no mundo?... pois que sentimento ha ahi, que preencher possa o vazio deixado no coração pelo amor filial?... um só, talvez, a saudade do que se perdeu; é ainda o mesmo sentimento modificado pela dôr, e crismado com novo nome.

E, pois, essa interessante pombinha ficára só e ainda mal emplumada no ninho, onde não poderam mais nunca voltar os paes, apanhados tão de subito pela morte. E, pois, essa criança de quatorze annos fôra cedo tocada pelo dedo pesado do infortunio, e escrevera seu nome na lista dessas criaturas infelizes e sagradas, que no mundo se chamam — orphãos; — sim, infelizes, porque tem perdido aquillo, que a natureza pede incessantemente dentro do coração; sagradas tambem, porque um orphão deve ser um objecto respeitado, como a alma de um vivo, e o cadaver de um morto.

E, como profundamente resentida desse golpe inesperado, que a viera ferir no tempo mesmo em que começava de bem comprehender o que era, o que valia o amor dos paes a filha de Paulo Angelo, semelhante a essas flôres, que, açoitadas pela tempestade ao desabrochar-se, não morrem, mas se desenvolvem abatidas e tristes; ia passando seus bellos dias da idade da innocencia alquebrada pela dôr, e pela saudade. Mesmo depois de passado seu anno de luto, quando já o balsamo do tempo tinha cicatrizado a ferida profunda de seu coração, ella teimava em viver uma vida de retiro, e de esquecimento. Apenas uma ou outra vez podiam na manhã de algum domingo admirar a graça de sua figura ou adivinhar a belleza de seu rosto encoberto pelo véo, com que se ornava, indo ao templo do Senhor; apenas, e raramente uma ou outra vez podiam vêl-a, para fugir logo, depois apparecer ao lado de sua tia em alguma das janellas do Céo côr de rosa; apenas, e ainda mais raramente, era uma ou outra vez emfim arrastada por seu avô e sua tia, a essas sociedades brilhantes e embriagadoras, que fazem o delirio das moças, e que são, a um só tempo, o altar em que se ellas adoram, e o labyrintho em que se ellas perdem. Era seu viver como esse viajar ethereo de formosa lua melancolica pornoite nublada e feia, que surge por curtos instantes dentre nuvens carregadas, e logo depois novamente se mergulha, deixando apenas ressumbrar seus raios atravez dos véos de fumo do firmamento.

Não era por indole triste assim a filha de Paulo Angelo; tinha, ao contrario, genio brincador e alegre; mas a prematura morte de seus paes lhe embutira um ponto negro, uma recordação lugubre na vida; e mil vezes, ou quasi sempre no fervor de uma festa, ou no sonhar de lisonjeiras phantasias, o ponto negro lhe surgia, a recordação lugubre vinha abysmal-a. Por isso notava-se de ordinario em seu rosto essa melancolia tocante, que, como já disse alguem, é, até certo ponto, uma graça na dôr.

Ella ficára pobre de bens; fôra sua unica herança o Céo côr de rosa; e, portanto, não podendo, como dantes, derramar beneficios e esmolas sobre aquelles tantos pobres, que seus paes chamavam — filhos, — e ella se habituára a chamar — irmãos, — achava em tal mais um motivo para occultar-se, já inutil; e, ás vezes, escapava-lhe uma lagrima, pensando que poderia ser pesada.

Mas essa mesma vida de retiro e socego, essa vida quasi de mysterio, redobrava o interesse que pela orphã se mostrava.

E ao mesmo tempo, que ella, ao amanhecer, cuidando de suas flôres, durante o dia, de suas musicas e trabalhos, e de noite,

triste e docemente reflectindo, se suppunha esquecida de todos, se acreditava, ao muito, objecto só de alguma terna saudade, como a que se tem de um bom amigo de muito tempo perdido, os velhos protegidos de seu pae, os filhos da caridade de Paulo Angelo, a phantasia romanesca do povo enthusiasta celebravam a apotheose da interessante moça, creando para ella o Céo côr de rosa; dando-lhe o nome de Bella Orphã; inventando um Purgatorio-trigueiro; fazendo habitante deste uma velha-bruxa, e até emfim forjando uma paixão miraculosa entre a Bella Orphã, e o astro do dia.

Ora, como é natural, a fama da belleza e das virtudes da Bella Orphã não se deixou ficar no bairro da Lapa do Desterro, e, correndo por toda cidade, chegou tambem aos ouvidos dos senhores do — bom tom, — que, começando por isso a frequentar a rua de... e conhecendo que no Céo côr de rosa não era a Bella Orphã a unica bella que havia, fizeram dessa rua o seu passeio de escolha, e desafiaram, assim, a curiosidade dos socegados habitantes della .

Como dissemos, essa curiosidade estava já satisfeita, o mysterio tinha sido facilmente explicado. Jacob havia apontado para o Céo côr de rosa, e dito:

— A causa é aquillo.

Agora, desviando-nos um pouco da porta do Céo, convem que entremos directamente no Purgatorio.

II

O purgatorio-trigueiro

No fim do muro que defendia o jardim do Céo côr de rosa, estava, como já dissemos, o Purgatorio-trigueiro.

Era uma velha casinha, cujas paredes se mostravam carcomidas pelo tempo; entrava-se por uma rotula em pessimo estado, havia ao lado desta, e pela parte direita, uma janella sem vidraças, mas com postigos que se abriam para os lados, e nada mais; nem mesmo da rua se podia fazer uma justa idéa do pequeno sotão, que, como envergonhado, deitava suas janellas para traz, e que apenas assignalava sua existencia pela parte anterior, na elevação do telhado ennegrecido e limoso, o que ainda mais afeiava a antiga casinha, simulando corcova enorme de velha.

Aquella triste e miseravel habitação tinha em si um não sei que de repugnante; e todavia não era maldição, não era escarneo, o que o povo votava ao velho casebre; era, sim, a cruel antithese, que a fazia conhecer por um nome affrontoso.

No entanto, a interessante moça do Céo côr de rosa bemdizia a existencia daquella casinha, e pedia ao céo que jamais se lhe mudasse a moradora; justa razão tinha ella para assim o pedir.

A Bella Orphã gostava, e muito, de passar no jardim a sua hora matutina em completa liberdade; e seu jardim podia ser quasi todo devassado pelo pequeno sotão da velha casa; mas a janella desse sotão, que podia incommodar a moça, não se abria nunca; e por consequencia nenhum morador lhe devia ser tão agradavel, como essa pobre velha, que parecia amar a obscuridade, e tinha as janellas sempre fechadas.

Apezar do muito que pareça máo gosto, a despeito mesmo de que erro se julgue abandonar uma personagem ainda pouco conhecida, para nos irmos occupar já de outras por sem duvida baldas do interesse, que terá podido merecer a primeira, perderemos de vista, por um momento, a Bella Orphã, para travar conhecimento agora com a velha bruxa. Ainda bem, que não é peccado, neste caso, desprezar o caminho do céo, a fim de penetrar no interior do Purgatorio.

Erão oito horas da noite.

A saleta do Purgatorio-trigueiro estava fracamente allumiada por uma unica luz deposta sobre antiga mesa redonda, junto da qual tomavam café e pão velha Irias, e um mancebo de agradavel presença, que deveria contar cerca de vinte annos; uma escrava da mesma idade, que a primeira esperava de braços cruzados, e a alguma distancia, a terminação da ceia.

Irias era mulher septuagenaria, alta, magra, de cabellos completamente brancos, de olhos verdes, que deveriam ter sido bellissimos, e que ainda aos setenta annos ella os conservava sempre repletos de fogo e de vivacidade; tinha ainda todos os seus dentes eguaes, alvos e bellos; vestia nessa noite um simples vestido de chita escura sem enfeite algum, e escondia os cabellos brancos por debaixo de um lenço de Alcobaça atado á cabeça.

O mancebo era de estatura regular; tinha cabellos pretos e annelados, e a fronte elevada e bella; seus olhos pardos, que ás vezes por passageiros instantes se accendiam e dardejavam olhares ardentes, mostravam-se de ordinario desmaiados e amortecidos; por baixo de suas palpebras inferiores desenhavam-se olhei-

ras roxeadas, e filhas talvez da vigilia e do estudo; a tez pallida desse mancebo condizia emfim perfeitamente com o parecer melancolico e abatido, e com o silencio obstinado que guardava desde o começo da refeição; estava elle de calças brancas e com um lencinho de seda encarnada ao pescoço, e finalmente vestia um chambre de riscadinho azul abotoado até em cima.

Embora a melancolia devesse ser natural nesse mancebo, é provavel que alguma cousa, fóra do commum, nelle houvesse naquella noite; pois que a velha Irias lançava-lhe de relance vistas perscrutadoras, e elle cem vezes tinha já estremecido, como por uma horripilação momentanea e subita.

Terminada a ceia, a velha e o mancebo ergueram-se, rezaram, e tornaram a sentar-se, ao mesmo tempo que a escrava retirou de sobre a mesa o velho serviço.

Uma hora longa e muda passou então para aquelle mancebo, que meditava, e para aquella velha, que observava.

O moço tinha deixado cahir a cabeça até encostar a barba na mão esquerda, apoiando-se com o cotovello sobre a mesa; parecia esquecido de si mesmo, e só entregue a um profundo cogitar de reconditos pensamentos; pesadas idéas como que se lhe exhalavam d'alma, e se lhe iam encrespar em sua fronte elevada, cujas rugas horisontaes poderiam dizer-se ondas de um animo em tempestade.

A scena de concentração e de silencio se foi prolongando mais e mais, sem que o mancebo pudesse arrancar-se dos braços de um pensamento em que, talvez, apezar seu, se achava embebido; e sem que tambem a velha ousasse despertar o moço daquelle completo somno da materia, que deixa a alma livre toda entregue a esse vivissimo trabalho, que os homens chamam meditação.

O toque de recolher veio despertar o mancebo; o som dos bronzes pareceu tocar dolorosamente sua alma; e elle, erguendo-se immediatamente, e sacudindo a cabeça como para espalhar o enxame de tristes idéas, que a pejavam, córou, olhando para Irias, e disse:

— E' tarde; boa noite, minha mãe.

Tomou então uma vela, accendeu-a, e sumio-se por um corredor estreito e humido, no fim do qual encontrou a escadinha do sotão, que vagarosamente galgou.

A velha em silencio o abençoou, e duas lagrimas grossas e brilhantes vieram pendurar-se das palpebras de seus olhos verdes, semelhantes a gotas de orvalho prestes a tombar do ápice de duas folhas de uma arvore secular.

Mas quem era esse mancebo ?...

Chegado a casa de Irias apenas ha dous mezes, fôra recebido como um extremosamente amado filho; e logo após sua vida correu triste e mysteriosa, desconhecida e abafada, como alguns desses lugubres pensamentos nocturnos, que no leito se concebem, e que no leito se deixam até o repousar da seguinte noite.

Sem um unico amigo; só, Candido (este o nome do mancebo) deixava o pequeno sotão do Purgatorio-trigueiro pouco depois do amanhecer, e voltava de novo a elle, quando a noite desdobrava o manto das trevas sobre a cidade do Rio de Janeiro

E ninguem tinha até então notado naquelle mancebo, que duas vezes por dia passava triste e silencioso o lumiar da porta do Purgatorio-trigueiro: apenas o par terrivel o observava cuidadoso: Jacob o tinha seguido por vezes, mas parara, vendo-o entrar em uma muito frequentada rua da côrte na casa de um advogado; Jacob, que fôra escrivão, detestava a justiça agora, e tinha medo de quem com elle estava em relação; e, portanto, mesmo para os dous maldizentes e curiosos vizinhos, a vida de Candido era um mysterio... o pesadelo de Jacob... o tormento de Helena.

E o resto de sua vida, a noite, era ainda um novo segredo até para a velha Irias; era um segredo sepultado dentro de antigo sotão.

E a filha de Paulo Angelo, ao romper de todas as auroras, passeava negligente e descuidada pelo seu jardim, e mal podia adivinhar que a essas horas a janelleta fechada do triste sotão do Purgatorio-trigueiro encerrava um mancebo em toda força dos annos, que então ali descançava, ou... quem sabe que elle fazia ?

Mas quem era esse mancebo ?...

E' meia noite. Uma luz pallida e fraca allumia uma rude camara, cujas paredes mal rebocadas, e já aqui e alli fendidas, ameaçam desabar bem cedo; taboas já meio apodrecidas, e que rangem ao pisar de um pé menos leve, fazem o assoalho dessa camara, que nem, ao menos é forrada; no fundo vê-se uma pequena janella, e iguaes a esta duas outras, que se abrem uma para cada lado, todas tres se acham fechadas, mas naquella, que fica á direita, uma fenda larga de tres dedos deixa passar os raios da lua, que vem inundar o interior daquelle aposento resfriado incessantemente pelas brisas da noite, que entram pela fenda da janella.

Vê-se ao lado esquerdo uma mesa pequena, e sobre ella tudo o que é de mister para escrever; defronte dessa uma outra muito

maior, coberta de livros, de papeis e de estampas; não longe desta, um leito baixo e estreito; a um canto uma harpa, cujas cordas, pela maior parte rebentadas, attestam o esquecimento de seu dono.

Eis o sotão do Purgatorio-trigueiro todo completo.

Na hora em que fizemos a descripção da camara desse sotão, a qual era o sotão inteiro, a meia noite, um mancebo achava-se sentado junto da mesa pequena, e tinha o rosto cahido sobre um livro, onde acabára de escrever algumas linhas; seu braço direito estendia-se sobre a mesa, e elle apertava ainda a penna entre os dedos.

Candido havia involuntariamente adormecido.

Quem se tivesse, então, collocado por traz do mancebo e lhe afastasse um pouco a cabeça, poderia ler uma pagina do livro da vida daquelle homem. Este livro era o seu diario, a urna onde sepultava os pensamentos de cada um de seus dias.

Uma pagina apenas se offerece a saciar nossa curiosidade: eis pouco mais ou menos, o que estava escripto.

"15 de Setembro". Hoje foi como hontem, e amanhã será como hoje; o porvir começa a desenhar-se a meus olhos sob a fórma de um esqueleto; não ha nada novo na minha vida. E' sómente a mocidade, que tem por seu passado a infancia, que ainda não geme nem medita, que goza já e ainda espera; é sómente a mocidade quem se póde sorrir para a vida; e, todavia, eu, que sou moço, moço dos melhores annos, eu me não posso sorrir para ella!... quando, pois, o farei?... quando fôr velho?... mas o velho chora os erros do passado, chora o soffrimento do presente, chora a morte, que é todo o seu futuro, e emfim medita sobre a eternidade; por consequencia eu nunca me hei de sorrir para a vida.

"16 de Setembro". Terrivel sonho tive eu a noite passada; dormindo, vi uma mulher, que se envergonhava de me olhar... era minha mãe!... eu a estive vendo, como se a houvesse algum dia conhecido... eu chorei ajoelhado a seus pés, e ella praguejou contra mim, porque eu sou a prova do seu erro; amaldiçoou-me, porque eu sou para ella (talvez!) um remorso, que, incessante, a dilacera. Preciso repetir mil vezes a mim mesmo, que isso foi um sonho; porque achar minha mãe é a unica esperança, que neste mundo tenho, e ser amado por ella, uma ambição desesperada. Eu adoro a minha mãe sem têl-a nunca visto; daria minha vida por uma benção della. Meu Deus! dai-me minha mãe!

"17 de Setembro". Ha sómente dous sentimentos capazes de encher toda a alma de um mancebo; são elles — amor, e ambição.

— Careço de bases para desenvolver qualquer dos dous. Para mim, portanto, não ha felicidade possivel; é horrivel a vida do homem, que tem um coração cheio de amor, e carece de quem lhe acceite esse sentimento de fogo; que possue um pensamento repleto de nobre ambição, e não tem azas para voar ao ponto que mira. Disseram-me um dia, que eu tinha talento e genio; pois sim; supponhamos que se não enganaram; tenho talento e genio, mas não posso deixar a obscuridade; porque se eu sahir em claro dia, o primeiro que me encontrar perguntar-me-á — quem és tu? — e eu não terei uma palavra para responder-lhe; tenho talento e genio; porém se amar uma mulher, ella ha de rir-se de minha audacia, de minha loucura, ha de zombar do pobre que a ama; e se fôr tambem louca para chegar a amar-me, terá de descer muito para ir até o fundo do abysmo, onde a sociedade tem posto em exilio o homem pobre. Oh! é preciso, pois, passar pela vida sem gozar nenhum desses grandes affectos... sem ter paes, que me abençoem; sem ter esposa, com quem me identifique; sem ter filhos, em quem me sinta renascer. Oh!... só! sempre só.

"18 de Setembro". Não foi uma visão, meu Deus?... será possivel que fosse realidade?... o que se está passando ainda agora, o que eu tenho na cabeça, o que eu sinto no coração não se exprime... não se descreve... não, é impossivel; mas fica eternamente impresso n'alma.

"19 de Setembro". Oh!... era... é realidade!!

"20 de Setembro". Minha mãe, perdão! tres dias são passados, sem que eu vos désse mais que momentaneos pensamentos; foram tres dias de embriaguez ou de somno; mas emfim eis-me despertado. Sim... dormi, porque cheguei a esquecer-me de minha posição e de minha desgraça; em castigo, porém, aqui estou eu agora mais desgraçado que nunca. O que eu soffro... as lugubres idéas que me fervem no cerebro, não serão aqui exhaladas; não! eu tenho vergonha do que soffro; se aqui as escrevesse, e depois alguem a meus olhos lêsse este papel, eu creio que morreria de pejo. E, todavia, eu precisava tanto de escrever!... quando se tem derramado em um papel aquillo, que n'alma se está sentindo, o coração de quem soffre como que fica livre de um peso enorme. Eis pois... escrevamos sempre... um nome só... não! um nome, não; bastam duas letras — Ce —".

Com essas duas letras tinha-se exactamente terminado a pagina, de que copiamos os anteriores pensamentos.

Candido havia parado de escrever; e provavelmente, sem

querer, adormecera com o rosto cahido sobre o papel, e os labios sobre aquellas duas letras — Ce.

E' possivel que o seu ultimo pensamento da vigilia fosse o dar um beijo nas duas letras, que pareciam ser-lhe tão caras.

Prolongou-se o dormir do mancebo até quasi o amanhecer; hora em que, como se o proprio coração o despertasse, ergueu-se elle rapido; e foi até á fresta, que havia na janella do lado direito.

A noite ainda não se tinha de todo dissipado.

— Ainda é cedo; disse.

Mas ficou no mesmo logar, olhando pela fresta; e dir-se-ia, que esperava vêr dali cahir sobre a terra o primeiro raio do sol.

Pela fenda da janella, a que Candido se chegára, e onde permanecia devassava-se quasi todo o jardim do Céo côr de rosa; ao fundo deste via-se um pequeno e gracioso caramanchão coberto de trepadeiras e mil especies.

As auras da madrugada entravam pela fenda da janella do sotão impregnadas de mil embriagadores perfumes, como o bafo de cem anjos, que a um só tempo respirassem.

A' luz incompleta e duvidosa do começar do dia tinha succedido essa outra, que acompanha o primeiro rubor do oriente, que é como um sorrir de saudação e de amor, que o sol offerece á terra.

De repente Candido estremeceu da cabeça até aos pés; inclinou-se para diante, e sua perna direita recebeu todo peso de seu corpo; operou-se então em seu semblante, e em todo elle, uma mimica expressiva e eloquente; os olhos vivos e animados pareciam acompanhar um unico objecto com olhar apaixonado, ardente e cheio de fascinação magnetica; rubor febril embellecia-lhe as faces, suas narinas se dilatavam pouco a pouco; a bocca entreaberta deixava passar sua respiração suspirosa e comprimida, e ao mesmo tempo sua mão esquerda apertava o peito no lugar do coração, que palpitava forte e frequente, como em uma hora de perigo; tremor nervoso, porém leve, agitava-lhe todo o corpo.

Tudo isso era a alma virgem de um joven, que por suas mil bocas saudava a apparição de uma mulher formosa.

Com effeito abria-se uma pequena porta, que do Céo côr de rosa deitava para o jardim, e uma mulher tinha-se misturado com as flores.

Era uma moça de dezeseis annos; mercê da hora e do lugar, vinha elle em livre desalinho; vestia em vestido azul claro, leve, de mangas curtas, e comprido, como é moda ainda hoje; cabellos

castanhos quasi pretos cahião bastos, longos e ondeados até um palmo do chão, de modo a fazer inveja a essas Gregas, de quem falla Gemelli; sua fronte era branca e lisa; seus olhos azues e bellos, como os das mais bellas mulheres do Norte; fugitivo rubor lhe assomava ás faces; formavam sua boca breve e ornada de lindissimos dentes, dous labios humidos e rubros, como o bico de uma trocaz; seu nariz era bem feito como os das beldades da Circassia; e a seu collo altivo e branco como a neve seguia um seio alvo... palpitante... perigoso de se contemplar...

Delgada e graciosa como a palmeira de nossos bosques, essa moça com cintura de Georgina, com suas mãozinhas delicadas e finas, com seus pés de menina, com todas as suas fórmas mimosas e puras, mostrava-se verdadeiramente encantadora.

Era uma dessas bellezas delicadas e flexiveis, a quem um homem apertaria a mão muito de leve, e teria ainda assim mesmo medo de haver offendido seus brandos tecidos; a quem um esposo beijaria no rosto com a ponta dos labios, temeroso de desbotal-a com o simples toque delles; era um desses typos de brandura delicado fino, como uma violeta, um hyacintho ou um petalo de rosa.

Era a Bella Orphã.

A interessante moça passeou durante alguns momentos por entre suas flôres; examinou o estado de seus arbustinhos mais queridos, emfim chegou-se a uma roseira, e colheu um botão de rosa.

Tinha colhido a sua imagem.

Entrou depois no caramanchão, e reclinou-se negligentemente em um banco de relva; aproveitando a inclinação desse bello corpo, e ajudados pelo impulso dos zephyros, os cabellos da moça derramaram-se sobre ella.

Quem a visse, então, debaixo daquelle tecto de flôres, reclinada em um leito côr de esmeralda, com seu seio e seu collo cobertos pelas longas madeixas quasi negras, com seu comprido vestido azul celeste agitado pelas auras, com seu rosto tão bello como surgindo dentre aquella chusma de anneis de madeixas, a julgaria talvez uma encantadora fada, ou tomal-a-ia pela visão de um sonho.

A moça parecia esquecida de si propria na posição que tomára, quando um brando raio do sol que acabava de nascer, veiu reflectir sobre seu rosto.

Então ergueu-se, e, olhando como em despedida para suas flo-

res, sahiu do caramanchão, e pouco depois desappareceu pela pequena porta por onde tinha vindo.

O anjo acabava de entrar no céo.

Candido, immovel, silencioso, e em extase, havia acompanhado com seu olhar magnetico aquella mulher angelica em todos os seus movimentos. Vendo-a desapparecer, exhalou um suspiro longo e doloroso, que talvez desde muito suffocava no coração; e emfim pronunciou vagarosamente, com enlevo indizivel, e, arrastando-se por cada uma syllaba, um nome, só um nome, como se esse nome fosse um hymno completo, e em cada uma de suas syllabas achassem seus labios melliflua doçura.

Elle disse, pois, baixinho e preguiçosamente:

— Celina.

III

A tia de Celina

Celina acabava de entrar na sala para entregar-se a seus estudos de musica, que ella amava sobretudo, quando sua tia veio correndo para ella, e com uma explosão de alegria infantil exclamou abraçando-a:

— Celina ! eu sou feliz... immensamente feliz !...

A Bella Orphã deixou-se levar por Marianna até o sofá, onde se sentáram juntas; a sobrinha muito admirada, e a tia rutilante de jubilo.

Marianna era dessas mulheres que ainda são moças aos quarenta annos; contava ella então trinta e seis, dizia que tinha trinta, e julgal-a-ião com vinte e cinco; era um verdadeiro typo das bellezas dos tropicos; tinha os cabellos longos e negros como o azeviche, os olhos grandes, pretos e tão brilhantes como o sol do Brasil; o rosto perfeitamente bem talhado, e de uma côr morena muito pronunciada; o nariz era bem feito, e suas narinas cedendo ás vezes a um ardor natural, se dilatavam com força; tinha labios eroticos, e riquissimos dentes; a bocca um pouco grande, mas engraçada; abaixo de seu pescoço garboso e acima de seus seios pequenos e palpitantes, nem de leve se desenhavam suas claviculas; cintura delgada, braços grossos, com perfeição torneados, mãos lindissimas e pés de brasileira, completavam os encantos dessa mulher.

Começando ella então a engordar, nada porém havia perdido

da elegancia de suas fórmas; ao contrario, estava mais elegante ainda; alta e graciosa, cada posição que seu corpo tomava tinha um encanto particular, cada um de seus movimentos accendia um desejo perigoso, seu olhar era ás vezes um desafio, uma provocação; seu sorrir quasi sempre uma magia poderosa, sua voz uma harmonia que ficava no coração para se ouvir sempre, ainda mesmo ausente della, a voluptuosidade e o ardor estavam derramados em toda essa mulher, que deveria ter sido e era ainda objecto de cultos perigosos.

Sobretudo, Marianna sabia que era bella, e se ufanava de sel-o; quando um homem chegava-se a ella, havia de pagar-lhe por força o seu tributo de admiração, porque Marianna lh'o pedia com a provocação de seus olhos; e se o homem resistia, lh'o ordenava com a magia de seu sorrir, e emfim lh'o impunha com a harmonia de sua voz.

Viuva ha tres annos, julgára com sua vaidade de bella, que as vestes de luto não faziam sobresahir seus encantos; e um simples lencinho preto, que ás vezes lhe ornava o collo, era menos um signal de viuvez, do que um enfeite que a tornava dobradamente interessante; aquelle lencinho preto parecia estar dizendo "sou livre... podem dizer que me amam."

Marianna era finalmente a menina dos olhos de seu velho pae, e a amiga e companheira da Bella Orphã.

— Celina, eu sou feliz!... immensamente feliz!... tinha ella já tres vezes exclamado depois que se sentára no sofá ao lado de sua sobrinha.

— Mas porque!... que ha, então, minha tia?

Ficou Marianna pensando alguns instantes, depois abraçou, e repetidas vezes beijou a Bella Orphã, e disse:

— Olha... por isto; porque muitas vezes nós precisamos abrir o nosso coração a ninguem que juntamente comnosco chore nossos pezares, e frua nossos prazeres, é que te eu tenho dito mil vezes, que nós nos devemos amar como duas amigas, ou melhor ainda, como duas irmãs que se amem muito; para que estes nomes de tia e sobrinha?... chama-me Marianna, como eu te chamo Celina.

— Senhora...

— Sim... fiquemos n'isto, continuou Marianna beijando de novo Celina; eu nunca mais te hei de responder quando me chamares como até agora — minha tia. — E's muito mais moça do que eu, mas tambem pódes olhar-me, não sou nenhuma velha, e somos ambas bonitas.

— Pois sim; eu prometto.

— E agora que é que queres saber ?...

— Porque se julga minha tia tão feliz.

— Não respondo.

— Ah !... perdão !...

— Pois pergunta de novo, disse a viuva, rindo-se.

— Porque te crês tão feliz, Marianna ?...

— Escuta; para responder-te daqui a um instante, eu preciso perguntar-te uma cousa; juras fallar-me de coração ?...

— Sem duvida.

— Pois bem: Celina, sabes o que é amar... amar um homem que não é nosso pai, nem nosso irmão ?...

A Bella Orphã córou até a raiz dos cabellos, e sua perturbação augmentou-se quando viu que Marianna se estava rindo de vêl-a assim.

— Oh ! não te perturbes, não córes tanto; lembra-te que estamos sós, e que somos como duas irmãs que se amam muito. Responde francamente; amas já alguem ?...

— Não, Marianna.

— Fallas verdade, Celina ?...

— Fallo verdade, respondeu a moça com os olhos no chão.

— Mas com dezeseis annos, tão bonita e tão viva que és, tu já deves ter pensado nesse sentimento de fogo, que mais cedo ou mais tarde sempre experimentamos; fazes já idéa do que seja amar um homem ?...

— Não sei... talvez... tenho lido.

— E então ?...

— Mas eu tinha perguntado por que te julgavas feliz, Marianna !

— E' porque amo, Celina.

— Eu o suppunha.

— Tu o suppunhas ?... e a quem acreditavas que eu amava ?...

Celina hesitou.

— Falla, disse Marianna.

— O Sr. Salustiano.

Marianna fez um movimento de horror.

— Oh !... nunca ! exclamou ella.

— Como !... pois não é ?

— Eu o detesto... eu o aborreço, como se aborrece um malvado.

— E' possivel ? ! ! !

— Pobre menina !... tu ainda não sabes o que é o mundo;

vês-me rir para esse homem, vês como ambos conversamos e mutuamente nos festejamos, e, como com outras pessoas, pensas que o amo e sou por elle amada; pois bem, eu detesto esse homem, e elle sabe que eu o detesto.

Uma nuvem de immensa tristeza passou pelo rosto de Marianna ha pouco expandido pelo prazer; ella ficou muda e pensativa, até que Celina arrependida do que tinha dito, tomou-lhe uma das mãos entre as suas, e fallou-lhe docemente :

— Está bem, Marianna, esqueçamos esse vaidoso mancebo, de quem tambem não gosto, e fallemos sobre aquelle que te é caro.

— Oh! sim! fallemos!... exclamou, como despertando de um sonho, a bella viuva, em cujo semblante radiou de novo o prazer.

— Eu o conheço ?...

— Creio que não.

— Muito moço, não é assim ?...

— Trinta e dous annos.

— Bonito ?...

— Oh! pelo menos eu o julgo tal.

— E's amada ?...

— Era, disse Marianna soltando um suspiro.

— Desde quando ?...

— Ha seis annos.

Celina tornou-se pela segunda vez muito córada, e sem poder occultar um movimento de desgosto, disse:

— Eras casada nesse tempo, Marianna.

— E' verdade, respondeu a viuva; escuta o que eu precisava dizer a uma amiga, para que ella ficasse conhecendo o meu coração, e depois fallasse muitas vezes commigo sobre o meu amor.

Celina fitou os olhos em Marianna, que começou logo a fallar.

— A historia da minha vida, Celina, se assemelha á de um numero immenso de moças; não te cansarei pois alongando-a. Aos quatorze annos já o meu espelho me tinha dito que era bella, e desde que o soube, sonhei, como todas nós sonhamos aos quatorze annos, sonhei como tu sonhas aos dezeseis, com um mancebo formoso e interessante, que o céo por força deveria ter formado de proposito para mim; que seria meu esposo, que me amaria com ardor indizivel em meu primeiro dia de noivado, e que dahi ha cem annos, elle e eu, moços sempre, elle sempre com seus vinte annos, e eu sempre com meus quatorze annos, bellos e felizes nos amariamos com o mesmo ardor indivizel, do primeiro dia de noi-

vado. Fui amada, requestada, e ás vezes feliz; recebi cem propposições de casamento; de seu lado meu pae rejeitou cincoenta, que eram feitas por mancebos gentis, namorados, bailistas; e que, segundo dizia meu pae, sabiam tudo, tudo, menos trabalhar; por minha parte rejeitei as outras cincoenta que me eram dirigidas por nobres e ricos senhores de cabellos grisalhos e elegantes carruagens, que, em minha opinião, mereciam tudo, tudo, menos o meu amor. Emfim cheguei aos meus vinte e quatro annos... oh Celina, eu tive medo, quando um dia me lembrei que tinha já vinte e quatro annos, e estava ainda solteira!...

Celina notando no tom sério com que Marianna pronunciou aquellas ultimas palavras, não pôde deixar de sorrir-se.

— E' porque tu não sabes, Celina, o que se passou então dentro de mim. Nas sociedades parecia-me ouvir dizer — coitada! — quando eu passava perto de um circulo de cavalheiros; eu julgava-me offendida no meu orgulho, rebaixada na convicção que eu tinha de ser bella; bella, sim, e mais bella que as outras, quando eu via entrar na sala pelo braço de seus maridos, minhas companheiras de collegio, algumas mais moças que eu e nenhuma tão bonita como eu mesma me suppunha!... Oh Celina!... eu sentia que o sangue me estava subindo á cabeça naquelles terriveis momentos; concebia desejos de matar-me, e ás vezes fugia para o toilette, e chorava como chora uma criança em desespero!...

A Bella Orphã começava a ouvir com interesse a relação daquelles segredos intimos de um coração de mulher.

— Em outras occasiões, proseguiu Marianna, conversava-se familiarmente em uma roda de moças; passava-se da discussão sobre o ultimo saráo a fallar-se á cerca de vestidos e modas, e emfim se succedia cahir a conversação a respeito de idades, era para mim um supplicio acerbo obrigarem-me a dizer a minha; eu mentia, Celina, eu dizia que tinha dezoito annos, e dentro de mim soffria horriveis torturas, vendo como aquellas que me conheciam, sorriam-se e beliscavam-se ouvindo-me mentir diante dellas!

— Uma vez, continuou a viuva, era em um brilhante saráo; Mathilde, a minha melhor amiga, passeava conversando commigo; de repente parou, e como inspirada por um demonio, disse-me: — Ah! é verdade, Marianna é preciso cuidares de casar-te; estás te fazendo velha!... — Oh!... então eu tive vontade de matar a minha melhor amiga. Fugi daquelle saráo... disse que estava doente; meu pae trouxe-me para casa cheio de cuidados; eu corri a esconder-me no meu quarto, e passei a noite inteira

chorando. No outro dia (foi certamente o meu destino, Celina), meu pae mandou-me chamar á sala; estava com elle um homem que eu havia encontrado algumas vezes, mas que nenhuma attenção me merecera; esse homem vinha pedir a minha mão; meu pae deu-me a liberdade de responder, e eu, bem perguntar quem elle era, qual o seu nome e o emprego que na sociedade exercia, disse-lhe que — sim! — e passado um mez eu era mulher de um homem que não amava, e de quem podia ser filha.

— Mas foi uma loucura!... exclamou Celina.

— Oh! sim, foi, e cara tive eu de pagal-a. Eu tinha feito, sem o pensar, o sacrificio de minha vida; não me era porém então doloroso, porque meu coração estava livre... eu não amava. Mas parece que Deus quiz castigar-me de prompto; porque Deus, Celina, não abençôa a união daquelles que se não amam. Logo na noite de nossas nupcias, meu marido me apresentou um mancebo de nome Henrique, e me convidou a abraçar nelle o seu primeiro amigo; e nessa mesma noite, portanto, vi um homem que preferi a meu marido. E dahi por diante todos os dias sempre esse mancebo bello, nobre, ardente, de olhos tão lindos, e um sorrir tão meigo, se apresentava diante de mim, ao pé de meu marido pallido, abatido, com os cabellos começando a embranquecer, sem espirito para comprehender a mulher que desposára, e sem poder ser amado por ella!

— Oh! devia ser horrivel!... murmurou a Bella Orphã.

— Como chorei então a minha vida de solteira!... sim, eu estava passando novos tormentos, tormentos dobradamente dolorosos; dantes era a minha vaidade que me perseguia, mas que eu poderia vencer, e rir-me della se tivesse sido menos louca, então era um poder mais forte, era o meu coração que se tornára meu inimigo, que me pedia o que eu não podia dar-lhe, e que, apezar meu, a despeito de meus esforços para subjugal-o, mesmo junto de meu marido e principalmente a seu lado, elle me bradava — amo Henrique!...

— E esse segredo terrivel.. ia perguntando Celina.

— Este amor funesto e invencivel, continuou Marianna sem attendel-a, eu o sentia ir crescendo mais e mais todos os dias; para cumulo de minha desdita, para tornar-se mais imminente o perigo em que eu me achava, Henrique amou-me perdidamente; oh! e nos momentos em que eu contemplava esse nobre mancebo a hesitar quando me fallava; a lançar-me a furto olhares ardentes, a tremer quando me dava o braço, a suspirar involuntariamente se a meu lado se sentava, e tão forte, e tão grande, e tão

fiel a seu amigo, que nunca achava uma phrase terna para me dizer, e que sempre tantos elogios tinha para fazer a meu marido; eu amaldiçoava os laços que me prendiam, concebia outra vez desejos de matar-me e outra vez escondida no meu quarto, chorava como chora uma criança em desespero!...

— Oh! devia ser horrivel! repetiu Celina.

— Uma vida como essa não podia ser por muito tempo carregada. Eu via Henrique ir definhando pouco a pouco, como um arbusto que vae morrendo com suas folhas já murchas, e suas flôres cahindo; tive mil vezes vontade de lançar-me a seus pés, e lhe pedir que vivesse; veio-me mil vezes aos labios a confissão do amor que lhe votava; mas, bemdito seja o amor do homem virtuoso! aquelle nobre silencio do mancebo, aquelle santo respeito com que elle me tratava, aquella fidelidade que elle tinha a meu marido, me sustiveram na posição de esposa honesta. Emfim, Henrique teve tambem medo de si, e fugiu-nos...

— Fugiu ?...

— Sim, ha tres annos; seis mezes antes da morte de meu marido, Henrique partiu para França. O que se passou no dia em que elle deixou-nos, não posso bem descrever; sei que eu estava só quando Henrique veio despedir-se; sei que nenhum de nós pronunciou uma unica palavra, que não podesse ser proferida em alta voz e diante de todos; mas sei tambem que, apezar disso, elle levou a certeza de meu amor, deixou-me a certeza do seu; e lembro-me emfim, que nesse mesmo dia meu pae me pediu de joelhos, de joelhos, Celina, que eu tivesse piedade de meu marido, de seus cansados annos!...

— E agora ?...

— Agora, Celina tu m'o perguntas?... exclamou Marianna com novo arrebatamento de prazer; agora eu o amo como dantes, ou mais ainda; eu quero ser delle; eu o amo, ouvistes, eu o amo!

— Comprehendo; mas...

— Mas o que ?...

— E' que o teu prazer, Marianna, se mostra hoje tão grande como a distancia que te separa de Henrique.

— Oh! não! graças a Deus, Celina, elle chegou... desembarcou hontem, e hoje escreveu a meu pae, pedindo licença para visitar-nos; vê... lê commigo a sua carta.

Marianna tirou do seio um bilhete todo perfumado, e tres vezes o leu a Celina.

— Portanto hoje mesmo devo tornal-o a vêr! Ah! Celina, se eu podesse fazer-me mil vezes mais bella!... porque eu amo...

muito... muito... tanto, que seria capaz de dar a vida por elle, e capaz de matar a mulher que se atrevesse a amal-o!

A Bella Orphã, ingenua, innocente, sem ter jámais experimentado esses sentimentos desabridos e perigosos, que fazem fallar com a vehemencia com que fallava Marianna, olhava para esta, attonita e sem se atrever a pronunciar uma só palavra.

E tambem a viuva aprazia-se daquelle silencio; quem ama e falla do seu amor, estima não ser interrompido, gosta de discorrer horas inteiras repetindo mesmo o que já disse mil vezes, e começando de novo a historia que exactamente acaba de contar.

Finalmente Marianna sentiu que já tinha o coração mais leve, ergueu-se, e abraçando ainda Celina exclamava:

— Eu sou feliz! immensamente feliz!...

Quando um escravo appareceu á porta da sala, annunciou o Sr. Henrique.

Marianna deixou-se cahir de novo no sofá; e foi só depois de alguns instantes, que disse com voz muito tremula e commovida.

— Que entre.

Levantou-se a custo para receber o antigo amante.

Era um homem alto e bello; seus olhos pretos lançavam olhares brandos que condiziam perfeitamente com o sorrir meigo e um pouco melancolico de seus labios: tudo nelle era nobre e sério; tudo nelle desafiava sympathia; bemfeito, trajando com gosto, mas sem extremar-se em modas; era emfim um bello homem; um cavalheiro completo.

Entrou perturbado e tremulo; como estava Marianna.

Depois dos primeiros cumprimentos, disse com visivel commoção:

— Cheguei hontem, senhora, e meu primeiro cuidado foi correr a depositar meus respeitos aos pés da viuva do meu melhor amigo.

— Obrigada, senhor, respondeu Marianna a tremer; é muito lisonjeiro para mim, que me coubesse aqui o seu primeiro cuidado. Vejo que se não esqueceu de nós...

— Oh!... nunca!... exclamou o mancebo animando-se.

— E tambem nós, senhor; nunca!...

Sem se poder explicar a razão, Celina sentou-se por seu turno, perturbada, começou a córar muito, e conheceu que não podia ficar alli mais tempo.

Aquella scena de amor, como que offendia sua innocencia de virgem. Ella ergueu-se, e disse a Marianna:

— Devo mandar participar a meu avô a visita do senhor?...

— Sim; murmurou a viuva.

Celina deixou a sala.

Henrique e Marianna ficaram a sós por cinco minutos. Marianna não era mais uma senhora casada.

Quando, no fim dos cinco minutos, entrou na sala o avô da Bella Orphã, Marianna já sabia que tres annos de ausencia não tinham podido arrefecer a paixão ardente que lhe votava Henrique.

Era um amor que recomeçava.

IV

Dia de finados

Ha no anno dous dias que são verdadeiramente pomposos na cidade do Rio de Janeiro: o de quinta-feira de Endoenças, e o da commemoração dos defuntos.

No primeiro delles adora-se o lenho sagrado, imagem daquelle em que, no Golgotha, foi crucificado o Filho da Rainha das Virgens.

O segundo pertence á religião dos tumulos.

Pois com serem tão grandiosos e sublimes, tão cheios de intima dôr, e de tremenda verdade os pensamentos que presidem esses dous dias, ainda assim ha nelles sacrilegio e vaidade.

Ha o sacrilegio dos homens, e a vaidade das mulheres e de quasi todos.

Uma multidão de mancebos corre um por um todos os templos na quinta-feira santa, sem que os intimide nem contriste o aspecto solemne das igrejas, o effeito dessas mil luzes que se queimam nos altares, e o profundo silencio que nelles reina; no meio dos poucos a quem um verdadeiro sentimento religioso afasta da terra e approxima do céo, elles profanam o sanctuario requestando as mulheres e zombando dos mysterios.

E as mulheres, as mulheres em quem a religião, além de um dever, é ainda, mais que em todos, uma necessidade e um encanto, tem entre si muitas que olham a noite sagrada como o ensejo feliz de ostentar suas graças e suas galas; e lá mesmo, no seio dos templos, suas orações não chegam nunca ao céo, porque as desconceituam as murmurações que de envolta com ellas cahem na terra.

Em o dia de finados, o dia de luto que os homens têm tor-

nado de festa; o dia do pó, a recordação do nada que somos, é em nosso tempo a demonstração viva e solemne do muito que pretendemos ser.

Uma palavra diz tudo: no dia da commemoração dos defuntos, a vaidade dos vivos levanta seu throno sobre o tumulo dos mortos.

E portanto ainda nesses dous solemnes dias nós demonstramos crime e fraqueza.

Em quinta-feira de Endoenças nós somos sacrilegos.

Em dous de Novembro de todos os annos nós somos, pelo menos, vaidosos.

. . . . . .

Havia chegado o dia dous de Novembro de 1846.

Tinha-se, pouco mais ou menos, passado mez e meio depois daquella manhã em que Candido, da fresta de sua janella, observara em extasis a Bella Orphã passeando no seu jardim.

. . . . . .

Desde o romper d'aurora que os bronzes de todas as igrejas da capital do Brasil gemiam com seu dobre lugubre, longo e monotono.

Multidão immensa de homens e mulheres todos vestidos de dó sahiam ou entravam em turmas pelas portas dos templos como ondas negras.

Apezar de sua vaidosa ostentação, de sua inopportuna riqueza, os jazigos offereciam um aspecto sublime e melancolico: era o aspecto da morte.

O jazigo de S. Francisco de Paula estava semeado de tumulos, e repleto de povo.

Os curiosos que o visitavam, cediam á força do imperio da morte; obumbravam-se.

Os orphãos e as viuvas, os paes que haviam perdido seus filhos, choravam e rezavam.

A despeito das galas e do luxo de alguns immensos mausoléos, o pó, o nada humano parecia transsudar por entre as molduras doiradas, e uma caveira se mostrava triumphante de sobre as columnas de ébano.

Nos tumulos humildes, sem pompa de luxo, cobertos de rôxos amaranthos, e tristissimas perpetuas, como que o genio da sau-

dade estava ahi sentado para intermediario entre a dôr do vivo e alma do morto. O tumulo sem pompa, era a expressão da saudade do vivo.

Porque, preciso é dizel-o, a verdadeira dôr é simples e singela; e a saudade que se não simula, a saudade que sahe do coração, não tem necessidade de adornar-se; assemelham-se nisso ás mulheres, que quanto mais feias mais se enfeitam para disfarçar seus senões, e quanto mais bellas mais simplesmente se vestem para ostentar seus naturaes encantos; assim a dôr e a saudade que se fingem, precisam de ornar-se muito, e as que são verdadeiras apresentam-se nuas... e sua nudez é immensamente sublime.

A melhor expressão de uma dôr é o pranto; o mais rico ornamento dos tumulos é a caveira.

Os vestidos devem condizer com o corpo que se veste; não ha, não pôde haver relação entre molduras, franjas doiradas e um esqueleto.

Essa riqueza parece uma zombaria que a vida faz á morte; essa riqueza destróe completamente a idéa tremenda que em tal dia deve occupar o espirito dos vivos.

Porque á porta do jazigo o homem lê as terriveis palavras de morte "Lembra-te, homem, que és pó e que em pó te has de tornar". E dentro do jazigo elle encontra ouro... ostentação... luxo...

Para que, pois, uma tão grande mentira em dia de tão grande verdade?... não sabeis?

E' porque o filho do rico tremeu quando vio que os ossos de seu pae não se podiam distinguir dos ossos do mendigo; e com as galas da vida quiz esconder a igualdade do pó.

Embora... Ou no mausoléo, ou na simples urna funerea, estava sempre a victoria da morte; mesquinha differença havia: um guardava o esqueleto do rico, a outra os ossos do pobre; mas de mistura um e outros, quem acertaria com a caveira do primeiro ?...

Havia ahi mesmo nessa area tremenda, ouro, ostentação no exterior; pó e mais nada internamente; por cima estava ainda a vida... a mentira; por baixo triumphava a morte... a verdade.

A linha terrivel e anti-religiosa, que com tão máos resultados divide os filhos de Deus em dous grupos, ricos e pobres; ricos, que gosam e mandam; pobres, que trabalham e soffrem de continuo, estava traçada aos olhos dos vivos; mas, em seu hediondo as-

pecto, as caveiras pareciam estar soltando disformes gargalhadas de escarneo contra pretenções vãs de uma vaidade impotente.

E, pois, apezar de tudo, havia ahi no jazigo a igualdade dos mortos mal desfigurada pela desigualdade dos vivos.

E por entre esses mausoléos e esses tumulos, iam passando grave e tristemente aquelles que vinham chorar seus defuntos.

O silencio dos tumulos era de instante a instante cortado pelos soluços dos vivos, e a sequidão do pó recebia as lagrimas da carne.

A's vezes uma virgem pallida e indifferente a tudo que a rodeava, banhada em pranto de saudade, se deixava vêr de joelhos junto de um tumulo, como a sombra de um finado descansado sobre seus restos. No meio dessa multidão desolada, não se perguntava, adivinhava-se quaes eram os paes, quaes as mães que choravam seus filhos, porque essa dôr profunda do coração falla mais alto e mais claro do que as outras.

Não era porém commum o vêr-se sobre um tumulo deposta a rôxa perpetua pela mão da simples amizade. Poucos se notavam os amigos de além tumulo.

Mas lá em sombrio recanto havia uma urna humilde e modesta, onde um grande numero de homens e mulheres se tinha ido ajoelhar e depôr seus ramos de saudades. Ora um mancebo luzido e rico, quasi sempre a pobre mulher envolta em negra mantilha, e o velho abatido e magro se fôra curvar ante esse pó, sem duvida, muito amado.

O tumulo, como dito fica, era simples e humilde; tinha por inscripção na parte superior duas lettras — P. A. — e logo abaixo dellas uma outra — C.

Ultimamente uma velha magra, de cabellos brancos e olhos verdes, e um mancebo pallido, de cabellos pretos e olhos pardos, acabavam de ajoelhar-se junto do tumulo, e oravam profundamente

Um homem, a quem o amor que se tributava áquelle pó tão lembrado, parecia haver muito sensibilisado, esperou que a velha e o mancebo se erguessem para fallar-lhes; mas vendo que ambos por demais se demoravam, aproveitou um momento em que a mulher levantou a cabeça, e, tocando-lhe no hombro, perguntou :

— Senhora, perdôe se a interrompo; mas por quem é que ora tão fervorosamente :

— Pelos paes dos pobres, respondeu a velha.

— Como se chamavam ?...

A mulher apontou para as tres letras, e disse:

— Paulo Angelo e Celina.

— Ah! tem razão; por minha vez rezarei por elles.

A velha tinha já outra vez se mergulhado em suas orações.

Nesse momento approximaram-se do tumulo um velho e duas senhoras; uma muito mais moça que se quiz logo lançar de joelhos, e outra tambem moça ainda, que fez a primeira parar á força em quanto se não levantavam a velha e o mancebo.

Teve então logar uma scena que attrahiu a attenção de quasi todos os circumstantes.

A primeira das recem-chegadas, que era tão joven como bella, sustida á força por sua companheira, por entre um diluvio de lagrimas, suffocada por seus soluços, encarava ainda assim com indizivel mostra de gratidão a mulher e o mancebo que rezavam junto daquelle tumulo.

E o velho pallido, com os braços cruzados e a sabeça cahida, chorava, chorava muito, como chora um pae pelo filho amado que lhe morreu.

Finalmente a velha persignou-se e ergueu-se; um logar ficou vazio; o moço levantava-se tambem por sua vez, quando a joven escapando-se das mãos da senhora que a sustinha, foi... atirou-se de joelhos ao pé da urna funerea, exclamando:

— Meu pae!... minha mãe!...

O mancebo, que acabava de levantar-se, escutando aquella exclamação dolorosa, e olhando para a pessôa que a soltava, começou por seu turno a soluçar desabridamente, e, sem querer talvez, pôz as mãos ainda em pé, e depois foi pouco a pouco curvando-se até ajoelhar-se de novo.

No, entanto, a commoção ou o acaso tinha feito com que se soltasse a mantilha que a velha trajava; e então aquella mulher alta, magra, com seus longos cabellos côr de neve cahidos sobre uma saia de sarja preta, com as mãos postas e em pé por detrás daquelles dous jovens, completava um quadro da mais dolorosa eloquencia.

Conhecendo que tambem ella se fazia objecto da geral attenção, apontou para o tumulo, olhou com seus olhos verdes para a multidão e disse:

— E' o premio do justo.

E, desfazendo-se em lagrimas, a velha envolveu-se de novo e rudemente com sua mantilha, e retirou-se apressada.

A esse tempo tambem o mancebo tinha já reflectido sobre o que acabava de praticar, e, espantado de si mesmo, aproveitou o instante em que todos os olhos acompanhavam a velha, para desapparecer por entre os tumulos.

. . . . . .

A' intelligencia de ninguem será feita a injustiça de dizer-se, como revelando um segredo, que essa mulher era Irias e esse mancebo Candido.

Sómente convem acompanhal-os em sua volta para o Purgatorio-trigueiro.

V

O insulto

A vélha e o mancebo encontraram-se á porta do templo, e, sem se dizerem palavra, dirigiram-se para o Purgatorio-trigueiro.

Irias voltava commovida; Candido absorto e preoccupado caminhava a esmo.

Havia mez e meio que na alma de Candido se desabotoára uma bella flôr, um pensamento novo e brilhante, que, desde então, sendo o seu eterno companheiro das vigilias do dia e dos sonhos da noite, nesse momento em que tornava para o Purgatorio-trigueiro, o occupava exclusivamente.

Esse pensamento se debuxava na alma do mancebo sob a fórma de uma mulher formosa.

Até bem pouco Candido, que sentia o coração cheio de amor, que pedia incessantemente ao céo sua mãe para saciar nessa mulher, que lhe déra a vida, toda sua ambição de amar e de ser amado, não tinha ainda adivinhado, que, além do amor filial, um outro affecto ha ardente e poderoso, que enche a vida do homem, que lhe desvaira a cabeça, e póde fazer delle um heróe ou um demonio.

Candido era uma criatura excepcional, um desses mancebos, que tem podido viajar pelo mundo vinte annos sem sentir surgir-lhe em seu caminho a figura de uma mulher formosa que lhe fizesse pagar o tributo gracioso, que emfim o coração do homem paga sempre na vida.

Mas, ao romper de uma aurora, o mancebo lançou por acaso os olhos atravez da fresta de uma janella, e viu uma moça, que, ao muito, poderia ser sua irmã; e para logo elle comprehendeu, que, além de uma mãe, ha no mundo uma outra mulher, a quem se póde amar muito.

E desde esse dia, em todos os outros, e á mesma hora, Can-

dido ia esperar que a Bella Orphã descesse ao seu jardim, e em extasis a adorava, ou descuidadosa passeando por entre as flôres, ou negligente repoisando no banco de relva do caramanchão, envolvida na nuvem de suas madeixas.

Amava elle aquella mulher?... Candido juraria que não; em seu entender Celina não era uma mulher para se amar; era sim uma bella visão para se admirar extasiado.

No entanto, elle, que pensava não amal-a, despertava, ao amanhecer, para contemplal-a; de dia por ella suspirava; dormia e a via em sonhos dormindo.

A mãe de Candido tinha já uma rival no coração de seu filho.

Acompanhando Irias ao templo de S. Francisco de Paula, Candido pagava tambem o seu tributo de gratidão aos restos do homem beneficente; e, além disso, rezava pelo pae de Celina.

Mas, quando a orphã soltou seu grito de dôr, e cahiu de joelhos junto do tumulo de seu pae, Candido, preciso é dizer, esqueceu o logar onde estava, a multidão que o cercava, e o fim para que alli viera; e de novo ajoelhando-se elle o fez, instinctivamente, não para deprecar por um finado, porém só em adoração áquella mulher formosa.

Mal chegou o instante da reflexão, ergueu-se, e, fugindo do jazigo, e encontrando sua mãe adoptiva á porta do templo, travou-lhe do braço, e levou-a apressadamente pelas ruas.

O coração e a cabeça daquelle mancebo estavam em guerra.

Apezar delle, a despeito de seus esforços para enganar-se a si proprio, elle amava; e seu coração lhe pedia com ardor a posse dessa mulher encantadora... a primeira que tinha amado.

E sua cabeça lhe mostrava a sociedade despotica e tyrannica empurrando-o para longe de Celina, erguendo entre ella e elle um muro de bronze, em cujo cimo estava escripto — impossivel! — impossivel, porque o seculo pertence ao ouro, e o homem pobre deve abafar suas affeições...

Mas o coração que ama, não crê nessa palavra — impossivel; — O coração não sabe, que no mundo ha ouro; não raciocina para depois amar; o coração ama, porque ama.

E, todavia, se Candido fosse cahir aos pés da Bella Orphã, se lhe pedisse seu amor e sua mão, a sociedade teria de perguntar-lhe :

— Quem és tu ?...

— Um pobre rico de honra.

E a sociedade havia de rir-se, e de responder-lhe : — não basta.

E viria depois delle um outro, de quem se podesse dizer — Um rico pobre de merito.

E a esse responderia a sociedade — é de sobra.

Atormentado por essas reflexões, que até certo ponto exprimiam nuamente a verdade, o caracter da época actual, Candido caminhava a passos largos sem vêr, sem ouvir, sem attentar cousa alguma.

Irias acompanhava a custo, e como que espantada, ao ardente moço; tendo-lhe, como foi dito, cahido a mantilha ao pé do tumulo de Paulo Angelo, quando de novo nella se envolveu, collocou-a mal, e uma porção de seus longos cabellos brancos ficou fluctuando sobre ella. E Candido, levando-a estouvadamente, e caminhando sem reflexão, ora com Irias se esbarrava contra os que vinham, ora deixava que a pobre velha se salpicasse de lama.

Indifferente a tudo isso, surdo á voz de Irias, todo entregue a seu pensamento unico, foi sómente ao approximar-se de sua pobre casa que Candido sentiu-se despertar por um grito de escarneo.

— Bruxa!... bruxa!... bradavam de todos os lados.

Entretanto tambem Celina se retirára da igreja de S. Francisco de Paula em companhia de seu avô e sua tia. A carruagem, em que vinha o velho e as duas senhoras, parou no alpendre do Céo côr de rosa, e quando os tres acabavam de apear-se, foram attrahidos pelos gritos, que de todas as partes soavam.

Candido e Irias viam-se cercados por uma chusma de garotos, que tomavam a velha para alvo de suas zombarias.

Como os cães que, em nossa terra, investem de preferencia contra os negros, porque sentem o desprezo que se vota a essa classe desgraçada, a escoria da sociedade, imitando os grandes della, escarnecia da pobreza daquella mulher.

Jacob e Helena riam-se daquella scena de escandalo, como se ella fôra uma scena de prazer publico; e ambos elles excitavam, em voz baixa, os garotos que passavam perto de suas janellas, a continuar em seus insultos, e redobrar os gritos que soltavam.

— Bruxa!... fóra a bruxa!... bradavam uns.

— Lá vae a velha bruxa!... clamavam outros.

Alguns já tinham ousado chegar-se a suas victimas, e a mantilha da velha estava feita pedaços.

Irias agarrava com suas duas mãos emmagrecidas e nervosas o braço do mancebo que, tremendo de raiva e de vergonha, es-

quecia-se do que era, e queria lançar-se contra a canalha; e ao mesmo tempo que a velha, que o sustinha á força, apenas demonstrava o seu furor em um sorrir de desprezo, que deixava vêr duas ordens de dentes iguaes, alvos e brilhantes, e nas vistas de fogo de seus olhos verdes que simulavam do gato observado em noite escura.

— Minha tia! exclamou Celina, aquella é a velha Irias, e o moço, que a acompanha, o mesmo que orou junto do tumulo de meus paes.

— Sim... creio que sim, respondeu-lhe Marianna.

— Pois então nós não podemos consentir que sejam assim maltratados.

— Mas que faremos.

— Eu vou acompanhal-os... a casa da velha Irias... é tão perto...

— Louca!... exclamou o velho.

Os gritos redobravam; as duas victimas não podiam dar um passo; Irias empregava todas as suas forças para suster o mancebo.

— Eu corro a soccorrel-os, meu avô; disse outra vez a moça com interesse.

— Não; não; manda antes o criado.

— Elles não respeitarão a um boleeiro.

— E crês, que terão respeito a uma menina ?...

— Respeito não; mas talvez que tenham piedade.

Nesse momento uma pedra veiu cahir aos pés de Irias. Celina escapou-se do braço de sua tia, correu e collocou-se ao lado da velha.

O escarneo cessou como por encanto.

Pôde-se mesmo notar que aquella gente pervertida, sem moral nem educação, que ainda ha pouco gritara furiosa, parecia como que arrependida de o haver feito; se podesse, lançaria agora flôres sobre a velha, que acabava de apedrejar.

Jacob e Helena foram os unicos que murmuraram entre si daquelle proceder da moça.

Celina acompanhou Irias e Candido até a porta do Purgatorio-trigueiro.

— Minha mãe, disse a moça beijando a mão de Irias, eu lhe agradeço as orações, que rezou junto do tumulo de meus paes.

E depois voltando-se para Candido, continuou:

— Obrigada, senhor.

Candido, pallido como um finado, estava em pé, porque se agarrara á velha rotula.

Celina voltou-se para retirar-se; e então Irias pôz suas duas mãos sobre a linda cabeça da moça, e disse:

— Proteja Deus a filha dos paes dos pobres.

Quando Celina desappareceu no alpendre do Céo côr de rosa, Jacob foi á janella, onde estava Helena, e apontando para a casa da moça, e depois para o Purgatorio-trigueiro, disse:

— Helena, alli ha cousa, que é preciso descobrir.

VI

Visita de gratidão

No seguinte dia, e pela volta das quatro ás cinco horas da tarde, estavam conversando na sala principal do Céo côr de rosa Marianna e seu velho pae.

No angulo anterior e direito da sala, e a poucos passos de uma janella, achava-se sentado em excellente poltrona o ancião, que era de aspecto sympathico e respeitavel, deveria ter já passado dos sessenta annos; tinha os cabellos totalmente brancos, a fronte alta, o rosto pallido, finas e delicadas as mãos, e era um pouco magro; estava envolvido em um robe de chambre de chita, vestia calças brancas, e calçava chinellas de marroquim verde.

Defronte do velho, tendo a cabeça descansada graciosamente sobre a face palmar da mão que se estendia no peitoril da janella, Marianna estava olhando para elle, e entretinham-se ambos em discutir uma questão que parecia interessar-lhes muito.

Anacleto, com os olhos fitos em sua filha, a escutava observando-a, e como que receava dar inteiro credito a suas palavras.

Posto que adorasse a Marianna com indizivel extremo, o velho que a tinha estudado desde a infancia, conhecia perfeitamente o caracter de sua filha, e mil vezes com um olhar firme e penetrante, lia no coração della o contrario do que lhe ouvia dizer.

Marianna tinha todas as boas e más qualidades de uma senhora da alta classe. Nobre, altiva, e mesmo vaidosa, sabia, quando era conveniente, humilhar-se horas inteiras diante daquelles mesmos a quem detestava, para depois erguer-se vehemente e orgulhosa; ella misturava a audacia com a pusillanimidade, a mais inqualificavel imprudencia com um sangue frio, que chegava a

espantar; sabia rir-se com os labios quando chorava com o coração; astuciosa, arrancava o segredo alheio, e não confiava nunca o seu; era capaz de rir-se á borda de um abysmo, e de vir chorar numa sala de baile; e finalmente amava com ardor e odiava com extremo.

O semblante de Marianna sempre impassivel, sempre o mesmo, dava a suas palavras uma força immensa de verdade, não deixando a ninguem lêr-lhe no córar do rosto, no movimento dos labios, ou na expressão do olhar, o que se estava passando dentro della; comtudo Marianna tinha poucas vezes a virtude da franqueza; podia enganar, sabia que o podia, e enganava.

Mas á força de viver com ella e de estudal-a, Anacleto era o homem unico de quem não triumphava o sangue frio e da sensibilidade de Marianna; o olhar do velho penetrava direito no coração da viuva; e diante de seu pae ella tremia e córava muitas vezes.

Conversavam ambos.

— Comtudo, dizia o ancião, eu creio que ainda não é tempo de discutirmos sobre isto.

— Mas... não faz nenhum mal que desde já nos preparemos para quando chegar a hora.

— Sabes, Marianna, tornou sorrindo-se Anacleto, vai-me parecendo que estás mais adiantada neste negocio, do que pretendes fazer-me crer.

— Não, meu pae; Salustiano ainda nada me disse; eu porém, tenho meus olhos de mulher, e a experiencia de trinta annos; talvez que o tenhamos de vêr bem cedo vir fallar-nos.

— Pois deixal-o vir.

— E que lhe diremos?...

— Dir-lhe-hei que volte no dia seguinte.

— E depois?... que faremos nós?...

— Nós?... provavelmente bem pouca cousa; pela minha parte, e quando elle tiver sahido, chamarei Celina, expôr-lhe-ei a questão; e se ella responder que não, diremos a Salustiano no dia seguinte: — não.

— Eu tenho bastante confiança na prudencia da nossa Bella Orphã; mas não sei se seria justo deixar sómente ao juizo de uma criança a solução de objecto tão grave.

— Querias, pois, Marianna, tornou-lhe com seriedade Anacleto, que, sem consultar a essa interessante orphã, dispuzessemos de sua mão, de seu futuro, de sua vida inteira?... supponhamos que ella não ama a Salustiano; quererias tu que a sacrificassemos

á paixão, aos caprichos desse homem!... oh! não, minha filha; os sacrificios deste genero são horriveis... eu os comprehendo.

O velho olhou fixamente para Marianna, que sentiu passar por seu rosto uma onda de rubor; disfarçou, e depois de serenar, disse:

— Pois bem; e se acaso Celina disser que sim?...

— Nesse caso ella ouvirá minhas reflexões.

— E meu pae dirá...

— Que esse homem não me agrada; que seu unico merito, a só recommendação com que se nos mostra, é ter herdado uma riqueza enorme, accumulada por seu pae, homem laborioso e honrado, dir-lhe-hei, que ha no rosto desse mancebo alguma cousa que transpira baixeza de sentimentos; que ha no sorrir constante de seus labios um sarcasmo eterno, ou incuravel toleima, que o torna antipathico e pesado a quem o pratica.

— E por consequencia?...

— Por consequencia eu fallarei horas inteiras para convencer Celina de que não se fará ditosa desposando semelhante homem; se ella porém teimar... paciencia; deixal-a-ei ir; e rogarei a Deus por ella.

— Vê-se bem que meu pae não olha com bons olhos para Salustiano.

— E' verdade; elle reune em si o egoismo do inglez e a frieza do allemão; e não tem a honra nem de um nem de outro.

— Mas como então consente que esse homem frequente tão assiduamente nossa casa?...

— Marianna, certas considerações, que os homens mutuamente se devem na sociedade, fazem que nem de nossa propria casa sejamos absolutos senhores. E, além disso, não é por minha causa que Salustiano aqui vem.

— Por quem, então?...

— Não fui eu que o convidei, Marianna.

A filha de Anacleto fez-se pallida de subito, e levantando a cabeça, perguntou:

— Que quer dizer, senhor?!!

— Ficou Anacleto em silencio por alguns instantes; supportou com imperturbavel sangue frio o olhar vivo, ardente e penetrante de sua filha, fito em seu rosto, e depois respondeu:

— Nada.

Marianna deixou cahir de novo a cabeça sobre a face palmar da mão, que ella estendia no peitoril da janella, e disse:

— Felizmente, que meu pae tendo a honra do inglez e do allemão, não tem com tudo o egoismo do primeiro.

— E porque?...

— Porque a frieza do allemão, essa meu pae tem.

Sorriu-se Anacleto, e depois tomando um ar sério, fallou a sua filha:

— Em fim, Marianna, preciso é que nos compenetremos bem do que devemos a essa menina que nos foi confiada. Lembra-te de que ella é uma orphã, e de que seus paes foram em vida amados pelo povo, e deixaram um nome que é ainda hoje abençoado.

— E' verdade.

— E portanto, nós temos primeiro sobre nossas cabeças Deus que nos observa attento; porque orphão deve ser, e é a criatura predilecta da Providencia; o orphão é a criatura isolada que não tem pae para velar no seu futuro, que não tem mãe para morrer por ella, e que portanto deve ter os olhos de Deus fitos em sua fronte; fitos sobre seus tutores. Marianna, os olhos de Deus estão pois sobre nós ambos: velemos por Celina.

— Sim... velemos.

— Oh! e tenhamos compaixão... tenhamos piedade desses restos respeitaveis, dessas cinzas amadas de um pae desvelado, de uma mãe extremosa, que uma morte precoce arrebatou á sua filha; de dentro do sepulchro seus esqueletos nos observam... e de cima da eternidade suas almas nos acompanham, e vêem como cuidamos nós da sagrada deixa que nos legaram. Marianna velemos por Celina.

— Sim, meu pae, é assim.

— Oh! e tenhamos tambem cuidado com este povo que amou tanto aos paes da nossa pupilla; não queiramos, ao passar pelo meio delle, ouvir suas maldições; tu sabes como Celina é amada... tens ouvido que sua casa teve o nome de — Céo, e nós mesmos, acompanhando a gratidão popular, a chamamos Bella Orphã; até agora, pois, bençãos... ah! temamos que chegue tambem uma hora de pragas. Marianna, velemos por Celina!

— Sim... mas, silencio... eu sinto suas pisadas.

Com effeito, Celina entrou nesse momento na sala, e dirigiu-se a seu avô.

De ordinario melancolica, a melancolia era nella um encanto; algumas vezes risonha, o seu sorrir era um feitiço; dessa vez Celina vinha com leve sorriso nos labios.

— Sabe, meu avô? disse ella a Anacleto, a nossa boa vizinha, a velha Irias, lhe mandou pedir licença para visitar-nos, e agradecer-nos o que hontem por ella fizemos.

— Agradecer-te, menina, foi provavelmente o que ella mandou dizer; pois então que venha...

— Sim, disse Marianna, vae mandar-lhe dizer que venha, nós ouviremos com prazer o teu elogio da sua bocca.

— Eu já respondi que viesse, em nome de meu avô.

— E fizeste bem... mas parece que chegam...

Ouviu-se ruido junto da porta da sala.

— Oh!... é ella!...

— Vae recebêl-a, disse Anacleto.

A menina correu á porta.

— Entre! exclamou ella, nós a esperavamos com prazer.

A porta abriu-se em par; Celina não pôde reter um pequeno grito, e recuou dous passos.

Era Salustiano.

Mancebo elegante no trajar e nas maneiras, se não era bonito, não se podia dizer feio; de estatura proporcionada, tinha cabellos castanhos, olhos pequenos mas vivos, e o rosto de uma côr pallida, propria das constituições abaladas pelas enfermidades e vigilias; vinha vestido de bella casaca preta de abas muito largas e com portinholas; trazia ao pescoço linda manta de seda de côr, e vestia collete de chamalote branco, calças de panno preto sem presilhas, e excellentes botins envernisados; por debaixo do collete sahia-lhe a cadeia do relogio, e della pendia um enorme sinete.

Salustiano cumprimentou primeiro a Celina, sorrindo-se da sorpresa que acabava de causar, e depois approximou-se de Anacleto e de Marianna, que se haviam levantado para recebel-o.

— Desculpe minha neta, disse Anacleto, ella contava ver entrar uma pessoa por quem anciosa espera.

Celina olhou para seu tutor com indizivel gratidão.

— Eu o comprehendi logo, respondeu Salustiano; não me posso julgar tão feliz, que merecesse ver sua bella neta correr alegremente para receber-me.

— Ora... disse Marianna.

Anacleto e Celina não disseram nada.

Sentaram-se os quatro e começaram a conversar sobre objectos indifferentes.

Um observador, que examinasse aquellas quatro personagens, teria muito que estudar nellas; e se entrasse no coração de cada uma, acharia alli um novo exemplo dessa superficie enganadora e falsa, com que a educação e a sociabilidade escondem ás vezes sentimentos oppostos, e interior má vontade.

A conversação de Salustiano, que ás vezes era mesmo agradavel, quasi sempre perdia muito por sarcastica e venenosa; não poupava, nem a ironia, nem o epigramma. Elle olhava com paixão e interesse para Celina; com presumpção e orgulho para Marianna; com indifferença para Anacleto.

O ancião o tratava com apparente civilidade; mas havia sensivel frieza em suas maneiras.

Celina tinha os olhos embebidos em seu avô; parecia estar vendo nelle o seu defensor; e como que fazia de conta, que Salustiano não se achava na sala.

Marianna, á força de habilidade, conseguia fazer desapparecer todas essas sombras, e derramava enchentes de luz de seu espirito no meio daquelle grupo; tratava Salustiano com indizivel bondade; e sustentava quasi só todo peso da conversação. Entretanto era Marianna quem alli mais aborrecia o presumido mancebo.

Esta scena era a mesma que se representava todas as vezes em que Salustiano vinha visitar aquella familia, o que a miudo succedia.

Havia, devia de haver, portanto, um mysterioso motivo, que désse áquelle presumpçoso mancebo a força necessaria para se impor alli de modo tão insolito.

Bateram palmas.

— Agora é sem duvida ella, disse Anacleto; vae recebel-a, Celina.

A menina dirigiu-se á porta.

— E quem é ella?... perguntou Salustiano.

— Oh, senhor! descance... respondeu Marianna, não se incommode... é apenas uma velha.

— Ainda bem, tornou Salustiano rindo-se; fazia-se necessaria aqui para estabelecer um contraste.

A' porta da sala appareceram então uma velha e um moço, Irias e Candido.

Salustiano, com um sorriso insolente, e com uma luneta ainda mais insolente, observava os recem-chegados, que vieram tomar assento.

Conversou-se sobre o acontecimento da vespera.

Irias tinha tomado por sua conta fazer o elogio da Bella Orphã, e relatou o caso com enthusiasmo e gratidão. Quando chegou ao fim, Salustiano dirigiu-se a Candido, e perguntou:

— E o senhor, que fazia ?...

— Elle ?... queria lançar-se contra a canalha, que me insul-

tava, e o teria certamente feito, se eu o não agarrasse com minhas mãos de ferro... porque eu sou velha... uma pobre mulher velha, disse Irias estendendo suas mãos compridas, magras e nervosas, mas tenho força.

— E quando a senhora não susteve mais, o que fez o senhor?...

— Quando ella me não susteve mais, disse Candido, que havia córado até a raiz dos cabellos, já um anjo benefico nos tinha salvado e eu comprehendi logo que, para não ser indigno desse soccorro, deveria não descer até a canalha...

— Porque, aliás... interrompeu com seu sorriso maligno Salustiano.

— Porque, aliás, tornou Candido resentindo-se, eu faria o que faz um homem de brio.

— E o que é que faz um homem de brio?...

— Pois o senhor não sabe?!!!! perguntou Candido com accento muito significativo.

Salustiano córou por sua vez.

Anacleto interrompeu os dous mancebos.

— Ora pois, disse elle; agradeçamos ao céo esse insignificante acontecimento, já que nos trouxe a vossa visita; desde muito que conheço a nossa boa vizinha, mas nunca tinha tido o prazer de encontrar-me com o senhor.

— E' meu filho adoptivo, respondeu Irias; esteve muito tempo fóra da terra, e apenas ha dous mezes voltou á velha cazinha, onde foi criado.

— Mora pois em sua companhia?...

— Sim... occupa o nosso pobre sotão.

Celina olhou como admirada para Candido, que fez um movimento de desagrado, ouvindo as ultimas palavras de Irias.

— Admiro-me de o não ter visto ainda, disse Marianna.

— Passa os dias fóra de casa trabalhando, minha senhora, e quando se recolhe é já noite fechada.

— O senhor é operario?... perguntou Salustiano.

— Infelizmente não, respondeu Candido, sou escrevente de advogado.

— Seja o que fôr, disse Anacleto, é um homem que trabalha, e por consequencia digno da nossa amizade.

A conversação continuou por algum tempo ainda; quando emfim a velha e o moço ergueram-se para sahir, Anacleto disse:

A senhora Irias, nós, somos conhecidos velhos; quanto ao Sr. Candido declaro que, sympathisei muito com elle, e o quero vêr assiduamente nesta casa. Somos vizinhos... seremos bons amigos.

VII

Uma hora da vida passada

Conceda-se agora um olhar sobre o passado...

Era uma dessas bellas noites de inverno dos paizes tropicaes, onde, para vencer o frio, é de sobra o movimento e a lã.

A cidade do Rio de Janeiro estava em suas horas de poesia: a modesta fada do valle tinha sobre sua cabeça a lua cheia e graciosa que a inundava de luz; o orvalho nocturno molhava-lhe as tranças: em redor della animava-se a sua natureza opulenta e variada; e a seus pés dormia tranquillo, resonando, apenas, seu mar de aguas verde-claras, que simulava então um lago de pyrilampos.

A natureza estava em festa: os homens tinham tambem a sua. Ouvia-se o ruido de um saráo; mas não era no centro da alegre cidade, era mais mimoso de seus arrabaldes.

O que havia de mais bello, de mais primoroso e rico na cidade do Rio de Janeiro, tanto pessoal como material, se achava reunido em uma elegante casa no Botafogo; dava-se esplendida festa; importa pouco conhecer a origem della; o essencial é saber que havia uma festa.

A casa brilhantemente illuminada, ostentando riqueza immensa e luxo desmedido, era, apezar de vasta, pequena para a multidão que a pejava.

O jogo, a dansa, a musica exerciam ali seu imperio em salas diversas, e sobre vassallos differentes.

Aquelles a quem a idade ou o estado afastava do amor, e enfim os poucos de todas as idades e estados que eram escravos da mais terrivel paixão prestavam vassallagem ao jogo.

Os outros todos corriam para as salas de dansa e musica: lá estava a mulher.

Havia sobre cem ainda muitas senhoras.

O estrangeiro curvava-se gostoso, sob o poder dessas vistas ardentes jogadas pelos olhos negros das brasileiras: alli o arabe lembraria baixinho suas canções aos olhos das gazellas...

Mas, no meio dessas mulheres todas, entre mais, de cincoenta virgens bellas em todo fulgor de verdes annos, com todo interesse de sua intacta pureza, de sua quasi angelica innocencia, ainda assim levantava sua cabeça de rainha uma senhora, já casada, e que não se podia dizer menina como ellas.

Alta, elegante, extremamente bem feita, de cabellos e olhos negros, côr morena, labios grossos e bellos dentes, ostentava uma belleza especial: havia em seus modos uma mistura de segurança e nobreza, que impunha respeito e admiração; de voluptuosidade e ardor, que desafiava lascivos desejos: era uma belleza como que selvagem e perigosa: essa mulher tinha sobre tudo um olhar insolente, uma voz melodiosa, e um andar provocador.

Trazia ella os cabellos primorosamente penteados e ornados com uma preciosa borboleta de brilhantes; rosetas das mesmas pedras nas orelhas, e collo côr de jambo nú, para melhor ostentar sua perfeição; seu vestido era de seda côr de Izabel, e adevinhava-se enfim dous pequenos pés presos em sapatinhos de setim: tinha na mão direita um ramalhete de violetas, e na gola do vestido mesmo junto da axilla, um cravo rajado, que exprimia um não sei que de provocadora graça.

Não era uma incognita; a assembléa toda conhecia o seu nome e respeitava-o: tão encantadora como honesta, contentavam-se com admiral-a.

Formára-se defronte, mas um pouco longe della, um circulo de mancebos que faziam por mil maneiras o seu elogio; depois de haverem discutido e concedido a corôa de rainha daquella festa á bella senhora:

— E' um homem verdadeiramente feliz, disse um delles, o marido de uma tal mulher.

— Feliz por todas as razões, accrescentou um segundo.

— Como por todas as razões?... perguntou terceiro mancebo.

— Oh! pois será preciso explicar-me ?...

— Bem entendido, se fôr de sua vontade.

— Pois bem: feliz porque possue uma mulher formosa.

— Convenho.

— Dotada de bastante espirito.

— Tenho ouvido dizer.

— Que é fiel aos laços que a ligam.

— Devo crêl-o.

— Que ama a seu marido exclusivamente.

— Quem sabe?

— Agora, meu caro, sou eu que tenho o direito de pedir explicações.

— Estou prompto para dal-as.

— Vamos pois.

— Digo que estou fatigado de ouvir fallar na pureza e lealdade daquella senhora: oh!... chamar-me-hão dissoluto... dirão que tenho a moral, pervertida... póde ser; mas confesso que no ostracismo de Aristides votaria como o camponez que o desterrava por se achar cansado de ouvil-o chamar — o justo.

— Com effeito!...

— E ainda mais: eu respeito muito as leis da natureza; creio firmemente que todos podemos ser escravos do erro, e que, portanto, se a interessante senhora, que, segundo creio, faz parte do genero humano, ainda não errou, póde errar.

— Mas ao menos ainda não errou.

— Dá-me ás vezes vontade de tentar... eu daria metade da minha riqueza para ser uma verdadeira tentação!

— Alguns sorrisos applaudiram o leviano mancebo; um só dos que estavam no circulo moveu-se com sentimento de reprovação, e disse:

— Senhor, sou amigo do marido da senhora de quem se trata, e me penalisa que com tanta ligeireza se falle della em minha presença.

— Mas, meu Deus, ninguem a offendeu aqui; eu fallei sómente no respeito que se deve ás leis da natureza.

— Uma vida pura, senhor; um comportamento illibado, merece alguma consideração; é uma mulher encantadora, convenho; ninguem com tudo ousa lançar-lhe em rosto a mais passageira leviandade, nem a menor tendencia para o galanteio; se tem algum crime, é o de ser bella.

— Devia ter mais uma virtude.

— E qual?

— A de se deixar amar.

— Senhor, vejo que cumpre retirar-me; defronte um do outro por mais tempo, poderiamos perturbar o prazer e harmonia desta assembléa; porque eu respeito a amizade, e o senhor insulta uma mulher, por saber que as mulheres não se vingam.

Dizendo assim, o mancebo travou do braço de um amigo, e retirou-se para o fundo de outra sala.

— Henrique! disse-lhe o amigo, tu estás pallido como a morte.

— E' porque tenho uma morte no pensamento, Carlos.

— Como?... que queres dizer ?

— Quero dizer que amanhã hei de bater-me com aquelle insolente, a menos que elle. sobre ser insolente, não seja tambem cobarde.

— Estás louco, Henrique.

— E' possivel... e desde muito.

Os dous moços ficaram em silencio alguns instantes; finalmente, Carlos, com voz grave e solemne, disse :

— Não te assiste o direito de vingar aquella senhora.

— Como?... não sou amigo de seu marido ?...

— Sim; porém, o tens offendido dez vezes mais que o estouvado mancebo, que fallava ha pouco.

— Offendido?... eu... de que modo ?...

— Henrique, tu amas a mulher do teu amigo.

Henrique estremeceu vivamente, e depois respondeu em voz baixa e apertando a mão de Carlos :

— E' verdade! Mas sei amal-a em sergedo.

Entretanto, continuavam a gracejar no circulo, que pelos dous jovens havia sido deixado.

— Pois bem, disse o leviano; vou vingar-me nobremente daquelle assomado mocinho, que daqui sahiu ha pouco.

— E por que meio ?...

— Trabalhando por tornar a nossa rainha um pouco menos merecedora de sua dedicação e enthusiasmo.

— E' uma empresa um pouco difficil.

— Eu a reputo bem simples.

— E então ?...

— Vou requestal-a.

— Quando começa ?...

— Boa pergunta... ja

— Para ser repellido.

— E' provavel que não; e para o mostrar... eis-me em campo; adeus... rezem por mim...

— Uma palavra ainda...

— O que temos ?...

— Uma concordata: se alcançar victoria, trar-lhos-á uma violeta do bouquet, que ella cheira neste momento.

— Não; uma violeta é bem pouca cousa; trarei no meu peito aquelle cravo, cujo pé deve estar fazendo cocegas terriveis na axilla da nossa bella.

— Está dito.

— Adeus pois... e outra vez rezem por mim.

O presumido mancebo foi direito até á cadeira em que se achava sentada a senhora morena.

— Minha senhora, disse elle; eu vinha declarar a V. Ex. que sou um consummado traidor.

— Sinto, senhor, não poder louval-o por isso.

— Estava alli com aquelles senhores, fallando mesmo a respeito de V. Ex.

— E' possivel.

— Julguei que V. Ex. estimaria saber o que diziamos.

— Enganou-se; sou bem pouco curiosa, se eram elogios, não sabendo delles, poupo-me a agradacimentos que ás vezes me custam muito; se me desabonavam, furto-me ao desgosto de ouvir censuras que realmente, ainda quando justas, não agradam nunca.

— E se acaso se houvessem dito cousas, que muito conviesse que V. Ex. as soubesse?...

— Pediria que as fossem referir a meu marido.

— E se o marido de V. Ex. as não devesse saber?... se mesmo cumprisse que elle as ignorasse sempre? replicou o mancebo.

— Não comprehendo... mysterios tão assombrosos, mas que se tratam em uma sala de baile, ao compasso das contradansas, e em um circulo de moços, alguns dos quaes devem ser bem levianos, são em verdade cousas muito incomprehensiveis!

— Se, todavia, V. Ex. quizesse arrasar esses segredos, achar o fio desse labyrintho, ou decifrar essa charada...

— Senhor... sou tão pouco intelligente!...

— Eu me obrigaria a aclarar-lhe tudo, desempenharia meu papel de consummado traidor, com a condição de V. Ex. acceitar o meu braço e dar commigo um passeio.

— Ah!... que tempo e que eloquencia que V. S. gastou para pedir-me um passeio!...

— E então?... V. Ex. será tão benigna que me não rejeite?...

— Mas eu estou tão cansada!

— Vejo que é ser importuno insistir, mas eu insisto.

— Sinto que é ser incivil teimar, mas eu teimo.

— Teima em que?...

— Em ficar sentada.

— Minha senhora, comprehendo que para quem não tem a honra de ser de V. Ex. conhecido, eu já pretendo muito; mas póde V. Ex. estar certa que eu não seria capaz de offendel-a.

— Oh! não é isso; creia que sou pouco medrosa.

— Ha pouco eu juraria o contrario.

— Pois passeemos.

Um raio de alegria terrivel brilhou nos olhos do mancebo; guardou silencio por alguns momentos, e quando se achou fóra da sala da dansa, começou, dizendo:

— Quer V. Ex. que eu comece a ser traidor?...

— Ah! pois deveras temos uma historia?...

— E no fim um verdadeiro mysterio.

— Eu lhe escuto.

— Verá que vou trahir a mim mesmo.

— Diga... diga.

— Sustentava-se no circulo em que eu me achava, que V. Ex. era encantadora; todos concordaram e eu tambem.

— Só isso?...

— Engraçada; convieram todos, e eu tambem.

— Mais nada?...

— Espirituosa; todos apoiaram, e tambem eu.

— E que mais?...

— Inconquistavel; todos o affirmaram, menos eu.

— Menos o senhor?!!!

— Sim, minha senhora; eu declarei que não havia mulher, de quem algum homem se não pudesse fazer amado.

— E disse bem, porque eu amo meu marido.

— Perdôe-me; é que eu me não referia ao marido de V. Ex.

— Ah! senhor!... isso agora...

— Minha proposição foi geralmente combatida.

— Fizeram-me justiça.

— Mas eu fui por diante; sustentei quanto havia dito e jurei demonstral-o.

— E como, senhor?...

Fazendo-me amado de V. Ex.

A senhora morena olhou espantada para o insolente que assim lhe fallava, e encontrou fitos em seu rosto dous olhares frios, mais impassiveis.

— Senhor!... disse ella com voz alterada.

— Jurei, proseguiu o mancebo, que conseguiria isso hoje mesmo.

— E' incrivel tanta ousadia!...

— E que em signal de minha victoria levaria no meu peito o cravo, que está ahi ornando o de V. Ex.

— Eu tenho pena do senhor, porque realmente me parece um pobre louco.

— Pena tenho eu de V. Ex., disse o mancebo apertando o braço da senhora; porque eu hei de daqui a pouco apparecer com esse cravo no meu peito; e daqui a pouco V. Ex. ha de na sala que deixámos, pelo menos, fingir-se docil a meus cumprimentos, e grata a meus extremos.

— Commetti uma imprudencia, em acceitar o braço de um fatuo que não conhecia, respondeu com nobre altivez a senhora; mas o senhor vai já levar-me a meu logar, se não quizer vêr retirar-me só, e dizer em voz alta que qualidade de homem atreveu-se a offerecer-me o braço.

— Tanta fereza!...

— Senhor... tornemos á sala... aliás...

— Pois bem... V. Ex. ouvirá primeiro duas palavras, e depois... veremos.

.. ..

— No fim de meia hora os dous entraram na primeira sala.

O cravo que ornava o peito da senhora, tinha passado para o do mancebo; elle estava radiante; ella muito pallida.

Henrique quando viu o cravo rajado no peito do atrevido moço, deixou-se cahir em uma cadeira, como fulminado por um raio.

Depois, passada uma hora ergueu-se, e Carlos chegou-se a elle.

— Então, Henrique, pretendes ainda bater-te amanhã?...

— Não, Carlos, e mas parto para França no primeiro navio que der á vela.

.. ..

Esta scena occorrera no meado do anno de 1843.

.. ..

A senhora morena que se havia tornado pallida, chamava-se Marianna.

O nome do mancebo fatuo que se fizera radiante, era Salustiano.

VIII

O pobre entre ricos

Em consequencia das relações que com seus vizinhos entabolára inesperadamente. Candido teve de modificar esse correr de vida a que se havia condemnado; se o emprego de seus dias era ainda como dantes, todo votado ao trabalho, parte de algumas de suas noites já elle passava fóra do velho sotão.

O convite de Anacleto não fôra simples fórmula de civilidade. Duas noites depois da tarde em que os moradores do Purgatorio-trigueiro fizeram sua visita de agradecimento á Bella Orphã, Candido recebeu um bilhete de Marianna, no qual, da parte de seu pae, o convidava para passar algumas horas no Céo côr de rosa.

De então por diante, força foi repetir a miude essas noites de serão, porque, ou novos convites de Anacleto vinham lembrar-lhe e chamal-o para esse goso, ou Irias o instigava a ir procurar a sociedade de tão bons vizinhos, mais que tudo porque contava que assim se poderia melhor destruir aquella acerba melancolia de seu filho adoptivo.

E Candido, que parecia abandonar-se a uma como que obediencia passiva; que sempre mostrava corresponder de má vontade aos convites de Anacleto; que nunca deixava de resistir ás instigações da velha Irias; que quando transpunha o alpendre do Céo côr de rosa, parecendo querer desculpar-se ante sua propria consciencia, dizia entre si "Não é voluntariamente, é só por condescendencia que aqui venho"; Candido, se não tivesse até então receio de estudar a fundo o estado de seu coração, sentiria o como lhe palpitava açodado, ao elle subir a escadinha na habitação da Bella Orphã.

Candido estava no estado daquelles, que, tendo o espirito mergulhado na duvida e o coração nadando na verdade, mentem a si mesmos sem querer... sem sentir.

E todavia os serões do Céo côr de rosa deviam agradar ao jovem melancolico; alli não o podia turvar, nem o peso de uma multidão ruidosa, nem o cansaço de uma vigilia prolongada; os convidados eram poucos, escolhidos, e sempre os mesmos; e á meia noite todos se retiravam; até á meia noite conversava-se, jogava-se, e quasi sempre o dominio dos serões era exercicio pela dansa e pela musica.

O papel de Candido era comtudo muito limitado nos serões do Céo côr de rosa; elle nunca jogava; dansára á força uma

ou outra vez, conversava quasi sempre com Anacleto, e a respeito de musica se desculpára como pouco entendedor da materia.

Apezar porém, de sua completa inacção, era Candido muito bem tratado no Céo côr de rosa. Anacleto o distinguia da maneira mais positiva; ha um mez apenas que vira esse mancebo, e já parecia votar-lhe decidida e forte amizade. Marianna o cercava de attenções e cuidados; Celina o tratava com angelica doçura.

E a sociedade que costumava reunir-se no Céo côr de rosa, acompanhava, ou fingia acompanhar, os donos da casa nos sentimentos que pareciam nutrir por Candido.

Um só homem do mancebo se affastava; um só homem alli concorria, que mostrava desestimar o pobre mancebo: era Salustiano.

Tambem de sua parte, Candido pagava com extrema gratidão aquellas demonstrações de estima.

Ao pé de Anacleto seu coração se abria todo a esse nobre e expansivo sentimento que se chama amizade; sentimento elevado e bello, que um vil interesse não mingua e acanha, nem a baixeza do ciume tolda e degenera.

Contemplando Marianna, a acerbidade de sua melancolia se aplacava, se mudava quiçá em doce tristura; elle achava naquella mulher um encanto poderoso, que o convidava a amal-a, não com esse extremo ardor com que se adora uma amante, mas com a affeição socegada e benigna, que se tributa a uma irmã... a uma boa amiga.

Seguindo algumas vezes com os olhos a Bella Orphã, elle sentia... mas era esse o sentimento que ainda Candido não ousára classificar; elle olhava de relance apenas; ouvia-a com indizivel enlevo; tinha de côr o écho de suas pisadas; mas não se atrevia a dizer a si proprio o que sentia por Celina.

Ao resto da sociedade pagava Candido cumprimento por cumprimento, delicadeza por delicadeza.

Um só homem havia alli de quem o mancebo se afafstava; era Salustiano. Antipathia inexplicavel tinha entre elles dous levantado uma barreira, ou cavado um abysmo.

Por consequencia, devemos concluir, que, apezar da presença de Salustiano, o coração de Candido agradavelmente se dilatava naquelles serões!... Antes de assim concluirmos, cumpre primeiro lembrar-nos de que Candido era um moço pobre e sem nome, e em seguida estudarmos a physiologia do coração do pobre, e a physionomia da sociedade em que elle vive; sociedade geral-

mente pervertida, que repelle sem discutir a pobreza e o desvalimento.

Estudemos, pois, e comecemos pela sociedade.

Pois que na vida moral e physica do universo é tudo mais ou menos compensado, cumpria que em paga de seus mil dissabores, provasse o homem pobre uma feliz compensação. Elle, que de tantas cousas carece na triste vida que vive; elle, verdadeiro Tantalo, que vê no mundo um mar de gosos, e a nenhum desses gosos póde tocar com os labios; elle devia achar na sociedade daquelles que mais têm, uma hora de esquecimento daquillo que em vão deseja.

... Mas que é que todos os dias estamos vendo?...

Nós não queremos fallar do homem intrometido que, pobre ou não, em toda parte apparece, arranca á força o seu quinhão em tudo, não querendo vêr a cara má que lhe fazem, nem querendo ouvir a indirecta insultante que se lhe atira ao rosto: fallamos, creamos para delle fallar, o pobre cheio de merito e de pudor, que vê, que ouve, que observa, e que sente.

Que é que lhe dá a sociedade?... que é que dá a elle, tão escondido por sua modestia, que precisa de n'a mão que o levante para apparecer, e ser visto?... que é que lhe dá?...

Quereis vêr como a semelhante respeito se caracterisa a sociedade?... pois bem.

O pae de familia segue esse homem com os olhos, e quasi que se incommoda, se elle olha para uma de suas filhas, porque o pae de familia tem medo desse olhar do pobre; do pobre que não póde sustentar o peso de uma carteira, onde se julgue seguro o porvir de uma mulher.

O mancebo não procura, foge antes do jovem pobre, porque receia que sua amizade pesada lhe seja; que elle o occupe alguma vez... elle, que nada tem para poder servil-o um dia.

E aquelles que não são paes de familia, nem mancebos, e que com tudo são ricos, olham para o homem pobre por sobre o hombro, envergonhar-se-iam de lhe dar o braço num passeio, e quasi que têm pejo de o considerar de sua mesma especie.

A mulher... oh! mais em honra da verdade digamos aqui: a mulher é só que ainda retem alguma generosidade e nobreza no meio desta nossa perversão tão grande; a mulher está ahi no jogo de altas inspirações e sentimentos elevados, envergonhando o homem todos os dias; mas póde ir o pobre até a mulher?... como? se para chegar até ella é preciso vencer essa barreira de gelo, essa massa immunda que a prende?... como, se adiante da mulher está o homem?...

E quereis saber que se pretende e se consegue com isso?... que uma linha divisoria separe os filhos de Deus; que o mundo pobre faça seu ninho muito á parte, e não vá conspurcar o céo da riqueza, que a casa do rico não seja empestada pelo halito do pobre!...

Erga-se embora o pae de familia, e diga que nós mentimos; brade o mancebo, e jure que insolente aleivosia lhe levantamos; realmente um ou outro pae de familia, um ou outro mancebo desmente essa regra; mas o genero humano ahi está em totalidade demonstrando-a na pratica de um modo abominavel.

Será que o genero humano esteja assim todo, todo pervertido?... não; em regra geral, cada homem individualmente tomado, cada um de per si repelle a theoria infernal, mas vá realizal-a na pratica; porque cada um de per si diz, que não é elle que ha de emendar o mundo, e, em uma palavra, porque esse ente abstracto, pervertido, degenerado, immundo, a nossa sociedade emfim, acceita, abraça a theoria, e, como já dissemos, horrivelmente a pratica.

E' por isso que a sociedade não discute entre o rico estupido e o pobre instruido; a victoria cabe sempre ao primeiro.

E' por isso que ella, sem pudor, deixa a um canto a pobreza honrada, e festeja, lambe os pés da riqueza mesmo indignamente adquirida.

E' por isso que a porta que se não abre ao pobre modesto e nobre, se encancara ante o millionario immoral, cuja presença em uma casa é ás vezes o annuncio da deshonra.

E' por isso... mas basta. E se a sociedade disser que mentimos, nós a mandaremos olhar para si mesma; e ella ha de por força córar de vergonha, observando-se.

Ainda se o caminho da fortuna e da riqueza se facilitasse a todos homens... mas não; uma porta de ferro a fecha, e o pobre não póde vencel-a, porque não tem a chave que abre todas as portas... o dinheiro.

E agora pensareis que por tal maldizemos a sociedade geral?... que sobre os hombros lhe lançamos a pesada culpa de tanta miseria?... não; mil vezes não.

Não deve ser maldita a sociedade geral; sêl-o deve sómente a sociedade que governa.

Ahi está o poeta nacional que brada:

"Nasce de cima a corrupção dos povos".

E ahi está a sociedade que governa, justificando o bradar do poeta:

Com a impunidade espantosa do rico.

Com o patronato, o escandalo, e a servidão vergonhosa que se presta ao rico.

Com a preferencia inaldita que em tudo se dá mil vezes ao rico sem merito algum, sobre o homem que, sendo embora distincto, é todavia pobre.

Que querieis que fizesse a sociedade geral?... ella hoje, como sempre, arremeda a sociedade que governa.

E' o governo quem desmoralisa, quem tem desmoralisado o povo; o erro vem daquelles a quem cumpria mostrar o bom caminho, caminhando elles mesmos adiante.

Mas seja de quem fôr a culpa, o resultado é sempre o mesmo; a sociedade, geralmente pervertida, repelle a pobreza e o desvalimento.

E agora comprehendei comnosco o homem pobre lançado ahi no meio da sociedade que o rejeita; entrae comnosco dentro do seu coração para poder bem sentir o que se passa nelle.

Em consequencia desse constante soffrer, em consequencia da inabalavel firmeza com que a sociedade desenvolve o nefando programma da omnipotencia da riqueza, resulta que profundas e terriveis convicções se imprimem no coração do pobre. Elle se acha convencido de que :

Nas relações politicas não se dá jámais igualdade de lei entre rico e pobre, quer se deva — proteger — quer — castigar: — ha iniquidade sempre; porque para o pobre não ha protecção, mas ha castigo, e para o rico ha protecção, ha patronato, e ha impunidade.

Nas relações domesticas, em consequencia dessa depravação publica, tributa-se um culto espantoso á riqueza, e o homem pobre acha quasi sempre naquelles que mais têm, ou desprezo, ou um *esquecimento involuntario*, que dóe ainda mais, porque é a demonstração viva da propria miseria.

Sabeis qual é, e qual será o resultado de tudo isto?...

E' que hoje o pobre já não tem amor ás instituições, nem confiança no governo; porque as leis servem sómente de punil-o, e o governo não cura de protegêl-o.

E' que amanhã o pobre terá em desprezo a lei, e ha de desconfiar da sociedade que governa; e depois de amanhã... e no futuro, num dia emfim que felizmente bem longe está ainda, o povo pobre, que é muito mais numeroso do que o povo rico, perguntará áquelles que estão de cima — se ainda não é tempo de minorar-se o peso de sua cruz, se o seu calvario não se acaba de subir nunca.

E' que hoje o pobre indifferente e soffredor, carrega o seu peso silencioso como o camello, e um dia mais tarde, ai de nós se elle chegar, levantará a cabeça, orgulhoso como o leão, e terrivel como o tigre.

Não se diga que o mundo é hoje como fôra hontem, e como será amanhã; não. No mundo tudo sobe e desce gradualmente, e nesse caso é preciso convir que a perversão e a immoralidade têm ido subindo de gráo em gráo. Deus permitta que tambem a paciencia dos que soffrem não tenha ido igualmente de gráo em gráo subindo; porque então, quando o thermometro terrivel marcar o ultimo e mais alto gráo de perversão, marcará tambem o ultimo e mais alto de paciencia.

E essa repulsão, esse desvalimento, o homem pobre encontra por toda a parte. No corpo abstracto que representa a grande familia, no alto corpo social recebe elle esses golpes terriveis e mortaes, que ferem seus direitos naturaes e civis, que destroem a igualdade do genero humano, que dividem os filhos de Deus em dous bandos — protegidos — repellidos.

E na pequena sociedade das familias dos ricos, o homem pobre se atira a um canto; vê rir, brincar, vê gosar, vê ser feliz; e quasi nunca ri, brinca ou gosa, e jámais é feliz. Algumas vezes desprezado, quasi sempre involuntariamente esquecido, elle fica ao canto com a convicção de sua miseria, na pequena sociedade de que fallamos, elle soffre pequenos, mas repetidos golpes; pequenos, mas que lhe dóem muito, porque lhe vão ferir esses pontos mais dolorosos da sensibilidade.

E essa convicção da propria miseria, e de seu immenso desvalimento, tem tão grande influencia no homem pobre, que ás vezes mesmo em um circulo excepcional, mesmo na sociedade de alguns poucos que abominam a maxima diabolica, que sendo ricos não sabem *esquecer involuntariamente* o pobre, este não se anima a tomar para si um papel igual ao dos mais que alli estão, porque, embora excepcional seja esse circulo, o pobre tem nalma a convicção de sua miseria e de seu desvalimento, e por isso se entorpece, ou receia... acanha-se.

Era esta ultima a posição de Candido nos serões do Céo côr de rosa.

Que importavam as demanstrações de amizade de Anacleto, as attenções e cuidados de Marianna, e a doçura angelica de Celina?... que importava a atmosphera pura e leve que no Céo côr de rosa elle respira, se dentro de seu coração lhe estava pesando a profunda convicção da miseria do pobre?... portanto, elle se

deixava ficar escondido em um canto da sala... do seu logar... no logar que geralmente na casa daquelle que muito mais tem, se deixa ficar o que muito menos tem.

Mas ahi mesmo, ahi nesse retiro, vinha esmagal-o o peso do seu infortunio; dahi elle via Celina cercada e lisonjeada por mancebos que podiam sorrir-se para ella, ouvia dizerem-lhe baixinho o elogio de sua belleza, e depois irem cantar com ella duetos apaixonados; mancebos, emfim, que podiam merecêl-a; e elle via esses sorrisos, ouvia o murmurio dessas palavras ditas de subito... e não podia fazer outro tanto, porque, quem sabe se por unica resposta a seus cumprimentos, Celina lhe perguntaria: — Quem és tu ?...

E supponhamos que, graças á sua virtude e urbanidade, nada lhe dissesse Celina, não poderia essa menina perguntar dentro de si mesma: — Quem é elle ?...

E não basta simples supposição para fechar a bocca do homem pobre e desconhecido, que tem no coração um pouco desse orgulho sagrado que todo o homem de honra se ufana de ter?...

Portanto, os serões do Céo côr de rosa não offereciam a Candido o encanto immenso que em outras circumstancias lhe offereceram; a razão disso estava nelle mesmo.

Mas, emfim, um pouco á força dos convites de Anacleto, e das instigações da velha Iriasª e um pouco á força dos convites e das instigações de seu proprio coração, Candido era um dos mais assiduos frequentadores do Céo côr de rosa.

IX

Um serão do Céo côr de rosa

A noite estava bella, a lua clara e brilhante e brisas suaves e frescas faziam esquecer a calma abrasadora de um dos primeiros dias de Dezembro, que acabára de passar.

Um grupo de curiosos e amadores tinha-se formado defronte das janellas do Céo côr de rosa e applaudia os cantos agradaveis que alli eram entoados.

Um velho guarda-portão estava sentado á porta, do alpendre da casa feliz.

Jacob e Helena observavam de suas janellas o que se passava e o que se dizia.

Dentro do Céo côr de rosa reinava a felicidade e borbulhava o prazer. Cerca de trinta pessoas, entre senhoras e homens, gosavam o serão daquella noite.

Marianna estava radiante, porque defronte della, e com os olhos embebidos em seu rosto, Henrique parecia crêr-se ditoso.

Salustiano não se mostrava resentido disso, e fazia a côrte exclusivamente á Bella Orphã.

Candido, um pouco afastado das senhoras, não parecia alegre nem triste; ia, apezar seu, bebendo a largos tragos o terrivel veneno dalma que se bebe pelos olhos e se concentra no coração; sem o sentir, elle ficava ás vezes em extasis, contemplando Celina do mesmo modo que pelo pensamento se prendia á vida della inseparavel, como a sombra de seu corpo; longe da Bella Orphã, receando approximar-se, esquecia-se de si proprio em aereas meditações; ou outras vezes despertava cruelmente sacudido pela mão espinhosa do ciume, que lhe mostrava um jovem conversando a sós com Celina, ou sorrindo-se para ella.

Os sinos tocaram nove horas.

— Oh! bem; disse Marianna; ha uma hora que cantamos; deixemos descansar aquelles que nos ouviram, conversemos tambem.

— A commandante das moças deu a voz de — liberdade — ao seu batalhão, disse um homem de meia idade, que se suppunha muito espirituoso.

— Então hoje não se dansa aqui, D. Celina? murmurou ao ouvido da Bella Orphã uma interessante mocinha.

— Eu sei, D. Felicia; se você quer dansar, eu vou dizer a minha tia.

— Deus me livre!

— Mas por que ?...

— Porque aquelles senhores haviam de pensar que eu morro por dansar.

— Que tem isso? pensavam a verdade.

— Sim... sim... porém, pensariam tambem que eu gosto de dansar por causa delles... para conversar... para ouvil-os dizer muitas cousas...

— E não é, por isso ?... perguntou Celina sorrindo-se.

— Qual ?...

— Então por que é, D. Felicia?...

— Ora, é porque a gente sempre gosta de se mostrar.

— Bravo, D. Felicia, exclamou outra moça, que se sentava perto de Celina.

— Ah! você estava ouvindo, D. Marianna?... pois olhe, é muito mal feito vir escutar o que se está fallando em segredo...

— Obrigado pela reprehensão, minha senhora, disse um mancebo que dellas se approximava nesse momento; eu a recebo, porque, na verdade, a mereço.

— Oh! não; não era a V. S. que eu me estava dirigindo.

— E' o mesmo; talhou uma carapuça que me serve ás mil maravilhas.

— Pois então sirva-se, disse Mariquinhas.

— Eu confesso que morro por saber um segredo de moça... ha sempre tanta graça nos innocentes mysterios de um coração que tem só dezeseis annos!

— Ah! tornou Mariquinhas, e se o senhor soubesse então dos mysterios de um coração como o de D. Felicia, que tem só dezesete annos e meio!

— E, desgraçadamente, nem ao menos nutro a esperança de poder sabêl-o um dia!

— E que mysterio... era um desejo immenso de...

— D. Mariquinhas! exclamou Felicia.

— Veja como ella córa... não... não digo; uma cousa espantosa... que póde produzir consequencias tão desagradaveis...

— Deveras, minha senhora?...

— O senhor é de segredo?...

— Muito.

— Pois bem; D. Felicia...

— Diga.

— Quer dansar.

O moço não pôde deixar de rir-se.

— Pois que pensa, minha senhora?... disse elle; mesmo isso é um mysterio; quem sabe a razão por que ella quer dansar?...

— Não é por nada, interrompeu Felicia; eu não disse, eu não desejei cousa alguma; o que me parece é, que D. Mariquinhas está doida por uma contradansa.

— Lá isso tambem é verdade...

— Pois é facil satisfazer seus desejos; eu vou tocar.

O moço dirigiu-se ao piano.

— Ah! D. Mariquinhas! tornou Felicia; você sempre está com disposição para gracejar!...

— Mas agora não foi gracejo, foi calculo; eu queria dansar; olhe, está vendo aquelle moço de oculos verdes?... pediu-me uma contradansa no ultimo serão, e devo pagar-lh'a neste...

— Como anda você tão adiantada!...

— Qual! atrazada, pelo contrario... estou carregada de dividas... em tres bailes não pago o que devo.

— Bom... já se tocam os compassos de prevenção... D. Leocadia já está bolindo na cadeira... que maldito costume tem aquella moça!

— Coitada... é com razão; o exercicio... o movimento a torna um pouco menos amarella.

As moças foram interrompidas por alguns cavalheiros que a ellas se chegaram pedindo contradansas.

Marianna acabava de approximar-se de uma janella. Salustiano foi ter com ella.

— Uma contradansa... a que se vae dansar, minha senhora...

— Esta não é possivel, já tenho par.

— A seguinte?...

— Tambem já a prometti.

— Ao mesmo cavalheiro da primeira, sem duvida... disse sorrindo-se Salustiano.

— E' verdade, respondeu Marianna sem hesitar.

— O Sr. Henrique?...

— Elle mesmo.

— Bem, tornou Salustiano mudando de tom; hei de logo pedir-lhe um obsequio de outra ordem.

Henrique veio dar a mão a Marianna, lançando um olhar de desprezo a Salustiano, que o pagou com seu costumeiro sorrir sarcastico.

Salustiano passou ainda pelo desgosto de achar Celina engajada para 1.ª, 2.ª e 3.ª contradansas; eram tantas quantas se costumavam dansar em cada serão.

A dansa começou. Candido não se tinha levantado, e conversava então com a velha Irias.

Anacleto chegou-se a elles.

— Que faz aqui sentado e triste, como um velho de setenta annos, este moço que não tem mais de vinte?...

— Estava reprehendendo-o por isso, respondeu Irias: é uma cabeça cheia de teias de aranha; sabe cantar, e não se deixa ouvir; dansa com graça, e o estamos vendo sentado.

— Pois elle canta?...

— Não o sabia, Sr. Anacleto?...

— Disse-nos que pouco entendia de musica.

— Olhem só que mentiroso! exclamou a velha; canta, e tem excellente voz.

— Minha mãe, disse Candido; para que me ha de estar compromettendo ?

— Canta, Sr. Anacleto; o sujeitinho canta..

— Deixe-o estar, que o tomo d'agora por diante á minha conta.

Terminára a primeira quadrilha.

— Venha cá, meu caro senhor, disse Anacleto tomando o braço de Candido; venha cá, e fique sabendo que não gosto de casas tristes em minha casa.

O velho levou o mancebo até junto de sua neta; Candido sentiu um calafrio geral coar-lhe por todo corpo.

— Celina, disse Anacleto, apanhei este maganão em um crime: é mentiroso, é hypocrita, e tudo quanto ha de máo neste mundo; sabe cantar excellentemente, e veio aqui dizer-nos que nada sabia de musica.

— E', senhor, que eu... realmente...

— Adeus, meu caro, já não creio em suas desculpas; Celina, fazes annos daqui a quatro dias; tomaremos sem duvida chá com nossos amigos na noite desse bello dia; não queres pedir alguma cousa ao Sr. Candido ?

A Bella Orphã entendeu o pensamento do velho, e disse ao moço :

— Peço-lhe que nessa noite nos dê o prazer de se deixar ouvir cantar.

— E agora?.. responda, meu cavalheiro.

— Cantarei, minha senhora; respondeu o mancebo a tremer.

Tinha-se formado um circulo á roda de Anacleto, Candido e Celina.

— Bem, bem; tornou o velho esfregando as mãos; mas resta que de tua parte agradeças de antemão ao nosso mentiroso o sacrificio, que vae fazer por teu respeito.

— Mas eu não sei que especie de agradecimento...

— Sabes o que elle me dizia ha pouco ? que desejava ardentemente dansar comtigo a proxima quadrilha....

— Senhor... balbuciou Candido.

— Homem, não me venha com novas mentiras; falle, quer ou não quer dansar com minha neta ?...

— Minha senhora, disse o mancebo dirigindo-se a Celina; ouso pedir-lhe essa graça...

A moça hesitou primeiro, e emfim respondeu:

— Com muito prazer.

Depois, levantando os olhos, viu diante della Salustiano, a

quem um quarto de hora antes tinha negado a mesma quadrilha que acabava de conceder a Candido.

Desfez-se o circulo que estava formado defronte de Celina; Salustiano retirou-se sem dirigir-lhe uma só palavra; as moças ficáram de novo livres da companhia dos homens.

— D. Celina, perguntou Felicia, porque é que aquelle moço tremia tanto quando te fallava?...

— Eu sei! é talvez por ser naturalmente acanhado.

— Restava sabermos, se elle tremeria do mesmo modo fallando a qualquer de nós outras; acudio a maliciosa Mariquinhas.

— Por que?...

— Porque se não tremesse, tirariamos uma bella consequencia.

— Maliciosa!... disse Felicia, emquanto Celina fazia-se um pouco córada.

O piano chamou os pares á sala.

— Nunca houve piano que tocasse mais a proposito, tornou Mariquinhas; Celina estava me contando, sem querer, umas poucas de cousas no rubor de suas faces.

— Ah! D. Mariquinhas!...

— Cuidado commigo... não hei de tirar os olhos de você, emquanto dansarmos.

Dansou-se a segunda quadrilha.

Era a primeira vez que Candido dansava ao lado de Celina· uma mistura de prazer e de acanhamento; de satisfação immensa, e de como duvida do gosto de tão grande ventura, dava ao rosto do mancebo uma expressão nova, bella e interessante.

Accrescente-se a isso a perturbação de Celina, que se sentia devorada pelos olhos curiosos de Mariquinhas, e conceber-se-á a sensação que experimentavam os dous quando suas mãos se encontravam, quando se viam dansando defronte um do outro, esses dous jovens, um dos quaes não sabia dizer se amava, e o outro não comprehendia ainda talvez o que era amor.

Em silencio ambos, debalde uma e outra vez tentou Candido encetar alguma conversação; tudo se terminava em breves monosyllabos pronunciados a tremer por qualquer dos dous.

A segunda quadrilha terminou; e no correr da terceira teve principio um episodio que occupou por alguns momentos a attenção da sociedade.

Em um passo mais rapido que Celina devia fazer, cahiu-lhe do cabello um botão de rosa que foi a tempo apanhado pelo seu cavalheiro de vis-a-vis.

Terminada a quadrilha o cavalheiro dirigiu-se á Bella Orphã, e, mostrando-lhe o botão de rosa, disse:

— Na Inglaterra, minha senhora, os grandes fidalgos quando jogam, desprezam o dinheiro que lhes cahe no chão, e que emfim fica pertencendo ao criado mais feliz que primeiro o apanha. Levantei este botão de rosa que lhe cahiu quando dansava; e dar-me-hei por extremamente venturoso, se dispensar a flôr que rolou a seus pés.

— Oh! é impossivel! exclamou Celina com voz apaixonada: o meu botão de rosa!... não... de modo nenhum...

— Devo crer que a minha pouca ventura...

— Não deve crêr, em nada... pouco ou muito feliz, teria sempre de ouvir a mesma cousa...

— Ah! comprehendo; não quer dar flôres a moços.

— O meu botão de rosa?... nem a moças.

— A sua melhor amiga...

— Não conseguiria arrancar-m'o.

— Portanto este botão de rosa...

— E' a flôr... do meu coração.

— Feliz a mão que da roseira o colheu!!

— Foi a minha.

— Póde ser... devo crêl-o... no emtanto preciso é que me sujeite ao sacrificio de entregar-lhe um thesouro, que eu poderia guardar impunemente.

— Faria uma má acção...

— Bem, minha senhora, eis ahi o seu talisman... Deus lhe conserve o valor e as virtudes.

O cavalheiro entregou o botão de rosa, talvez com má vontade, e retirou-se.

Candido, quando viu a pequenina flôr passar do peito do moço para o cabello de Celina, sentiu entrar-lhe a vida no coração.

— Oh! bravo, D. Celina! acudiu Mariquinhas; eis ahi um botão de rosa que deve encerrar o mais interessante mysterio.

— E' certo.

— Foi dado ?

— Não; colhi-o.

— Quem plantou a roseira ?...

— Não sei.

— Mas então como explica esse ardor, com que ha pouco pedias o teu botão de rosa ?...

— E' que eu amo os botões de rosa; tenho predilecção por

elles como você tem pelas violetas, e D. Felicia pelos cravos brancos.

— Nada... ahi ha cousa.

Celina esteve algum tempo pensando, e emfim disse:

— Talvez.

— Oh! pois então conta-nos; eu sou louca por historia de flôres.

—Porém é uma tolice de criança...

— Não faz mal... conta.

— Aqui não.

— Vamos ao toilette.

— Pois bem... vamos... vem comnosco, D. Felicia.

As tres moças sahiram da sala.

Anacleto, que tinha podido apanhar algumas palavras do que ellas acabavam de fallar, chamou de parte Candido, e levando-o para dentro comsigo, disse-lhe:

— Vamos de vagar... pregaremos uma peça áquellas tres sujeitinhas, ouvindo contar uma historia de flôres, que sem duvida não terá pés nem cabeça, mas que emfim poderá servir para divertir-nos.

No entanto Salustiano tinha achado occasião de fallar a sós com Marianna.

— Chegou-se a ella e disse:

— Depois de amanhã pelas cinco horas e meia da tarde, terei a honra de visitar a V. Ex.; conversaremos durante meia hora sobre objecto tão importante, que eu tenho a certeza de que V. Ex. achará na riqueza de seu espirito meios de sobra para afastar daqui todas as pessoas que nos possam ser incommodas durante essa meia hora.

— Senhor!...

— Depois de amanhã, ás cinco horas e meia da tarde.

X

Historia do botão de rosa

Em logar de ir com as duas amigas para o toilette, que era mesmo no primeiro andar, a Bella Orphã guiou-as para o segundo, e entrou com ellas em seu quarto.

Anacleto, levando sempre pela mão a Candido, subiu tambem a escada, e entrou, pé por pé, com o mancebo no quarto de Marianna.

As duas camaras eram apenas separadas por uma delgada parede, e uma portinha as communicava pelo fundo; a portinha estava simplesmente tapada com um leve reposteiro, ou, melhor, com uma cortina de seda côr de rosa debruada de fita azul.

O velho levou o moço ao fundo da camara, e com precaução e cuidado correu a cortina. O quarto de Marianna não tinha luz; no de Celina ardiam tres velas em um candelabro de bronze.

Candido viu primeiro um leito virginal defendido por cortinados de cassa branca, e atravez delles tres moças encantadoras, cujas elegantes fórmas se desenhavam ainda na sombra.

E não pôde vêr mais nada, porque Celina começava a fallar.

A Bella Orphã pronunciou algumas breves palavras; mas, olhando para as duas amigas, e lendo-lhes no rosto a curiosidade com que estavam. córou, e, hesitando, disse:

— Ora... é uma puerilidade... um sonho de criança, que parece loucura contar.

— Não, não, D. Celina; conte sempre.

— Ha de ser por força muito bonito.

— Sem duvida; pois que além de tudo, é um sonho de flôres.

Celina principiou a contar a historia do botão de rosa, com os olhos pregados no collo.

— Foi no dia em que eu fiz treze annos; jantaram e passaram a noite commigo duas camaradas de collegio ambas dous annos mais velhas do que eu: D. Luizinha e D. Leopoldina; Leopoldina era viva como você, D. Felicia; Luizinha maliciosa, como você D. Mariquinhas.

— Obrigada pelo elogio, disse esta.

— Deixe-a fallar, acudiu Felicia.

Celina continuou·

— Tres moças que se conhecem desde a infancia, que brincaram juntas, e juntas estudaram, tem sempre tantas cousas para se dizer, que a certa hora nós nos escapamos da sala, e fugimos para conservar sem testemunhas, escondidas no meu quarto; foi neste mesmo quarto! disse a moça, cortando com um suspiro sua narração.

— Neste mesmo quarto! murmuraram como admiradas daquella coincidencia, as duas ouvintes.

— Passamos muito tempo, proseguiu a Bella Orphã, a rirnos muito, lembrando-nos do passado, e de nossas travessuras; e depois misturamos com essas alegrias tantas saudades... tantas... e tão grandes, que estivemos a ponto de chorar; depois

sonhamos tambem com o futuro, e nossas cabeças de meninas o iam desenhando sempre tão bonito... tão bonito!!... emfim tivemos vontade de fallar no presente, e Luizinha deu-me um beijo, e me disse:

— Já estás moça, Celina!

— E' verdade, disse Leopoldina; já estamos todas tres moças; e, continuou ella rindo-se, aqui para nós, somos bonitas.

— E como é bom ser moça, quando se é bonita, tornou Luizinha, os velhos nos admiram, as outras senhoras nos invejam, e os moços nos amam.

— Antes todos nos amassem, disse eu.

— Como ella é!... exclamou Leopoldina rindo-se muito.

Eu fiquei admirada daquelle tanto rir, que me parecia muito fóra de tempo.

— Em parte tambem eu sou assim, tornou Luizinha; não amo a ninguem ainda; mas quizera que todos bebessem os ares por mim; quando eu passo junto de um homem, a quem vejo mesmo pela primeira vez, e elle me olha de certo modo e acompanha com a vista, ou me segue, eu gósto... eu confesso que gósto.

— Oh! sim disse Leopoldina; mas é tempo de fazermos um ajuste.

— E qual? perguntei.

— Logo que uma de nós amar, dil-o-ha em confidencia ás outras.

Eu comecei então a pensar que havia algum grande mysterio na vida, que essa palavra — amar — queria dizer.

— Pois bem, tornou Luizinha, eu estou prompta... é um bello ajuste; porque eu nunca terei vergonha de o dizer: quando amar, hei de amar bem, e a quem bem o merecer.

— Sim!... e tambem eu, disse a outra.

— Não ha de ser com seu ouro e suas riquezas que poderá um homem agreste, frio, e sem espirito comprar o meu coração.

— Oh! sim!... exclamou Leopoldina.

— Nem ha de ser o velho que poderia ser meu pae, quem, a preço de suas carruagens, ou de sua brilhante posição na sociedade, de suas commendas ou de seus palacios, ganhará a minha mão.

— Oh!... sim!...

— Ha de ser um moço... bem moço, pouco mais velho que eu... bastam quatro ou cinco annos; um moço bonito, com cabellos annelados, olhos brilhantes, dentes claros, sorrir gracioso, e

mãos finas; com espirito cultivado, genio alegre, e... não precisa ser rico.

— Ora! para que dinheiro?... acudiu Leopoldina.

— E tu que dizes, Celina?... disse Luizinha, dirigindo-se a mim.

Eu fiquei em silencio por algum tempo; mas emfim, côrando muito de minha ignorancia, perguntei:

— O que é amar?

Minhas duas amigas começaram a rir-se tanto.. tanto... que por fim causou-lhes piedade a perturbação, em que me punha a hilaridade que eu provocara.

— Pois não sabes que é amar?...

— Amo a meus paes, a meus parentes, e minhas amigas, e aos amigos de meus paes; o mais não sei.

— Coitada! murmurou Leopoldina.

— Pobre criança!... accrescentou a outra.

Eu me achava realmente confundida.

— Luizinha, explica-lhe o que é amar, disse Leopoldina.

Então Luizinha tomou uma de minhas mãos entre as della e me fallou assim:

— Celina, eu vou dizer-te que é amar um homem, que não é nosso pae, nem nosso irmão, nem nosso amigo; escuta. Nem sempre pertencemos a nossos paes; chega um dia, em que a nossa vida começa a correr de outro modo, e, deixando aquelles que nos deram a existencia, passamos a ser a eterna companheira de um homem, que deve amar-nos, e trabalhar para nós, que reparte comnosco seus prazeres, e seus pezares; que fórma com sua companheira um ente só; que é o nosso melhor amigo, e mais do que nosso irmão; ora, pois, escolher, mesmo sem se querer, sem se sentir, mas escolher com os olhos e com o coração entre mil, entre todos um homem, ao qual desejamos pertencer desse modo; pensar nelle de dia, sonhar com elle de noite, estar triste em sua ausencia, tremer de alegria e de pejo a seu lado, resistir ás ordens de um pai, que manda esquecêl-o, e lembral-o ainda mais depois disso, jurar ser delle ou de ninguem, e soffrer emfim tudo por elle; eis aqui o que é amar.

— Ah! Celina! exclamou Mariquinhas interrompendo-a; a tua camarada tinha aproveitado muito no collegio!...

— Não a interrompas, disse Felicia.

Celina continuou:

— Eu fiquei pensativa e admirada; nunca me tinha vindo ao pensamento, que se pudesse amar assim a um homem estranho.

Luizinha ainda se dirigio a mim.

— E agora, que já sabes o que é amar, Celina, é preciso que subscrevas ao nosso ajuste; que nunca sejas a companheira de um homem a quem não tenhas amor; e que, finalmente, logo que chegues a amar, nol-o digas em confidencia.

— Mas quem sabe se chegarei a amar desse modo?!! respondi eu.

Minhas duas amigas começaram a rir-se de novo; e Luizinha replicou:

— Has de chegar, Celina; o amor vem quasi sempre contra nossa vontade, e ainda contra nossa vontade se deixa ficar em nossos corações.

— E como sabes tu isso, Luizinha?...

— Ora! tornou-me ella; achei uma boa amiga que me deu as explicações que agora te estou dando.

— Quem nos diz que ella não ama já?... disse Leopoldina.

— Ainda não; mas vamos ao nosso ajuste; tu subscreves a elle, Celina?...

— Subscrevo, respondi hesitando.

— Vamos jurar! exclamou Leopoldina.

Fizemos um juramento de moças; juramos por nossa amizade, e sellamos o nosso pacto com beijos.

Descemos, e entramos na sala, onde todos notaram que eu estava pensativa e um pouco melancolica.

A's onze horas da noite retiraram-se nossas visitas.

Dahi a pouco meu pai abençoou-me, e eu subi de novo para meu quarto.

Deitei-me; minha mãe entrou, dirigiu-se a meu leito e como costumava fazer todas as noites, beijou-me nos labios e disse.

— Dorme bem, Celina.

Achei-me só.

Começaram então a ferver em minha cabeça aquellas idéas que eu tinha pela primeira vez concebido; foi-me impossivel dormir durante muito tempo; julguei que delirava; pensei que ia ficar doida, porque ás vezes parecia-me vêr ao redor de mim meninos loiros e travessos, que corriam, saltavam, chegavam-se a meus ouvidos, diziam baixinho — amar! — e fugiam de novo correndo, saltando, e rindo-se muito; outras vezes era uma mão invisivel, que estava escrevendo pelas paredes de meu quarto, e com tinta de fogo, essa mesma palavra — amar!...

Emfim, adormeci.

Mas o pensamento, que me governava acordada, não me deixou dormindo; apezar meu, a idéa unica que me occupava até no somno era essa mesma que me tinham feito conceber na palavra — amar.

Sonhei.

Eu estava em um valle coberto de verde gramma; defronte de mim erguiam-se dous montes altos, e povoados de lindas palmeiras; por entre elles prolongava-se um lago profundo, mas de aguas tão limpidas, que se lhe via perfeitamente o leito de areia de ouro.

O lago, que se continuava por entre os montes, vinha terminar-se no valle, e a poucas braças de um outeirinho, onde eu estava sentada debaixo de um caramanchão natural.

Não era dia nem noite; era a hora do crepusculo.

De repente soou uma musica doce e maviosa, como eu nunca tinha ouvido; e uma multidão de meninos semelhantes aos que eu imaginára accordada, todos elles lindissimos, loiros, muito claros e rosados, vieram com cestinhas de flores nos braços dansar ao redor de mim.

A musica soava sempre... sempre... e parecia que vinha do céo.

No fervor de sua dansa começaram os meninos a lançar flôres sobre mim; derramou-se na atmosphera um immenso perfume... deleitoso... embriagador... e a musica soava sempre tão doce... tão bella, que eu me senti adormecer entre perfumes e harmonias.

Mas era um somno de encanto, no qual eu via tudo quanto se passava no valle...

Então o mais formoso daquelles meninos tirou dentre os cabellos, que eram fios de ouro, uma setta pequenina, porém muito aguda, chegou-se a mim, e, rasgando-me o peito, arrancou-me o coração.

Eu não senti dôr, nem correu sangue; e a ferida de meu peito fechou-se de repente a um beijo, que nella deu o menino; e não ficou cicatriz.

A musica cessou immediatamente, esvaecêram-se de subito os perfumes; os meninos bateram palmas, e soltaram grandes risadas, e eu, despertando ao ruido dellas, comecei a chorar muito por vêr o cruel roubador levar o meu coração.

A poucos passos de mim o menino cavou a terra com a setta,

lançou na cova que fez, o meu coração, e cobriu-o com a mesma terra que havia tirado.

E os outros que me viam chorar muito, vieram com as mãosinhas aparar minhas lagrimas, e foram com ellas regar o meu coração, que estava plantado.

Chorei ainda, e emquanto chorei, elles regaram a terra e quando o meu pranto cessou, vi ir nascendo um arbustinho no logar onde o meu coração fôra plantado.

Os meninos mal perceberam que o arbustinho vinha brotando, correram para os montes batendo palmas e rindo-se muito.

Desceu então do céo um bello anjo, que veiu voar á roda de mim, e depois pousou entre flôres sobre o caramanchão: esse anjo tinha o rosto de minha mãe, e olhava para mim tão piedoso!...

E o arbustinho foi crescendo... foi crescendo... era uma roseira; começou a florescer e botou tres botões: um do lado esquerdo, outro da parte direita, e o terceiro em cima.

Quando os botões estavam completamente desenvolvidos, eu vi um batel que vinha sahindo dentre os dous montes, e navegando pelo lago.

O batel era lindissimo, as cortinas eram de franjas de ouro, as vélas de seda, os marinheiros tinham cintas marchetadas de esmeraldas e diamantes; e o dono do batel vestia com riqueza tal que só se vê em sonhos, e que não se póde explicar em desperto.

O dono do batel saltou no prado, e apezar de sua magnificencia, eu tive medo de seu olhar, que era feroz, de seu sorrir, que era medonho, de sas mãos, que eram de desmesurada grandeza.

E elle veiu vindo... veiu vindo... até que parou defronte da roseira.

Eu levantei a cabeça, olhei para o meu anjo, e vi-o tremendo de susto, e me olhando com expressão de dôr tão profunda, que desatei a chorar desolada.

O dono do batel não quiz vêr as minhas lagrimas...

Com ar pretencioso, com passo firme, approximou-se da roseira, e colheu o primeiro botão... era o do lado esquerdo.

Mas quando o quiz levar aos labios para beijal-o... o botão se foi mirrando... mirrando... mirrando... até que sumiu-se de todo, e se esvaiu em um sopro, que simulou um suspiro.

O meu anjo soltou um grito de prazer, e o batel e seu dono desappareceram inopinada... inexplicavelmente.

Tudo mais ficou como estava; e a roseira com os dous botões que lhe restavam.

Logo depois eu vi não um batel, mas um carro que vinha sahindo dentre dos montes, navegando pelo lago.

O carro era todo de prata, e puxado por grandes cavallos negros riquissimamente ajaezados, que, bufando, nadavam, como se fossem peixes; os criados venciam em magnificencia e luxo aos marinheiros do batel; outra vez riqueza e brilhantismo; mais riqueza ainda do que ha pouco.

E saltou no prado o dono do carro de prata; vinha coberto de vestes muito ricas e muito lindas, e tinha o peito cheio de brilhantes medalhas; mas apezar disso eu vi, que seu olhar estava amortecido, seu rosto pallido e rugoso, e suas mãos já tremulas: era um velho.

E elle veiu vindo... veiu vindo... até que parou defronte da roseira.

E levantei a cabeça, olhei para o meu anjo e vi-o tremulo de susto, e me olhando com expressão de dôr tão profunda, que desatei a chorar desolada.

O dono do carro de prata não quiz ouvir as minhas lagrimas...

Com ar tambem pretencioso, mas com passos mal seguros, approximou-se da roseira, e colheu o segundo botão... era o do lado direito.

Mas quando o quiz levar aos labios para beijal-o... o botão se foi abrindo... abrindo... abrindo... as petalas de rosa se foram uma a uma transformando todas em pennas de mil côres, até que todo o botão se metamorphoseou em passarinho, que escapou-se das mãos trémulas do velho, e voou direito para o céo.

O meu anjo soltou um grito de prazer, e o carro e o velho desappareceram como o batel e seu dono.

Tudo mais ficou como estava; sómente a roseira é que tinha dous botões de menos.

Só restava o terceiro botão.

Veiu vindo emfim por entre os dous montes, e navegando pelo lago, não um batel, nem um carro de prata puxado por cavallos negros; mas uma grande cêsta formada por um bello tecido de flôres, e conduzida por formosas garças que traziam suas azas brancas fóra d'agua.

Soou de novo a musica maviosa e doce, e as garças exhalaram por seus bicos aromas deleitosos... mas d'essa vez eu não adormeci entre os perfumes e as harmonias.

E saltou no prado um mancebo tão bonito... tão bonito...

como seus cabellos negros e ondeados, e um sorrir que era todo meiguice e ternura !... não havia nem riqueza, nem magnificencia; havia graça e belleza.

E elle veiu vindo... veiu vindo... até que parou defronte da roseira.

Eu levantei a cabeça, olhei para o meu anjo, e o vi como nadando, entre a duvida e a esperança, e olhando, ora para mim, ora para o mancebo, com ternura tanta, que eu fiquei tambem anciosa e anhelante, olhando, ora para o meu anjo, ora para o bello mancebo, que eu já temia vêr passar sem colher o botão de rosa, que unico restava.

O moço da cêsta de flôres pareceu adivinhar minha esperança, e se sorriu com um sorri rtão meigo !...

Com ar gracioso, e leves passos, approximou-se da roseira, e colheu o terceiro botão...

Mas quando o quiz levar aos labios para beijal-o, o botão se foi abrindo... abrindo... abrindo... até deixar patente todo o seu seio... não havia petalas de rosas... lá estava meu coração...

O anjo, que tinha o rosto de minha mãe, bateu as azas, e baixando o vôo, veiu beijar-me nos labios... e voou depois para o céo.

E o mancebo correu a mim para beijar-me tambem; porém eu tive medo, muito medo desse beijo, e soltando um grito... despertei.

Era dia.

Fiquei ainda uma longa hora na cama, pensando no meu sonho.

E desde então eu amo os botões de rosa sobre todas as flôres; não quero nenhuma outra flor no meu cabello; tenho por elles uma especie de culto.

Porque sempre me parece estar vendo o meu coração encerrado em um botão de rosa.

XI

Velando e sonhando

Ao bafêjo dos zephyros, e ao clarão do luar, uma joven e um mancebo velavam á mesma hora.

Essa hora era socegada, muda, mysteriosa e bella; era além da meia noite.

Depois de muito tempo, depois de tanto tempo, que já a velha Irias se não lembrava do dia em que pela ultima vez fechára as janellas do sotão do Purgatorio-trigueiro, abria-se emfim aquella dessas janellas, que deitava para o fundo, e junto della sentára-se um mancebo.

No Céo côr de rosa duas mãosinhas brancas e delicadas tinham levantado uma vidraça; e uma joven encantadora se recostára a essa janella, que era a de seu quarto, e que se abria para o jardim.

Esses dous mancebos que não podiam vêr-se, ficaram ahi silenciosos... meditando.

Respiravam ambos uma atmosphera perfumada pelas exhalações das flôres do jardim do Céo côr de rosa.

E os pensamentos que deixavam escapar essas duas almas virgens, subiam talvez ao céo nas azas de faceiras auras embalsamadas de aromas.

O mancebo, que ali estava meditando, tinha apenas vinte annos, e a moça contava sómente dezeseis.

Em que pensavam elles ?...

Tão moços, tão novos, com a ligeireza da adolescencia, com o frescor e doçura da primavera da vida, porque estão, e como podem elles dous estar presos a uma só idéa, pensativos e melancolicos ?...

A meditação pertence á velhice; e todavia aquelles dous mancebos, com os olhos no céo, e o coração na terra, meditavam tambem ....

....

Celina e Candido começavam a pagar um tributo sagrado que á natureza se deve... sem querer... sem pensar em tal, elles deviam prender-se pelos pensamentos primeiro, e finalmente pelo coração...

Tinham-se retirado as visitas, os amigos que haviam formado o ultimo serão do Céo côr de rosa; a Bella Orphã achava-se emfim a sós no seu quarto, onde duas horas antes contára a suas amigas, o sonho do botão de rosa...

Tres annos antes, tambem em uma noite, ella conversava com duas amigas, e depois viera deitar-se pensativa e triste como o fizera agora...

Marianna entrou no quarto de Celina, e abrindo as cortinas do leito, deu-lhe um beijo nos labios e disse:

Dorme bem, Celina.

E retirou-se: uma lagrima rolou pelas faces da Bella Orphã.

Tres annos antes ella estava deitada como então, e fôra sua mãe quem lhe viera beijar nos labios, e dissera:

— Dorme bem, Celina.

A semelhança dessas duas noites, a coincidencia dos factos, excitaram tanto a imaginação da moça, como a entristecia a differença, que ella notava em algumas das pessoas, que representavam nesses factos.

E como ha tres annos antes, ella ficou reflectindo, não querendo reflectir; primeiro muito triste... muito triste, pensando em seus paes que já não viviam... e depois levada por sua alma muito longe... muito longe... como a flôr que cahe na torrente, e que por ella é carregada até onde não póde prever...

Depois ella se lembrou de seu sonho... seu bello sonho, em que um envoltorio de petalas de rosa lhe escondia o coração, e um anjo com o rosto de sua mãe, velára por ella.

A Bella Orphã teve vontade de sonhar de novo... fechou os olhos, ao menos para vêr sua mãe com vestes de cherubim.

As diversas scenas daquelle sonho de virgem, que todo transpirava anjos, innocencia e flôres, se foram representando na imaginação fervente da Bella Orphã, como se ella estivesse vendo tudo...

Primeiro o formoso prado de tapete côr de esmeralda, com seu outeirinho verde e caramanchão florido, com seus montes de palmeiras, e seu lago de aguas limpidas e de areias de ouro.

Depois a multidão de escantadores meninos com suas cêstas de flôres, e a musica que vinha do céo, os perfumes que embriagavam...

Depois o seu coração arrancado, plantado e regado com suas lagrimas, e as risadas dos meninos que fugiam...

Depois o anjo com o rosto de sua mãe, que vinha velar pelo seu thesouro, guardar o coração de sua filha.

E a roseira que crescia... e os botões que nasciam...

E o rico senhor, do batel de prata que desapparecia...

E o velho do carro majestoso que se sumia...

Faltava o mancebo da cêsta de flôres...

Em vez delle, como por encanto ainda, como por um novo sonho, a despeito da vontade de Celina, que estimava talvez admirar de novo no lindo mancebo de cabellos negros e ondeados, e olhos pretos e brilhantes... em vez delle... foi-se erguendo á margem do lago um tumulo sem pompa, cuja unica inscripção

eram tres letras — P. A. — e um C. —, e junto desse tumulo, que era em tudo semelhante ao que ella vira no dia de finados erguido á memoria de seus paes, estava rezando ajoelhado um mancebo pallido e melancolico, que lhe estendia a mão, e a convidava para ir rezar com elle...

Esse mancebo tinha o rosto do filho adoptivo da velha Irias...

Celina esteve muito tempo embevecida como contemplando essa nova apparição...

Pareceu-lhe emfim notar que o mancebo a olhava com vistas tão ardentes... tão fascinadoras, que penetravam até o fundo de sua alma, que a faziam estremecer toda, e lançavam-lhe no coração um desassocego indizivel: teve medo... e, sentando-se no leito, soltou um pequeno grito.

Receou depois ter despertado sua tia; escutou... ella resonava brandamente.

Celina passou então a mão pela fronte, e sentiu que estava em fogo; parecia que um calor abrasante a suffocava, ergueu-se, e envolvendo-se em leves vestidos, dirigiu-se á janella, abriu a vidraça, e... ficou meditando.

Porque é que sua imaginação transformára a ultima, a mais bella scena de seu querido sonho, em uma scena tão solemne e melancolica? e porque principalmente em vez do mancebo de cabellos e olhos negros, lhe mostrava agora Candido tão pallido, tão triste?

Porque é que Candido a olhava de um modo tão singular, e porque tremia ella mesma á força desse olhar, e sentia no coração esse desassocego tão grande?... Como é que os olhos do homem podem ter influencia sobre o coração de uma moça?...

Celina fazia essas perguntas a si mesma, e depois procurava lembrar-se do que em realidade succedia entre ella e esse mancebo. Candido estava sempre afastado della quando vinha ao Céo côr de rosa; quasi nunca lhe dirigia a palavra; jámais, se alguma vez fallava, atrevia-se a erguer os olhos até seu rosto; mas ás vezes tambem Celina olhando de repente para elle, o encontrava devorando-a com vistas ardentes e magneticas, com olhares que a faziam estremecer e ficar desassocegada.

Por que era que acontecia tudo isso?...

A Bella Orphã começou depois a observar-se a si mesma, a estudar o que se passava dentro della, e principiou pouco a pouco a decifrar um grande mysterio.

A primeira vez que encontrára esse mancebo, encontrára-o em uma posição caridosa, e em uma occasião solemne; de joelhos, junto ao tumulo de seus paes; orava de certo por elles já mortos e talvez por sua filha ainda viva; naturalmente encontro de semelhante genero produziu viva e profunda impressão em seu animo, e nunca mais se poderá apagar nelle a imagem dessa triste, mas consoladora scena. Celina sentira, desde o primeiro momento, gratidão immensa pelo procedimento de Candido.

A velha Irias e o mancebo tinham vindo no dia seguinte agradecer-lhe um pequeno serviço, que ella lhes havia prestado no anterior; durante a visita podera examinar o joven, a quem era agradecida; e seu rosto pallido, mas expressivo, sua melancolia tocante, suas maneiras urbanas e modestas, attrahiram sua attenção, e, ao muito, póde ser que tambem a sua sympathia.

Mas Celina tinha ouvido dizer que o mancebo habitava no sotão do Purgatorio-trigueiro, e desde então nunca mais passeou no seu jardim á hora primeira do dia, com a mesma ligeireza de vestidos, e de modos como dantes; debalde porém olhava para a janella do sotão... jámais lhe apparecêra o rosto pallido de Candido.

Depois o mancebo começou a frequentar o Céo côr de rosa; e aquella sua habitual melancolia, aquelle seu passar de horas inteiras afastado de todos, alheio aos prazeres, sempre triste ou abatido, como se fôra consumido por um intenso e acerbo pesar, e aquelles olhares de fogo, que de relance dardejava sobre Celina, a fiziam perguntar a si mesma: porque elle está sempre triste ?... por que motivo me olha de modo tão singular ?...

E' incontroverso que o coração das moças chega ao amor subindo ordinariamente por uma escadinha, cujo primeiro degráo chama-se curiosidade. Aqui houve em parte uma modificação dessa regra; porque se acaso Celina ama a Candido, o primeiro degráo da escadinha deve chamar-se — gratidão — e o segundo então curiosidade.

Nesse estado dos acontecimentos, e do que dentro della se passara e se estava passando, Celina lembrou-se ainda que nas noites de serão, em que Candido se demorava em apparecer, ella se achava descontente, olhava a miudo para a porta da sala, e ao menor ruido de uma pessoa que entrava, sentia um movimento que, ou era mistura de esperança e de temor, ou era uma sensação que ella não podia explicar a si mesma; e se emfim o mancebo chegava, seu descontentamento como por encanto desappa-

recia, do mesmo modo que resistia a todos os seus esforços e a acompanhava durante o resto do serão, se Candido faltava a elle.

Lembrava-se que lhe inundava o coração um prazer immenso, quando o moço a ella se chegava, e lhe dizia a tremer algumas palavras; e não sabia porque, tendo ás vezes de responder-lhe, tremia tambem e córava...

Lembrou-se emfim, depois de mil outras lembranças, do serão que houvera nessa noite; dessa primeira vez que com Candido dansára, da perturbação de ambos elles durante toda a quadrilha; dos monosyllabos que lhe ouvira; e do fundo do coração agradeceu ao bom velho, e seu avô, que lhe fizera conhecer nessa noite, quando é que é bello o dansar.

De tudo isto era preciso tirar uma conclusão... a logica do coração estava provavelmente offerecendo á Bella Orphã uma consequencia positiva e inquestionavel, que apenas os véos da innocencia podiam encobrir ainda, quando ella foi arrancada de suas cogitações por uma voz sonora e doce, que entoava, posto que em tom baixo, um canto melancolico.

Ella escutou... o canto sahia do salão do Purgatorio-trigueiro.

A voz que cantava era a de Candido.

A noite mais bella, mais feliz dentre todas as noites da vida do mancebo, era aquella que se estava passando.

Ao terminar-se o serão deixou o Céo côr de rosa com saudades, mas sem acerba amargura que o alumbrava sempre.

O coração do mancebo estava repleto de felicidade e de esperança, e seu pensamento cheio de bellas imagens.

Estava Candido em uma dessas noites de magia em que a vida se desenha toda em tintas côr de rosa... noites de mentira, em que a imaginação nos pinta tão facil tudo que ambicionamos!

Um bom velho, cujos pés elle queria beijar agradecido, lhe marcára, durante cinco minutos, um logar junto daquella, que era em sua opinião a mais perfeita das criaturas; ahi elle bebêra o ar que ella respirava, mais perfumado ainda, que o aroma das melhores flôres; ahi tivera elle sobre as suas, duas mãosinhas mais brancas, mais livres que as pennas de uma garça; ali ouvira elle phrases, monosyllabos tão melodiosos, como harmonias moduladas por um anjo.

E depois, por detrás das cortinas de um leito virgem, que era como o brando calix da flôr, que nelle se deitava, ouvira Can-

dido a relação do sonho de uma donzella, sonho, que todo inteiro respirava amor; mas um amor tão puro, tão poetico, tão celeste, qual só caberia no coração de um cherubim...

Oh! como realmente ficaria a cabeça daquelle pobre mancebo, que tinha tambem imaginação ardente, escutando aquelle romance enfeitiçado, onde o coração de uma virgem se transformava em botão de rosa, que não podia ser colhido nem pela riqueza, nem pelas facticias grandezas sociaes, mas e sómente pelo merito distincto e real?...

Portanto, para aquella meiga pomba do Senhor Deus, para Celina, a pobreza não era um crime, não era — morphéa: — a riqueza, embora mal adquirida, não era o tudo, que governa o mundo, o bello, isto é, o merito e virtude, que são as grandes bellezas aos olhos de Deus, o bello, é que podia ganhar o — pomo da ventura — colher o botão de rosa!

Portanto, não lhe estava fechada a porta daquelle paraiso: não havia ali no alpendre do Céo côr de rosa um demonio — com uma bolsa por coração, que, ao querer um pobre penetrar naquelle sanctuario de amor, lhe bradasse com a voz sinistra dos demonios da época: "aqui não entras!"

Portanto, se elle fosse nobre e activo, se trabalhasse, se procedesse como homem de honra, se com estudo profundo e incessante mostrasse que tinha capacidade e engenho, se com a observação das leis da religião de Christo sómente (porque as dos homens ou são essas mesmas leis enunciadas com mais diffusão, e appropriadas a diversas especialidades, ou são leis falsas e barbaras), trilhasse sempre as vias da virtude, podia, tinha o direito de pretender o pomo da ventura, de colher o botão de rosa.

A felicidade enchia pois a alma de Candido; já um abysmo não o separava de Celina; já se envergonhava de confessar a si mesmo que a amava; orgulhava-se antes de amal-a, e com o coração na terra preso aos pés da Bella Orphã, e a alma voltada para o céo, e toda embebida na bondade immensa do Creador, elle concebia a mais lisonjeira das esperanças; e a cifrava em uma palavra sagrada: — Deus.

Em um momento de explosão de ardor e esperança, o mancebo sahiu da janella, e, sentando-se junto á mesa, escreveu durante muito tempo com a rapidez, e o fogo de um poeta enthusiasmado.

Quando acabou de escrever, correu ao lugar, onde estava ha tanto tempo esquecida a sua harpa, e, abraçando-se com ella:

— Oh! minha harpa! exclamou; minha querida companhei-

ra das tristezas e das saudades, vem outra vez emparceirar-te comigo; mas sê-me agora perceira na esperança.

Então, com prazer immenso e soffregidão notavel encordoou o instrumento, afinou-o promptamente, e, sentando-se de novo á janella, cantou em meia voz...

Era essa a voz, que sorprehenderá Celina no meio das revelações, que ella a si mesma estava fazendo dos mysterios de seu innocente coração.

A Bella Orphã estendeu um pouco o pescoço, e applicou apurada attenção:

Infelizmente as auras da noite levavam os sons para o lado opposto, e o cantor nocturno parecia empregar bastante cuidado para não elevar a voz, que era doce, maviosa e tocante.

Um unico verso do canto pôde ser ouvido distinctamente por Celina: ella córou escutando:

"Quem colherá o terceiro botão!"

.. ..

No dia seguinte a Bella Orphã amanheceu, e passou todo o dia pensativa e absorta.

E o filho adoptivo da velha Irias cahiu de novo em sua habitual melancolia; a noite de esperanças tinha sido uma hora de mentirosas imaginações... com a volta do dia elle encontrára a realidade... a sua desgraça.

XII

A velha

A tarde estava no seu começar.

Candido, que nesse dia se recolhêra muito mais cedo do que costumava, e que subira ao seu modestissimo aposento, ouviu gemer a escadinha do velho sotão sob o peso de alguem, que subindo vinha; pouco depois mostrou-se além da porta uma cabeça branca, e brilharam dous olhos verdes, e a velha Iris disse:

— Venho conversar, meu filho.

Isto dizendo entrou, e foi sentar-se na cama do mancebo, a quem deixou a cadeira, que unica havia no sotão.

Estiveram ambos guardando silencio por algum tempo; o moço pensativo, e como sempre melancolico, e a velha com as

rugas do semblante menos salientes, talvez pela expansão de algum prazer.

— Não te admiras, perguntou finalmente Irias, de me vêr, a mim, velha, que me vou despedindo da vida, e me avizinho da morte, alegre e prasenteira, ao pé de ti, moço, que ainda olhas para deante, e tens um futuro para viver, e estás com tudo tão abatido e triste ?... esta velhice que se sorri junto da mocidade que geme, é uma cousa pouco commum na natureza, não ?...

— E' assim, respondeu Candido; seja qual fôr a razão disso, eu dou graças a Deus pelo prazer de minha mãe.

— Mas tambem é preciso que tu saibas o que hoje não sabes ainda, e que, todavia, se envelheceres, sentirás como eu sinto. A velhice, meu filho, a velhice, que o mundo chama egoista, não tem alegrias por si, sabe sómente alegrar-se pelos outros; os paes se sorriem com a ventura de seus filhos; e aquelles que não têm filhos, amam sempre e muito alguem, e se sorriem com a ventura do seu alguem.

— Portanto, alguem que minha mãe estima muito, acaba sem duvida de alcançar uma boa ventura ?...

— Ou pelo menos não está longe de alcançal-a.

— Outra vez graças a Deus, minha mãe.

— Pois agora dá graças ainda uma terceira vez, porque já deves ter adivinhado quem é o meu alguem; quem é esse que eu amo como se fôra meu filho, e que está em vesperas de uma grande ventura.

Candido olhou fixamente para a velha, e ficou como espantado, esperando que ella puzesse bem claro o seu pensamento.

— Sim, tornou Irias; é de ti mesmo; é de ti mesmo que eu rallo.

— De mim mesmo, senhora ? !!!

— Sim; de ti mesmo.

— Uma grande ventura para mim ?...

— Quantas vezes queres que t'o diga ?...

— E não estaes zombando ?...

— Não, de modo nenhum.

— E essa ventura...

— Adivinha-a.

O mancebo, com um sorrir convulsivo nos labios, com os olhos em lagrimas, cheio de ardor e de felicidade, com as mãos postas e trementes, e um pouco curvado para a velha, exclamou:

— Vós descobristes, minha mãe !...

Sua exclamação foi um grito sahido d'alma; Irias respondeu meio sentida:

— Não é isso.

Candido, como fulminado por um raio, abandonou-se dolorosamente na cadeira, e disse:

— Vós zombastes de mim, senhora.

— Pois além dessa, não ha mais nenhuma esperança em teu coração ?...

— Nenhuma, nenhuma absolutamente.

A velha, talvez para deixar a Candido tempo de serenar-se, guardou silencio por alguns minutos, e proseguindo depois:

— Pois espero, Candido, que sejas feliz bem cedo.

— Vós esperaes, não duvido; mas quantas vezes na vida a esperança não é sómente uma illusão ?...

— Meu filho, eu devo dizer-te que essa misanthropia que te amortece, esse desespero que te vae consumindo, offende a Deus Nosso Senhor.

— Deus lê no meu coração, e sabe que eu, nada esperando dos homens, nesta vida, espero tudo delle na outra.

— E te julgas com razões bem fortes para nada esperar dos homens, e te dizeres tão sem remedio, desgraçado ?

— Creio que sim, minha mãe.

— Creio que não, meu filho.

— Oh ! senhora ! quereis que eu não veja o que tenho deante dos olhos, e que eu não sinta o que me pesa dentro d'alma ?...

— Não; mais quero que um quadro, que é sómente triste, não o faça tua imaginação pavoroso e horrivel.

— Sim... tendes razão, exclamou o mancebo com um sorrir de acerba ironia; tendes razão... eu sou muito feliz !...

A velha fez um movimento de impaciencia.

— Eu sou muito feliz ! tornou o mancebo com nova amargurada ironia.

— Candido !...

— Sim ! muito feliz !... pois então ?... é verdade que a minha vida foi um crime, meu nascimento um documento desse crime, meu primeiro vagido o sentimento de um castigo; é verdade, que apenas vi a luz, fui por minha mãe repellido... engeitado... lançado fóra por minha mãe !... Mas que importa isso !... Sou muito feliz !

Irias ficou em silencio olhando para Candido, que continuou.

— Tinha porém havido um erro na minha fortuna, repellido

por minha mãe, achei eu uma mulher que me deu seu leite, a metade de seu pão; e todo o amor de seu coração; eu vos achei, senhora; mas, para corrigir-se esse erro, aos treze annos de idade um homem, que não era meu pae certamente, um homem, de cujo semblante austéro e vestidos negros, me hei de lembrar sempre, arrancou-me de vossos braços, lançou-me dentro de um navio, e no dia seguinte eu vi desapparecer a meus olhos a terra de minha patria!... Por consequencia eu sou muito feliz!

A velha parecia de plano querer que o mancebo fosse derramando toda sua amargura para depois fallar por sua vez, e foi portanto ouvindo silenciosa aquella historia, que, sem duvida, já tinha ouvido cem vezes.

— E lá na terra extranha, proseguiu Candido, lá, quando eu começava de comprehender que vivia, e que era homem, para que nada eu comprehendesse, minha vida era um mysterio, e entre os homens todos era eu um homem isolado, só, sem um laço no mundo, sem uma doce recordação no passado, sem uma impressão deleitosa no presente, sem uma esperança passageira no futuro; sim, o navio que me levava aportou ás terras de Portugal; uma familia carinhosa, mas que eu não conhecia, me foi a bordo receber: cresci, desveláram-se em educar-me; essa familia, que pouco tinha para si, deu-me mais instrucção que a seus filhos, nada me faltava, e eu não podia saber donde tanto me vinha. Oh! senhora... exclamou o mancebo, esquecendo a ironia amarga com que até então fallára, será pois felicidade essa riqueza no meio de tanta miseria?...

A velha não respondeu.

— Oh!... comprehendeis vós acaso como é que soavam na minh'alma esses nomes sagrados de — meu pae! minha mãe! — que chegavam ás vezes a meus ouvidos, sahidos do coração de meus camaradas, que tinham uma mão de pae para beijar, e um um seio de mãe para recebêl-os?... com que dolorosa impressão, eu, desterrado da mais bella das patrias, via no meio das agitações politicas, no correr dos perigos, os homens, animar-se e progredir, arrostar tudo pela gloria da terra de seu berço, e enthusiasmados ferver-lhes o sangue ao só escutar dos hymnos patrioticos?... e comprehendeis emfim, senhora, como se me enregelava o coração, quando eu pensava nesse mysterio indecifravel, que envolvia o meu passado, e obscurecia o meu porvir?... Orphão e desterrado, sem saber nem ao menos de mim mesmo, eu devia considerar-me muito feliz, não é assim?...

A velha obstinava-se em não cortar o fio das reflexões do mancebo.

— Pois no meio dessa minha tão grande felicidade, senhora, vinha um menino que me era parceiro nos estudos e nos brincos, e me perguntava: "Candido, quem é teu pae?..." Vinha depois logo outro que me fallava assim: "Candido, tu não tens mãe?..." Vinha logo após um terceiro que me dizia: "Candido, porque tão pequeno deixaste a terra onde nasceste?" E eu só lhe respondia: não sei. E vinham depois um, dous, vinte outros que me perguntavam: "Como te chamas?... Candido, de que?" E eu que não tinha nome de familia, eu que sou só no mundo, lhes respondia sempre: — Candido — só. — E sabeis, senhora, o resultado de tudo isso?... é que apoderou-se de mim a convicção, de que eu era, de que eu sou o somenos de todos os homens; porque entre todos os homens não ha um só, que como eu, não tenha pae, não tenha mãe, não tenha nome, nem passado, nem futuro!... oh!... que até quizeram roubar aquillo que a ninguem se nega... uma patria!...

Irias nem se moveu á vista do exaggerado quadro daquella desgraça, que a imaginação ardente do mancebo traçava com tintas tão medonhas; Candido fallou ainda.

— Quereis, senhora, que vos repita ainda outras provas de minha pretendida felicidade?... quereis que eu pise minhas feridas? eu o farei. Aos dezoito annos de minha idade vestiram-me vestidos negros, enrolaram de fumo o meu chapeu; e quando eu perguntei o que queria isso dizer, responderam-me: "Morreu teu pae!" Ouviste bem, senhora?... era meu pae que tinha morrido; meu pae, que nunca me havia abençoado!!!

A velha não pronunciou uma só palavra.

— Depois deram-me uma bolsa cheia de ouro, embarcaram-me em um navio, e... se houve dia em que o prazer do coração correspondesse ao sorrir dos labios, foi aquelle em que eu vi de novo as terras de minha patria! oh!... meu primeiro, e meu unico dia de ventura foi esse; e antes desse, e depois desse nenhum outro. Eu cahi em vossos braços, corri a vêr os logares, testemunhas de meus brincos infantis; mas passada a hora do enthusiasmo... eu achei o vazio dentro de mim; eu era ainda como dantes, e como hoje, Candido — só. — Eu não tinha encontrado minha mãe!

O moço respirou e proseguiu:

— Porque é preciso que vos diga, senhora, no meio de minhas reflexões e magoas, longe da patria, quando eu pensava no

mysterio de meu nascimento, e no segredo de meu nome, uma esperança me animava; eu contava de volta á terra de meu berço achar os braços de minha mãe abertos para me receber! ah! e eu não achei minha mãe!... eu a chamo debalde ainda!...

A velha fez um movimento quasi imperceptivel, e que podia exprimir desagrado daquella magoa do mancebo; o qual sorprehendendo esse movimento, respondeu-lhe:

— Não sou ingrato, não, senhora; mas perdoai-me; vós não sois minha mãe. Será preciso para que vos socegueis, que eu vos diga o que é no entender de minh'alma uma mãe?... pois bem, ouvi-me. Uma mãe, senhora, sente nove mezes antes de todos a existencia de seu filho, e primeiro que elle nasça, ella soffre já muito por elle; se seu estado é a realização de um voto de amor sagrado e puro, ella ainda assim volve os olhos da esperança para a morte, do ventre para o tumulo!... Se pelo contrario é o effeito, a prova viva de um erro, então se torna em incessante tormento que vai crescendo pouco a pouco, e cada vez mais com o correr dos mezes; que espreme o succo de sua vergonha, que róe e dilacera sua sensibilidade com a consciencia de uma falta insanavel; e todavia ella ama seu filho, que ainda não nasceu, maldiz sua cabeça, que errou, e abençôa seu ventre que concebeu! Depois, quando elle nasce, que thesouro ha ahi que possa pagar o fervor da oração com que a mãe, cruzando as mãos sobre o seio, encommenda seu filho á misericordia do Senhor Deus?... que possa pagar o fogo sagrado de seu primeiro olhar de mãe?... a pureza angelica de seu primeiro sorrir de mãe!... a doçura ineffavel de seu primeiro beijo de mãe?... Oh!... uma mãe rasgaria suas carnes como o pelicano, para alimentar com seu sangue e á custa da propria vida, o filho de suas entranhas! uma mãe jamais desama seu filho, nunca o repelle, nunca o enjeita; e essa sociedade desalmada e immoral, que faz de uma fraqueza um crime, que olha um filho como um remorso, que se rebella contra a natureza e contra Deus, que arranca do collo materno pobres e innocentes criancinhas, lavadas em lagrimas de sangue de suas mães!... não! não! e não! minha mãe me amava por força, me adorava como o seu anjo, olhava-me... sorria-se para mim, e me beijava, e me chamava — meu filho! — foi a sociedade desalmada, e immoral quem me arrancou á força de seus braços!!!

Candido fallava, repassado de tamanha dôr, que Irias apezar de seu proposito, ia consolal-o quando elle proseguiu:

— E debalde, senhora, debalde eu me quero levantar contra essa sentença de ferro que me separa de minha mãe; não ha nem

ao menos um pyrilampo no caminho de minha vida, um pyrilampo só, que me dê alguma luz para que eu vá terrivel, e audaz arrazar esse mysterio de meu berço; sim! eu iria... pois que ninguem póde ter o direito de separar-me de minha mãe, e ella não ha de nunca envergonhar-se de seu filho! oh! mas tudo é em vão; ha longos annos que eu não penso, que eu não cogito de outra cousa; quando vou á igreja, quando eu rezo de joelhos, pensaes, senhora que eu peço a Deus honras e fortuna para mim neste mundo, e a salvação de minh'alma no outro?... não, mil vezes não; o pensamento, o objecto de minhas orações, é sempre um e unico; o que eu peço a Deus é ella, sempre e só ella... é minha mãe.

E dizendo isso, o mancebo proseguiu com voz commovida e terna:

— Porque se eu achasse minha mãe, queimaria, se eu fosse rico, toda minha riqueza, para poupar-lhe um desgosto... e ainda mesmo quando tivesse uma dôr immensa no coração, havia de rir-me para não vêl-a chorar, e daria a minha vida para não deixal-a morrer. Minha mãe, senhora, minha mãe! eu não quero nem esposa, nem filho, nem riqueza, nem gloria; eu prefiro a tudo minha mãe!

E cruzando as mãos sobre o peito, Candido terminou dizendo com accento profundamente religioso:

— Deus me ouça!

— Tens razão, meu filho, disse emfim Irias, depois de alguns instantes.

— Portanto, senhora, reconheceis que, embora involuntariamente, zombastes de mim ainda ha pouco?...

— Não, Candido.

— Como não, senhora?...

— Porque nesta vida deve o homem, quando não póde conseguir o que mais deseja, consolar-se com algum desses outros mil beneficios e favores, que Deus espalhou com profusa mão sobre o genero humano.

— Quereis explicar-vos, senhora?...

— Não é só uma mãe a mulher que se ama extremosamente na vida.

— Então?...

— Ama-se a escolhida do coração... ama-se a esposa.

— Que quereis dizer; senhora?... exclamou o mancebo estremecendo todo.

— Quero perguntar-te, se não concordas em que um moço,

como tu és, triste, desvalido e pobre, póde achar consolação e fortuna na posse de uma mulher que ame?

— Entendamo-nos, respondeu Candido serenando: um moço que fôr como eu, triste, desvalido e pobre; e que tambem tiver feito o mesmo juizo que eu faço a respeito da pureza e da dignidade do homem, póde sim achar consolação, e uma fortuna toda moral na posse da mulher, que ame, e por quem fôr amado; mas não calcula nunca a sua fortuna positiva e material sobre esse dado.

— Era pouco mais ou menos isso o que eu queria dizer.

— E para concluir o que?...

— Que tu deves amar...

— Eu amar?!! bradou o mancebo erguendo-se; eu amar?!! e com que fim?

— Para ser menos desgraçado.

— Que conselho, minha mãe!... não reparaes que ha veneno dentro dessa taça de ouro, que me trazeis aos labios?... eu amar? um pobre amar? pois não vos lembraes de que a pobreza é como a morphéa, repugnante e fatal?... a quem quereis que eu amasse?... a uma moça desvalida e pobre, como eu; unica que poderia ter olhos para me olhar?... qual seria o resultado desse amor?... cobril-a com meus andrajos?... dar-lhe metade de lagrimas para saciar-lhe a sêde? haveria felicidade nesse amor?...

— Abençoado fosse elle por Deus; que o trabalho do homem daria de sobra, o que para viver-se é preciso.

— Ou então, continuou Candido sem attender á boa resposta, que lhe dera a velha, quereis que eu fosse por ahi, com a mentira no coração e no rosto, farejar onde houvesse um cofre de ouro pertencente a uma mulher bella ou não, que pouco importava isso; pretendesse agradar-lhe, e lhe jurasse amor e ternura, e illudisse a seus paes e a ella, e a arrastasse aos pés do altar, e mentisse perante Deus! e mentisse perante Deus, repito! não, não, minha mãe; nem ao menos isso é possivel; um homem pobre já não chega ao pé de uma mulher rica; a pobreza é a morphéa.

— Não se trata disso, Candido, tornou Irias; é preciso sómente que ames; ama pois, ou pobre ou rica a mulher que amares, se fôr honesta e bella, te fará ditoso.

— Ama.., disse o mancebo; manda-se amar, como se o amor fosse o brinco de um instante, como se o amor dependesse de nós.

e não dos outros; oh! se fosse assim, eu não amaria nunca!...

— Então tu amas já?... perguntou Irias, fixando no mancebo seus olhos verdes e brilhantes.

— Quem disse que eu amava? respondeu Candido enleado.

— Amas já?...

— Quereis zombar de mim outra vez, senhora?

— Amas já?...

— Minha mãe...

— A verdade... a verdade... sómente a verdade!...

— Que quer dizer pois isto?

— Amas já, Candido?...

— Não... disse tremendo o mancebo.

— Tu me mentiste hoje pela primeira vez em tua vida; disse com austeridade Irias.

— Senhora!

— Tu amas, e amas perdidamente.

— Basta... basta de zombarias, respondeu Candido perturbado.

— Ao romper de todos os dias pela fresta daquella janella, tu segues com os olhos o objecto de teu amor...

— Minha mãe!... minha mãe!... bradou o mancebo tão espavorido, como se acabassem de romper o segredo de um crime horrivel por elle perpetrado.

— Tu amas a neta do Sr. Anacleto! continuou Irias.

—Silencio!... balbuciou o infeliz.

— Amas a Bella Orphã!...

— Candido occultou o semblante entre as mãos, e a velha proseguiu com voz animadora e doce:

— Esse teu amor, tão cheio de angelica pureza, que nunca os labios do amante tocaram a ponta dos brandos dedinhos da amada; tão innocente, que apenas, e apezar teu, na presença de Celina lh'o dizem teus olhos, e na ausencia o sonho de tua imaginação, deve ser agradavel a Deus, que ama a pureza e a innocencia.

—Ah! minha mãe! murmurou o mancebo.

— Ama, que és já, ou bem cedo serás amado; e tu e ella sereis talvez aos olhos de Deus, como dous pombos, que de longe se namoram, e que, de azas abertas, com o pensamento no céo, e os olhos um no outro, esperam o aceno de um anjo para voar, a ajuntar-se num só ninho, seguros da ventura com a benção divina.

— Ah! minha mãe! repetiu o mancebo erguendo a cabeça,

e mostrando o rosto enrubecido pelo mais bello pejo, e talvez com alguns de esperança.

— E a passagem da vida que hoje tendes, continuou Irias, para a vida que deveis não tarde viver, será como a poetica transição da noite escura e duvidosa, para o dia claro e fulgente, que um sol fulguroso abrilhanta, e zephyros perfumados suavisam.

— Oh! senhora, é que vós esqueceis sempre que eu sou um pobre, e que para o pobre não ha esperança de felicidade tão suprema como essa, que me mostraes!

— Não, não, mancebo; tu mentes a ti proprio; examina o teu coração, procura bem, e lá acharás a esperança cifrada em uma unica palavra, que é o moto sagrado e sublime da alma do justo.

— E essa palavra, essa esperança qual é?...

Irias levantou o braço, e apontando para cima com seu dedo indicador, grande e emmagrecido, disse:

— Deus.

Sentiram nesse momento que alguem subia a escada do velho sotão, e logo após, a velha escrava de Irias appareceu, e disse:

— A familia do Sr. Anacleto.

Candido não pôde conter um grito de surpresa.

XIII

O velho

Mas, antes de acompanharmos os habitantes do Céo côr de rosa em sua visita ao Purgatorio-trigueiro, justo é relatar uma scena occorrida na mesma tarde, e, talvez, ao mesmo tempo, em que succedia a que acabamos de referir. Era a hora da sésta.

Pouco mais ou menos, como acontecêra a Candido, que viu mostrar-se, além da porta do seu velho sotão, uma cabeça branca, e dous olhos verdes; assim tambem Celina, que, na hora da sésta, se achava sentada junto do seu piano, e começava a deleitar-se no estudo de suas musicas, viu apparecer uma cabeça branca e brilhar o olhar malicioso do velho guarda-portão.

Mas é verdade, que ainda não se tem idéa, nem se fez conhecimento com o velho guarda-portão.

Tambem poucas palavras serão de sobejo para que se faça uma idéa perfeita desse personagem.

A indole humana e piedosa de Anacleto tinha, dous ou tres

mezes antes do começo desta historia, chamado para o Céo côr de rosa um homem pobre e velho; e para que menos pesasse a este o beneficio que recebia, Anacleto o envolveu sob a capa de um emprego, que em sua casa lhe dava. O velho Rodrigues foi, pois, alli reconhecido como — guarda-portão, — e estabelecendo o seu quartel-general no alpendre do Céo côr de rosa, via amanhecer e anoitecer em completa inacção.

O guarda-portão da casa de Anacleto era, portanto, um criado sem exercicio, uma praça morta pouco mais ou menos; passava os dias retirado em um dos angulos do alpendre, e só ás noites, em que claro luar e doce frescor de aragem succediam a algum calmoso dia, deixava o pobre homem seu eterno posto por algumas horas, e sentando-se á porta do alpendre, cantarolava por entre os dentes algumas antigas balladas.

Era o velho Rodrigues um homem de cerca de sessenta annos, alto e de fórmas musculares; tinha os olhos pequenos, mas espertos ,e o nariz aquilino; os cabellos, que estavam já muito brancos, deviam ter sido de côr castanho escuros no tempo da mocidade, e corredios como eram, desciam então até quasi encontrar-se com as sobrancelhas, que se mostravam espessas e cerradas; de ordinario apresentava-se este homem vestido de calças de brim escuro sem presilhas, e com bolsos aos lados de jaqueta do mesmo panno, e algumas vezes com um quimão de baeta preta sobre esta.

E, ou porque o velho Rodrigues fosse homem de poucas conversas, e difficilmente accessivel para certa qualidade de gente, ou porque muitos notassem no seu habito de resguardar-se de dia em um canto do alpendre, e de só apparecer em algumas noites á porta deste, assentaram os garotos das circumvizinhanças de chamal-o por acinte — o Coruja; — de modo que, quando em suas noites de escolha o velho se mostrava, e começava de cantar suas antigas balladas, era ás vezes interrompido pelos gritos de — Coruja! Coruja! — que lhe soavam ora de um, ora de outro lado da rua, acompanhados de risotas e motejos.

Mas tão pouco se dava a disso o guarda-portão, que começava e concluia sem se interromper um velho soláo, passava por uma ballada, depois para outra e outra, até não poder mais de cansado, emquanto os garotos riam-se desmedidamente daquellas desusadas cantigas.

Pelo mesmo tempo, porém, em que começou esta historia, soffreram tambem os habitos do velho Rodrigues uma pequena modificação; foi ella devida ao amor que elle tinha á musica.

Era costume do velho Anacleto, e de sua filha, sestear al-

gum tempo depois do jantar; e a Bella Orphã, então mais que nunca em liberdade, ia sentar-se ao piano e estudar suas musicas; em uma dessas horas de estudo, a moça, sentindo ruido, e olhando para a porta, viu a cabeça branca do velho Rodrigues, que a escutava.

— Que faz ahi, Sr. Rodrigues, perguntou ella docemente.

— Escuto: respondeu o velho.

— Pois então é melhor ouvir de perto; entre.

O velho abriu a porta e entrou.

— Sente-se.

Rodrigues sentou-se junto do piano.

— Gosta de musica! perguntou a moça.

— Oh! muito! muito.

— Sim, é verdade... tambem eu lhe tenho ouvido cantar á porta do alpendre.

— Que cantar! que canto eu?... cantigas tão velhas, como eu, ou de certo mais velhas ainda, que as aprendi no collo de minha mãe, quando ella me fazia adormecer ouvindo-as.

— E que, portanto, devem ser bem caras ao seu coração.

— De certo; mas só ao meu coração.

— Tambem não é assim, Sr. Rodrigues, porque pelo menos eu tenho muitas vezes ficado esquecidamente á janella ouvindo suas cantigas melancolicas e ternas.

Está zombando de mim, senhora ?

— Oh! não! não! e tanto que lhe proponho o ensinar-me algum de seus velhos romances.

— Hoje ninguem mais gosta disso.

— Gósto eu, e lhe peço que m'os ensine.

Depois de um teimoso recusar da parte do velho Rodrigues, conseguiu emfim a Bella Orphã o que pedia; e, desde então, em todas as horas de sésta, o guarda-portão lhe ia cantar um soláo, ou uma ballada, e em troco Celina fazia ouvir suas mais bellas peças.

E havia belleza nesse cantar do velho.

Rodrigues, com seu tremulo barytono, com sua corôa de neve na cabeça, e sua melancolia do declinar da vida, parecia ainda mais proprio para a execução daquelles cantos do passado.

E havia tambem, apezar de tudo, muito interesse nesses mesmos cantos do passado.

A ballada, o soláo, o romance nacional e o canto do coração e da natureza. Não é seu unico merito o ter sido com elles que outróra nossas mães nos embalavam, no berço, e nos adorme-

ciam no collo. E' principalmente porque ha nelles a musica, a côr e o fallar da patria; e porque elles cantam o caro que se passou na terra, que nos viu nascer; porque emfim a ballada, o soláo, o romance nacional é como nós filho de uma só terra, é nosso irmão.

Celina tinha por tal modo tomado gosto por esse genero de musica, que a presença do guarda-portão em seus estudos da tarde já era para ella uma necessidade; por isso, foi com vivo movimento de prazer que ella viu mostrar-se á porta da sala a cabeça branca e o olhar malicioso do velho Rodrigues.

— Ah! exclamou ella; entre, entre, meu bom mestre de balladas; então que teremos hoje ?...

— Quasi que já esgotei tudo quanto sabia, respondeu o velho.

— Pois então repitamos tudo, quanto já ouvimos.

— Eu sei, senhora? esses pobres cantos, ouvidos mais de uma vez, perdem talvez todo interesse que podiam ter merecido.

— Não; não; vamos, Sr. Rodrigues; escolhamos um dos que já foram mesmo mais cantados; por exemplo — Lindoya.

— Esse não...

— A Tamoya feita escrava ?...

— Tambem não...

— O sino do collegio ?...

— Cantei-o já tres vezes.

— Escolha então o senhor um outro. — Pois bem, senhora, cantarei — o Sonho da virgem.

— Oh! esse ainda não o ouvi eu.

— E' um romance moderno, feito ao molde dos antigos.

— Pois bem; vamos a elle.

O velho começou com voz pausada e melancolica a cantar assim :

O SONHO DA VIRGEM

Era um dia um mancebo qu'ardente
Pobre vida esquecido vivia,
E uma virgem formosa, innocente,
Qu'outra igual não se viu, não se via.
Quem separa o ardor da belleza ?...
Um abysmo fatal: — a pobreza.

O mancebo a donzella adorava ?...
Quem o sabe?... ninguem delle ouviu.
Em seu peito esse amor sepultava,
Se o amor em seu peito nutriu,
E se amava, era triste esse amar:
Era um mudo e terrivel penar.

E se amava, quem disso curou ?
Quem ouvira do pobre o gemido ?...
Se o seu peito um ai só desatou,
Foi um ai no deserto perdido.
E podia alta e nobre donzella
Vêr um pobre chorando por ella ?...

O que é feito da virgem, do pobre ?...
Quando o dia voltar t'o direi:
Negro manto da noite nos cobre
Ella dorme... mas elle... não sei
E, na terra das trevas do véo
Vagam sonhos... mysteriosos do céo.

Eis a virgem... num valle formoso,
De tapete de relva coberto,
Assentada em outeiro mimoso
Vendo um lago, que mora alli perto:
Cobre-a tecto de mil trepadeiras:
Ha dous montes, que c'roam palmeiras.

Vem dos montes meninos amores,
Em seus braços cestinhas trazendo:
Tiram dellas e espargem mil flôres
Sobre a virgem, que os olha tremendo
E os amores seus jogos seguindo
Vão brincando, dansando, e se rindo.

Sôa um canto dormente, mavioso,
Que entoado no céo parecia,
Já das flôres ao bafo qloroso,
E perfumes o ar recendia:
E a donzella, que tanto sentiu,
Entre effluvios e cantos dormiu.

E um menino com setta afiada
Rasga o peito da virgem então,
E com habil mãozinha apressada
Rouba o puro, feliz coração.
E a ferida nem sangue jorrou,
Nem doeu, antes logo sarou.

Despertou a donzella assombrada
Com os clamores do bando loução:
E a chorar desatou desolada
Vendo o roubo do seu coração.
E o cruel, o fatal roubador
Foi na terra plantal-o, qual flôr

A donzella chorava... chorava...
E os meninos as mãos ajustaram.
E correndo p'ra onde ella estava,
Nas mãozinhas seu pranto apararam;
E vão todos com gesto apressado
A regar, o que estava plantado.

E nasceu um arbusto mimoso...
E do céo um anjinho baixou,
Que fiel, vigilante, piedoso
Pela virgem constante velou:
E esse anjinho amoroso, que vêla,
Tem o rosto da mãe da donzella...

Já o pranto da virgem seccou,
E o arbusto nascido cresceu;
De folhinhas mimosas se ornou;
O seu caule de espinhos se encheu.
Coração de uma joven formosa
Brotou linda roseira viçosa.

Os meninos fugiram p'ra o monte,
Tres botões a roseira brotou,
Dous ao lados um doutro de fronte,
E o terceiro superno ficou.
Estava alli no envoltorio da flôr
Um segredo, um mysterio de amor.

Veiu então pelo lago descendo
Um batel, que em riquezas primava,
Tudo quanto ia nelle se vendo
De tão rico e brilhante offuscava;
Té que em terra seu dono saltou;
E a donzella que o viu... trepidou.

Era rico; mas torvo no olhar,
E feroz, no sorrir causa susto;
Veiu vindo... e em fim té parar
Mesmo junto do florido arbusto;
E a donzella p'ra o seu anjo olhando,
Soluçou, porque o viu soluçando.

O seu braço monstruoso estendeu
P'ra roseira o opulento senhor;
Dos botões o da esquerda colheu...
Sôa um grito de susto e de dôr;
E o tyranno sem nada escutar
O colhido botão vai beijar.

Porém pára espantado... sentido...
Frio... pallido spectro ficando,
Que o botão encantado, colhido,
Vae-se todo mirrando... mirrando...
Esvaiu-se... mais fórma não tem,
E o batel, e seu dono tambem

Veiu então pelo lago chegando
Bello carro de prata formado,
E rinchando, bufando, nadando,
Os ginetes que o trazem puxado,
Té que em terra seu dono saltou,
E a donzella, que o viu... trepidou.

Era rico; mas velho e cansado
Todo em rugas o rosto mostrou;
Veiu vindo a um bastão arrimado,
Té que junto do arbusto parou:
E a donzella p'ra o seu anjo olhando,
Soluçou, porque o viu soluçando.

O seu tremulo braço estendeu
Pr'a roseira o tão velho senhor,
O botão da direita colheu...
Sôa um grito de susto e de dôr,
E o tyranno sem nada escutar
O colhido botão vai beijar.

Porém pára espantado... sentido...
Frio... pallido spectro ficando;
Que o botão encantado. colhido
Vai-se em linda avezinha tornando..
Bate as azas... p'ra o céo já fugiu;
Velho e carro?... quem foi que os sumiu?...

Veiu em fim pelo lago descendo,
Não um carro. nem rico batel,
Nem riquezas, nem luxo trazendo
Vasos douro repletos de fel;
Mas sómente uma cêsta de flôres
Que teceram benignos amores

Já o ar outra vez recendia.
E outra vez doce canto se ouviu;
Entre effluvios e a terna harmonia.
A donzella porém não dormiu:
Bello jovem em terra saltou;
Porqu'a virgem não mais trepidou?...

Era lindo o donzel... tão formoso...
Seu sorrir tem feitiços de amor:
Veiu vindo... e parou cubiçoso
Como em extasis olhando p'ra flôr:
E a donzella p'ra o seu anjo olhando,
Suspirou, porque o viu suspirando.

O seu braço gracioso estendeu
P'ra roseira o dilecto de amor,
O terceiro botão já colheu...
Não se ouviu mais o grito de dôr.
E o mancebo com fogo e paixão
Vae beijar o colhido botão.

Porém pára... enlevado... perdido...
O presente de amor contemplando.
Que com tanta ventura colhido
Pouco a pouco se vae desfechando,
E offerece, em logar de botão,
Da donzella o feliz coração...

Bate as azas o anjo contente,
E primeiro baixando o andejo,
Da donzella tão pura, innocente,
Vae nos labios deixar santo beijo:
E saudoso alça então vôo seu
Para sua morada... no céo.

E o mancebo feliz... bello... ardente
Corre á virgem com vivo fervor,
E sem vêr, que ella é toda innocente,
Quer tambem dar-lhe um beijo de amor,
Mas a virgem tremeu... não ousou...
E um grito soltando... acordou.

. . . . . .

O que é sonho?... é verdade ou chimera?...
O que é sonho?... é alma que véla,
Que vagando por mais alta esphera
Do porvir os arcanos revela ?...
O que é sonho?... futuro sem véo ?...
O que é sonho?... — mysterio do céo.

Mas que é feito da virgem, do pobre?...
Já o dia voltou: — Vou dizer:
Seu amor denso véo inda cobre;
Que elle ama não posso esconder;
Porém teme... receia... não diz;
Porque é pobre, por isso infeliz.

E a donzella formosa, innocente,
Inda livre, inda isenta de amor
A ninguem ganhar della consente
De seu sonho um botão... uma flôr;
Pois no rubro virgineo botão,
Julga vêr seu feliz coração.

E o mancebo, que tinha tentado
A paixão, que nascia, abafar,
Hoje a ella de todo curvado
Stá com os olhos no céo a clamar:
"Quem não fôra nascido; — ou então
"Quem me déra o terceiro botão!..."

Longo tinha sido o cantar do velho, e durante todo elle, mil, e diversas sensações havia experimentado a Bella Orphã.

Um segredo de seus mais bellos dias, o primeiro romance de sua alma de moça estava revelado.

Quem o revelára ?

E sobretudo havia alli naquelles versos a expressão e a confissão de um amor profundo, mas temeroso..., era o poeta, que amava a bella.

O primeiro pensamento de Celina foi perguntar ao velho Rodrigues o nome do autor daquelle romance; córando, porem, diante de sua consciencia de virgem hesitou...

O velho estava em pé diante della com seus olhos pequenos, porém penetrantes, fitos em seu rosto, e obrigando-a a abaixar a cabeça.

Em fim, Rodrigues rompeu o silencio.

— Está triste, senhora ?...

— Não ! respondeu ella.

— Mas tambem ninguem a julgará alegre.

— Tambem não estou alegre.

— Ah !... está pensativa.

Celina olhou para o velho guarda-portão e o achou sorrindo-se maliciosamente.

— De que se está rindo assim ? perguntou.

— E' porque estou adivinhando o pensamento, que a occupa.

— E qual é ?...

— Deseja saber a historia do meu romance, o nome da virgem innocente, e do mancebo pobre, não é assim ?

— E' verdade: respondeu Celina hesitando.

— Pois eu vou satisfazêl-a.

A Bella Orphã córou.

— Não sei o nome da virgem, disse o velho.

— E o do mancebo ?... perguntou Celina respirando.

— Esse eu o sei. E' um jovem modesto, e cheio de merito, porém pobre: elle ama apaixonadamente, ama como nenhum

outro poderá amar mais do que elle; mas o seu amor morreria no silencio de seu quarto, se uma generosa e traidora mão não roubasse nesse romance a confissão delle tão extremosa e tão pura...

— Mas quem é elle ?...

A bella queria conhecer o seu poeta.

O velho Rodrigues estendeu a mão para o lado do Purgatorio-trigueiro, e apontando com seu longo e tremulo dedo, disse:

— E' o Sr. Candido.

E como se tivera concluido uma commissão importante, de que se encarregára, sahio com passos vagarosos da sala.

A Bella Orphã ficou pensando muito tempo no mesmo logar, e quando se levantou, disse, como fallando comsigo mesma:

Deveria ter adivinhado... ante-hontem á noite, quando eu meditava, elle tambem meditou... e cantou depois, sem duvida, este mesmo romance; porque eu me lembro de ter ouvido distinctamente dizer a sua voz:

— Quem colhêra o terceiro botão !...

XIV

O moço e a moça

Approximava-se a hora encantada do crespusculo vespertino.

A' calma abrasadora de um dos primeiros dias de Dezembro, succedêra uma dessas tardes frescas e bellas, que fazem as delicias dos paizes tropicaes.

Uma multidão immensa pejava as alamedas, os dous pequenos largos, e o terraço do passeio publico da boa cidade do Rio de Janeiro. Era como uma tarde de festa.

Entre os novos concurrentes que a todo o instante formigavam, quatro vieram, emfim, que attrahiram a attenção de muita gente: eram um homem e uma mulher velha; e um homem e uma mulher moça.

Vinham os dous ultimos adeante, e seguidos pelos velhos; tão facilmente se lia a serenidade no semblante destes, como a perturbação no dos primeiros.

Estava a moça muito córada, e quasi anciosa; e o moço pelo contrario, muito pallido, e como que abatido; traziam ambos

os olhos no chão, e não se diziam palavras, eram porém ambos bonitos; a moça principalmente era muito bella.

Vinha ella de vestido de escomilha côr de rosa e em corpinho, com os cabellos á napolitana; não trazia nem brincos, nem adereço, nem pulseiras; mas sim lindissimos braços nus, pois que o vestido era de mangas curtas, e ao mesmo tempo tão comprido, que apenas ás vezes se descobria a ponta envernizada de suas pequeninas botinas. Uma fita azul, larga de dous dedos, e enlaçada na cintura, era, ao demais, o seu unico ornato.

O moço vestia sobrecasaca e calças de merinó preto, gravata da mesma côr, e cellete de fustão branco lavrado; tinha, fechando-lhe o peito da camisa, um simples botão de ouro pequenino e liso; trazia os cabellos muito curtos, chapéo de castor preto, e botinas de couro de bezerro.

A velha estava vestida todo de preto, e tinha na cabeça um chapelinho da mesma côr, mas de palha, com enfeites de fitas roxas.

O ancião, emfim, vinha de sobrecasaca de panno côr de rapé, gravata preta, collete e calças brancas, trazia uma grossa corrente de ouro, muito fóra da moda prendendo o relogio, e pendendo de uma fita negra, sua grande luneta de aros de prata; tinha na cabeça um chapéo de patente, e calçava sapatos inglezes.

Seguiram estes quatro personagens a rua, que em linha recta vai do portão do passado terminar-se no largo principal, e defronte do outeiro artificial chamado commummente — Cascata. — De caminho foi o velho cumprimentado como amigo por alguns; trazia a moça muito no chão os olhos para o ser tambem; ninguem, todavia, deu fé de conhecer a velha nem o moço.

Os dous velhos, conversando um com o outro sem cessar, nada ouviram do que se poderia estar dizendo em derredor delles; outro tanto não acontecia aos mancebos, que, em silencio caminhando, tinham por consequencia mais apurada a attenção.

Já por vezes lhes tinha chegado aos ouvidos ora um elogio á belleza da joven, ora as meias palavras e o ruido das risadinhas de duas moças ao apuridar-se; quando ao passarem por junto de dous mancebos, disse um delles:

— Olha... ahi vão dous irmãos ou dous noivos.

— Nem uma nem outra cousa, respondeu-lhe o companheiro.

— Porque ?

Porque se fossem irmãos conversariam, e se fossem noivos se estariam dizendo finezas.

— Então são namorados.

— E' o mais provavel.

A perturbação do moço e da moça foi tão visivel então, que não pôde escapar aos olhos de seus observadores.

Depois de alguns passos mais, a moça disse ao seu companheiro com voz quasi sumida:

— Conversemos... senhor...

Mas foram indo sempre calados como até então.

Desde, porém, que aquellas palavras chegaram aos ouvidos da moça, qualquer fraco ruido, o sussurrar de uma conversa a pouca distancia travada, tudo, em uma palavra, a assustava; tudo lhe parecia estar repetindo aquelle insulto feito á sua innocencia:

— São namorados.

Chegaram emfim aquellas quatro personagens ao largo principal, e ladeando-o pela direita, entraram no caramanchel d'esse lado e sentaram-se nos bancos de pedra.

Ficaram então todos quatro descansando em silencio debaixo daquelle bello tecto de jasmins da India, e como se a melancolia dos dous moços se houvesse propagado aos velhos, estiveram estes tristes e suspirando, até que o ancião quebrou inopinado o silencio, dizendo:

— Então!... que quer dizer isto?... vimos passear e divertir-nos, e estamos tristemente olhando uns para os outros?...

— Parece, respondeu a velha, que estes meninos pegaram-nos sua tristeza.

— Não, tornou aquelle; não mintamos a nós mesmos: queres saber, Celina, porque nossa velha amiga se tornou de subito melancolica?... quer saber, Sr. Candido, porque me succedeu o mesmo?...

Os dous mancebos levantaram pela primeira vez os olhos, e os fitaram em Anacleto, como dizendo cada um delles: — quero.

— E' que nos estamos lembrando do passado! disse Anacleto.

Irias murmurou tristemente:

— E' verdade! é isso mesmo.

— E' que vemos ir-se tudo mudando em torno de nós; e que sentimos irem morrendo uma a uma todas as testemunhas de nossos gozos dos bellos annos... e aqui mesmo, a não serem essas arvores copadas que resistem ao tempo. e essas duas pyramides, que não sei por que milagre não se lembraram ainda de lançar por terra, nada, nada mais haveria do que era nosso!

tudo teria morrido... tudo estaria mudado, pois que até se matam os nomes!

— E' verdade! tornou a velha.

— Vós, mancebos, não sabeis nada disto! houve no entanto um tempo, uma época como outra não haverá mais nunca para esta cidade; eu era então moço como vós, e vi e gozei tudo isso; havia paz e ventura para todos, e cada noite era uma noite de festa; os moços sahiam tocando e cantando pelas ruas suas musicas suaves; as familias reuniam-se em uma só familia para gozar prazeres innocentes; dormia-se com as portas abertas, e nunca um malfeitor entrava por ellas... Tudo porém acabou, e este mesmo logar, onde tão bellas horas se passavam, já talvez nem dellas lembrar-se póde, porque emfim tudo está mudado... vossa civilisação matou tudo isso!

Ninguem respondeu.

— Vistes, continuou Anacleto depois de curto silencio, vistes aquella rua que vem direito ao portão deste passeio?... vós hoje chamaes — *das Marrecas* — e nós chamavamos então — *das Bellas noites*: — comprehendeis o que significava este nome?... era a demonstração viva do prazer, da felicidade que fruia a multidão immensa de ambos os sexos, que passava por essa rua para entregar-se a gozo puros aqui. Sobre estas grandes mesas, junto de uma das quaes estamos, ceavam familias a quem os laços de amizade ligavam, e nas quaes havia ás vezes um mancebo, e uma moça que não tarde se ligaram por outros laços mais doces ainda; oh! quantas vezes de baixo deste carramanchel, ou em um passeio, ali por aquellas ruas sombrias e solitarias, não teve origem um terno sentimento, que foi logo depois fazer a felicidade de duas criaturas!...

Uma leve onda de rubor passou ligeira por sobre as faces de Celina, ao mesmo tempo que Candido fez-se mais pallido ainda.

Irias até então distrahida, começava a observa-los, fitando ora na moça, ora no mancebo seus olhos verdes.

Anacleto proseguiu:

— Que é feito daquelles nossos dous pavilhões quadrangulares com sua estatua de Apollo coroando o do lado direito, e com a de Mercurio e do esquerdo?... vossos dous torreões octogonaes poderam fazel-os esquecer?... desconfio muito que não; pelo menos eu me hei de lembrar sempre do pavilhão da direita com seu tecto de arabescos, palmas e flôres sobre fundo branco, todos formados de pennas de diversas côres; com suas sobre-

portas de baixos-relevos de passaros de nossa terra, feitos á custa de suas proprias pennas; pelo menos eu me hei de lembrar sempre do pavilhão da esquerda com seu tecto de arabescos, palmas e flôres sobre fundo azul, todos formados, não já de pennas, como o outro, mas de lindas conchinhas, com suas sobre-portas ornadas de relevos de peixes de nossos mares, feitos á custa de suas proprias pelles; tudo isso era bello, era bem acabado, era obra de genio; mas tudo isto está morto e morto ficará, porque vós não tendes para resuscitar tantas bellezas o homem que nós tinhamos, o nosso — Xavier dos passaros. — Sim! sim!... tudo está mudado; mudou mesmo a indole, mudaram os habitos, e é outro hoje o espirito da população.

— E' verdade! disse ainda a velha Irias; mas tendo sempre os olhos fitos ora em Candido, ora em Celina.

— E nós, que isso sentiamos, que por tudo isso passamos, soffremos agora ao avistar estes logares, onde tanto gozamos, uma melancolia profunda, uma saudade immensa do nosso passado e ao mesmo tempo uma dor aguda e terrivel, quando pensamos que os prazeres, as bellas festas, os jardins, e os edificios têm todos mudado de face, todos cahido, todos emfim morrido, que daquella época nós e poucos mais restamos, e que quando tambem morrermos, só teremos do nosso tempo algumas folhas de arvores seculares, para cahir sobre a tumba que nos cobrir.

Ficaram de novo todos quatro em silencio por algum tempo, e ainda tristemente, até que Anacleto de novo fallou.

— Mas vós tambem estaes tristes, e todavia vossa tristeza em nada se póde parecer com a nossa! o que vos acanha, meus filhos?... não podeis chorar o que nós choramos, porque não bebestes na taça de nossos gozos; choraes sobre o presente por ventura?... porém, meus filhos, não sentis que o futuro se está sorrindo sempre para a mocidade?...

— A's vezes não, disse o mancebo fallando pela primeira vez.

— A's vezes não ?!!! tornou Anacleto: sim; elle tem razão; ás vezes parece que o homem traz de dentro do ventre materno a sina de soffrer, de sempre chorar, e não rir nunca nem uma só vez na vida! Mas será crivel que o senhor pertença ao numero desses homens desgraçados?...

— Pertenço, Sr. Anacleto, respondeu Candido, pertenço ao numero daquelles que soffrem... e calam.

Anacleto olhou com interesse para o mancebo, e não julgan-

do a proposito encetar uma conversação sobre tal assumpto naquelle logar, disse pouco depois:

— Meus filhos, passeae... se amaes a multidão, lá está o terraço cheio de povo; se preferis o silencio, tendes as alamedas sombrias... ide...

— E vós, meu avô?... perguntou Celina.

— Eu fico: tenho muito de que fallar á Sra. Irias; somos dous velhos que estamos voltados para o passado; ide vós pois, que tendes o rosto para o porvir.

— Oh! não, tornou a moça; nós queremos ficar e ouvir-vos... preferimos isso...

Anacleto pegou levemente na mão de Celina, fez com que a moça se erguesse, e entregando-a a Candido, disse:

— Não, eu quero ficar só com a Sra. Irias; e o Sr. Candido, Celina, é um cavalheiro honrado e nobre, que póde passear a sós comtigo; ide!

Celina tocou com a ponta de seus dedinhos o braço que lhe offerecia Candido, e sahiram ambos do caramanchel; ella, como no principio, muito córada, e elle muito pallido.

Foram os dous mancebos para o caminho do terraço; a multidão pareceu talvez a ambos uma defesa contra sua propria perturbação. Quando elles subiam a escada do extremo direito do terraço, Irias ainda tinha sobre ambos fitos os olhos, e os acompanhava com um sorrir eloquente; mas ao vêl-os chegar ao ultimo degrau, Anacleto, estendendo o braço e apontando para Candido, disse a Irias:

— Estamos em completa liberdade; e eu posso desvanecer-me de merecer a sua confiança; diga-me, senhora, quem é aquelle mancebo que leva pelo braço minha pupilla e neta?...

— O que quer saber, senhor? pergunta-me pela historia de sua vida, ou por suas qualidades?...

— Penso ter bem apreciado as ultimas; mas ignoro tudo da primeira.

— Tambem o que eu sei não poderá satisfazer-lhe.

— Diga-me sempre.

Começou Irias a fallar, em voz porém tão baixa, que a não podemos ouvir.

No entanto, Candido e Celina tinham-se entranhado no coração da multidão: nas portas dos torreões, sobre os bancos de marmore e azulejos, que entremeiam a bella cortina, que guarnece em quadro o terraço, sobre o parapeito de grossas grades de ferro, que olham para o mar, subindo emfim pelas quatro esca-

das, havia sempre multidão. Celina pensava que melhor se esconderia no meio della; Candido era escravo da inercia, iria para onde o quizessem levar, e sobretudo respeitava o desejo de uma senhora.

Mas Celina se illudira; um homem sim, uma mulher não, nunca se esconde na grande concurrencia, porque, onde existe uma mulher, principalmente moça e bella, todos os olhos se fitam sobre ella.

Que importa que a mulher traga os olhos baixos? os observadores perguntam e indagam porque ella os não traz levantados; porém se os trouxer bem erguidos, os observadores hão de indagar ainda porque os não traz ella no chão.

Mas quasi ao tocar a extremidade esquerda do terraço, quando o par incomprehensivel tinha atravessado todo aquelle extenso quadro sem dar fé das bellas jovens, e elegantes mancebos que por ali vagavam, Celina, no momento em que se voltava para repetir o mesmo passeio, vio em um volver d'olhos os mesmos dous mancebos que já uma vez tinha encontrado, e a haviam feito córar, e que ora a observavam de uma das janellas do torreão esquerdo.

Um dos observadores tinha o braço levantado, e mostrava-a com o dedo; ambos se estavam rindo como de intelligencia.

A brisa da tarde trouxe aos ouvidos de Celina as mesmas palavras da outra vez:

— São namorados.

A perturbação da moça redobrou; ella comprehendeu que havia alguma cousa de singular nelles dous; lembrou-se desse silencio obstinado que ambos guardavam dessa melancolia que os fazia notaveis, e temendo já a multidão, ao chegar á primeira escada do centro, que desce ao lado da cascata, ella deixou o braço de Candido e disse:

— Desçamos, senhor... vamos passear... conversemos... por quem é... conversemos.

Candido levantou os olhos e viu o rosto de Celina ainda mais embellecido pelo rubor do pejo... uma leve excitação nervosa lhe fazia palpitar com força o coração, e lhe inundava o seio de voluptuosidade; Candido respondeu tremendo:

— Conversemos; e ficou ainda calado.

— Oh! vamos passear pelas alamedas... leve-me para as menos frequentadas... eu aborreço a multidão... mas conversemos!

— Vamos para as alamedas... murmurou Candido.

Os dous mancebos, que observavam desde o principio Candido e Celina, perderam-os de vista ao voltar de uma alameda.

Candido e Celina passeavam a sós.

Temendo a multidão como a um inimigo, procuravam as ruas solitarias; ahi reinava o silencio; as arvores cruzando seus ramos deixavam apenas passar raios de uma luz duvidosa... sopravam brandos favonios, que vinham travessos entender com as folhas, beijar as flôres, e espalhar os perfumes, que das ultimas roubavam...

Celina tinha-se já esquecido dos dous mancebos... e pensava sobre o romance, que nessa tarde lhe havia cantado o velho Rodrigues...

Candido lembrava-se do que ainda ha pouco tinha ouvido da velha Irias.

Não conversavam... não se diziam palavra... fechava a bocca de ambos esse pudor angelico do primeiro amor; mas o primeiro amor diz tudo no seu eloquente silencio, diz mil vezes mais do que em seus longos discursos dizem esses amores velhos, gastos, que, já não têm originalidade nem pureza, e que fallam muito, porque sentem pouco.

O primeiro amor respira virtude e castidade; é a exhalação do sentimento puro e santo que Deus soprou em nossa alma... exhalado esse, os outros são feios arremedos, que nunca se podem parecer com elle.

O primeiro amor não falla... quasi que não olha; suspira e treme; mas nessa linguagem muda diz muito... diz tudo.

Candido e Celina não fallaram, mal se olharam; suspiraram porém, tremeram.

Ao crepusculo recolheram-se ambos ao caramanchel, onde Anacleto e Irias conversavam ainda.

Em todo passeio Celina só observou um phenomeno: quando sua mão tocava menos de leve o braço de Candido, o mancebo estremecia involuntariamente. Candido pôde apenas notar que, se alguma vez seus olhos encontravam os de Celina, a moça córava muito, e mostrava-se enleada.

E no fundo do coração ambos elles se haviam perguntado, o mancebo, porque era que aquella moça córava?... a moça, porque era que aquelle mancebo tremia?...

Elles se amavam.

Os quatro personagens de que temos fallado, deixaram emfim o passeio publico.

Quando de volta se achavam exactamente defronte do Pur-

gatorio-trigueiro, um carro puxado por dous cavallos brancos se despedia do portão do Céo côr de rosa, e passou perto delles.

— O carro do Sr. Salustiano, disse a velha Irias.

A noite escondeu um movimento de despeito, e um olhar de colera que escaparam ao velho Anacleto.

Entraram todos quatro no Céo côr de rosa.

XV

O senhor e a escrava

Meia hora depois que Anacleto e Celina tinham sahido para se dirigirem ao passeio publico, um carro parou junto do alpendre do Céo côr de rosa, e Salustiano apeou-se delle.

Marianna, que o recebeu, estava só na sala.

Apresentou-se Salustiano com ar triumphante; a filha de Anacleto estava pelo contrario pallida, mas com semblante desdenhoso.

Sentaram-se ambos muito perto um do outro; houve um curto silencio, e Salustiano fallou primeiro:

— Emfim, estamos um momento a sós, minha senhora!

— E' verdade, respondeu com voz segura Marianna, eu prepararei este momento.

— Como?...

A viuva levantou-se, foi fechar a porta da sala, e tomando de novo o seu logar:

— O senhor m'o havia exigido, disse; no serão de antehontem despediu-se de mim com estas palavras: "depois de amanhã ás cinco horas da tarde!" não foi assim?...

— Ah! sim... creio que sim; respondeu Salustiano, fingindo que se lembrava.

— E eu para obedecer-lhe, menti a meu pae; convidei-o para passear hoje á tarde, e na hora de sahir queixei-me de um pequeno incommodo, e forcei-o com rogos a fazer o passeio só com minha sobrinha.

— V. Ex. é a mesma bondade!... disse o moço com insolente ironia.

— Oh! não! senhor; fallemos seriamente; não ha bondade da minha parte, nem polidez da sua; o caso é simples; aqui está um senhor e uma escrava.

A firmeza com que Marianna pronunciou essas palavras, obrigou Salustiano a fazer um movimento de admiração.

— Porque, continuou ella, eu comprehendo perfeitamente o que sejam as ceremonias, e as etiquetas em uma assembléa; mas quando se acham a sós, e cara a cara duas pessoas, que se procuraram adrede para tratar de uma questão cuja base, apezar de ser um segredo, é de ambos conhecida, para que, senhor, estar com vãs palavras encobrindo uma triste verdade ?... para que vestir em bellas roupas um horrivel esqueleto ?...

Mas emquanto Marianna assim se exprimia, retomára Salustiano seu sangue frio habitual, e já com seu insolente e costumeiro sorriso nos labios, respondeu em tom de gracejo:

— E', minha senhora, que eu tenho minhas tendencias para diplomata.

— Menos isso, senhor, tornou Marianna; póde sim um homem, imprevistamente dono do segredo de uma mulher, impôr-lhe por preço de seu silencio, condições indignas; isso será apenas vilania... baixeza d'alma; mas ridicularisar essa mulher, senhor ? ! ! oh já não é só vilania, é infamia !

— Senhora ! disse Salustiano.

—E preciso é que me conheça bem, faça justiça a meu caracter. Se tenho tremido, se me tenho humilhado a seus olhos nas sociedades, é porque me curvo ante a pureza dos outros, e nunca porque dobre os joelhos ao seu poder; quando estivermos sós, eu hei de conservar-me sempre na minha posição, alta, elevada muito sobre a sua; porque a victima é sempre menos infame do que o algoz. A quem eu temo, a quem eu respeito, não é o senhor, é as almas nobres.

— Senhora !...

— Nada de falsas posições entre nós, continuou a viuva: o que somos ambos, ambos o estamos vendo: eu sou uma mulher indigna, e o senhor é um homem baixo e vil; supponhamos agora, que nenhum de nós tem pejo, e fallemos claramente um ao outro, como dous sicarios, que tratam de um crime. Eis-aqui como deve passar esta hora entre nós dous; creio que tórno tudo muito facil. O que quer o senhor de mim ?...

Aquella mulher alta, bella, morena, de olhos cheios de fogo, orgulhosa e vehemente, dava incrivel força a suas palavras; com seu olhar ardente humilhava Salustiano, que ficou de novo espantado, e em silencio junto della.

A viuva repetiu a pergunta que já havia feito.

— O que quer de mim, senhor ? ! !

— Confesso, senhora, disse Salustiano, que não vinha preparado para uma conversação da natureza, que parece desejar; todavia, pois que assim o quer, esforçar-me-ei por mostrar-me sem pejo, e fallar-lhe como um sicario que com outro conversa sobre um crime.

— Bem; é isso mesmo; o que quer pois ?...

— Primeiramente quero saber quem é este mancebo que tão assiduamente frequenta a sua casa, e a quem ouço dar o nome de Candido.

— Sei que se chama Candido.

— E mais nada ?...

— E mais nada.

— Vamos mal, senhora; não vi, como desejava, satisfeita minha primeira pergunta; desvaneço-me porém de esperar, que uma exigencia que agora farei, será completamente, e cedo cumprida.

— E o que exige o senhor ?... perguntou Marianna.

— Que as portas desta casa sejam fechadas a esse mancebo.

— Quem abre e fecha as portas desta casa a todas as pessoas não é a filha, é o pae.

Salustiano levantou os hombros, e disse:

— Embora; eu o exijo.

Mordeu Marianna os labios de despeito, e depois perguntou:

— E porque ?... e para que havemos de fechar as portas desta casa a esse infeliz moço ?...

— Já o disse uma vez, senhora, porque eu o exijo.

— Oh !... e crê que ha de ser humildemente obedecido, não é assim ?...

— Tenho a certeza disso.

— Senhor ! senhor !... exclamou a filha de Anacleto; não comprehende que isso é já muito abusar ?... oh ! um cavalheiro zombando, insultando uma mulher, porque sente que ella não tem por si quem a defenda; que existe abatida com a consciencia de um crime ! mas um cavalheiro deve sentir, que quando chega a exaltação, quando mais não póde soffrer, quando emfim determina vingar-se, uma mulher vale o dobro de um homem; porque de ordinario o homem sabe sómente matar, e a mulher sabe tambem morrer.

Salustiano começava a rir-se.

— O senhor se está ahi rindo, porque não sente que estas palavras pronunciadas por uma senhora á face de um cavalheiro

equivalem á maior das affrontas, que um homem póde fazer a outro... mas deve rir-se... o senhor tem consciencia de não ter generosidade nem honra.

Salustiano continuava a rir-se.

— O senhor se está ahi rindo, porque se persuade que sempre que estivermos juntos haverá um senhor para mandar, e uma escrava para obedecer, não é isso?...

— Talvez.

— Sim... talvez ainda por algum tempo, mas um dia...

Ahi se interrompeu Marianna, e encarando de perto Salustiano, proseguiu:

— Qual é porém a razão porque as portas desta casa se hão de fechar a esse mancebo?... tem o senhor concebido algum projecto, diante do qual se levante elle?... que projecto é o seu portanto? creio que ainda me assiste o direito de fazer taes perguntas.

— E eu tenho a certeza de que não preciso descobrir o alvo que atiro, para ser satisfeito no que pretendo.

— Ah! senhor! isso é já demais.

— Estou fallando, senhora, na supposição tristissima de que nenhum de nós tem pejo, e somos como dous sicarios que tratam de um crime.

— Oh! pois bem, exclamou com violencia Marianna; vamos ao fim: pensa que não vejo o que se passa diante de meus olhos?... quer que lhe trace o painel de seu comportamento para commigo, e que lhe exponha seus ultimos projectos?... ouça pois.

Salustiano descansou uma perna sobre a outra com inaudito sangue frio, e disse:

— Ouvirei, senhora; note porém que se vai fazendo tarde.

Mariana começou.

— Um acaso funesto, um acontecimento talvez determinado por Deus, para castigo de um crime que eu commetti, depoz em suas mãos um documento, que prova esse crime. Quando eu soube que semelhante documento existia em seu poder, foi no meio de uma festa, no seio dos prazeres, dos quaes o senhor mesmo me foi arrancar dizendo-me — és minha escrava!... — Oh! eu tremi realmente! e vejo bem que tinha razão de tremer; tremi, porque desde então havia no mundo um homem que possuia o meu fatal segredo; tremi, mas nunca pensei que esse homem abusasse tanto, e de maneira tão indigna, de uma pobre mulher sem defesa.

— Vai-se fazendo tarde, senhora, repetio Salustiano.

— Senhor, senhor; já se não lembra acaso do que commosco se passou nos primeiros tempos de nosso desgraçado conhecimento ?... lá nessas sociedades, que são o meu delirio, a minha fascinação; lá nessas assembléas, onde eu me suppunha admirada, e querida; porque, confessei tudo, tenho ainda hoje orgulho de ser bella; lá mesmo foi o senhor perturbar meus innocentes gozos; lá ostentou diante de seus amigos, que merecia um amor que eu lhe não tinha, que eu lhe não podia dar; lá ostentou ter subjugado, ter conquistado o coração da mulher casada; e eu que observava isso, eu que sentia como as mulheres murmuravam contra mim, e os homens pareciam ter piedade de meu marido; eu que via o monstro da calumnia erguer-se contra minha fama de esposa fiel; eu... eu me sorria ou córava, á vista de todos, quando o senhor se approximava de mim, ou me offerecia o braço convidando-me para um passeio; porque emfim, eu era sua escrava !... Em resultado o senhor era um homem infame, e eu uma mulher covarde.

— Vai-se fazendo tarde, senhora, tornou Salustiano.

— Não havia, não podia haver amor entre nós; desde o primeiro dia, em que nos encontramos, eu o aborreci, e o senhor nunca chegou a amar-me; porque pois fazia crer a seus companheiros de devassidão, de orgias, e de calumnias, que eu era pouco fiel a meu esposo, e sensivel ao seu amor ?... não sabe porque ?... porque o senhor era um homem infame ! e eu porque não sabia vencer minha tão grande fraqueza ?... porque não mostrava ao mundo, a meu marido, a todos o homem indigno, que zombava de mim, e trazia em torturas a minha vida ?... eu já disse a razão ainda ha pouco; porque eu era uma mulher cobarde.

— Lembre-se que é tarde, senhora !

— E agora ?... sabe o que se está passando entre nós ?... persuade-se de que eu não tenho já adivinhado a razão por que se atreve a exigir que seja expulso desta casa um nobre mancebo, que tem sabido merecer nossa amizade !... escute: ha uma menina que é bella, bella com todo o esplendor e viço da mocidade; bella ainda mais por sua modestia, e suas virtudes; uma menina cujo nome o povo abençôa, e que todos como que de ajuste a julgam encantadora; é um coração virgem; e perturbar a tranquillidade desse coração, ganhal-o com sua linda innocencia, é uma conquista que deve encher de orgulho a qualquer desses moços fatuos e sem moral, que deshonram a época em que vivem, fazendo gloria da desventura das mulheres; pois bem: o

senhor tem lançado os olhos sobre essa menina, que é minha sobrinha.

— E' verdade! exclamou Salustiano; eu a amo!

— Amal-a!... oh! não, senhor; não desdoure assim o mais nobre dos sentimentos humanos... um homem vil não ama.

— Senhora!

— Mas sendo por ora infructiferos todos os seus esforços, conhecendo que até hoje nenhuma impressão tem feito no coração da modesta virgem, o senhor foi procurar uma cousa que explicasse essa indifferença de Celina, e lançou os olhos sobre um mancebo honrado, nobre, cheio de recommendaveis qualidades, que não nos fez ainda um só momento arrepender de o haver recebido em nossa casa. E julgando que esse moço é o unico obstaculo a seus pretendidos triumphos, ousa vir aqui exigir de mim, que lhe feche as portas de nossa casa! não é isso? não tenho adivinhado tudo?...

— Sim... é isso mesmo; faz-se-me preciso que Candido não volte mais nunca ao Céo côr de rosa.

— E acredita que Celina será por tal meio menos indifferente á sua improvisada paixão?... ah! senhor, a virtude e um amor santo deram o leite a essa menina; a natureza della e a sua se repellem; lembre-se que ella é um innocente anjo, e que não ha sympathia possivel entre um bom anjo e um demonio. E seria possivel que nós lhe sacrificassemos minha sobrinha?...

— Eu o pensava, senhora.

— Oh!... tem a vencer primeiro a antipathia de Celina, o aborrecimento do velho Anacleto, e o odio de Marianna.

— E por ventura não tenho eu alguma cousa a meu favor?...

— Um dia se ha de quebrar essa arma!...

— Senhora, disse Salustiano endireitando-se na cadeira, tenho-lhe escutado socegadamente; justo é que me ouça agora do mesmo modo.

— Mas vai-se fazendo tarde, senhor.

— A senhora pretendeu ter adivinhado meus sentimentos, e não conhece ainda metade delles; quero dar-lhe idéa de mais alguns. Sim o documento que possuo me tem collocado na posição de senhor, e a tem posto na de escrava; e eu, que sou rico e feliz, considero-a como uma de minhas riquezas, como a mais interessante carta do meu jogo, dos prazeres da vida; e abre-se ou não, hei de divertir-me jogando com essa carta, della me servindo para ganhar as mais difficeis partidas. Sim! ostentei-me seu apaixo-

nado e seu preferido, e o mundo em que vivemos acreditou que eu era amado e feliz.

— Oh! mas isso foi uma calumnia desse mundo, e uma infamia de sua parte!

— Agora que já por muito tempo gozei a felicidade de parecer amado por uma senhora encantadora, quero realmente ganhar a posse de uma outra não menos bella; amo, e ame ou não, quero que a Bella Orphã seja minha esposa; e sabe quem me ha ajudar nesse empenho?... sabe quem, se preciso fôr, ha de levar a Bella Orphã de rastos aos altares, e forçal-a dizer — sim — ao sacerdote?... é a senhora.

— Eu?!!!

— Sim, porque actualmente eu tenho mais do que o documento de um crime; tenho um sentimento poderoso, por cuja existencia e triumpho a senhora ha de fazer tudo; tenho um amor, cujos laços hei de quebrar, se não fôr ajudado e feliz em minhas pretenções.

— Senhor!...

— Esse amor que não morreu com um viajar de tres annos, que resiste ainda, que hoje apparece e se mostra tão bello, tão cheio de esperanças, hei de eu matal-o, senhora!...

Marianna não pôde dizer nada.

— Se acaso uma barreira se levantar entre mim e sua sobrinha, eu tambem saberei levantar uma barreira que separe Marianna de Henrique.

— Senhor!

— Oh! a senhora sabe bem se eu posso, se eu tenho animo de o fazer... e eu o farei.

— Sim! sim! eu o sei; o senhor é capaz de tudo.

— E portanto a senhora ha de necessariamente coadjuvar-me no meu empenho... por interesse proprio, para que eu não mate o seu amor...

—E' muito!

— Para que eu não atire um documento terrivel aos olhos do seu amante, aos olhos do publico; um documento que a condemna como... de que nome, quer a senhora que eu me sirva?...

— Senhor!... senhor!...

— Por ora pois cumpre-lhe sómente despedir desta casa a esse homem, que eu detesto. Com razão ou sem ella, ame elle ou não peço, eu quero, que esse mancebo deixe de vir aos serões do Céo côr de rosa. Senhora repito a palavra, com que come-

çamos a tratar desta questão: — eu o exijo! e pronunciarei depois dessa a palavra que deve terminar todas as nossas discussões d'ora avante: — se não... —

— Oh! senhor! retire-se! exclamou Marianna com desesperação; retire-se! deixe-me em paz.

Como dissemos, a porta da sala tinha sido fechada no começo desta conferencia.

No momento em que Marianna exclamava — retire-se! — um velho de quimão preto se afastou mansamente detraz da porta, e recolheu-se a um canto do alpendre.

Salustiano e Marianna despediram-se emfim... como dous sicarios que acabavam de tratar de um crime.

XVI

A velha, o moço e a moça

Quando Anacleto, Irias, Candido e Celina entraram na sala do Céo côr de rosa já Marianna alli não se achava.

Ou fosse para occultar a perturbação, que por uma causa qualquer sentia, ou porque realmente se achasse fatigado, Anacleto convidou os dous habitantes do Purgatorio-trigueiro para ceiar com elle, e pedindo-lhes licença para descansar alguns momentos, dirigiu-se ao quarto de Marianna.

A viuva estava deitada e abatida; queixou-se de que uma intempestiva e inesperada visita de Salustiano lhe exacerbára o incommodo de que poucas horas antes se tinha queixado.

Anacleto não lhe disse uma palavra; deixou-se cahir em uma cadeira de braços, e ficou triste e meditabundo olhando para Marianna.

O pai desconfiava da filha.

Mas haviam ficado na sala a velha Irias, Candido e Celina.

Estiveram descançando, sem encetar a mais simples conversação durante algum tempo; os dous moços conservavam a sua melancolia silenciosa do passeio; Irias continuava a observal-os como fizera em toda a tarde desse dia.

Até que emfim ella mesma quebrou o silencio, dizendo:

— Continuaes a estar triste, meus filhos?

— Não, minha mãe, acudiu promptamente Candido, estamos apenas fatigados.

— Sim... passeámos muito, disse Celina.

— E no entanto, em todo vosso passeio estivestes do mesmo modo, continuou a velha; sabeis que essa tristeza dá muito que entender nos moços ?...

A Bella Orphã córou vivamente; Candido estremeceu a proprio pezar.

— Não é preciso córar tanto assim, minha boa menina; porque estremeceste tão fortemente, Candido ?

A observação da velha augmentou o enleio dos moços.

Irias pareceu deleitar-se vendo a ambos perturbados, e foi sómente quando elles conseguiram serenar-se, que ella proseguiu:

— Ouvi-me: quando alguem vê dous jovens... um moço e uma moça, meditando tristemente, naturalmente vem-lhe vontade de comprehender a causa dessa meditação; e cousa notavel ! quasi sempre acaba por adivinhal-a.

Nada disseram os dous moços.

— Porque, continuou Irias, a alma da mocidade é inconstante, rapida e faceira; ligeira como o corpo que anima, ella se apraz de mudar a cada instante de objecto, de alimentar-se com impressões e pensamentos sempre novos e diversos; a alma da mocidade é uma borboleta no espirito; não é assim a velhice; pertence a esta a meditação, pois que seu corpo já está cansado; e os sentidos fatigados de, por tantos annos, levar impressões a todos os instantes, mostram-se como que vagarosos por fraqueza e preguiça; a alma da velhice descansa sobre um pensamento, revolve-se dentro delle, porque tambem nisso lhe ajuda a tristeza, que de ordinario acompanha o velho, e que é morosa como convém ser quem medita. A juventude, repito, é naturalmente alegre, e a alegria é leve e brincadora; por tanto, quando um moço e uma moça estão tristes, e meditam, quem os vê, por força os observa, porque nessa tristeza, e nessa meditação deve haver algum mysterio muito interessante para se estudar, e quem o estuda quasi sempre adivinha.

— E' noite fechada disse Candido levantando-se, e approximando-se de uma janella; é noite fechada; mas a lua, clara e brilhante...

— Deixa a noite e a lua, respondeu a velha cortando-lhe a

palavra, e senta-te ahi onde estavas para eu te dizer como é que se adivinha a tristeza e a meditação dos moços.

Deixou-se Candido outra vez sentar, e Irias continuou:

— Sobre que é que medita um moço quando passeia com uma joven bella e espirituosa, ou se acha junto della sentado ?... é verdade que o homem tem no coração a ambição, que o faz desejar mil cousas, que lhe póde ao longe desenhar ricos castellos, extravagantes arabescos, palacio e venturas de diversas naturezas; mas é verdade tambem, que naquelles momentos parece muito mais provavel que medite sobre algum pensamento que tinha bastante relação com essa moça, e elle mesmo, que pensamento será ? qual é o que nesta vida põe em mais intima relação as almas de um moço e de uma moça ?... o observador, que de ordinario é um velho, lembra-se do que com elle se passou no tempo do verdor dos annos, lembra-se de que não podem impunemente vêr-se, e conversar, um mancebo cheio do ardor e uma donzella cheia de encantos; e finalmente o observador conhece que o moço medita sobre — amor. — A respeito da moça é ainda mais positivo.

— Senhora, disse timidamente a Bella Orphã, esta conversação me acanha...

A velha pareceu não ter ouvido o que lhe acabava de dizer Celina, e proseguiu:

— Em que pensará a menina de dezeseis annos ?... ella não é ainda esposa para cuidar na constancia de seu marido, e observar como é que elle olha, como é que elle falla ás outras senhoras; ella ainda não é mãe para entregar-se toda inteira ao cuidado de seus filhos, para viver para elles de dia, e velar por elles de noite; em que pensará pois, alli sentada ao pé de um bello moço, ou com elle passeando ?... pensará nos vestidos de suas bonecas ?... no romance que está lendo ?... meditará sobre sua lição de desenho ?... sobre a cavatina que nessa noite pretende cantar ?... sobre seus enfeites para o proximo serão ? Mas nisso não medita a moça tristemente; ha porém para a joven de dezeseis annos, que é ainda solteira, uma meditação acompanhada de tristeza, que não amarga, de melancolia que é doce como a saudade, e que se chama — amor: — sim, minha, filha ! sempre que a moça solteira está meditando, medita sobre amor. Vós ambos meditaveis esta tarde, e estaes meditando ainda agora sobre amor.

— Senhora ! exclamou Celina.

— Minha mãe, exclamou Candido.

— Negaes o que eu digo? perguntou a velha.

— Nego, disse rapidamente o mancebo.

— Enganou-se, respondeu com timidez a moça.

— Pois eu vos vou demonstrar que não; vou provar que conheço vosso coração mais do que vós mesmo; ou antes vou demonstrar isso sómente á senhora, porque tu, não podes negar, Candido.

— Oh! minha mãe! por compaixão não abuse do meu estado!!!

— Senhora, Deus e a educação da virtude tinham até bem pouco conservado o seu coração em toda a virgindade da innocencia. Até bem pouco a senhora sabia o que era o galanteio; porque nesses poucos bailes a que tem ido, e nas reuniões que se fazem em sua casa, os cavalheiros que lhe cercam lhe dizem finezas, e provavelmente a requestam; tem pois ouvido muito fallar em amor; não o comprehendia, porém, porque não o havia sentido; córava pelo que lhe diziam, mas não córava de si; tambem é só assim que póde córar a innocencia.

Sem o pensar, Celina estava ouvindo attentamente o que dizia a velha.

— Emfim, senhora, este mancebo appareceu, seu desvalimento, sua pobreza, a pallidez de seu rosto, que parece indicar intimo soffrimento, sua melancolia habitual, que quasi dá o caracter de verdade á suspeita de suas penas, eram sufficientes para recommendal-o á alma das virtudes; mas além disto seus tios o trataram com amizade e confiança; e, sobretudo, a senhora quando o viu pela primeira vez, viu-o onde?... como?... viu do meio dos tumulos e de joelhos, orando junto á urna que guarda as respeitaveis cinzas de seus paes.

— E' verdade! é verdade!... exclamou a Bella Orphã com vivo accento de gratidão.

Uma onda de prazer indizivel rolou sobre o coração do mancebo, e foi desfazer-se em leve sorriso, que dilatou por um momento brevissimo seus labios.

— Desde então, proseguiu Irias, desde esse momento, quando no silencio de seu quarto, ou nas phantasias do seu leito, a imagem deste mancebo se lhe desenha no espirito, não é, a senhora deve-se estar lembrando, não é sob a fórma de um lindo jovem, vestido de brilhantes e custosas galas... não, a senhora não o quer assim, não o quer fidalgo nem principe, não o quer rico

nem deslumbrador, a senhora o quer, a senhora o vê sempre abatido, pallido e melancolico, de joelhos junto ao tumulo de seus paes.

— E' verdade!... é verdade!... exclamou com lagrimas nos olhos a Bella Orphã.

Candido, emquanto Celina attendia exclusivamente á velha, devorava com ardentes vistas as perolas de ternura, que escapando-se dos olhos da moça, pendiam de suas faces viçosas, como gotas d'agua limpida, cahidas em petalas de rosa.

Irias continuou:

— Depois, este mancebo começou a frequentar o Céo côr de rosa, e a senhora, muito naturalmente, notou que nas reuniões, que aqui têm lugar, os cavalheiros a cercam, a adulam e incensam, e que sómente Candido, excepção entre todos, se afastava e se deixava, e deixa ainda esquecer em um canto de sala; a senhora pretendeu explicar a si mesma uma tal singularidade, porque, primeiramente, a mulher é muito curiosa destas cousas, e depois emfim, porque lhe doia que estivesse sempre longe de seu lado aquelle, que tivera o seu mesmo pensamento no dia de dôr, e junto do qual se ajoelhára um momento no meio dos tumulos.

Ninguem interrompeu a velha; ella porém parou um instante para respirar, e depois disse.

— Mas para se explicar a si mesma essa singularidade, a senhora devia observar o mancebo, e em algumas das vezes que para elle olhava, encontrou seus olhos, que de subito se abaixaram; bastou porém esse momentaneo encontro de vistas para a senhora espantar-se do ardor, do fogo com que Candido a olhava: esse fogo, senhora, incommodou-a a principio; depois essa chamma começou a propagar-se, e não tarde seu coração ardia tambem; mas porque ardia?... porque começou um desassocego indizivel a perturbal-a?... porque em seu leito pensava nos abrasadores olhares do mancebo?... porque lhe escapava um suspiro na solidão?... por que?... a alma virgem da moça o não podia dizer.

Celina nada respondeu; estava porém espantada, porque a velha dizia o que realmente se tinha pasasdo dentro della.

— Mas hoje, proseguiu Irias, hoje era o dia das revelações dos mysterios do coração; a manhã deste dia correu como todas as outras; a tarde com tudo foi muito differente para ambos. Senhora, um amigo disse o que na sua alma se passava, e a senhora o não comprehendia. Antes do passeio da tarde que acaba de

passar, a senhora já sabia que entre a Bella Orphã e o mancebo desvalido se abria uma flôr perfumada e bella: — era a rosa do amor.

Os dous mancebos ficaram como que petrificados.

— A senhora não tinha tido tempo de estudar a sua posição, e ainda que a houvesse estudado, o mesmo succederia; a perturbação, o enleio, o pejo a acompanhou em todo passeio. Avaliando já seus sentimentos, e levada pelo braço de um homem a quem amava, e por quem era amada, temia que uma simples palavra a podesse trahir, que os olhos dos observadores arrazassem o segredo de si propria... e córava... e meditava; e por tanto a senhora meditava, e medita ainda; porque ama.

— Ah! senhora!... exclamou a moça, escondendo o rosto com as mãos.

— Minha mãe! basta!... disse o mancebo fóra de si: basta, ou eu me retiro.

— Não! fica! e se vale alguma cousa para ti a autoridade de mãe adoptiva que em mim respeitas, fica! eu te ordeno que fiques!...

O mancebo ficou immovel á voz da velha.

— E este mancebo, disse ella a Celina, apontando Candido com seu tremulo dedo, concebe a senhora como é que este mancebo lhe ama?... oh!... elle dirá que não, elle ha de jurar que eu minto; e sabe por que?... porque, escravo do mais nobre orgulho, elle não quer ser amado por uma mulher que possue mais do que elle; quereria, senhora, vêl-a pobre e desgraçada, para lançar a alma a seus pés, e no entanto...

— Basta, minha mãe!

— No entanto é a senhora o objecto de seus mais bellos e caros pensamentos; ao romper da aurora, elle, da fresta da janella do sotão, que habita, acompanha com os olhos todos os seus passos, quando a senhora vae passear por entre suas flôres...

— Minha mãe!... silencio!... exclamou o mancebo, cahindo de joelhos aos pés da velha.

Celina respirava apenas.

— Durante o dia, continuou Irias, elle não pensa, elle não suspira, elle não vive senão pela senhora.

— Minha mãe!...

— De noite, se dorme, são seus os sonhos delle; se vela, elle vive ainda só pela Bella Orphã, e escreve hymnos ao objecto de seus cultos...

— Minha mãe!...

— Negas isto?... perguntou a velha com tom grave.

— Nego: disse Candido.

As tres personagens no fervor dessa pratica se haviam insensivelmente erguido, e se tinham chegado até junto do piano.

— Negas isto? repetio Irias.

— Nego, respondeu outra vez o moço.

Então a velha, lançando a mão no bolso de seu vestido, tirou delle um papel, e o ia entregar a Celina; mas vendo que esta não o recebia, lançou-o sobre o piano, e disse:

— Eis-ahi, senhora, a declaração de amor deste mancebo.

— Que é isto? perguntou Candido.

— Os versos que escreveste em uma das noites passadas.

Ouvio-se nesse momento o tropel que faziam Anacleto e Marianna descendo a escada do sotão: Candido lançava-se sobre o papel, quando Irias o susteve com sua mão musculosa e forte, dizendo:

— Aquillo não te pertence mais.

Quando Anacleto e Marianna entraram na sala, Celina, tremula e cheia de pejo, lançou seu lenço branco sobre o papel.

Depois, aproveitando um instante em que todos pareciam estar entretidos, ella, não tendo bolsos no vestido, escondeu o papel no seio.

Candido viu isso.

Na hora de recolher-se, a Bella Orphã abriu esse papel, e viu algumas folhas escriptas; eram versos, e constavam de trinta e duas estrophes, tendo por titulo o seguinte:

"O Sonho da Virgem".

XVII

João e Rodrigues

Contra todos os seus habitos, o velho Rodrigues, guarda-portão do Céo côr de rosa, deixou ás oito horas da noite o seu eterno posto do alpendre, e desceu por um beco que vai abrir-se no largo da Lapa.

Jacob e Helena, que estavam como sempre de espreita á janella, disseram um para o outro ao mesmo tempo:

— Temos novidade.

O ex-escrivão tomou immediatamente o chapeu, e, sahindo, apressou os passos até descobrir o velho Rodrigues, e o foi acompanhando de longe, e com todo cuidado para não ser por elle descoberto.

Helena ficou só, mas sempre vigilante á janella, observando o que pela vizinhaça occorria.

O velho guarda-portão, sem nunca olhar para traz, atravessou o largo da Lapa, e tomou pela rua do Passeio Publico, deixou ao lado esquerdo a rua das Marrecas, venceu todo largo da Ajuda, e como quem se dirigia para a de S. José, foi indo sempre no mesmo passo, até que endireitou para a portaria do convento da Ajuda, e foi sentar-se nos degráos superiores.

Jacob coseu-se com a parede do convento, aproximou-se quanto pôde do velho, e finalmente, atirou-se ao chão, procurando ser tomado por algum mendigo.

O guarda-portão descobriu a tempo, e reconheceu o ex-escrivão; mas não deu signal algum de o ter feito, e ficou quieto no mesmo lugar, cantarolando por entre os dentes uma de suas predilectas balladas.

Um quarto de hora depois o vulto de um homem alto veio-se aproximando do posto que Rodrigues tomára.

O velho chegou-se mais, emfim subiu tambem os degráos da portaria; era um velho pouco mais ou menos da mesma idade de Rodrigues.

— Adeus, João, disse Rodrigues.

— Boa noite, Rodrigues; disse o recem-chegado tomando lugar, e sentando-se junto do guarda-portão.

— Esperaste muito?

—Não, ha um quarto de hora apenas.

— Que diabo! temos assim uns encontros, que melhor caberiam a dous ladrões, ou a dous namorados.

O guarda-portão sorriu-se e levantou os hombros, como quem queria dizer: — que nos importa?

— Conversemos, disse o recem-chegado; que novidades ha?

— Que mau costume! murmurou Rodrigues: fallas sempre com voz tão alta!

— Pois então que ha?...

— Apenas um curioso que nos espreita.

— E onde está então essa peça?

Rodrigues apontou para Jacob, que fingia resonar.

— Ora... é um pobre mendigo.

— Cala-te; é nada menos do que o celebre Jacob, que em outro tempo conheceste bem, e que hoje é meu vizinho, e tomou por sua conta espreitar todos os meus passos.

— Ui!... pois deveras?...

— Sem a menor duvida.

— Vamos pôl-o dalli para fóra a pontapés.

— Para que? basta que fallemos baixo; tenho pouco que dizer-te.

— Tens razão, tanto mais que me supponho em vesperas de tomar de novo conhecimento com elle.

— Como?...

— Vi-o entrar o mez passado lá em casa.

— E com que fim?...

— Não sei, mas hei de sabêl-o.

— E' preciso.

— Vamos ao principal; conta-me o que ha.

— Sim, porém torno a dizer-te que falles mais baixo.

Jacob não tinha até então percebido uma só palavra, apenas lhe chegava aos ouvidos um leve ruido; mas dahi por diante ainda menos do que isso ouviu; João e Rodrigues eram para elle como dous mudos sentados ao lado um do outro; arrependeu-se de haver seguido o velho guarda-portão, e a posição incommoda que tomára, era como um castigo de sua insana curiosidade.

Os dous velhos amigos começaram a fallar um com o outro em voz muito baixa.

— Então o que ha?... repetiu João.

— Realisam-se minhas previsões.

— Amam-se?...

— Elle, como um louco, como um rapaz de vinte annos, que ama pela primeira vez.

—E ella?...

— Ou já o ama tambem, ou está em muito bom caminho para chegar a isso.

— E já sabe que é amada?...

— Creio que o pensava desde alguns dias; hontem porém teve a certeza de o ser.

— Quem lhe revelou o segredo?...

— Este seu criado.

— Bravo, Sr. Rodrigues; esta representando um excellente papel.

— Pois que querias tu que eu fizesse, João?... duas crian-

ças tolas como elles são, precisavam de quem lhes abrisse os olhos; e, sobretudo, não é verdade que convém terminar os nossos trabalhos ? não crês que basta de provação ...

—Eu não te crimino, Rodrigues; ao contrario acho que tens ido ás mil maravilhas; tanto mais que dous trastes velhos como nós, devemos dar graças a Deus por podermos ainda prestar para alguma cousa neste mundo.

— Emfim, elles se amam, repetio Rodrigues.

— Era natural.

— Temos porém novidades cem vezes mais importantes.

— Vamos lá.

— Realisa-se tambem a minha ultima previsão; o outro igualmente a ama.

— Oh diabo ! o caso vai-se complicando; e ella ?

— Despreza-o.

— Está no seu direito; e elle teima ?...

— Faz mais do que isso.

— Então o que ?

— Quer impôr-se.

— Como ?...

— Ora como !... pois não adivinhas ?... com a mysteriosa influencia que exerce sobre a viuva.

— Quando eu digo que o caso se vai complicando !

— Hontem o velho e a menina sahiram a passeio; a viuva arranjou uma dôr de cabeça, e deixou-se ficar em casa; dahi a pouco chegou elle.

— Bem: e depois ?

— Fecharam-se na sala, e conversaram uma hora.

— E tu ?...

— Ouvi tudo.

— Bravo ! és um heróe.

— Elle exigiu que a viuva fechasse a porta do Céo côr de rosa ao pobre rapaz.

— Por que ?...

— Porque suspeita que a pequena o ama, e não quer ter um rival tão perto della.

— E a viuva ?

— Negou-se a cumprir a exigencia.

— E elle ?...

— Declarou-lhe formalmente que se ella não a cumprisse, perdêl-a-ia no conceito publico.

— E finalmente...

— Separaram-se sem haver decidido cousa alguma.

— E o que conclues tu do que se passou ?...

— Que dentro em pouco as portas do Céo côr de rosa serão fechadas ao moço pobre.

— E nada mais ?...

— Concluo tambem que o outro sabe pelo menos metade do que nós sabemos.

— Ainda bem que elle sabe só metade; creio que não gostará quando vier a saber o resto.

— João, para mim é claro que a — decima-segunda — existe em poder delle.

— E' realmente a melhor maneira de explicar aquella mysteriosa influencia.

— E tu, nada absolutamente tens conseguido ?

— Nada.

— E' pena; porque emfim, póde ser que essa arma com que elle joga, acabe por fazer muito mal ao nosso plano.

— Que queres !... tenho trabalhado muito; mas sempre em vão, já corri e examinei um por um, todos os papeis da casa.

— E nada ?...

— E nada; falta-me só a carteira velha do defunto.

— Quem guarda as chaves ?...

— Elle, que de ninguem as confia.

— Diabo ! é nessa; tem um segredo no fundo da primeira gaveta do lado esquerdo.

— Lembro-me bem.

— E então que fazes ?...

— Que faço ! o que tu farias; espero.

— Esperar é quasi sempre o maior de todos os castigos.

— E que remedio, Rodrigues ? a carteira está em seu quarto de dormir, e elle quando sahe, leva sempre a chave; parece que esconde ali um grande thesouro.

—Não se engana; mas has de roubal-o.

— Esperemos.

Caláram-se por alguns momentos os dous velhos; estiveram ambos pensando, e depois disse Rodrigues:

— Ora dize, João, não parecemos dous decididos inimigos do tal sujeito ?

— A's vezes quer me parecer que sim; pelo menos praticamos taes.

— Não... não... isso não: ouve; se fosse preciso, eu déra o resto de minha vida para fazêl-o verdadeiramente feliz.

— A's vezes quasi que não merece nada. Foi, e será sempre desenfreado extravagante.

— O seu fundo porém é bom; succede de ordinario assim com todos os extravagantes.

— Póde ser que tenhas razão.

— Ultimamente não se tem portado tão loucamente, como d'antes.

— Descansa para recomeçar.

— Basta. E' tempo de nos irmos.

— Quando nos veremos outra vez ?

— A'manhã não póde ser; ha reunião extraordinaria no Céo côr de rosa; faz annos a Bella Orphã.

— Seja depois damanhã.

— Pois bem; depois damanhã; adeus.

Separaram-se os dous velhos; João sumiu-se voltando o canto da rua da Ajuda; Rodrigues atravessou os mesmos largos e ruas, por onde tinha vindo, e entrou no alpendre do Céo côr de rosa.

Jacob, desesperado e furioso por não ter podido conseguir apanhar uma unica frase da longa conversação dos dous velhos, voltou para sua casa em um verdadeiro estado da ebullição.

— Então, exclamou Helena apenas o viu entrar; que foi fazer o Coruja ?...

— Encontrar-se na portaria do convento da Ajuda com outro coruja, como elle, e com quem fallou mais de uma hora.

— Sobre que, meu caro Jacob ?...

— São dous monstros, dous sicarios, dous demonios...

— Então...

— Eu não pude ouvir nada; falaram em segredo; respondeu Jacob desatando profundissimo suspiro.

— Oh ! malvados !... exclamou Helena.

E naquella noite os vizinhos de Jacob e de Helena foram mais que nunca victimas da mordacidade, das calumnias desse par sem igual.

XVIII

A noite d'annos

Era a noite dos annos da Bella Orphã; noite de festa no Céo côr de rosa, e que deveria ser de innocentes gozos para os numerosos convidados, que enchiam aquella feliz habitação.

Além da casa, que estava toda brilhante de luzes, o jardim tão querido de Celina achava-se tambem illuminado, e patente aquelles, que quizessem ahi passear.

Não havia certamente no Céo côr de rosa o luxo deslumbrante das festas dos millionarios, que gastam; em compensação porém o bom gosto transpirava em tudo.

Marianna ostentava sua belleza tão especial, tão deslumbradora, tão perigosa.

Celina, que era como a princeza da festa, levava, sem querer, sem pensar, vantagem sobre a bella tia.

Uma simplicidade feiticeira presidira, como sempre, o seu toucador; seus longos cabellos estavam atados com graça indizivel, mas tão pouco trabalho pedia aquelle penteado, que adevinhava-se para logo, que era o resultado da destreza de suas mãosinhas; agradava ainda mais por isso; um pouco para o lado esquerdo de sua cabeça, apparecia um botãosinho de rosa, como surgindo dentre as tranças de madeixas.

Seu vestido era o unico, que lhe convinha.

Uma virgem pede um vestido branco; a côr branca exprime a alvura de sua alma, a innocencia de seu coração; qualquer outro vestido assenta mal numa virgem.

Além disso, uns sapatinhos de setim, e mais nada; para que quer enfeites a formosa donzella?... para que, se a natureza se incumbe de enfeital-a com os mais interessantes adornos?...

Tudo na Bella Orphã respirava encanto, graça, candura e innocencia; era um anjo.

Não ha sacrilegio nesta comparação.

Quando a mulher reune ás graças physicas, virtudes christãs, pureza e bondade, póde por um homem ser comparada a uma santa, ou a um anjo.

A uma santa, em qualquer tempo, em qualquer condição, que esteja essa mulher; mas comtanto que reuna os encantos de espirito, que ha pouco foram apontados.

A um anjo, porém, sómente emquanto é virgem; porque só

então na mulher transpira essa innocencia, que é por força vinda do céo; essa ineffavel pureza, que não póde existir senão nos anjos, e na virgem.

Os anjos são as virgens do céo, como as virgens são os anjos da terra.

Mas Celina tinha naquella noite um não sei que de mais bello, de mais interessante em si, em seus modos, em seus olhares; era um receio, que se não comprehendia, um pudor como nunca susceptivel...

Quando teve de receber os cumprimentos de Candido, cobriu-se seu rosto de uma onda de rubor... porque corava?...

Forçada a responder, sua resposta foi o murmurar de algumas phrases tremulas, quasi imperceptiveis, que ella deixou passar por entre seus labios, hesitando e tremendo... por que tremia?...

— Ah! D. Celina!... tinha exclamado Mariquinhas, correndo para ella logo que entrou na sala; D. Celina! estás hoje bella, como nunca o foste tanto!

— Devéras?... perguntou Celina alegremente.

Dantes não lhe importava tanto o parecer bonita, gostava de sêl-o, como todas as moças; desde porém os ultimos tres dias, a Bella Orphã desejava redobrar os seus encantos.

— Olha, tornou Mariquinhas, fallando-lhe ao ouvido; estás moço, não te atreverias a offender-me pedindo-m'o; e sendo moça

— Mas para que?...

— Para amar-te.

— Ora...

— Para pedir-te um beijo.

— Meu Deus! respondeu Celina córando; se tu fóras um moço não te atreverias a offender-me pedindo-m'o; e sendo moça como és, não m'o pedes, e eu t'o offereço.

Aquelles dous rostos tão novos, e tão lindos, aproximaram-se, e soou o ruido de um beijo.

— Não tem tanta graça como teria o outro, disse Mariquinhas sorrindo-se.

— Ah! D. Mariquinhas! vossê é mil vezes maliciosa.

Felicia, e muitas outras senhoras, moças e bellas tambem, vieram cercar a Bella Orphã.

A musica soou, convidando a dansar.

Os mancebos correram ás senhoras; todas as contradansas, e mais ainda do que aquellas que se poderiam dansar nessa noite, foram pedidas, e promettidas.

Insensivelmente a Bella Orphã correu com os olhos todos aquelles mancebos, como se algum procurasse entre elles... pareceu primeiro temer encontral-o, e depois entristecer-se por não vêl-o... realmente buscava ella alguem?

Candido não se apresentou para dansar.

Sem motivo algum plausivel, Celina negou a todos a segunda quadrilha; ella mesma não sabia porque a negava.

No ultimo serão a Bella Orphã tinha dansado essa contradansa ao lado direito de Candido; quereria a moça reprehendêl-o, assim, pôr não vir pedil-a naquella noite de seus annos?...

Ha na vida das moças em que a educação e a innocencia podem mais, que as idéas livres e *desabusadas* de algumas sociedades que tudo pervertem, factos tão pequeninos, acções tão leves e ingenuas, pensamentos soltos ao acaso, mas que ás vezes envolvem tão importantes mysterios do coração, que é possivel que tudo quanto se estava passando interiormente em Celina, esses receios misturados de desejos, essas inconsequencias emfim, não fossem mais do que a voz da natureza, que a proprio pezar da Bella Orphã, ou sem que ella o sentisse bradava-lhe no coração: — eu já amo!...

Tinham por momentos cessado as quadrilhas e valsas; respiravam os pares; duas senhoras haviam já, no intervallo daquellas, cantado...

— Então, Celina, disse o velho Anacleto, vindo direito á sua neta, já esqueceste uma promessa que te fizeram?...

— Que promessa?...

— A de se deixar ouvir aquelle senhor, que como sempre lá está sentado no seu canto?...

— Ah! disse a Bella Orphã, como recordando-se.

— Vamos a isto, tornou o velho.

E indo direito a Candido, o trouxe para junto das senhoras.

Eis o nosso novo cantor... teremos uma estréa esta noite.

Houve um movimento de curiosidade.

— O que pretende deixar-nos ouvir?... perguntou uma senhora.

— Uma aria de Bellini certamente, disse outra.

— Não, minhas senhoras, ousarei cantar um romance.

— Em italiano?...

— Tambem não, senhora, em nossa propria lingua.

D. Mariquinhas fez com os labios um momo de desagrado; tinha razão.

O gosto estragado de época, que se faz excessivo em tudo, o

é tambem na musica, e como tal deu ao canto italiano um triumpho, uma palma universal, lançou para fóra de nossas salas todos os cantos patrios, como desterrou das igrejas os hymnos sagrados. Rossini, Bellini, Donizetti e Auber têm entre nós um triplice throno, no theatro, nas salas e na igreja.

— Pois então faça-nos o obsequio de dirigir-se ao piano, disse uma senhora.

— Não tóco esse instrumento, respondeu o mancebo; costumava em outro tempo acompanhar-me de harpa.

— Harpa! murmurou Mariquinhas ao ouvido de Celina; harpa; o moço é romantico.

Appareceu um criado trazendo a harpa de Candido que tomou lugar perto das senhoras.

Naturalmente acanhado, o mancebo afinou o instrumento com a cabeça baixa, medroso de encontrar todos aquelles olhos fitos nelle.

Salustiano collocára-se defronte de Candido com decidida intenção de confundil-o com seu sorrir desdenhoso e sarcastico, e com sua luneta firmada insolentemente.

Soou um harpejo moderado, sonoro, e vibrante...

Candido ergueu a cabeça, e cantou... o rosto do mancebo estava muito pallido, sua voz tremula, commovida mas era uma dessas vozes de tenor, que, sonora e penetrante, chegava ao coração dos que ouviam.

Elle cantava pois:

Iguaes são no fado, que têm a cumprir.
Iguaes num mysterio a bella e a flôr;
Se a flôr tem perfume, que o prado embalsama,
E' delio perfume da bella o amor.

E a flôr mais formosa, se não tem aromas,
No valle esquecida desabre e fenece;
E a virgem mais bella arrasta seus annos
Tristonha, isolada, se amor não conhece.

Iguaes são no fado a bella e a flôr,
Iguaes no mysterio, que vêm revelar;
A flôr deve os campos de aromas encher,
E a bella na vida amor cultivar.

E á rosa, que se abre fragrante, viçosa,
Em gruta profunda de valle escondido,
Por mais perfumada que seja, e se ostente,
Que serve o perfume na gruta perdido ?...

E á virgem formosa, que o anjo dos risos,
P'ra encanto de mundo, ao mundo mandou;
Que serve o amor, se um ente obscuro,
Que o não merecia, foi quem ella amou?...

Faceiro favonio, que as flôres namora,
Na gruta profunda a rosa festeja;
Depois pelos prados, de volta, voando,
Da rosa os perfumes no prado lenteja.

E o jovem poeta, que em fogo se abrasa,
Se da bella virgem amor mereceu,
Nos hymnos sagrados, que manda ao futuro,
Eterna os encantos do amor, que valeu.

Iguaes são no fado, que têm a cumprir,
Iguaes num mysterio a bella e a flôr;
A flôr quer favonio, que espalhe perfumes,
E a bella um poeta, que eternise amor.

A voz de Candido, a principio tremula e abatida, bem depressa tornou-se firme, normal e sómente commovida, como lh'o estava pedindo o seu cantar mavioso e terno; desde logo o mancebo esqueceu-se do logar onde estava, dos olhos que o cercavam, e dos ouvidos que o ouviam. Era um artista, e como o verdadeiro artista, indifferente a tudo mais, elle só via a bella que o inspirava; e todo, todo se entregava á inspiração; com olhares ardentes embebidos em Celina, modulava seu canto harmonioso, que parecia sahir da alma.

Em profundo silencio a assembléa mostrava-se suspensa e em extasis; quando o mancebo acabou, soaram freneticos applausos... a commoção era geral; por alguns momentos não sê pôde fazer mais nada.

Celina tinha comprehendido aquelle cantar do mancebo; o rubor de suas faces, a agitação de seu seio a trahia, e ainda mais seus olhos pregados na figura graciosa de Candido, pareciam ahi presos por um encanto invencivel.

Salustiano o comprehendera tambem: a pezar seu, elle, rico e orgulhoso, sentia-se curvado ante a superioridade do talento; o genio não pede, impõe respeito, e desafia inveja.

O triumpho de seu rival desenhou-se na imaginação de Salustiano, prompto e inevitavel; a cólera, o despeito, todas as paixões, que do ciume se originam, ferviam em seu peito; e como se uma idéa sinistra acabasse de luzir-lhe nalma, elle deixou cahir sobre Celina um olhar feroz e terrivel, lançou a Candido uma risada medonha, e cheia de um sarcasmo infernal, e foi direito a Marianna, que conversava com outras senhoras.

— Passeemos! disse elle com desdenhosa simplicidade.

Marianna levantou os olhos, e teve medo do aspecto de Salustiano.

— Passeemos! repetiu elle.

A viuva quiz ensaiar um gracejo, que disfarçasse a perturbação que começava a sentir, e disse sorrindo-se:

— Já se viu como é moda hoje em dia pedir-se um passeio a uma senhora!

— Passeemos!... tornou Salustiano.

Marianna ergueu-se, e ainda para disfarce da perturbação, que nella ia crescendo, disse ás suas amigas:

— Não ha remedio... a escrava levanta-se para acompanhar o seu senhor.

Ao atravessar da sala, Marianna encontrou o olhar de Henrique descontente, cuidadoso, e como lhe dirigindo uma queixa.

—E disse bem, senhora, murmurou a seus ouvidos Salustiano com voz grave e terrivel; disse bem; a escrava levantou-se para acompanhar a seu senhor.

—Como?! exclamou a viuva; pois neste logar, e a esta hora...

— Neste logar, em toda parte, e a todas as horas eu hei de perseguil-a sempre!

— Oh! senhor!...

— Eu disse, que era minha vontade, que a esta casa não voltasse esse mancebo, que detesto; impuz-lhe a obrigação de fechar-lhe as portas; e hoje... eil-o ahi... devorando com os olhos a sua sobrinha...

— Mas é que meu pae...

— Sabe, senhora, que isso se chama abusar de minha paciencia, e desafiar-me?

— E' muito!... exclamou a misera mulher.

— Ignora que eu tenho em minhas mãos os meios de vin-

gar-me; e que existe no seu coração um amor, que eu posso destruir?...

A figura do velho Anacleto, nobre, e respeitavel, appareceu aos olhos de Marianna.

— Piedade! balbuciou ella: eis alli meu pae.

Salustiano arrastou a infeliz viuva para uma outra sala, e proseguiu:

— Eu vou ter daqui a pouco uma hora de pratica com o Sr. Henrique.

Marianna estava pallida como uma finada.

— No fim dessa hora estarei vingado.

— Perdão!... murmurou a viuva ajuntando as mãos, como se quizesse orar.

— Pois então... senhora, hoje mesmo, e antes que termine o saráo, esse mancebo deverá ter para sempre deixado esta casa.

E abandonando Marianna, que foi cahir quasi desanimada sobre uma cadeira, Salustiano voltou á sala.

XIX

Um pae que chora

Fazia um calor abrasante; apezar delle, porém, as moças e moços continuavam a dansar.

Candido deixou a sala, e dirigiu-se ao jardim: queria vêr aquelle logar feliz, onde pela primeira vez vira Celina; era o theatro de seu primeiro e unico amor, devia ser-lhe grato.

Entrou como possuido de um santo, respeito, devorou com os olhos todas aquellas innocentes flôres, todos os dias regadas ao amanhecer, por um ente tão bello, e tão puro como ellas mesmas; dirigiu-se depois ao caramanchão; mas força lhe foi parar diante delle...

Um velho com a cabeça coberta de cabellos brancos, alli estava sentado com o rosto cahido entre as mãos, e chorando como um menino.

Era Anacleto.

Portanto, naquella festa estava a historia do mundo; estava o prazer de mistura com a dôr, o riso de envolta com o pranto, e a felicidade com o infortunio.

Na sala uma musica alegre, viva, e estrepitosa animava os moços; e no jardim um misero velho desabridamente soluçava.

Candido, em pé, diante de Anacleto, não podia comprehender uma tristeza tão grande em uma noite de festa, nem adivinhava o que lhe cumpria fazer naquelle caso.

Anacleto, occupado só com a sua dôr, não tinha sentido approximar-se o mancebo, e chorava, e soluçava sempre.

O que queriam dizer aquellas lagrimas do velho, que ainda ha pouco se mostrara na sala tão feliz?... tão contente?... que contradicção de sentimentos era essa?...

Era o segredo de um coração de pae.

Ha na vida do homem um grande amor, cuja benefica influencia se experimenta ainda nos mais apertados lances: um amor immenso, que, por assim dizer, enche toda a alma, que o dá; amor unico, sem interesse, porque ás vezes é mesmo a um ingrato, que arranca lagrimas, a quem se ama; é o amor, que um pae e uma mãe dão a seus filhos.

Porém nesse ternissimo affecto, póde-se talvez fazer uma distincção: um pae ama muito com o coração, mas ama tambem com a cabeça; uma mãe ama quasi sempre só com o coração.

A grande missão da mulher é a maternidade; e, desde que é mãe, a mulher tem Deus no céo, e seu filho no mundo.

Uma mãe, em regra geral, sabe amar muito, e só cura de seu amor; vive de beijar, de contemplar seu filho; ella quasi que o acredita um ente especial, que todos devem bem querer, e ao qual nunca poderá tocar a mão pesada do infortunio; extremosa, complacente, fecha os olhos aos erros de seu filho, não ouve nunca aquelles que notam em suas faltas; e se seu filho é um desgraçado, ella é desgraçada com elle; e se seu filho é um criminoso, ella o adora no seio do crime, despreza o juizo do mundo; e que lhe importa o mundo!... Deus está no céo, e é grande para perdoal-o; e na terra está ella, que é grande para amal-o sempre.

Um pae não é tanto assim; olha tambem para o mundo em que vive; respeita seus prejuizos, e quer preparar seu filho para esse mundo, no qual tem de passar a vida. A opinião dos homens significa muito para elle, e portanto dobra-se a ella. Quando seu filho começa a representar um papel na sociedade, o pae segue-o constantemente com os olhos, anima-o com suas exhortações, corrige-o com suas admoestações, dirige-o com seus conselhos, e emfim corôa-se tambem com os seus triumphos, e humilha-se com suas derrotas; o desvario de seu filho o enlouquece; a mancha, que vem nodoal-o, cae-lhe no coração; é com elle solidario na gloria, e na vergonha.

Por seu filho tem um pae os olhos no mundo, e uma mãe os olhos no céo.

E cousa notavel!... a natureza inspira sentimentos que quasi chegam a parecer-se com a ingratidão.

Um filho que deve tanto a seus paes; que antes de nascer causou já tantas dôres, tantos tormentos a sua mãe, que depois de nascer bebe o leite de seus peitos, um filho, por cuja causa perderam seus paes tão longas noites, choraram lagrimas tão amargosas; um filho, ao pé do qual velam sempre por elles dous anjos, como duas Vestaes pelo fogo sagrado; que tem sido o objecto de tão grande amor, de tão extremosos cuidados; um filho tem na sua vida uma hora, que lhe é marcada pela natureza; que é hora da natureza, sim, mas que é hora tambem de ingratidão.

Se esse filho é um homem, encontra cedo ou tarde uma mulher; e se é mulher, apparece-lhe um homem, pelo qual são deixados pae e mãe!... basta ás vezes o olhar de um mancebo elegante, para plantar-lhe no coração um sentimento, que vai depois na balança pesar mais que todos esses amores, que todos esses cuidados de vinte annos, e de mais annos ainda!...

A roda vai sempre girando; os que foram filhos chegam um dia a ser paes, e, emfim, vem tambem o tempo em que elles sentem por sua vez, o que fizeram outróra experimentar a seus paes.

Não sejam os homens accusados por isso... pois que todos seriam réos, e ninguem poderia ser juiz; os homens não têm culpa; a natureza é que é a ingrata; mas o facto é esse.

Solteiro, porém, ou casado, o filho continúa sempre a ser o pensamento da alma de seus paes; é a luz, que lhes brilha na vida; quem foi que pôde já consolar aquelles que perderam um filho?... o tempo?... o tempo dá sómente resignação; muda o nome, crisma a dôr; em vez de afflicção, chama-a saudade, mas os paes não esquecem o filho, que lhes morreu, senão quando morrem.

Porém nada póde ser eterno: tudo tem um fim; e esse amor deve acabar um dia... acaba na sepultura.

E' esta a mais ligeira idéa, que se póde dar, muito de passagem, do amor paternal.

Se nem todos amam com a mesma força a seus filhos, amam-os sempre, e a natureza do affecto é a mesma.

Anacleto amava a Marianna, como os paes, que são mais extremosos e ternos.

Apenas sahindo do berço, Marianna perdera sua mãe, e então seu extremoso pae, vendo-a tão pequenina já orphã, tão debil-

zinha, e já sem um de seus genios protectores, viu tambem nisso uma razão para amal-a em dobro.

Obrigado por sua viuvez a rodear sua filha daquelles ternos e miudos cuidados, de que especialmente se occupam as mães, perdendo noites por ella, ás vezes embalando-a para fazel-a dormir, Anacleto tinha por sua filha reunido em si dous amores a um só tempo: o amor de pae e de mãe.

Desse modo Anacleto pôde estudar a fundo o caracter de sua filha; pôde lêr na leve contracção de um musculo de seu rosto o intimo sentimento de sua alma, e distinguir a verdade, e a mentira nos feiticeiros sorrisos de Marianna.

Mas o amor não dá sómente prazeres, faz soffrer tambem pezares acerbissimos, não será até possivel decidir se estes são devidamente compensados por aquelles. Ha muitos amores, que se sorriem; mas não ha um só, que não chore.

A belleza de Marianna encheu de orgulho o coração de um pae nos primeiros annos, pouco depois porém essa mesma belleza começou-lhe a ser origem de serios cuidados; quando elle chegou a notar, que sua filha, vaidosa de seus encantos, embriagada com o incenso de mil lisonjas, procurava ganhar escravos em todas as sociedades onde apparecia, não desanimava nem preferia nenhum de seus numerosos admiradores, e, em uma palavra, amava perdidamente o galanteio... o galanteio, que é quasi sempre um obstaculo para a felicidade das moças, e uma recordação desagradavel, que ás vezes, já em muito nobre posição, as faz côrar diante de um homem, que vem visitar seu marido.

Então Anacleto desamava a belleza de Marianna, quizera antes vêl-a cem vezes menos bella, comtanto que fosse cem vezes mais discreta; porque, emfim, uma filha nunca é feia para seu pae.

Quando Marianna casou, Anacleto sentiu-se livre de uma responsabilidade immensa; mas cedo encheu-se de novos, e de mais importantes cuidados. Anacleto adivinhou o amor de sua filha, e do jovem Henrique, e tremeu, e teve vontade de morrer; porque um pae faz-se por seu grande amor solidario na vergonha de seus filhos; e teve vontade de viver para velar por Marianna, para salval-a, e salvar-se daquelle abysmo.

Veiu depois a viuvez de Marianna, e com ella novos tormentos para o pobre velho: um mancebo com quem elle antipathisava, parecia exercer sobre sua filha um imperio indizivel; com seu olhar penetrante, com suas vistas de pae, Anacleto via Marianna tremer diante de Salustiano... uma vez comprehendeu, que entre

elles dous devia haver um segredo terrivel; estudou inutilmente as acções, e procedimento de ambos, daria metade dos poucos annos, que lhe restavam, para descortinar aquelle arcano; mas não descobriu nada.

Emfim, chega Henrique, e outra vez apparece diante de sua filha; o amor daquelles dous corações não se tinha deixado morrer na ausencia. Anacleto surprehende essa affeição ardente, e dá-se parabens, porque Henrique é um nobre mancebo, que merece sua filha, e porque, além disso, vem livral-o do espectro, que o assusta, vem lançar fóra do combate a Salustiano.

Todavia, a despeito da presença de Henrique, Salustiano prosegue com seus antigos modos; Marianna continúa, como dantes, a hesitar a seus olhos; portanto, nem o talisman do amor a póde salvar; e o pobre pae, que não conhece o abysmo que o assusta, não tem o poder de avaliar o seu fundo, e treme ainda.

Um sarão é dado... festejam-se os annos de Celina, e nessa noite de prazer, na qual Anacleto adormecia suas magoas, o mancebo importuno e terrivel vem despertal-as.

O triste velho viu Salustiano approximar-se de sua filha, conheceu no semblante della, que havia terror dentro de sua alma, e sem poder vencer-se, segue o par que passeia e conversa, apura o ouvido, e apanha algumas palavras.

— Ignora, que eu tenho em minhas mãos os meios de vingar-me, e que existe no seu coração um amor, que eu posso destruir?... — tinha dito Salustiano.

E Marianna tremera e balbuciara uma phrase, que elle não pôde ouvir.

O terrivel moço continuara.

— Eu vou ter daqui a pouco uma hora de pratica com o Sr. Henrique.

Marianna estava desfigurada pelo terror.

— No fim dessa hora estarei vingado.

Anacleto não teve coragem para ouvir mais nada; luziu-lhe no animo a idéa de cahir sobre aquelle homem com suas mãos tremulas, e afogal-o alli mesmo... mas lembrou-se, de que elle podia gritar... fallar muito alto... e o pobre pae não sabia, o que é que toda a sociedade reunida em sua casa, chegaria a saber

Com o coração despedaçado correu para o jardim, atirou-se ao banco de relva, e cobrindo o rosto com as mãos, começou a chorar e soluçar desesperadamente.

— Oh! meu Deus! meu Deus!... exclamava elle.

E depois pensava comsigo mesmo: Será possivel que aquella

gente toda tenha os olhos fechados, que não observe e reprove o procedimento de minha filha?... que não leia na horrivel palli-dez de seu semblante a prova irrecusavel de um crime?... que não esteja olhando para mim com piedade de meus cabellos bran-cos?

— Oh! meu Deus!... meu Deus!... exclamava elle.

E depois, continuava a pensar comsigo mesmo: que crime terá praticado minha pobre filha?... porque, a submissão, com que ella se curva áquelle barbaro, não é amor... não... eu co-nheço minha filha, ella detesta esse indigno mancebo; mas elle fallou em vingar-se... disse que tinha em suas mãos os meios da vingança; oh! pois então a minha pobre Marianna é criminosa?... a filha do meu coração ha de ser desgraçada?... ousaria ella man-char as cãs de seu pae?... a minha pobre, a minha querida filha... o meu anjo!...

— Oh! meu Deus!... meu Deus! exclamava.

E depois, continuava ainda a pensar comsigo mesmo: ser pae é uma cousa muito triste; ter filhos é abrir a alma aos pezares!... oh! estes filhos, a quem damos a vida, nos matam!... estes filhos, a quem em pequeninos sustentamos pelas mãozinhas para fazel-os andar, e carregamos aos nossos hombros, vêm depois com as suas loucuras empurrar-nos para o tumulo!... oh! neste mundo não ha missão mais difficil, mais cheia de lagrimas, do que a missão do pae!... e então eu... tão velho! com a cabeça coroada pela neve dos annos, tremulo, sem forças, com os pés na cova, nem ao menos morrer consolado!!! o que eu pedia ao céo era fazer minha filha venturosa, e depois morrer... E ha de agora a ver-gonha vir fechar-me os olhos?!... e morrendo, deixarei minha pobre filha do coração, só, desolada, desprezada pelos homens, e sem amparo no mundo!... isto é horrivel... é capaz de matar de repente!!

— Oh! meu Deus!... meu Deus!... exclamou chorando ainda com mais força o infeliz velho.

Candido tinha estado muito tempo em pé diante de Anacleto, não querendo, emfim, perturbar aquella dôr immensa, em que o via engolfado; ia retirar-se, quando ao ruido de suas pisadas na terra, o velho ergueu a cabeça.

— Quem é?... perguntou, enxugando apressadamente as la-grimas.

— Sou eu, Sr. Anacleto, respondeu Candido; minha curiosida-de trouxe-me neste momento ao jardim; retirava-me porém já para não incommodal-o.

— Incommodar-me!... então eu..,

O mancebo ficou em silencio.

— Chorava!... exclamou Anacleto soluçando de novo.

— E' verdade.

Estiveram ambos por algum tempo sem dizer-se palavra; o velho chorando, e Candido tristemente observando-o.

— Sim, disse finalmente aquelle: tenho chorado... muito, minha cabeça arde... uma dôr despedaçadora parece querer rebentar as fracas paredes deste velho craneo... o que eu soffro é isso... é uma dôr... eu estou doente.

— Oh! então porque não se apressa a medicar-se? eu vou chamar a senhora sua filha... sobre tudo este ar da noite, o sereno póde fazer-lhe mal...

— Não... não quero... eu exijo, que não chame ninguem... nem mesmo minha filha; este ar da noite me faz bem... eu estou melhor, muito melhor isto vai passar de todo. Basta que descance... vá dansar, preciso ficar só.

Candido ia retirar-se.

— Escute, tornou o velho; promette-me não dizer a pessoa alguma, que eu estava incommodado?... promette-me?... veja que eu o exijo.

— Pois bem, senhor, nada direi.

— Sobretudo, meu filho, não diga a pessoa alguma, que me viu chórando aqui.

Candido retirou-se.

O velho, sacudindo tristemente a cabeça, disse:

— Moço, se não comprehendeste a minha dôr, has de comprehendel-a um dia; — és filho; serás pae.

XX

Uma mulher que mente

Quando, de volta do jardim, Candido entrou na sala, Marianna e Henrique conversavam com fogo, e defronte delles Salustiano estava em pé de braços cruzados, como quem espera alguma cousa.

Candido não acreditara nas palavras de Anacleto; comprehendera, que as lagrimas do velho, exprimiam antes, um grande soffrimento moral, do que uma dôr physica; por isso mesmo respeitava o segredo daquelle padecer; mas observava curioso, o que se passava então no Céo côr de rosa.

Estava-se ahi tecendo uma dessas intrigas de salão... era uma mina que se abria; qual deveria ser a victima?...

Moço e inexperiente, Candido nada pôde concluir de suas observações; a assembléa toda se mostrava, como desde o começo da noite, alegre e festiva; Marianna sorria-se meigamente para Henrique; Celina estava bella e contente, mesmo mais contente do que ordinariamente parecia.

No meio de tanto prazer, como achar a origem de uma grande tristeza ?...

O velho Anacleto chegou pouco depois, e Candido ficou ainda admirado ao vêl-o prazenteiro dirigir-se a todos, gracejando com as senhoras, e animando a sociedade já um pouco fatigada.

Na alma de Candido appareceu este pensamento: "Quem sabe, se alguns dos que se estão aqui rindo alegremente, não terão ido chorar, ás occultas, como o velho Anacleto?"

Pela primeira vez em sua vida elle sentiu que, nas sociedades o rosto se mascára com sorrisos... com olhares... e com palavras.

Henrique e Marianna separaram-se; Salustiano ia dirigindo-se ao primeiro, tendo porém os olhos fitos na filha de Anacleto, que, mal podendo conter um movimento de terror, foi direita ao logar onde estava Candido.

Salustiano voltou immediatamente á sua primeira posição.

Marianna fallou a Candido: sua voz parecia commovida.

— Quer fazer-me obsequio de dar-me o braço?

—Oh! com summo prazer.

Um homem pobre agradece com tanto reconhecimento qualquer pequenina prova de consideração!...

— Para onde quer que a acompanhe, minha senhora?... prefere passear nas salas, ou ir ao jardim?...

— Vamos ao jardim.

Candido observou, que o braço de Marianna tremia.

Quando chegaram ao jardim, a viuva e o mancebo entraram no caramanchão, e ella, sentando-se no banco da relva, disse:

— Sente-se ao pé de mim... conversemos.

Candido sentou-se curioso; Marianna hesitava.

Aquella mulher, de caracter tão forte, ia cumprir as ordens de um homem, que não era seu pae, nem seu marido, nem seu irmão; agora fraca e humilde, desempenhava o papel de escrava, obedecendo ao aceno de seu senhor.

Esteve em silencio por algum tempo a devorar seu calix de

amargura alli, naquelle banco de torturas, onde pouco antes, seu pae havia tanto chorado por causa della.

Emfim, com esforço indivixel, tomou a mão de Candido, apertou-a entre as suas, e disse:

— Este mundo... este mundo, senhor, é um inferno!...

— Para os infelizes, senhora.

— Oh! e onde estão os seus bemaventurados?... ninguem julgue da paz do coração pelo socego, e prazer do semblante; quasi sempre quando a alma chora lagrimas de sangue, os labios se sorriem, e os olhos brilham!...

— Eu comprehendo que ás vezes succede assim.

— Este mundo, Sr. Candido, é um tyranno, um despota inexoravel, que todo ornado de prejuizos e de chimeras, impõe-nos o dever de respeitar seus prejuizos, e de adorar suas chimeras! e ai daquelle que resiste!...

— E' verdade... é verdade.

— Os homens curvam-se a idéas falsas e indignas delles, e as desenvolvem porque, emfim, força é ser escravo do mundo!

— Não, isso não, minha senhora; o mundo não pensa, são os homens que, pervertidos e desmoralisados, concebem essas idéas; o mundo não tem culpa de ser assim, os homens o vestem com essas roupas.

— E o remedio?...

— O remedio é instruir e moralisar o povo.

— E emquanto elle não se instrue, nem se moralisa?...

— Deve-se bradar com força contra aquelles, a quem compete moralisal-o, e instruil-o.

— Sim, mas o primeiro que se erguer contra um prejuizo que reina, será victima, e ganhará em vez de palma de victoria, a corôa de martyrio.

— Embora: Socrates morreu, porém, suas idéas vingaram.

— E quem quereria ser Socrates?...

— Oh! minha senhora, perdôe-me; mas julgo melhor fazer de outro modo a pergunta.

— Como?...

— Quem poderia ser Socrates?...

— Pois acceito: quem poderia sel-o?...

— Um bom governo.

A viuva pensou alguns instantes; a conversação ia tomando caminho contrario ao que ella queria levar; finalmente, começou de novo:

— E emquanto a revolução moral não se faz, emquanto a so-

ciedade não reforma os seus costumes, o que hão de fazer os homens, o que farão principalmente esses entes fracos, as mulheres, que desde que nascem até que morrem, precisam sempre de um apoio na vida; o que hão de fazer, senão curvar-se a esses erros, a esses prejuizos ?...

— Uma grande mulher responde por mim, senhora; Mme. de Stael, penso que foi ella; escreveu em um livro "Os homens devem arrostar a opinião publica, e as mulheres curvar-se a ella". Eu digo o mesmo dos prejuizos de que falla.

— Oh! mas é horrivel!

— Eu o sinto, minha senhora.

— A's vezes ter uma mulher, para respeitar essas indignas chimeras, de quebrar uma corda sonora de seu coração... ás vezes ir parecer má, sendo benigna... dizer uma mentira, tendo nalma a verdade; é muito... é horrivel!

— Mas não é tanto assim, minha senhora; a mulher deve curvar-se diante do juizo dos homens só e unicamente até o ponto donde póde começar a ser offendido o juizo de Deus.

— Pobres mulheres! ás vezes o dito de uma criança é de sobra para perdel-as na opinião do publico; e depois o discurso de um sabio não basta para purificar seu nome dessa nodoa imaginaria! pobres mulheres, que precisão pesar suas palavras de cada vez que fallam, ter cuidado com seus olhos de cada vez que olham... porque fazem de suas palavras e de seus olhos provas de erro, e até ás vezes de crime!

— Afeia de mais a posição do seu sexo na sociedade, minha senhora.

— Não, isto é assim; eu, e todas, o temos experimentado; ha occasiões, em que um homem, que nos é indifferente ou só estimado, como amigo, que nos respeita, que só por amizade pura e sem interesse frequenta a nossa casa, põe, apezar disso, em duvida a innocencia de nossas affeições; e, sem o pensar, abre caminho á mordacidade, e presta uma victima á calumnia!

Candido não respondeu; ficou olhando para Marianna como querendo apanhar-lhe algum pensamento occulto, que acabasse de ressumbrar em suas ultimas palavras.

Depois de hesitar tambem por algum tempo, a viuva continuou com voz muito commovida:

— O senhor mesmo não tem escapado á maledicencia.

— Eu? exclamou Candido estremecendo.

— E' verdade.

— E como?... e porque?

— Eu lh'o vou dizer... custa-me muito a fazel-o, porque talvez o senhor se julgue offendido; mas, cumpro o meu dever... o meu desgraçado destino de mulher.

— Falle sem receio, minha senhora.

Marianna hesitando sempre, e sempre commovida, começou, pobre escrava, a cumprir as ordens de seu senhor.

— Sabe, que mortos os paes de Celina, foi o meu, como avô della, nomeado seu tutor, que elle e eu recebemos a sagrada missão de velar por ella, e de fazer tudo por tornal-a feliz?...

— Sei, minha senhora; respondeu Candido que de novo estremecera ouvindo pronunciar o nome da Bella Orphã.

— Pois então, tornou Marianna, comprehende a immensa responsabilidade, que pesa sobre nós?... comprehende que sobre meu pae, e sobre mim recahirá a culpa de qualquer falta, que por minha sobrinha fôr praticada, ou da calumnia, que contra ella ousarem lançar?...

— Comprehendo, disse o mancebo recordando-se das lagrimas do velho Anacleto.

— Agora escute: esse povo insano, que não vive, senão quando murmura; essa gente indigna, que quando não acha uma acção, de que murmurar, inventa-a para com ella alimentar-se; esse povo, essa gente quando vê um mancebo solteiro frequentando a casa em que existe uma senhora, que não é casada, não pergunta o motivo de suas visitas, não indaga a origem das relações que existem, brada, insulta, calumnia!

— Que quer dizer, minha senhora?...

— Quero dizer, que desde as primeiras visitas, que do senhor recebemos, graças, eu me ufano de o declarar a todos, graças a nossos reiterados convites, minha sobrinha e o senhor têm sido victima da aleivosia.

— E' possivel?!!

— Ousam dizer que Celina e o senhor se amam e se correspondem, e que meu pae e eu protegemos esse amor...

— Mas é uma infame calumnia!... exclamou Candido.

— E que importa ao mundo que murmura, que o senhor e nós todos juremos que isso é falso?... que a sua presença nesta casa é devida sómente a nossas repetidas instigações?... que o seu comportamento aqui é nobre, é leal, é digno de um homem de educação?... o mundo continúa a murmurar, como de facto tem continuado... vai de bocca em bocca passando a calumnia, e os ultimos que a escutam, já a recebem como verdade.

— Ah! senhora!...

Marianna hesitou, córando de si mesma, — Ousam dizer até...

porque era horrivel mentira o que ia avançar; Candido pensou, que ella córava de vergonha disso que ousavam dizer, e fallou a custo.

— Diga tudo, minha senhora, nada se deve esconder áquelle, que vai ser condemnado.

— Ousam dizer, que o senhor se gaba de merecer o amor de Celina a seus proprios amigos...

— Gabar-me a meus amigos?... eu sou pobre, minha senhora, muito pobre para ter amigos. Essa accusação é tão miseravel, que eu me rebaixaria se a combatesse.

— Hoje mesmo, e dentro de nossa propria casa a calumnia achou pasto para alimentar-se; ainda ha pouco, quando o senhor cantava, houve quem visse muito fogo nos seus olhos, e uma declaração de amor no seu canto. No fim delle as amigas de minha sobrinha foram cercal-a, zombar della, e dar-lhe ironicos parabens pela sua futura felicidade.

Candido sentia-se possuido de desespero e de vergonha; anciado, faltava a seus pulmões ar para respirar; enxugava com o lenço suor copioso, que em bagas lhe descia pelo rosto; seu coração estava comprimido por um peso enorme: arquejava.

A viuva proseguiu:

— Minha infeliz sobrinha correu para mim desolada, e escondida commigo no fundo de meu quarto, chorou tanto, e tanto, que me fez dó, e obrigou a um passo, que me causa realmente muita afflicção.

— Ella chorou, senhora?... perguntou Candido torcendo as mãos com violencia.

— Oh! sim! mas ella tinha razão; perdôe-lhe pois, ella pesou as consequencias desses boatos, e teve medo.

— E teve medo!... balbuciou automaticamente o mancebo.

— Porque, senhor, se esses boatos não forem desmentidos de algum modo muito positivo, qual será o resultado delles? uma barreira se levantará diante do futuro da pobre menina; nenhum homem de bem quererá pretender a mão, a posse da namorada de um outro, e, ou ella se casará com algum, que não tenha sentimentos elevados... ou ficará eternamente solteira... o que é na verdade uma desgraça, ou emfim, casar-se-á com o senhor...

—Ou emfim... balbuciou outra vez Candido.

— Oh! mas eu tenho bastante conhecimento da generosidade de sua alma para acreditar que tudo isto lhe é tão doloroso, como a ella; eu vejo, que o senhor não se achando com forças, não podendo fazer a ventura de Celina...

A viuva hesitou outra vez.

— Não podendo... repetio surdamente o mancebo.

A viuva respirou, animou-se, e proseguiu.

— Porque o senhor é pobre... não tem bastante para si... e Celina está habituada a commodos e prazeres, que em fim o senhor não a poderia fazer feliz... é pobre... e...

— Sou pobre... disse o mancebo com voz sombria e sacudindo a cabeça; é isso mesmo; eu sou pobre...

— E quando mesmo os senhores se amassem realmente, e o amor, operando um milagre, que não seria o primeiro, fizesse com que Celina se julgasse feliz partilhando as privações da sua pobreza; essa felicidade duraria dous outres mezes, talvez mesmo um anno; mas passada a força da paixão... a realidade chegaria por sua vez, Celina choraria seus antigos prazeres, que o marido lhe não poderia dar em sua pobreza.

— A pobreza!!!

— E o senhor tambem se havia de arrepender de havel-a desposado; porque talvez que um homem rico e feliz, um homem que occupasse na sociedade uma posição, que se visse...

— Que se visse!...

— A quizesse por mulher; e então é consequente, e eu creio que o senhor pensará commigo, que uma mulher no seio da riqueza, gozando os regalos que ella facilita, brilhando pela posição de seu marido, é mil vezes mais feliz, é sem comparação mais ditosa, do que nos braços de um pobre, que não teria para dar-lhe senão lagrimas de amor no principio... e no fim impertinencia e dissabores de indifferença...

— Tem razão.

— Oh! não sou eu que a tenho, é minha sobrinha que o estima; mas que não póde deixar de chorar a sua fama assim ultrajada por seu respeito... bem que o senhor não tenha para isso cooperado.

A viuva calou-se... Candido não podia dizer palavra; ambos porém soffriam muito: o mancebo tragava fel de amargura, de vergonha, e de desespero, e Marianna sentia-se devorada por violentos remorsos.

Mas era escrava; tinha obedecido a seu senhor.

Estavam já em silencio ha alguns minutos, quando ouviu-se o toque da meia noite.

Marianna ergueu-se, e disse:

— Ah! meu Deus! que tempo estamos fóra da sala... hão de ter reparado em minha ausencia... voltemos, Sr. Candido.

O mancebo que se tinha deixado ficar sentado no banco de relva, respondeu com voz sombria:

— Não, eu fico.

A viuva retirou-se a passos vagarosos e com a cabeça baixa; desapparecendo pela portinha, que deitava para o jardim, ella encostou-se á parede do corredor e desatou a chorar.

Quando Marianna acabava de sahir do jardim, surgiu dentre alguns arbustos um homem alto, e cuja cabeça alvejava de tão branca que era.

Chegou-se ao caramanchão, e dirigindo-se ao mancebo, disse:

— Aquella mulher, mentiu.

— Não mentio! exclamou Candido com violencia, não mentio! é verdade! o mundo fallou em seus labios... tudo aquillo quer dizer — o homem pobre é um miseravel... o contacto do homem pobre mancha o rico... seu halito é pestifero... o seu aspecto hediondo... a pobreza é a morphéa!

E acabando de pronunciar essas palavras, sahiu correndo pela portinha do jardim.

Ficou só o velho Rodrigues.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

Todos os leitores do

JORNAL DO BRASIL

devem

tomar parte nos seus Concursos

que offerecem sempre

surpresas agradaveis e uteis

Supplemento Romantico

DO

JORNAL DO BRASIL

Edição especial dos Concursos do JORNAL DO BRASIL

Para vulgarizar os romances classicos da nossa literatura resolveu o "Jornal do Brasil" offerecel-os aos concurrentes de seus Concursos em pequenos volumes, como supplemento gratuito, fornecido nas condiçoes exaradas nos annuncios publicados no "Jornal do Brasil" na secção dos Concursos.

VOLUMES PUBLICADOS:

N. 1 — DIVA de José de Alencar.
N. 2 — O GARIMPEIRO de Bernardo Guimarães.
Ns. 3 e 4 — IRACEMA E UBIRAJARA de José de Alencar.
Ns. 5 e 6 — A MYSTERIOSA, OS QUATRO PONTOS CARDEAES de Joaquim M. de Macedo.
N. 7 — SARGENTO DE MILICIAS de M. A. de Almeida.
N. 8 — COMEDIAS de Martins Penna.
N. 9 — SENHORA de J. de Alnecar.
N. 10 — O CABELLEIRA de Franklin Tavora.
N. 11 — A ESCRAVA ISAURA de Bernardo Guimarães.
N. 12 — LUCIOLA de José de Alencar.
N. 13 — O TRONCO DO IPÊ de José de Alencar.
N. 14 — O SEMINARISTA de Bernardo Guimarães
N. 15 — ENCARNAÇÃO de José de Alencar
N. 16 — OS DOUS AMORES de J. M. de Macedo

Joaquim Manoel de Macedo

OS DOUS AMORES

SEGUNDO VOLUME

SUPPLEMENTO ROMANTICO

DO

"JORNAL DO BRASIL"

Nº 17

JOAQUIM M. DE MACEDO

OS DOUS AMORES

Segundo Volume

OFFICINAS GRAPHICAS
DO "JORNAL DO BRASIL"
RIO DE JANEIRO — 1929

I

Henrique

O amor é a paixão das inconsequencias e dos absurdos.

A impossibilidade de bem definil-o provém da mesma natureza desse sentimento; tem-se escripto milhões de volumes sobre o amor, e a intelligencia humana ainda o não retratou com todas as suas côres, porque sempre elle se mostra com uma nova nuança.

Fizeram-no parente da amizade, deram-lhe até o grão de seu irmão; mas se, realmente, tanto nella como nelle ha sempre um pendor para o objecto que nos é grato, differem ambos em tudo que resta, tanto e tanto, que parecem mais inimigos do que deviam ser dous parentes tão chegados.

Differem muito, differem nos principios e nos resultados.

O bello titulo de amigo adquire-se á custa de uma longa provação, que dura annos; agglomeram-se obsequios sobre obsequios; é preciso que o tempo e o tracto mutuo de dous homens tenham feito conhecer a ambos sua tambem mutua dedicação, e o desinteresse e a paciencia, e até certo ponto conformidade de sentimentos, e de sentimentos que sejam nobres; para que no fim de tudo isso saia o nome de — amigo, — não da flôr dos labios, mas do amago do coração.

O amor não é assim; ás vezes é a obra de um instante tão breve como um suspiro.

A's vezes não se estuda a nobreza dos sentimentos da pessoa a quem se vai, sempre involuntariamente, amar; e nunca se espera por nenhuma prova de dedicação e paciencia, e não se póde esperar por alguma de desinteresse; porque o amor é terrivelmente interesseiro no seu genero.

A's vezes dous olhos pretos, dous labios de coral, e um ins-

tante para vêl-os, resumem toda a historia de um grande amor.

Pois bem, ahi tendes um amor e uma amizade; o primeiro, filho do temperamento, ou da sympathia, ou do que quizerdes; o filho, em summa, de um curto momento, em que não houve, nem reflexão, nem vontade; a segunda, sentimento reflectido, criado pela dedicação, amamentado pela virtude, educado cuidadosamente durante muitos annos.

Ahi tendes a amizade, virgem encantadora cheia de pureza, de formosura, de graça e de castidade; e o amor, menino impertinente, audacioso, exigente, importuno, teimoso... para dizer tudo, menino malcriado.

O que é que acontece no correr da vida de ambos?...

Acontece que o filho do momento, que devia ser o mais fraco, é o mais forte; que o menino malcriado, que devia ser menos tolerado, é de quem se soffre muito mais.

A amizade para viver precisa que a ajudem; é a lampada do templo, cuja luz se extingue se lhe falta o oleo; é necessario que a dedicação, o desinteresse, a paciencia, que já tanto se provaram, vão sempre de seu existir dando novas provas, para que a amizade subsista; para que a virgem não fuja envergonhada.

E o amor?... amai, e vêde; aquillo mesmo que destruiria para logo a mais antiga e enraizada amizade, é quasi sempre um incentivo que dá mais vigor e mais fogo ao filho do momento.

Amae, e vêde; a mulher que vos plantou no coração esse sentimento, vos desafia com seus rigores; vos faz escravo de seus caprichos; com um desdem arranca lagrimas de vossos olhos, e com uma lagrima vos fez dobrar os joelhos.

Na amizade, a traição faz esquecer; no amor, a traição faz enlouquecer.

As differenças que existem entre os dous sentimentos continuam ainda; e, como devia acontecer, compensam finalmente os triumphos que sobre a amizade dão no principio ao amor.

O orgulhoso que de si mesmo tirava suas forças, que vivia de seus caprichos, de desdens e de lagrimas, devia por força cansar mais depressa do que a virgem modesta, que caminhava cuidadosamente á sombra de mil cuidados, e guiada pela virtude e pela dedicação.

O tempo é portanto a vida da amizade, e a morte do amor.

E assim como vimos ha pouco, que aquillo mesmo que podia instantaneamente matar a amizade, era para o amor incentivo que lhe dava mais vigor, e lhe tornava mais intenso o fogo; ve-

remos, agora, em compensação tambem, que o principio que anima a primeira é causa do resfriamento e morte do segundo.

Queremos fallar do gozo, porque, embora de natureza distincta, tanto o amor como a amizade tem o seu.

Dous amigos gozam-se com a troca de seus sentimentos e de seus cuidados; gozam-se partilhando mutuamente os pezares e os prazeres um do outro, ajudando-se na prosperidade e nos trabalhos da vida; e esse gozo anima o fogo do sentimento que o dá, enraiza ainda mais a amizade que o promoveu.

Agora o que acontece com o amor, perguntae a todos os esposos; interrogae principalmente a todas essas bellas moças, a quem se jurou paixão eterna; interrogae a essas... um anno depois de casadas.

Ellas vos dirão o que desde muito tempo já foi dito — "o desejo é a medida do prazer".

Ou, o que pouco mais ou menos exprime a mesma cousa — "a morte do amor está no gozo".

Mas, emquanto se não goza, flammeja um desejo immenso que accende a imaginação, e os menores encantos são perfeições angelicas, e tudo é engrandecido e divinisado no objecto que se ama; da mulher se faz um anjo.

Não ha mais nada de terrestre nella: houve uma metamorphose operada pela imaginação.

O desejo suspira ás vezes como um favonio que brinca com as flôres de manhã cedo; e logo depois brame como a tempestade, como o vento enraivado varrendo a floresta virgem.

Se ha um abysmo, o homem lança-se dentro delle; se lá dentro... se lá em baixo elle viu o rosto da mulher que ama...

Se ha um muro de bronze, o homem trabalha uma vida inteira para lançal-o por terra.

E nem os annos, e nem a ausencia podem fazer esquecer a mulher que se ama.

Porque não houve gozo.

E póde a mulher ser caprichosa e ligeira; póde zombar, póde parecer inconstante, póde desdenhar, podem mesmo asseverar que ella é falsa; o homem estará preso a seus pés como um misero escravo.

Porque não houve gozo.

E', com isto, e mercê destas considerações mil vezes já enunciadas de modo mil vezes melhor, que se explicava o amor extremoso e irresistivel de que o joven Henrique se achava possuido pela filha de Anacleto.

Henrique era um exemplo que se podia dar dos dous sentimentos que acabam de ser discutidos.

Laços de uma pura e virginal amizade o ligaram a Carlos; grilhões de um amor tyrannico e invencivel o prendiam aos pés de Marianna.

A amizade, porém, dos dous mancebos era mais velha que o amor de um delles; e Carlos, com o zêlo de um amigo fiel, tinha acompanhado todo o correr desse amor, que durante muito tempo se lhe figurou em abysmo.

Com franqueza e lealdade combatêra esse sentimento de Henrique durante seus primeiros tempos; apoiára sua viagem á Europa, e, apezar de lêr o nome de Marianna em todas as cartas de seu amigo, só começára a fallar della nas suas, quando começára tambem a viuvez da filha de Anacleto.

Depois da volta de Henrique á patria, acompanhava-o ao Céo côr de rosa, e observava...

Os dous amigos estavam juntos na manhã que se seguia depois da noite dos annos de Celina.

Henrique achava-se pensativo e profundamente melancolico.

— Previ que estimarias vêr-me hoje cedo: disse Carlos.

— Estimo vêr-te sempre; que quer porém dizer a tua previsão ?

— Adivinhei que estarias pensativo e triste.

— Então adivinhaste tambem o motivo ?

— Tambem.

Henrique córou sem querer; ensaiou um sorriso, e perguntou:

— Qual é ?...

— Sou teu medico, Henrique, e vi que a noite de hontem deveria fazer-te mal.

— E fez-me.

— Portanto, fiz bem em vir conversar comtigo; necessariamente tens muito que dizer-me.

— Não; tenho ao contrario alguma cousa que perguntar.

— Vamos, Pois.

— Que observaste hontem á noite, Carlos ?...

— Provavelmente menos do que tu, Henrique.

— Menos do que eu ?...

— Sim; porque eu examinei tudo com olhar frio do observador, e eu viste audo com os olhos enganadores da paixão.

— E então ?...

— Então tu deixaste hontem o Céo côr de rosa com a con-

vicção terrivel de que tinhas um rival poderoso no joven Salustiano.

— E tu?...

— E eu vim com a certeza de que a bella viuva detesta esse homem mais do que tu mesmo.

— E' possivel?!!

— Mas eu trouxe tambem a certeza de que entre ella e Salustiano existe um segredo, que é uma barreira que se levanta contra o teu amor.

— Oh!... mas esse fatal segredo...

— E' um segredo... não o saberás... não o saberemos.

— Mas eu daria meu sangue... metade de minha vida para poder arrazal-o.

— E nunca o saberás.

Henrique torceu as mãos com violencia, e depois exclamou com accento de dôr profunda:

— Que eu não possa esquecer essa mulher!!!

E começou a passear por toda a extensão da sala, visivelmente alterado.

Carlos acompanhava-o em silencio e com os braços cruzados, até que, emfim, Henrique principiou a desabafar seus soffrimentos, fallando.

— E' incrivel! exclamou elle: como se póde explicar este sentimento que tem feito o constante padecer de minha vida?... como é que póde em mim tanto essa mulher, que nem a razão, nem a ausencia, nem a amizade poderão conseguir fazer-me esquecêl-a?... como é que eu me prendo assim a uma rosa que me espinha, que me offereço a um raio que me abraza?!! Oh! Carlos! Carlos! este amor é fatal com a maldição de um pae!...

— Eu t'o predisse; no seu começo fôra possivel vencêl-o; agora é tarde.

— Possivel vencêl-o?! se não fôras meu amigo, eu te desejaria um amor como este, para sentires como foi elle no seu começo; sabes o que é estar um homem devorado pela sêde, e preso a uma columna de ferro a dous passos de um rio de aguas limpidas?... pois foi assim que eu vivi emquanto Marianna esteve casada; a minha sêde era de amor, minha columna de ferro era a honra, e essa mulher era para mim uma fonte de angelica pureza... oh!... foi muito horrivel a minha vida!... foi muito horrivel!!!

Carlos guardou silencio.

— E agora? proseguiu o apaixonado mancebo; — agora

que nenhuma consideração digna de respeitar-se oppõe-se ao meu amor; agora que eu não me envergonho declarando-o á mulher, que tanto póde sobre mim; agora que eu a ouço todos os dias dizer que me ama, ha de vir um homem, que até hoje desprezei, ostentar a meus olhos o poder que exerce sobre ella ?... isto não é uma tentação abominavel ?... dize Carlos, dize, isto não é uma tentação capaz de perder-me para sempre ?

Os olhos de Henrique flammejavam.

Que queres dizer ?... exclamou Carlos.

— Quero dizer, respondeu Henrique tremendo, que hontem á noite eu vi a mulher que adoro, levada pelo braço desse homem, pallida, abatida, tremula como uma criminosa; e elle, arrogante, soberbo, terrivel e feroz como um algoz; quero dizer que de então até agora eu tenho sonhado com um punhal... com a deshonra...

— Insensato ! bradou Carlos.

— Mas do que isso ! ! !

— Comprehendes bem todo o sentido das palavras que pronunciaste ?...

— Perfeitamente.

— Serás capaz de repetil-as ?...

— Sem duvida.

— Henrique, disse Carlos com voz triste e grave; fallas com o teu amigo, responde pois seriamente: pensaste já uma só vez em realizar esse pensamento abominavel ?...

Henrique hesitou.

— Esse pensamento é um crime, tornou Carlos, mas eu sou teu amigo para t'o perdoar; responde, pois, pensastes já uma só vez em realizal-o ?...

Henrique empallideceu como um moribundo, e disse:

— Já... esta noite.

— Estás quasi perdido ! ! ! exclamou dolorosamente o amigo.

Henrique, escutando esse grito da amizade, atirou-se no sofá chorando desabridamente.

Carlos sentou-se, e reflectiu durante muito tempo; o medico procurava um remedio para o seu doente; e o doente tinha medo daquelle medico, que sempre se havia opposto ao seu amor.

No fim de meia hora, Carlos chegou-se para junto do amigo, e tocando-lhe no hombro, disse:

— Sê homem.

Henrique levantou a cabeça.

— Tenho pensado bem, continuou aquelle; não vejo razão para tão grande dôr.

— Como ? perguntou Henrique.

— A bella viuva te ama.

O mancebo suspirou, e disse:

— E aquelle homem ?...

— E' um vil... despreza-o...

— Era só isso o que tinhas para me dizer ?...

— Não.

— Que mais então ?

— Cumpre que tudo isto tenha um termo; e quanto mais cedo, melhor.

— Que devo fazer ?... eu não sei nada... desvairo e chóro.

— Pois bem; irás ao Céo côr de rosa.

— Quando ?...

— Hoje não; estás agitado demais: irás ao primeiro serão.

— E depois ?...

— Terás uma conferencia com tua amada, e positivamente offerecer-lhe-ás a tua mão.

— E finalmente ?... exclamou Henrique.

— Pedil-a-ás em casamento ao velho Anacleto.

— Tu m'o aconselhas !... bradou o amante abraçando com força a Carlos; tu m'o aconselhas ?...

— Sim ! sim ! respondeu este.

E depois continuou fallando comsigo mesmo:

— Dos males o menor.

II

Um serão sem elle

Se o olhar do observador podesse chegar ao fundo do coração humano, esquadrinhar todos os seus escaninhos, arrazar seus segredos mais occultos, lêr nelle como em um livro; teria, é verdade, muito de que horrorisar-se, muito de que espantar-se com a hypocrisia e malvadeza da humanidade; em compensação, porém, acharia um encanto indizivel, examinando o coração de uma moça, que começa a amar pela primeira vez.

Porque, se doçura immensa se goza já nessas rapídas e passageiras traições-zinhas, que fazem ao pudor de uma virgem os

suspiros que por entre os labios escapam, e os olhares que com mal comprimido fogo dardejam os olhos; em que mar de innocencia, de amor angelico, de candura e de graça se não banharia o pensamento do observador, penetrando no coração da virgem christã ? ! !

Uma vida nova começa com o primeiro dia de amor; a aurora desse dia, rubra como o pejo da moça, revela um mysterio, que ainda se não comprehendia a noite passada.

De então por diante todos os pensamentos, todos os desejos, os brilhantes arabescos da imaginação, os sonhos, que a alma sonha acordada, o futuro, os risos, o pranto e a vida da virgem estão presos por correntes de flôres ao mysterio que se revelou.

Foi o grito da natureza que soou, e que repercutiu no coração da donzella.

Mas a virgem christã teve a educação da pureza, e tem o pudor da mulher; desde que concebeu a idéa do amor, desde que a sentiu, ouvindo o grito da natureza, córou de si mesma.

Porque córa ?... porque esconde um sentimento, que a natureza inspira ?... porque córa ?... perguntae-lhe: ella responderá com voz quasi sumida — não sei, — ha de córar mil vezes mais, respondendo.

E a virgem que não córasse por mais formosa que fosse, seria como uma flôr sem perfumes, ou uma alma sem pensamentos.

Mas a virgem pretende em vão esconder o amor que amanheceu no seu coração; ella o esconde, e elle se revela, como ainda o perfume que escapa da flôr, e ainda o pensamento que transpira d'alma.

Observae a moça que começa a amar: tudo é novo nella; uma revolução se operou em seu caracter, e em suas acções; o seu physico mesmo se resente; ella se torna mais encantadora.

Estudae a expressão de seus olhos; seus olhares são vagos, rapidos, ás vezes langorosos... é bello vêl-a olhar assim...

Melancolica e distrahida, seus antigos prazeres a afadigam; esqueceu-se delles... tem na mente um desejo novo...

Louquinha que amava as festas com seu ruido e bulicio; que corria pelos prados; que brincava com as companheiras saltando, gritando, zombando; agora se esconde em seu quarto para chorar sem motivo, e depois, no jardim, fica uma hora parada defronte de uma flôr...

Isso, e ainda muito mais que não será possivel descrever completamente nunca, é a historia da madrugada do amor, que

todas as que foram moças gozaram, e que as que o não são, devem gozar ainda.

Celina começava a experimentar todos esses phenomenos; a noite de seus annos rasgára, emfim, o véo da duvida... no fim do canto do mancebo pobre, ella tinha comprehendido que já o amava muito; que dentro do seu coração esse amor brotára, e crescêra, sem que fosse sentido... Candido era amado.

Mas porque se tinha elle retirado antes da terminação do baile ? porque não apparecêra desde então no Céo côr de rosa ?

O amor de Celina começava com tormentos; porque tambem é regra que no amor uma duvida é um tormento, uma suspeita é veneno.

Com anciedade esperou a Bella Orphã pela primeira noite de serão... devia vêl-o... Candido, se a amava, não podia faltar... havia de vir por força...

Gastou o dobro do tempo que costumava, em seu toucador; tinha vontade de parecer ao homem que amava, a mais bella de todas as mulheres.

Chegou a hora do serão; vieram pouco a pouco chegando todos aquelles que costumavam frequentar o Céo côr de rosa.

Celina não podia arrancar os olhos da porta da entrada; por tres vezes tinha já ido á janella sob differentes pretextos.

Apresentou-se Henrique... algum tempo depois appareceu Salustiano.

Os sinos tocaram nove horas da noite. Candido não havia chegado.

Celina não pôde conter um forte movimento de impaciencia e desagrado.

— Meu Deus ! D. Celina, exclamou Felicia, o que é que hoje você tem...

— Parece que esperava por alguem, que não chegou, disse Mariquinhas; ella não tem tirado os olhos da porta da sala.

— Oh ! não ! respondeu a Bella Orphã; é que hoje não estou boa... sinto um calor, que parece febre; preciso respirar ar puro e livre.

E dirigiu-se de novo á janella... ninguem vinha; esperou cerca de dez minutos; mas sempre debalde.

A pobre moça sentiu então uma dôr nova para ella; apertou-se-lhe o coração, como se uma mão de ferro o estivesse comprimindo com os dedos; e não podendo supportar o ruido que na sala reinava; parecendo-lhe as risadas que ouvia, os gracejos que se diziam, as musicas que se cantavam, e os olhares que lhe lan-

çava Salustiano, um insulto feito á sua dôr, aproveitou um momento de distracção geral, e sahindo da sala sem ser sentida, subiu para seu quarto, e atirando-se no leito, começou a chorar.

No emtanto, Henrique havia offerecido o braço a Marianna, e passeavam conversando.

Chegaram-se ambos para uma janella e vendo-se a sós, Henrique fallou á bella viuva:

— Minha senhora, eu precisava fallar-lhe a sós sobre um objecto de grande importancia para nós ambos, julgará opportuno este momento ?...

— Posso eu dar uma sentença sobre causa que não conheço ? perguntou gracejando Marianna.

— Não haverá gracejo, nem puerilidade, no que eu devo dizer, tornou Henrique com tom sério.

— Mas é que eu não sei sobre o que devemos tratar.

— Oh !... senhora !... será possivel que não adivinhe qual será o objecto de que lhe quero fallar ?... não lh'o diz o coração ha seis annos ?

— Para aquelles que se amam, disse Marianna abaixando a cabeça e a voz, todos os momentos e todos os lugares são opportunos e propicios.

— Então eu fallo; e depois que eu fallar, é que realmente ouvirei uma sentença.

Marianna levantou os olhos, e viu a expressão apaixonada e séria do semblante de Henrique.

— Eu não lembrarei o passado, disse o mancebo; é a historia de uma luta desesperada entre o dever e o amor, que eu não quero recordar, porque ainda me causa terriveis angustias...

— Oh ! lembremol-o sempre !... a sua memoria é doce porque não desdoira... foi um amor do espirito.

— Embora... mas se quizer, eu o lembrarei sómente para dizer que esse amor que resistiu ao dever, que não morreu na ausencia, é um amor que deve ser bem caro, senhora !...

— E tem elle sido mal pago, senhor ?... nessa luta entre o dever e o amor, soffreria menos a mulher, para quem o amor é sempre mais ardente, e o dever era dobradamente maior ?...

— E agora, senhora ?... agora, que não ha mais barreiras levantadas diante desse terno sentimento ?...

— Agora ?...

— Sim; agora ?...

— Acceite como resposta, senhor, a mesma pergunta que acaba de fazer-me.

— Oh ! pois bem; mas o que vemos na sociedade ?... quem é que se apressa a desejar prender-se por laços sagrados ?... é por ventura o homem, que póde esperar dez annos sem perder na opinião dos outros homens ?...

— Que quer dizer, senhor ?...

— Quero dizer, minha senhora, que acreditando em suas palavras, julgando-me feliz e amado, eu me espanto de que a mulher que me ama, e que tem a certeza de ser por mim idolatrada, livre, tão senhora de sua mão como de seus pensamentos, não se lembrasse uma só vez ainda de me estender essa mão ha tantos annos desejada, dizendo-me: — eil-a aqui !

— Ah ! senhor !...

— Quero dizer que tenho pensado commigo mesmo sobre a causa provavel dessa frieza, e seguramente ha erro em todos os meus juizos; pensei, eu o confesso, senhora, que eu podia ter sido o objecto de uma zombaria de seis annos... que o amor, em que acreditava, era fingido...

— E teve duas vezes esse mesmo pensamento ?... perguntou Marianna, deixando cahir duas grossas lagrimas.

— Henrique não viu felizmente as lagrimas da viuva.

— Não... não... esse pensamento duas vezes concebido seria capaz de matar-me; esse pensamento foi certamente uma loucura; mas como essa, mil outras loucuras me vieram á cabeça, e finalmente pára numa, que foi a peor de todas, que é horrivel !...

— Mas por felicidade nossa, senhor, não passará tambem de uma loucura.

— Pensei, disse Henrique voltando os olhos para a sala, que havia no mundo um homem que se oppunha á minha dita... e que a mulher que eu adoro, obedecia á sua voz, e tremia debaixo de seus olhos !

Henrique encarou Marianna como querendo apanhar-lhe no rosto, no tremer convulsivo de um musculo, ou no espanto do olhar um segredo que ella guardasse; mas, apenas viu raiar nos labios da interessante viuva o mais feiticeiro dos sorrisos.

Com serenidade, sangue frio e graça, respondeu Marianna em tom alegre:

— Quando eu dizia que era ainda uma loucura !...

— Uma loucura sómente ?... uma chimera, e mais nada.

— Sim... sim; sómente uma loucura; mas uma doce loucura, que me agrada, porque a sua origem me é grata.

— Deus permitta que eu fosse realmente um louco!

Apezar da serenidade que effectava, a viuva sentia-se terrivelmente combatida interiormente pelas suspeitas de Henrique; a todo transe quiz saber até onde tinham ellas chegado.

— Porém, disse ella, para que ficar assim apenas conhecido por metade o juizo que fez a meu respeito?... arrependo-me de o haver interrompido.

— Ao contrario, senhora, fez bem em dar apressada um copo dagua ao homem morto de sêde; tanto mais que o meu juizo parou ahi... não pensei mais nada...

— Falla seriamente? não procurou conhecer esse homem, que podia tanto em mim, nem descobrir a causa de sua admiravel influencia?...

— Não passei além do que disse.

— Oh! exclamou Marianna, Deus permitta que os seus votos de amor sejam mais verdadeiros do que as suas ultimas palavras...

— Porque, minha senhora?...

— Porque agora não disse a verdade; o homem do qual quer fallar, está ali na sala... seus olhos o procuraram ainda ha pouco.

— E' verdade, murmurou Henrique.

Marianna córou, e disse com violencia mal comprimida:

— E o senhor... o homem a quem eu distingui com o meu amor, o senhor que é um homem nobre; porque se o não fôra, eu o não amára, abaixou-se até o ponto de tomar para seu rival um miseravel que não tem espirito, nem belleza?... abaixou-me, dando-me por amante um moço sem merito, e que eu detesto!...

— E' possivel!...

— Oh!... eu sei amar melhor do que sou amada!...

Henrique apertava com ardor uma das mãos de Marianna; cahiria a seus pés, se não pudesse ser visto por tanta gente, que estava a alguns passos delles.

— Eu sei amar melhor, continuou a viuva: porque ao menos eu não rebaixaria o homem que amo, julgando-o capaz de esquecer-me por uma mulher que não se pudesse comparar commigo!...

— Mas aquelle homem por toda a parte a segue... e eu... ah! senhora, eu já disse que sou um louco.

O rosto de Marianna tomou ainda uma nova expressão physionomica; radiou nelle outra vez o prazer, e com accento gracioso respondeu:

— Quando eu digo que amo, que me é grata uma loucura assim!...

— Que contradicção, meu Deus!

— Que quer?! a culpa não é minha; quando penso em levantar-me violenta e resentida contra essa loucura, vem logo desarmar-me a imagem do louco!...

Henrique torceu as mãos apaixonadamente, e disse:

— Ah! senhora! eu quizera sentar-me em um throno para lhe dar metade delle... eu tremeria menos assim, porque o esplendor do meu diadema deslumbraria aquelles que ousassem erguer os olhos para aquella que se sentasse a meu lado!

— E eu, pelo contrario, respondeu a viuva com seu encantador sorriso, quizera vêl-o no fundo de um horrivel abysmo para descer até lá, e ir viver debaixo de seus olhos; eu então não tremeria nunca... porque nenhuma mulher quereria descer como eu, e esquecer o mundo pelo abysmo.

O piano tocou nesse momento os primeiros compassos de uma valsa.

— Chamam-nos! disse Marianna.

— Sim... chamam-nos... mas com suas bellas palavras ficou esquecido o fim principal de nossa conversação! sereia encantadora que o homem não deve ouvir para se não perder!...

— Ah! porém eu comprehendi tudo.

— Tudo?... talvez; porém não respondeu nada.

— Eis a minha resposta; disse a viuva.

E offerecendo a Henrique sua mão direita, accrescentou, abaixando os olhos e com voz commovida:

— Eil-a aqui.

O mancebo apertou aquella mão delicada e bella com ardor e enthusiasmo, e com os olhos humidos de lagrimas de prazer, disse:

— Amanhã virei pedil-a a seu pae!

— Venha... eu o espero: respondeu a viuva.

Os dous entraram na sala ebrios de alegria e de amor.

A musica viva e animadora de Strauss tinha feito voltar á sala mais alguem, que della estava ausente.

Pouco tempo depois que Celina havia subido para seu quarto, deu Mariquinhas por falta da amiga, e adivinhando onde a acharia, correu ao segundo andar.

Quando entrou no quarto da Bella Orphã, não pôde reter um pequeno grito de susto:

Celina estava meio deitada em seu leito, e com o rosto co-

berto com um lenço chorava tristemente; seus cabellos se haviam desatado, e cahiam-lhe espalhados sobre o lindo collo.

Escutando o grito de Mariquinhas, tirou o lenço dos olhos, e sentando-se, perguntou agitada:

— Quem é ?...

— Sou eu, D. Celina; disse Mariquinhas approximando-se; sou eu, que te venho perguntar o que querem dizer essas lagrimas.

A Bella Orphã passou a mão pela fronte, e respondeu tristemente:

— Já te não disse que não estava boa ?... é a minha cabeça que soffre.

Mariquinhas olhou para a amiga por algum tempo, e depois tornou-lhe assim:

— Sou alegre, D. Celina, tu me chamas maliciosa. D. Felicia diz que eu sou ligeira, e que não tenho juizo; mas olha, o que eu sei, é que sou tua amiga.

— Eu te creio, D. Mariquinhas.

— Pois bem, sabe que comprehendo alguma cousa de tua dôr... não adivinho tudo, mas alguma cousa eu sei.

— Que queres dizer ?

— Que não é tua cabeça que está soffrendo.

— Então o que ?...

— E' teu coração.

— D. Mariquinhas !

— Basta: por agora nem mais uma palavra; deixa-me arranjar teus cabellos... teremos tempo para conversar qualquer destes dias.

—Mas eu...

— Silencio ! enxuga as tuas lagrimas; que precisão ha de que saibam lá em baixo que tu choraste ?... sabes ?... perguntar-te-iam, ou quereriam adivinhar porque.

A Bella Orphã abaixou a cabeça, e Mariquinhas começou a endireitar-lhe o cabello.

— Quando acabava esse interessante trabalho, soaram em baixo os primeiros compassos da valsa.

— Ouves ?... disse Mariquinhas.

— Sim; ouço.

— Pois vamos descer.

— Para que ?...

— Para dansar.

— Eu não dansarei hoje.

— Oh ! tornou Mariquinhas; mas é necessario dansar, é ne-

cessario rir, é necessario fingir; porque a moça que não finge, soffre muito neste mundo que morde.

— Oh ! que mundo !...

— Vamos.

— Espera; olha bem para mim; poderão descobrir nos meus olhos que eu estive chorando ?...

Mariquinhas olhou de perto para Celina, foi approximando o rosto, deu-lhe um beijo, e disse:

— Teus olhos brilham... as lagrimas estão no coração.

Desceram as duas amigas.

Quando, deixando a janella, em que haviam conversado, Marianna e Henrique tornavam á sala, Celina e Mariquinhas appareciam tambem.

Eram dous amores que entravam ao mesmo tempo; o primeiro trazia a esperança nos olhos, e o segundo um tormento no coração.

III

Candido

Na noite dos annos da Bella Orphã, foi a velha Irias uma das primeiras pessoas que repararam na ausencia de Candido.

Depois de esperar inutilmente vêl-o entrar de novo na sala, perguntou por elle, e soube com espanto que se havia retirado.

Receando que algum incommodo grande e imprevisto tivesse sobrevindo a seu filho adoptivo, despediu-se dos donos da casa, e deixando o Céo côr de rosa entrou no Purgatorio-trigueiro.

Subiu ao velho sotão, a porta estava fechada; bateu em vão primeira, segunda e terceira vez.

Espantada daquelle silencio que no sotão reinava, desenhando-se em sua imaginação já um grande infortunio, Irias gritou com força:

— Candido ! meu filho !... Candido !...

Ouviu então os passos de alguem quê da porta se approximava, e Candido respondeu:

— Ide socegar, senhora; não tenhaes receio algum pelo meu estado... não estou doente.

A voz do mancebo tinha um não sei quê de assustador.

— Abre ! disse a velha.

— Amanhã, senhora.

— Abre! eu quero que abras.

— Eu preciso de repouso.

— Abre!

— Perdoae-me... mas esta noite não posso obedecervos.

— Abre, Candido! exclamou a velha; abre em nome da mulher que te concebeu... abre em nome de tua mãe.

O mancebo pareceu hesitar ainda; mas logo depois deu volta á chave, e a porta abriu-se.

— Acertastes! disse elle; de hoje avante tudo por minha mãe... tudo... e só por ella.

Irias ficou extatica diante de Candido.

Não era mais aquelle moço pallido, melancolico, abatido e fraco; seus olhos brilhavam de ardentes, suas faces estavam rubras, seus labios ás vezes convulsos, havia em todo seu semblante fogo e vivacidade; mas de sua fronte cahiam gotas de suor, e em seu aspecto, e em seus modos notava-se a agitação e esse excesso de vida que acompanha os febricitantes.

— Que é isto?... que tem?... bradou Irias agarrando-lhe no braço:

— Quereis dizer que nunca me vistes tão bello, não é assim, senhora?... respondeu o mancebo com um rir convulsivo, que fez estremecer a velha.

— Candido!...

— Pois então?... não é melhor assim?... não estou mil vezes mais bello com este meu rosto enrubescido, com meus olhares flammejantes, com este ardor e este fogo, em vez de todo aquelle gêlo antigo? oh! applaudi-me!... batei palmas!... eu triumpho!... sou feliz!...

Uma risada nervosa terminou a delirante exclamação de Candido.

A velha, que tinha entre as suas segura a mão do seu filho adoptivo, disse com força:

— Tu não estás bom... tens febre; eu vou chamar um medico.

De um salto collocou-se o moço diante da porta, e respondeu.

— Aqui não entrará mais ninguem esta noite; para que um medico?... o que é um medico?... é o homem da vida, é o homem que deve esforçar-se para prolongar o mais possivel a nossa existencia, é o inimigo da morte; pois então para longe!... a vida é sómente uma longa cadeia de tormentos; suas duas uni-

cas realidades a definem com um gemido; porque o homem geme quando nasce, e geme quando morre; portanto aquelle que tem por officio estender esse longo apparelho de torturas, é um tyranno. O medico é um homem máu... nada de medico!

— Meu filho!...

— Não! não! eu não sou vosso filho, sabeis?... não quero que me chameis por esse nome... é um direito sagrado que usurpaes! devo-vos muito, não é isso?... pois bem, tomae todo meu sangue... ou melhor, sêde a senhora de meus dias; trabalharei emquanto viver para vos sustentar; serei vosso escravo, e ainda assim morrerei confessando que vos fico devendo muito; mas ah! não me chameis vosso filho! de hoje avante está isso decidido... não me chameis vosso filho!

A velha começou a chorar. Candido, que passeava a largos passos por toda a extensão de seu quarto, escutou emfim um soluço da pobre Irias; correu para ella, e achou-a sentada em seu leito, desfazendo-se em lagrimas.

—Vós choraes?... perguntou elle; que querem dizer essas lagrimas?... não confessei já que vos devia tudo?...

— Oh! não! não! vós não me deveis nada, respondeu a misera velha.

A voz de Irias trazia o accento de tamanha dôr, que abriu o coração do mancebo a seus naturaes sentimentos; esquecendo de subito os tormentos que o faziam dasarrazoar, cahiu aos pés da velha, e de joelhos, abraçado com elles, exclamou:

— Perdão! mil vezes perdão, se vos offendi! amaldiçoada esteja a minha alma, fechadas lhe sejam as portas do céo, senhora, se uma só vez concebeu uma só idéa que pudesse ser inspirada pela ingratidão a vossos beneficios. Vós tendes sido tudo para mim! ahi nesses vossos peitos eu bebi o leite da vida... fostes quem ganhou o meu primeiro sorriso infantil! vós ereis pobre, não tinheis senão um pão, e me déstes metade desse pão! e me déstes vosso coração todo inteiro!... perdoae-me! perdoae-me!... que hoje depois de tanto soffrer, seria demais para mim a convicção de ter movido vossas lagrimas! perdoae-me!...

A velha e o moço abraçaram-se apertadamente, misturando o pranto que derramavam ambos.

As lagrimas pareceram abrandar um pouco a excitação de Candido; elle ficou, durante algum tempo, silencioso e pensativo diante de Irias, que não pronunciava uma só palavra, medrosa talvez de vêr renovar-se o desespero de seu filho adoptivo.

Finalmente foi Candido quem rompeu o silencio, dizendo tristemente:

— Eu me lembro do que disse: pedi que não me chamasseis vosso filho...

— Não fallemos mais nisso.

— Ao contrario, devemos fallar; pois eu... eu que não quero deixar em vosso coração a mais leve duvida a respeito de meus sentimentos; pedi que me não chamasseis vosso filho... foi um desvario produzido por minha exaltação; eu vos offendi, porque não estava em mim; um remorso, que me tortura, fez-me delirar.

— Um remorso!...

— O remorso de uma grande falta que eu commetti, e da qual já comecei a receber o castigo

— Como?... quando?... perguntou Irias.

— Desrespeitei um sentimento sagrado... quiz cultivar na minh'alma uma flôr estranha ao pé de outra flôr, que lá está plantada pela mão do Senhor Deus. Sabeis o que aconteceu?...

— O que?

— A flôr estranha está murcha... está morta, disse com voz tremula e dolorosa o mancebo; mas deixou para sempre na minh'alma o germen de um tormento horrivel... desesperado!

Os olhos e o rosto de Candido accendiam-se de novo; a velha começou a recear que sobreviesse algum accidente mais grave, e ia fallar, quando o moço proseguiu com voz cada vez mais repassada de dôr.

— Plantei em um vaso sagrado uma flôr humana, quiz equiparar um sentimento, que me veiu do céo, com outro que achei na terra; o resultado é este; o vaso foi profanado... a flôr humana feneceu... um remorso é o que me resta della.

— Candido!

— Quereis dizer que não me tendes comprehendido?... eu vos explico tudo; metade da culpa pertence-vos tambem; mas mal não vos quero por isso. Ouvi-me.

A velha não achou uma só palavra para dizer a Candido, que continuou a fallar.

— O amor dos paes vem do céo; é um sentimento tão grande, tão nobre, tão divino, que apezar de ser natural a todos os homens; de ás vezes achar-se um bom filho em um máu cidadão; o Senhor Deus desceu do céo, misturou-se com os homens, e quiz que esse sentimento fosse delle tambem, fazendo-se filho de uma mulher. O amor dos paes nos anima, nos consola, nos exalta, nos approxima de Deus. Oh! eu nunca vi meus paes, e os amei com

toda a força de minha alma; quando soube que no mundo só me restava mãe, concentrei todos os raios da minha faculdade de amar nessa mulher, que eu tenho criado na minha imaginação tão bella como um anjo. Oh! minha mãe!... eu não tinha pensamento que não fosse della; todos os meus desejos, todos os meus sonhos de venturas relacionavam-se com ella; oh!... eu pensava ser, mas não era desgraçado! porque no meio de meus dissabores, de minhas tristes vigilias, de meus soffrimentos e de minhas privações, a imagem de minha mãe me apparecia bella... amante... carinhosa; e, contemplando essa imagem, eu esquecia todos os meus infortunios; eu era pobre no mundo, mas com o meu coração rico deste amor, eu gozei muitas vezes delicias indiziveis; porque, quando eu me engolfava em bellas fantasias a respeito de minha mãe, quando me sentia redobrar de amor por ella, oh!... parecia-me vêr lá de cima, do céo, o Senhor Deus sorrindo-se para mim, mandar-me um anjo murmurar-me aos ouvidos — abençoado!...

— Abençoado!... repetiu a velha enxugando com a face dorsal da mão, duas grossas lagrimas que dos olhos lhe cahiram.

— Não é verdade que eu deveria contentar-me com esta suprema felicidade que gozava; felicidade que não ha ouro que a compre?...

— Oh! sim! sim!...

— Pois o coração do homem é uma fonte de insaciavel ambição; o homem é tão ambicioso de riquezas, de honras, e de empregos, como de affeições; eu perdia-me, porque sou como todos os outros.

— Como? que queres tu dizer?...

Candido passou a mão pela fronte e proseguiu:

— Da fresta daquella janella vi uma mulher de quem eu não podia ser filho, e que eu amei tanto quanto amava e amo a imagem de minha mãe!...

— Que importa?...

— Que importa!! pois não é um sacrilegio igualar o sentimento da terra com um sentimento que foi digno de Deus?! oh!... pois não é uma ingratidão inqualificavel amar a uma mulher, a quem nada devemos, que muitas vezes nos não paga o nosso amor, que outras vezes é mesmo indigna de ser amada, e amal-a tanto quanto amamos aquella que padeceu por nós horriveis trances, aquella, cujo sangue é o nosso sangue?! é sacrilegio, senhora, e é ingratidão. Eu fui sacrilego e ingrato!

— Candido!...

— Esqueci tudo por uma criança de dezeseis annos, que ao romper de uma aurora descobri por entre as flôres daquelle jardim: o momento que bastou para vêl-a, começou a pesar em meu coração tanto quanto até então tinha pesado minha mãe. Esqueci minha pobreza, não me lembrei que ahi por esse mundo um pobre é um ente á parte, que não deve comer á mesa com os ricos, que não deve amar a quem tem mais do que elle... esqueci tudo... de minha mãe, comecei a lembrar-me menos; no altar da minha alma colloquei duas santas... e quando orava, já não orava só por minha mãe!... fiz mais: deixei o silencio de meu quarto, fui tomar parte nas festas de gente que não era pobre como eu; riram-se talvez de mim mil vezes em cada noite!... eu diverti-os, cantei, para que me tolerassem alli... curvei-me... abaixei-me... e nem assim me toleraram.

— Candido!...

— A culpa foi tambem vossa, exclamou Candido; quem vos inspirou o fatal pensamento de ir patentear o estado do meu coração áquella criança?... porque viestes tirar daqui os versos que eu escrevia em minha loucura?... oh!... eis aqui a vossa e minha obra!... sabeis como elles me trataram?... não sabeis?... tiveram piedade de mim: despediram-me, e não me mandaram correr pelos escravos; oh! foram piedosos! respeitaram a linha com que, em seus tratos e modos, distinguem um pobre de um cão!...

— Candido!... é possivel o que estaes dizendo?...

— Pensaes que eu me lastimo!... continuou o mancebo; pois já não confessei que era um castigo? julgaes que me resta algum resentimento?... não: é um remorso o que me resta!

— Oh! não é isso, exclamou Irias; não é isso o que te quero perguntar; o que eu desejo é saber se tu zombas, se estaes em ti, se não inventas?...

O mancebo riu-se com um rir terrivel.

— Elles despediram-te?...

— Como a um pobre se despede.

— Elles?... ella?!!

— Porque vos admiraes?...

— Ella te ama.

Candido tornou a rir-se mais terrivelmente ainda do que ha pouco.

— Ella te ama! repetiu com accento de profunda convicção a velha Irias.

— Não! bradou o moço; não, e não! se é uma consolação que

pretendeis derramar na minha alma, minha alma rejeita uma consolação em que não póde acreditar.

— E' uma verdade, o que eu digo... uma verdade que o futuro te ha de demonstrar.

— Então vós vos enganaes, senhora; estaes ainda menos adiantada que eu no conhecimento deste mundo, onde tendes vivido tres vezes mais do que o desgraçado que adoptastes.

A velha fez com a cabeça um movimento de impaciencia, e ia fallar.

— O que é, continuou Candido sem querer ouvir Irias, o que é, que vos prova o amor dessa moça?... que?... não ordenar que me lançassem fóra de sua casa no momento mesmo em que tivestes a imprudencia de lhe declarar o meu amor?... soffrer que eu para ella algumas vezes olhasse, e algumas vezes tambem ter olhado para mim?... engano e illusão, senhora?... essa mulher é como as outras: a mulher se apraz de merecer o amor, a admiração da criança, do moço e do velho; todos elles incensam o amor proprio, a vaidade mesmo, que é a corda mais vibrante do coração da mulher! amae-me! admirae-me! diz ella; porém, pagar esse sentimento que querem inspirar com outro sentimento igual, é mui diverso do que isso, quem confunde amor com vaidade dirá tambem, como vós dizeis, que eu fui amado pela neta de Anacleto.

— Então esse amor entra por ventura na ordem dos impossiveis?...

— Dos impossiveis absolutos não; porém, no pé em que se acha a sociedade, entra na ordem dos impossiveis moraes.

— Como?... meu querido Candido, que te falta para ser amado?...

— Falta-me aquillo que é hoje no mundo a primeira das virtudes; a *virtude* que encanta homens e mulheres; que abre-nos a porta dos empregos e das honras; que abre-nos corações ao amor... falta-me a *virtude* a quem se está rendendo um culto idolatra; falta-me a riqueza.

— Oh!...

— Pois então?... aquella mulher não tem olhos para vêr que eu sou pobre, e vendo-o, não tem intelligencia para comprehender que amar um pobre é uma loucura?... ella fez o que devia.

— Desvairas...

— Não; estou calmo, fallo com a frieza da razão, a mulher é vaidosa sempre, quer ser amada, admirada por sua belleza e por seus vestidos; quer para seu marido um homem em alta posição

para elevar-se ella tambem; quer estar de alto, coberta de sedas e de brilhantes, deslumbrando os homens, e sendo invejada, pelas outras mulheres, no casamento, isto é tudo, e o amor é quasi nada, e a mulher, que isto consegue, lá vai... incensada... feliz... deslumbradora... invejada... ainda que seu marido seja um ente abjecto e estupido; que abjecto!... que estupido!... não ha abjecção, nem estupidez onde ha riqueza; os altos funccionarios, que nunca estão em casa para receber o artista de merito, o velho soldado, e o honrado servidor do paiz, o estão sempre para ir ajudar a descer da carruagem o millionario analphabeto. Que querieis que fizesse a mulher?... esqueceu a missão do céo; ornou-se com os prejuizos e as douradas vilezas da terra... embora... o mundo bate palmas!...

— Isso não é falso; mas é exagerado, respondeu tristemente a velha Irias.

— Oh! não... é a propria verdade, mal pintada ainda; perguntae a todos os que soffrem, perguntae a vós mesma; a sociedade não tem pejo!... hoje despreza um moço humilde, sem educação, que vive em miseria, e que para viver se sujeita a trabalhar como um escravo, e que por isso mesmo é indignamente ridicularisado; bem... amanhã esse moço, que comprehendeu a época em que nasceu, enxergou... descobriu um meio que lhe offerece immensos... incalculaveis lucros; mas esse meio, sim, é que é deshonesto; é que desdoura, é que rebaixa o homem diante da moral e da propria consciencia... que importa?... o moço aproveitou-o... foi feliz; e depois da manhã, senhora, quando o moço sahe no seu bello carro, os grandes da terra, os nobres, os ministros e todos emfim o saúdam respeitosos, e vão depois festejal-o... curvar-se diante delle!... isto é mentira ou verdade?...

A velha guardou silencio.

— Não se zomba senão do pobre, não se ridicularisa senão a elle; dizei, porque é que sois o alvo de uma zombaria desprezivel?... porque foi que vos lançaram uma alcunha insultuosa?... porque é que quando passaes, a gente que vos vê se sorri, e vos maltrata, lançando sobre vós um epitheto affrontoso?...

— Porque eu sou uma triste mulher velha; respondeu Irias.

— Não, senhora; é sómente porque vós sois uma triste mulher pobre.

— Embora... embora; isso porém, não me tira do meu pensar: a Bella Orphã te ama.

— Pois bem, ficae-vos com o vosso pensar.

— E eu hei de provar-te que tu te enganas com ella; e serás

tu o primeiro que me virás confessar a injustiça que lhe estás fazendo.

— Será difficil.

— Frequenta com mais assiduidade o Céo côr de rosa...

Candido, que já se achava mais socegado, tornou-se de novo rubro de despeito e vergonha.

— Eu não irei lá mais nunca!... exclamou.

— Mais nunca?...

— E se lá tornasse merecia que me lançassem longe da porta como a um cão.

— Candido!...

— Eu não irei lá mais nunca! repetiu com vehemencia o mancebo.

.....

E estava cumprindo á risca o seu proposito; dous serões haviam já tido logar depois da noite dos annos de Celina, e Candido tinha faltado a ambos.

No começo da noite, que se seguiu á do segundo serão, achava-se Candido descansando no sotão do Purgatorio-trigueiro, quando a velha escrava de Irias lhe annunciou o Sr. Anacleto.

IV

A moça e o velho

O viver da Bella Orphã estava soffrendo notaveis modificações.

Desde que Candido deixara de apparecer no Céo côr de rosa, tornou-se mais constante e profunda a melancolia da moça.

De ordinario escondida no seu quarto, Celina comparava seus curtos dias de um amor nascente, com aquelles que estava passando de anciedade e de duvida, e consequentemente misturava saudades com lagrimas.

Os pezares desta ordem são mil vezes mais fortes e crueis na mulher, do que no homem; porque a sociedade impõe á mulher o dever de calar, e o homem póde sem córar desabafar-se contando-os, derramando-os nalma de um amigo, ella portanto concen-

tra a sua dôr, revolve-se nella, devora-a em silencio, o que dóe mais certamente.

Succedia isso a Celina: apezar da amizade com que sua tia a tratava, não podia a moça esquecer-se da differença da idade que havia entre ella e Marianna, e por isso, ainda quando pretendesse confiar a alguem os seus pezares, não se animaria nunca a escolher a viuva para confidente.

Em resultado a Bella Orphã fugia de tudo, e de todos para viver com seu segredo, para pensar sómente nesse amor que tão sem sentir lhe nascera no peito.

Todos os seus antigos e mais preferidos entretenimentos estavam esquecidos: o piano não mais se abria, as musicas descansavam, os livros tinham sido aborrecidos; porque tambem ás vezes a pobrezinha, pretendendo vencer-se, tomava um romance, lia uma pagina inteira, e no fim della, conhecia que lhe era preciso lêr outra vez, porque sua attenção se distrahira; mas a leitura se repetia uma e dez vezes e o resultado era sempre o mesmo: ella lia apenas com os olhos... com o pensamento não podia.

Era melhor não lêr.

Um unico de seus antigos costumes conservou intacto: ao romper da aurora ia sempre ao seu jardimzinho colher um botão de rosa... quem sabe se elle a observava occulta atrás da janella.

Era sempre uma esperança... a de ser vista assim tão abatida e tão triste.

Até o velho Rodrigues perdera com as mudanças do viver da Bella Orphã; as séstas não se renovaram mais, e elle nem ouvia a doce voz de Celina, nem podia, acompanhado por ella, entoar suas balladas e antigos romances.

Foi indo assim a moça admirada de que ninguem, nem seu avô nem sua tia, dissesse uma só palavra notando a ausencia de Candido, até que chegou a noite do segundo serão, depois da de seus annos.

O moço do Purgatorio-trigueiro faltou a esse, como tinha faltado ao primeiro.

A afflicção da Bella Orphã subiu de ponto: ella conheceu que já tinha tantos pezares no coração, que poucas eram as lagrimas que derramava em segredo, para esvasial-o; conheceu que lhe era absolutamente preciso, para ser consilada, fallar a preço mesmo do que soffreria seu pudor de virgem.

Lembrou-se de uma sua amiga.

No fim do serão chamou Mariquinhas de parte, e disse-lhe:

— D. Mariquinhas, no ultimo serão você me havia dito que teriamos tempo de conversar sobre alguma cousa, em qualquer dos dias que se seguissem...

— Ah! é verdade: respondeu a amiga.

— Então?

— Eu pedirei a meu pae que me deixe vir passar um dia comtigo, D. Celina.

— Olha, depois da manhã é domingo.

— Pois sim.

— Queres que eu peça a teu pae?...

— Não... elle me estima muito para me negar esse prazer.

— Então eu te espero...

— Depois da manhã.

As duas amigas separaram-se.

No dia seguinte, e na hora em que a Bella Orphã tinha por costume ir cantar e ouvir o velho Rodrigues, estava Celina encerrada em seu quarto e toda entregue a suas meditações.

— E'-me preciso fallar, pensava ella, não se póde viver assim em silencio com a alma cheia de angustias, e condemnada a não soltar um só gemido. Os homens têm o direito de chorar bem alto!... quando se diz o que se está padecendo, parece que o mal abranda um pouco...

Ella pensou alguns instantes, e proseguiu:

— Seguramente aquelles que escrevem, os poetas em primeiro logar, devem achar bastante consolação escrevendo: esses sim, não têm necessidade de um selo onde depositem os seus pensamentos, seus segredos e suas dôres; elles têm uma amiga fiel e mais condescendente que nenhuma outra na sua penna; quando soffrem, escrevem, dizem o que têm no coração; exaltam-se, eternisam suas penas, suas desgraças e nessa mesma eternidade acham um grande lenitivo para sua dôr. Um poeta!... se elle ama, elle o diz nos seus livros, faz do que se passa em sua alma um romance; está dizendo que ama e a quem ama á face do mundo inteiro, e ninguem comprehende o bello segredo que está derramado em todas as paginas de seu livro, senão a pessoa que elle quer que comprehenda!... oh!... se eu fôra poetisa!!!!

E proseguiu ainda:

— Um poeta!!! um homem excepcional... o genio tem por força em si alguma cousa de divino; assim como o Oceano é no universo o que poderia dar a idéa do infinito, se a idéa do infinito se podesse dar; o poeta arremedaria o poder da divindade, se esse poder chegasse a ser arremedado; porque o poeta cria

tambem o seu mundo, o seu universo; levanta palacios e abre cavernas; desprende as tempestades e faz bellas auroras... oh!... que riqueza ha ahi tão rica como a imaginação de um poeta!... Oh! se eu fosse poetisa!...

Respirou alguns instantes, e continuou:

— Se eu fosse poetisa... não precisava tanto, se eu podesse ao menos escrever algumas paginas, que eu mesma não me fatigasse, lendo-as, ao chegar ao fim da primeira... oh!... que felicidade!... eu havia de pintar o estado do meu coração... exhalar meus tormentos e minhas saudades nas paginas do meu livro... escreveria com lagrimas; porém, depois, que consolação!... eu beijaria minhalma nas minhas letras, beijaria meus olhos nas minhas lagrimas...

Celina hesitou um momento e depois disse:

— Quem sabe?...

Ficou pensando ainda:

— Não... não, eu não escreveria nada que merecesse ser lido... iria descorar o quadro, que existe traçado no meu pensamento... mas em summa, ninguem havia de lêr o que eu escrevesse... era um livro, que depois de acabado, eu lançaria no fogo... oh!... se eu podesse escrever...

Ella tornou a hesitar, e depois disse como da primeira ver:

— Quem sabe?!!

A moça pensou ainda... parecia lutar entre um grande, um nobre desejo, e um receio, que, apezar de pueril, podia muito no seu animo; emfim o nobre desejo triumphou.

A Bella Orphã ergueu-se do leito, onde estava recostada, foi primeiro observar-se sua tia estava no vizinho quarto... Marianna dormia.

Tomou então todas as disposições para escrever, e sentando-se junto de uma mesa, começou a trabalhar.

O fructo das inspirações daquella virgem de dezeseis annos devia ser cheio de pensamentos innocentes e puros: era talvez como uma flôr, que derrama na solidão pérfumes agradaveis e leves.

Ao terminar a primeira pagina, a Bella Orphã parou de repente ouvindo a voz do velho Rodrigues.

O guarda-portão do Céo côr de rosa cantava, sem duvida, no fundo do alpendre, um romance já conhecido de Celina.

"Era um dia um mancebo qu'ardente
"Pobre vida esquecido vivia,
"E uma virgem formosa, innocente,
Qu'outra igual não se viu, não se via.
"Quem separa o ardo da belleza?...
"Um abysmo fatal: — a pobreza.

O velho Rodrigues parou no fim da primeira estrophe do romance.

Celina, que havia interrompido o seu bello trabalho para ouvir a voz do guarda-portão, esperou debalde que elle proseguisse, durante algum tempo.

Suppondo emfim, que o velho Rodrigues não proseguiria em seu canto, tomou outra vez a penna, quando a voz de novo se fez ouvir:

"O mancebo a donzella adorava?...
"Quem o sabe?... ninguem delle ouviu.
"Em seu peito esse amor sepultava,
"Se o amor em seu peito nutriu,
"E se amava, era triste esse amar;
"Era um mudo e terrivel penar.

O canto, como antes succedera, parou no fim da estrophe.

— Que quererá isto dizer? perguntou a si mesma a Bella Orphã; porque é que o velho Rodrigues canta e se suspende no fim de cada estrophe?... esta é a hora em que mutuamente nos fazíamos ouvir; quererá elle assim lembrar-me o que tenho esquecido?... mas porque escolheu para chamar-me o romance que exprime um segredo do meu coração?...

A voz fez-se ouvir pela terceira vez: Celina ergueu-se meio agitada.

O guarda-portão do Céo côr de rosa, proseguindo no seu canto, saltou pela terceira estrophe do romance, e cantava a quarta:

"O que é feito da virgem, do pobre?...
"Quando o dia voltar t'o direi;
"Negro manto da noite nos cobre:
"Ella dorme... mas elle... não sei.
"E' na terra das trevas o véo;
"Vagam sonhos... mysterios do céo.

A voz parou como até então fizera, e a Bella Orphã, guardando apressadamente os seus papeis, sahiu do quarto, desceu a escada, e entrou na sala.

Não havia ninguem ahi.

Celina sentou-se ao piano, e começou a tocar uma musica terna e melancolica.

O velho Rodrigues appareceu á porta da sala, e approximou-se com seu andar vagaroso.

— Tinha-se esquecido de mim, senhora, disse elle.

A moça abaixou a cabeça, e respondeu:

— Tenho passado mal.

— Está doente?...

— Não estou boa.

— Acha-se hoje melhor?

— Não.

— Talvez que nesse caso possa a musica incommodal-a.

— Ao contrario.

— Quer cantar?...

— Não; quero ouvir.

— Escolha o que quizer, senhora.

— A moça hesitou; mas emfim respondeu com a cabeça baixa:

— O mesmo romance que estava cantando ha pouco.

O velho Rodrigues começou de novo a cantar o "Sonho da virgem".

Quando o canto terminou, a Bella Orphã deixou cahir a cabeça, e ficou pensativa.

Depois de algum tempo de silencio, o velho perguntou:

— Porque está triste assim?

— Não sei; respondeu a moça.

— Faz-lhe mal ouvir este romance?

— Não; faz-me bem.

— Mas essa tristeza deve ter forçosamente uma causa?... qual é ella?...

— Eu não sei; tornou a moça enxugando uma lagrima.

O velho fingiu não vêr essa lagrima, e proseguiu dizendo:

— Parece que a melancolia é a molestia reinante da quadra actual.

— Porque?...

— Tenho um bom amigo padecendo do mesmo mal.

A moça não disse nada.

— Um bom amigo, que a senhora tambem conhece.

— Quem é elle?

— O Sr. Candido.

Celina olhou espantada para o guarda-portão, mas para logo abaixou os olhos rubra de pejo.

O velho deixou que a Bella Orphã serenasse, e depois continuou:

— E' um bom moço aquelle Sr. Candido.

A moça não respondeu.

— Não pensa como eu? perguntou o velho.

— Penso: murmurou Celina.

— Pois o infeliz moço anda agora bem triste; e desgraçadamente com razão.

A Bella Orphã fez um leve movimento.

— Incommodo-a, senhora?

— Não.

— Dizia pois que o Sr. Candido tinha bastante razão para andar triste... offenderam-o gravemente...

— Sinto isso; balbuciou a moça.

— E ha de sentir mais quando souber que se serviram do seu nome para offendel-o...

— Do meu nome?... disse a moça estremecendo, e levantando ao mesmo tempo a cabeça.

— Do seu nome, repetiu o velho.

— E como? e porque? eu não sei, eu não suspeito cousa alguma.

— Estou certo disso, senhora; mas o facto é grave, e eu não sei se commetto uma imprudencia fallando-lhe desse assumpto.

— Não, não, falle; eu lhe peço que falle.

— Pois bem, eis aqui o que se passou: o Sr. Candido foi politica, mas formalmente despedido desta casa.

— Quando?... exclamou com traidora commoção a Bella Orphã.

— Na noite de seus annos.

— E porque?

— Por sua causa.

— Por minha causa?... meu Deus!... disse a moça com lagrimas nos olhos.

— Sim, minha senhora: sua tia teve com o Sr. Candido uma entrevista no jardim; quer saber o que ella disse? que nesta sala zombava-se da senhora, dizendo-se que a senhora e o pobre mancebo se amavam...

— E' falso!... isso não é verdade.

— E que em consequencia dessas zombarias fôra a senhora queixar-se a ella de que seu nome estava exposto ás calumnias e á maledicencia por causa do Sr. Candido.

— Meu Deus! Meu Deus!...

— Que a senhora fizera notar que esse mancebo, apezar de suas boas qualidades, não estava pelo estado da pobreza em que se acha, na posição de pretendel-a.

— Oh! mas eu não disse nada.

— E finalmente, senhora, sua tia fez comprehender ao pobre moço que a presença delle no Céo côr de rosa tornava-se incommoda e prejudicial á senhora.

— E elle?... perguntou Celina.

— Retirou-se, e não voltará mais nunca ao Céo côr de rosa.

— Acreditou em tudo?!!

— Como não acreditar, senhora?!...

— Oh! e me detesta!... e julga mal de mim!...

— Não! não; elle ainda não soltou uma só queixa.

— E como sabe o senhor de tudo isto?...

— Eu estava no jardim, ou perto delle: estava em um logar onde podia e pude observar quanto se passou.

— Oh! e então porque não jurou, porque não disse a esse mancebo que era falso tudo isso que avançaram contra mim?...

— Eu lh'o disse, senhora.

— E elle?

— Não quiz crêr-me.

— Sim! sim! e tinha razão; exclamou por entre lagrimas a Bella Orphã; tinha muita razão!... quem poderia suspeitar que minha tia levantasse contra mim uma tão grande calumnia?! que quer dizer isto, meu Deus?... que mal tenho eu feito?... que significa esta intriga!... oh! e que juizo estará fazendo de mim esse nobre moço? como não terá elle amaldiçoado a hora em que pela primeira vez me viu?!!

— Não, tornou o velho; elle não ha de amaldiçoal-a nunca.

— Minha cabeça arde, disse a moça sem attender ao guarda-portão, eu me perco... eu não sei o que faça; mas é terrivel que eu deixe assim vingar uma intriga... uma calumnia que me desdoira!... não, não é possivel.

E voltando-se para o velho tomou-lhe uma das mãos, e apertando-a proseguiu:

— Sr. Rodrigues, eu devo-lhe amizade; sei que me estima; não consinta pois que tão injustamente estejam talvez praguejando contra mim: eu sou uma pobre criança... devo fazer loucu-

ras... mas nunca me lembrei de dizer o que disseram que eu disse: vá, escute; se não julga haver nisso inconveniente, vá ter com esse moço, e diga-lhe da minha parte...

A virgem parou subitamente... cobriu-se-lhe o rosto de uma côr rubra, e ella estremeceu...

— Dizer-lhe o que?... perguntou o velho.

— Nada: não lhe diga nada; tornou a Bella Orphã com tristeza profunda.

O guarda-portão ficou olhando admirado para Celina.

— Desculpe-me, disse depois a moça: uma calumnia deve ter bastante força para exaltar sua victima, como eu ha pouco me exaltei.

— E aquelle pobre moço?...

— Saberá um dia a verdade: no emtanto não posso esquecer-me do que devo á minha educação: uma cousa só tenho direito de fazer...

— O que?...

— Quixar-me-hei a meu avô, mesmo na presença de minha tia.

O rosto de Celina tinha tomado um tal aspecto de nobreza, sua voz um timbre tão forte, o seu olhar tanto fogo, que o velho Rodrigues esteve durante muito tempo olhando para ella sem dizer palavra.

— Perdôe-me, senhora, disse elle emfim; mas eu creio que não vae bem pelo caminho que pretende seguir.

— Por que?... perguntou ella com voz firme.

— Porque, se ha intriga como suppõe, é um erro expôr-se a ella com essa franqueza que a caracteriza, os que intrigam trabalham sob o manto da noite, e para triumphar delles não basta a innocencia, é necessaria tambem a prudencia. Senhora, não diga cousa alguma a seu avô, nem se atraiçôe diante de sua tia.

— Que devo pois fazer?... perguntou a moça olhando admirada para o velho.

— Guardar silencio, respondeu este.

— Silencio?... e até quando?...

— Eu lh'o direi. No entanto ánime-se com a certeza de que tem amigos que velam por elle... pela senhora...

E o velho accrescentou com voz insinuante:

— E que velam sobretudo pelo seu amor.

— Senhor...

— E' inutil fingir commigo... eu sei tudo.

A moça cobriu o rosto com as mãos, envergonhada e sentida.

E o velho deixou a sala, cantarolando por entre os dentes o romance da — Virgem:

"Era um dia um mancebo, que, ardente...

V

Só

A subita e imprevista retirada de Candido naquella fatal noite de annos, tinha sido um novo golpe para o coração do velho pae de Marianna.

Anacleto vira sahir da sala sua filha pelo braço do mancebo, apanhara um raio de colera dardejado contra ambos pelos olhos de Salustiano, e, combinando estas observações com o desapparecimento de Candido, parecia-lhe, que sua filha, cedendo á inexplicavel influencia daquelle, tinha uma parte qualquer no triste acontecimento.

Muito occupado com os desgostos e temores que lhe causava Marianna, deixou passar a noite e os dous dias que lhe seguiram, sem desafiar explicação alguma.

Depois do primeiro serão, que se realizou, passada a noite de annos, um novo pensamento encheu a alma daquelle bom pae, que não teve mais tempo de lembrar-se de Candido.

Henrique viera pedir-lhe formalmente a mão de Marianna: o casamento ficára ajustado, e com geral assentimento determinou-se que se effectuaria antes de um mez.

Na noite do seguinte serão, Anacleto apresentou os noivos a seus amigos; e então lembrou-se outra vez que faltava na sala alguem a quem votava estima leal e bem merecida.

No outro dia chamou Marianna a seu quarto, e interrogou-a seriamente sobre a ausencia de Candido.

A viuva contava que mais cêdo ou mais tarde se trataria disso no Céo côr de rosa, e tinha-se preparado para não atraiçoar-se, deixando entrever a verdade.

Respondeu a seu pae com segurança e calma; ella não sabia nada que podesse ter relação com esse facto; sentia mesmo muito

que um moço tão recommendavel assim se tivesse retirado do Céo côr de rosa.

O olhar penetrante e desconfiado do velho esteve, durante toda a conferencia, constantemente fito no rosto de Marianna, e não pôde apanhar o mais leve indicio de fingimento: a verdade estava fechada no coração da viuva com uma porta de ferro.

— Estou determinado a ir ao Purgatorio-trigueiro; disse Anacleto olhando sempre fixamente para sua filha.

— Creio que é o melhor passo a dar, respondeu ella sem hesitar.

— Devo pedir uma explicação a esse moço.

— Sem duvida, tornou a viuva; ninguem melhor do que elle póde esclarecer este mysterio.

— Suppões que me cumpre esperar ainda alguns dias?... perguntou o velho, observando.

— Ao contrario, disse Marianna, penso que meu pae deve ir fallar-lhe hoje mesmo.

— Bem... irei esta noite.

A filha de Anacleto apreciava com justeza o caracter de Candido para temer que elle declarasse o que havia occorrido, e sobretudo jogava ainda com a probabilidade no silencio do mancebo, porque, quando mesmo fallasse, elle contava com o extremoso amor de seu pae para ser perdoada.

Ao começar da noite Anacleto dirigiu-se ao Purgatorio-trigueiro.

Começou por conversar com a velha Irias, a quem pediu explicações a respeito da ausencia de seu filho adoptivo.

A resposta da velha Irias foi uma e unica:

— Elle está lá em cima, e melhor do que eu poderá dizer se teve razões para retirar-se.

Anacleto fez-se annunciar a Candido.

Quando o moço vinha descendo a escada, Anacleto começou a subil-a dizendo:

— Sou sem ceremonia, meu caro, e quero antes ir conversar lá em cima.

O velho e o mancebo acharam-se a sós defronte um do outro.

— Adivinha certamente o motivo que me traz aqui?... perguntou Anacleto.

Candido não sabia fingir, e respondeu:

— Talvez.

— Pois então... ia dizendo o velho.

— Mas, é melhor que o exponha o senhor, interrompeu o man-

cebo; é possivel tambem que eu esteja enganado e que nossos pensamentos, que suppomos reunidos em uma só idéa, se achem pelo contrario bem afastados um do outro.

— Não; não estão.

— Emfim, sou eu quem deverá ouvir as cousas de uma visita, que, em todo o caso, muito me lisonjeia.

— Meu caro, disse Anacleto, eu ponho as formalidades e as etiquetas para o lado, quando converso com aquelles de quem sou amigo; e nós o somos.

Candido abaixou a cabeça em signal de agradecimento.

— Ou pelo menos, tornou o velho, eu o sou seu.

O moço tornou a repetir com a cabeça o mesmo signal de ha pouco.

— Deixemo-nos, pois, de longos rodeios, e vamos já ferir de face a questão. O senhor retirou-se de minha casa de um modo singular, de duas uma: ou alguem lá o offendeu, ou o senhor nos offende; e, em todo caso, uma explicação se faz necessaria.

Candido empallideceu a proprio pezar, e ficou pensando.

— Estuda para responder? perguntou o velho.

Com um sorriso fraco e triste, respondeu o mancebo:

— Agradeço-lhe, senhor, a delicadeza com que me trata, e o interesse que eu não mereço; mas que, apezar disso, mostra por mim.

— Não se trata de agradecimentos, nem de delicadeza, e nem de interesses: o caso é simples, meu caro; alguem o offendeu em minha casa?...

— Ninguem, disse o mancebo, rindo-se amargamente como ha pouco.

— Então como devo eu explicar o que occorreu, e está ainda occorrendo?...

— Explique como quizer, senhor; explique pela minha má cabeça.

— Como é isso?...

Candido pensou alguns instantes, e começou depois a fallar.

— Eu errei em não ter agradecido, em não haver fugido de acceitar o offerecimento que V. S. me fez da sua casa...

— Que!...

— Ah! senhor! eu direi tudo: invejar a ventura dos outros é um crime; mas forçar um infeliz a ter diante dos olhos e constantemente o quadro da felicidade alheia, é quasi rir de seus tormentos!

— Então...

— Sua casa é um céo de prazeres e... de virtudes; estar porém, alli um desgraçado que não póde fruir esses prazeres, e, que, se acaso tem uma ou outra virtude não a póde mostrar para ser por ella estimado, é o martyrio de Tantalo... a causa creio que foi essa; eu me retirei por isso.

— Sr. Candido, ha nas suas palavras alguma cousa que se parece com a ironia: e ha no seu coração algum sentimento que quer sahir e não póde, porque o senhor impede.

— Não... não... tudo se diz em uma palavra; eu sou infeliz, e tenho consciencia de o ser: além da realidade de meu infortunio, senhor, a natureza deu-me ambições, deu-me desejos que não posso realizar, e que por consequencia me atormentam.

— Devo fallar-lhe, com franqueza, Sr. Candido: entendo que a sua posição na sociedade não é a melhor possivel; que seus merecimentos lhe marcavam um logar mais alto nella: comprehendo mesmo que um moço pobre, que vê o mundo cheio de gozos e delicias que não lhe é dado gozar, tem até certo ponto razão para entristecer-se durante algumas horas; olhe porém á roda de si, Sr. Candido; que numero immenso de homens não está ahi diante de seus olhos com mil vezes mais razão para lastimar-se?... quantos não tiveram, como o senhor, a felicidade de receber uma educação proveitosa e acurada?... já não é alguma cousa a superioridade da luz do seu espirito?

O moço sacudiu a cabeça, e disse:

— Já confessei que sou ambicioso, e demais, a educação aigganta as privações; o mendigo contenta-se com um pedaço de pão velho para comer, e com um capote feito em pedaços, e com a porta de uma igreja para dormir; mas o mendigo, não sonha com a felicidade como sonha o moço que estudou, e que tem imaginação e ardor. Não é ouro o que eu desejo senhor... a riqueza que eu peço a Deus não é de metal, nem de bilhetes de banco; a minha riqueza é a do coração; se muitas vezes fallo com amargor do poder do dinheiro, é porque me revolto quando vejo acima do talento, da honra e do merito o ouro! mas não é o ouro que eu ambiciono.

— Não o comprehendo, disse Anacleto.

— O que me acanha, o que me obumbra, o que me faz nascer desejos de fugir para essas florestas virgens de minha patria, é a pobreza de affeições em que vivo; ah! Sr. Anacleto!... eu sou o ultimo, o mais miseravel mendigo dos melhores amores!...

— Que quer dizer?

— Pois então? como é que um homem como eu não ha de

sentir apertar-se-lhe terrivelmente o coração, quando, comparando-se com os outros homens, se acha o somenos de todos elles?... pois não ha de doer-me o aspecto da felicidade de uma familia, comparado com o meu isolamento?... Em sua casa, em toda a parte onde ha homens e mulheres, eu vejo um moço brilhante de mocidade, de talento, de ardor e de ventura; pensa que é isso o que eu invejo?... não; tambem sou moço, tenho tambem alguma intelligencia, e tambem fogo no coração; o que eu invejo é o olhar de genio bemfeitor, é o olhar de benção, senhor, com que um velho pae se revive naquelle moço; é o carinho, a doçura angelica com que uma terna mãe o festeja; é a doce amizade com que uma bôa irmã o abraça; e então, senhor, quando eu penso que nunca cheguei a gozar, nem gozarei um olhar assim de um bom pae, nem um carinho de mãe, nem uma meiguice de irmã, não é verdade que tenho bastante razão para considerar-me desgraçado?... não é verdade o que eu digo? não sou eu o ultimo, o mais miseravel mendigo dos melhores amores?...

— E o remedio agora, meu pobre Candido?!! disse Anacleto meio commovido.

— Remedio para curar radicalmente a minha dôr não ha nenhum; para minoral-a é a solidão, é o retiro, aqui, senhor, no fundo deste quarto eu não vejo essas scenas de felicidade domestica, não tenho ao vivo diante dos olhos o quadro daquillo que em vão desejo: ficarei, pois, aqui, senhor, emquanto esta boa velha carecer de meu braço; desde o momento porém, em que ella fechar os olhos, o meu destino é outro.

O moço respirou, e proseguiu:

— Não conheci meus paes; minha mãe é a natureza; pois bem irei viver onde a natureza é mais bella, irei adoral-a nos seus mais vivos encantos, aborreço a sociedade dos homens; o capo... o valle... a montanha... os precipicios... a floresta virgem... o rio caudaloso são um espectaculo bem bello!... ah! sim! o campo... o valle... os precipicios... a floresta virgem... e o rio caudaloso são meus irmãos; têm como eu por mãe sómente a natureza

Candido tinha-se exaltado tanto, que Anacleto deixou-o socegar para continuar a conversação que havia encetado.

— Tem ainda muito fogo, Sr. Candido, disse o velho; é muito moço, e sua imaginação avulta os seus pezares; respeito-os porque são de nobre origem; mas tenho o direito dos annos para dizer-lhe que peccam por excessivos.

— Embora...

— Procurar ser feliz é ao mesmo tempo um dever do homem.

— Quando ha esperança.

— E quem a não tem?... quando foi que ella nos abandonou?... eis-me aqui velho e cansado... eis-me aqui á borda do tumulo com os olhos fitos em Deus, e uma esperança no coração.

O mancebo olhou para o velho.

— Sim! não se admire: uma grande esperança, e depois desta virão ainda outras: uma grande esperança, a de vêr feliz minha filha.

— Sua filha!!! repetiu Candido.

— E então não é uma nobre esperança?

— Bem doce!!!

— E quem lhe diz que não terá ainda uma igual?...

— Eu não; eu hei de completar o meu destino: fui arrojado do mundo com desprezo... quando abri os olhos, abri-os entre os extranhos... não conheço os meus; eu sou — só; — comprehenda bem esta palavra, Sr. Anacleto; é uma palavra, um nome de duas letras que revela toda a minha historia, o meu passado, o meu presente, e o meu futuro — só! — completarei a minha sina: farei a viagem do mundo sem um companheiro do meu sangue — só!... sempre só!...

E como se essa palavra tivesse realmente a significação que elle lhe dava, como se ella fosse a sua divisa, Candido ainda uma vez repetiu com voz sonora e profundamente melancolica:

— Só! — sempre só!

Mostrou-se Anacleto impaciente; e, depois de coçar a cabeça por vezes, tornou:

— Não temos feito nada, meu caro: vim aqui saber a razão por que deixou de ir á minha casa de um modo tão singular; e já temo bem retirar-me sem levar explicação alguma.

— Por ventura não tenho eu dito bastante? esse acto é filho de uma excentricidade minha.

— E no emtanto o que pensarão de nós ambos os nossos amigos?...

— Os seus amigos podem pensar o que quizerem a meu respeito: para mim é isso indifferente.

— E para mim?...

— O senhor lhes dirá que eu sou um louco, que me condemno a um inferno que eu mesmo tenho creado para atormentar-me: o senhor lhes dirá se quizer: "Aquelle moço tem uma cabeça desarranjada, deixa a nossa sociedade agradavel... obsequiadora e

feliz, pela solidão e pelo isolamento: elle quer estar só... sempre só".

— E se eu lhe rogasse que de novo frequentasse a minha casa?... tomasse parte nos nossos prazeres?... fosse de novo um de nossos mais constantes companheiros dos serões?...

— Eu teria o immenso pezar de não poder servil-o; respondeu com tristeza indizivel o moço.

— Paciencia, disse Anacleto; resta-me ao menos a convicção de que nunca o offendi voluntariamente, e que fiz tudo o que estava de minha parte para provar-lhe a estima em que o tenho..

O velho ergueu-se pezaroso e quasi resentido.

Candido apertou-lhe a mão com ardor, e disse:

— Não me desestime por isto... creia que o que faço, é o que devo fazer: creia que o que eu disse, é o que eu devia sómente dizer... e o senhor, que é um dos poucos homens, cuja mão me tem sido offerecida com lealdade e franqueza, sinta por mim antes piedade do que resentimento.

— Serei o mesmo sempre, respondeu o velho dispondo-se para sahir.

— Uma palavra ainda.

— O que?... perguntou Anacleto.

— E' um novo obsequio que lhe quero pedir. Provavelmente minha ausencia tem admirado tambem a sua familia.

— Sem duvida.

— Eu lhe rogo que em meu nome lhe offereça minhas desculpas, e em particular á senhora sua filha: quizera que ella tivesse conhecimento da obsequiosa visita que recebi; do que se passou entre nós, e do que emfim julguei dever responder, explicando o meu procedimento.

O velho olhou para Candido como desconfiado do motivo desta ultima recommendação.

— E a ella, e a todos, senhor, que possam mostrar-se curiosos das causas de minha irrevogavel resolução, poucas palavras bastam para explical-a; e para arredar de sua pessoa e de sua familia a menor suspeita de uma offensa ainda involuntaria feita a mim, é de sobra dizer: "elle completa a sua sina — só... sempre só — ".

VI

Duas amigas

Era na tarde do domingo.

Anacleto e Marianna, obrigados a ir fazer uma visita de etiqueta, tinham acabado de sahir para voltar antes de duas horas.

Celina e Mariquinhas subiram ao segundo andar, e entraram no quarto da primeira.

Sentaram-se defronte uma da outra, junto da pequena mesa sobre a qual escrevera a Bella Orphã no dia antecedente.

Estavam ambas as moças vestidas de branco, e eram ambas muito bonitas; Celina, porém, mostrava-se meio perturbada e confusa; apoiou o cotovello na mesa, descansou o rosto na face palmar da mão, e fechou um pouco os lhos como se quizesse dormir.

Era Mariquinhas tres annos mais velha que a Bella Orphã, tinha dezenove annos; mas dera-lhe a natureza com um genio alegre e brincador, com uma tendencia para faceirice e ambição de agradar, tanto talento, tanta viveza e tão fino instincto para viver no mundo e conhecel-o, que pouco mais de quatro annos de vida de assembléas, de theatros e de reuniões tinham sido de sobra para ella dissecar a sociedade, e sufficientemente aprecial-a no que na sociedade ha de relativo a uma moça bonita e solteira.

Mariquinhas tinha mesmo orgulho do que ella chamava — sua experiencia; discernia com summa habilidade a simples delicadeza do galanteio, o galanteio da paixão que se improvisa, e a paixão que se improvisa do verdadeiro amor.

Com sua experiencia, pois ella adivinhara que Celina estava já pagando o seu tributo de coração, e vindo nesta tarde ouvil-a confidencialmente, não quiz esperar que sua amiga começasse a fallar.

Conheceu que a Bella Orphã achava-se perturbada e vergonhosa; e, querendo antes leval-a sem sentir ao principal objecto que as reunia do que começar logo a tratar delle, dirigiu-lhe a palavra em primeiro logar:

— Estamos aqui mais á vontade, D. Celina, creio que ninguem nos virá perturbar...

— Ninguem...

— E' que as moças têm mais necessidade de conversar em segredo do que os homens; creio mesmo que de cada vez que uma

moça solteira falla á vista de muita gente não deixa de correr seu perigo.

— Mas — por que?...

— Ora... porque vivemos em um mundo notavel, principalmente por suas contradicções a respeito de nós outras; dizem que somos fracas e frageis; por consequencia não é verdade que deveria haver muita desculpa para nossos erros?...

— Sim.

— Pois a nós é que se não perdoam tenues faltas; uma leviandade é quasi um crime, e ás vezes uma simples palavra dita com a maior innocencia deste mundo desafia escarcéos taes, que é melhor não fallar, D. Celina.

— Oh! parece que é assim.

— Ah! os homens e as mulheres!... olha; as apparencias são em verdade todas em nosso favor: somos flôres que se cultivam, bellas estatuas que se admiram, lindas santinhas que se adoram... nas apparencias, D. Celina.

— E a realidade?

— Oh!... isso é outra cousa: os Srs. homens entenderam lá a seu modo a theoria das compensações; bem vês que nos não podiam dar tudo... guardaram o bom para si: ninguem os chamará tolos por isso.

— E nós somos então...

— Ora... nós?... nós somos o que elles querem que nós sejamos; tambem!... olha, D. Celina, durmo todas as noites com um socego que não ha igual.

— E todavia ninguem dirá que isso se passa assim.

— Em parte nós temos a culpa.

— Como?

— Com systema, com arte, mesmo com esta nossa fraqueza, nós poderiamos, apezar de tudo, valer muito, e conservar um poder que fazemos por abandonar. Eu sou moça, mas observo; ás vezes quando me rio, estou pensando bem sériamente.

— E o que observas?... no que pensas?...

— Observo o systema de vida que seguem minhas camaradas logo que se casam, e penso que eu havia... que eu hei de seguir um outro bem diverso.

— E' um segredo que guardas para ti só?...

— Não, eu o quizera dizer a todas as do meu sexo; ou me engano muito, ou fariamos uma revolução; D. Celina, eu sou reformista... quero a reforma do systema domestico.

— Como é isso?...

— Eu te vou dizer.

— Espera... disse a Bella Orphã erguendo-se; não sentiste chegar alguem á porta do quarto?...

— Não... mas vai vêr sempre.

— Celina chegou á porta, olhou para um e outro lado, não viu ninguem.

— Enganei-me, disse ella sentando-se de novo: falla agora, eu te escuto.

Mariquinhas começou a discorrer:

— D. Celina, eu não quero fallar de uma moça, que vive pobremente em solteira, e vai pobremente viver depois de casada cercada de privações e de filhos, para essa, a misericordia de Deus e a virtude, e gratidão de seu marido: essa, coitadinha, já está por si mesma na posição em que mais se soffre physica e moralmente, por si e por seus filhos; eu quero sómente fallar naquellas que, podendo conservar-se de cima no seio da felicidade, lançam-se por terra aos pés do infortunio.

— Pois bem, disse Celina.

— Uma joven senhora, bonita, moça como tu, ou como eu, que não é rica, mas que tambem não é pobre, que teve educação, que se estima, que é delicada, e que deseja fazer-se amar: o que faz ella?...

— O que faz ella?... perguntou Celina repetindo a phrase de Mariquinhas.

— Encontrou um mancebo ardente, extremoso e bello; sympatisam ambos; fallemos agora a verdade, D. Celina, como procede a moça? defronte de seu toucador empenha todos os esforços para se tornar mais bella, seus cabellos estão sempre atados primorosamente... ha perfumes nos seus vestidos, fogo em seus olhos, graça em seus sorrisos, espirito em suas palavras, amor em toda ella, diante delle canta apaixonadamente; para agradar-lhe estuda com fervor a musica, o desenho, a litteratura, a dansa, tudo; consegue o bello triumpho, faz de um namorado um escravo; seus paes applaudem a escolha de seu coração... esse homem é emfim seu marido.

— E depois?...

— Depois?... essa moça não se lembra mais que a paixão esfria... oh! é incrivel!... ella mesma trabalha involuntariamente por esfrial-a. De manhã seu marido a vê com os cabellos desgrenhados diante delle, erguendo-se do leito com os pés nús... o piano passa fechado mezes inteiros... o canto lhe desagrada... o desenho a aborrece, ella não lê mais, não se sorri, nem olha, nem

falla, como se sorria, olhava e fallava dantes. E, se alguem lhe lança em rosto esse metamorphose, ella responde: "Consegui o que queria, o passaro já está preso". E a louca não pensa que o passaro que pretendeu foi o amor desse homem, passaro que vae fugir bem depressa.

— E' assim, disse a Bella Orphã.

— Entretanto, continuou Mariquinhas, acontece o que devia acontecer: o coração do marido espanta-se daquella repentina mudança; procura vêr de novo a bella moça de lindos cabellos, de escolhidas veste, de olhar de fogo, de espirituosas palavras, de gracioso sorriso; e, achando pelo contrario uma menina descabellada, sem graça, sem espirito, sem arte mesmo, recúa... esfria, e ás vezes desanima; e então grita a mulher contra a inconstancia do homem: fallemos outra vez a verdade, D. Celina; o homem não tem culpa... a mulher que elle amava não é certamente essa, que então assim se lhe mostra.

— Oh! tens razão; é assim mesmo; exclamou Celina.

— E depois qual é a vida que vive dahi por diante a esposa?... uma vida de mentiras e de fingimento nas assembléas, e de frieza ou de indifferença em casa: em casa toma a posição de criada grave de seu marido; por suas mãos a toma; tem por prazer a costura, e por officio determinar o almoço, o jantar e a ceia, quando o marido chega da rua ralha com elle... quando o marido sáe ralha com os escravos: donde lhe veiu esse máo humor?... do ciume?... acredita que já não é amada?... quem teve culpa disso?... ella mesma, que se fez outra.

— Continúa, D. Mariquinhas.

— Ora, agora, proseguiu a moça, eu acho tão facil, tão bello, tão nobre seguir-se uma vida absolutamente opposta a essa!... uma vida que faria ao mesmo tempo o encanto do marido e a felicidade da mulher.

— Dize... dize.

— Mesmo depois de casada, a moça não se enfeita com esmero para ir a uma assembléa?... quaes são os pensamentos que a occupam quando ella está defronte do toucador?... dous, principalmente: primeiro, não ser sobrepujada, não parecer menos bella que as outras senhoras, este sentimento nasceu comnosco, e nos acompanhará em todas as épocas de nossa vida: o segundo, é o desejo de agradar; porque, sem offender nem levemente sua pureza de esposa, uma senhora póde querer, e quer agradar; pois não é, D. Celina, uma contradicção indesculpavel, um erro que custa a defender, o esmerar-se uma senhora casada em agradar,

em parecer bella aos outros e esquecer-se, e não fazer um só esforço para mostrar-se bonita aos olhos de seu marido?...

— Sem duvida; sem duvida.

— A moça que acaba de casar-se, não tem necessidade de mudar muito em suas relações com o homem que recebe por marido; seu melhor empenho, seu maior triumpho estaria em continuar a ser a namorada de seu esposo. Póde parecer que seja isso muito difficil; mas eu não o creio.

— Então como? falla.

— Porque não ha de a moça se empenhar para prender seu marido, os mesmos meios de que ella se serviu para encadeal-o, quando se amavam solteiros?... quando de manhã apparecer-lhe, appareça-lhe penteada, vestida com simplicidade, mas sem negligencia, com seu vestido apertado, fresca, louçã e bella, que, ou eu me engano muito, ou ganhará um abraço de seu esposo; gostava elle de ouvil-a cantar?... pois cante ainda, e cada vez mais aprimore sua voz: dava-lhe prazer o piano? a harpa?... pois estude novas musicas, e em relação com o gosto do homem que ama; e converse com elle como dantes, meiga e pudibunda, e ao mesmo tempo amorosa; e, finalmente, sem deixar-se cahir no ridiculo (que seria então muito peor), obrigue a seu marido a ser ainda seu namorado á força de namoral-o: seria isto um impossivel?...

— Eu não sei; mas, falla ainda.

— E sobretudo, o pudor D. Celina!... o pudor da senhora casada não deve differir muito do pudor de uma virgem; de cada vez que uma esposa se veste diante de seu marido, perde um anno do fogo de amor.

— Oh! deve ser assim!

— O amor vive de mysterios, de imaginação, de segredos, de véos, de difficuldades, de opposição e de fogo; a realidade é fria como o gêlo, a realidade o mata; a esposa deve apparecer aos olhos do esposo sempre pudibunda e recatada; esse pudor, esse recato, esse rosto que córa, é uma espada cujo gume não se dobra nunca; assim ella será sempre bella, sempre nova para seu marido, cuja imaginação lhe dirá que elle a não comprehendeu toda ainda, que o seu thesouro de innocencia é inesgotavel... e o amor não se ha de acabar nunca, se na mulher houver sempre esse pudor que arremeda o da virgem, e no esposo houver sempre esse respeito que jamais falta a um homem delicado. O rubor da face de uma moça é tudo; uma senhora que córa ouvindo vo-

tos de amor de seu marido, não pódé recear nem frieza, nem indifferença.

— Oh! D. Mariquinhas, exclamou Celina muito sériamente, D. Mariquinhas, tú és sabia.

Escutando a ingenua exclamação de Celina, Mariquinhas desatou a rir.

— Então eu te faço rir?...

— Pois então?... não me chamaste sabia!

— Mas é que tú dizes cousas que devem ser bem verdadeiras.

— Estimo que te aproveitem.

— A mim?

— Sim, algum dia poderão aproveitar-te.

A Bella Orphã sacudiu tristemente a cabeça, e respondeu:

— A mim, não.

— E porque?...

— Porque eu não me hei de casar.

— Ah! queres ser freira? tens vocação para o claustro?

Celina abaixou a cabeça.

— Dizem os homens que as moças tem duas maneiras muito notaveis de responder affirmativamente; que quando abaixam a cabeça e guardam silencio, ou quando respondem simplesmente — não sei, — querem dizer que sim; mas eu sou capaz de jurar que desta vez tu, abaixando os olhos, D. Celina, quizeste dizer que — não.

— Começas a gracejar?

— Não, Deus me livre; a tarde deve acabar como principiou, séria e philosophica; olha, D. Celina, ha pouco me chamaste — sabia; — agora eu digo que somos duas philosophas: quem nos ouvisse teria de achar-nos bem modestas.

— D. Mariquinhas!

— Vamos ao que importa; eu te fiz uma pergunta, e não quizeste responder-me; hei de arrancar-te a resposta á força. Fizeste ha poucos dias dezeseis annos, D. Celina; eu sou mais velha tres annos...

De repente começou Mariquinhas a rir-se muito.

— De que te estás rindo assim?

— Ora... de uma coincidencia.

— Qual!...

— Tu has de ser toda tua vida uma pobre innocentinha, e em toda tua vida precisarás de uma mestra bem complacente.

— Começas outra vez?

— Não, é verdade: lembra-te que na noite em que fizeste treze

annos, aqui, neste mesmo quarto, uma boa amiga foi tua mestra, e te explicou com bastante habilidade o que era certo sentimento, que ignoravas: o que era amor.

— Oh! que bom tempo! disse Celina suspirando.

— E hoje, neste mesmo quarto, uma outra boa amiga tua te está dando lições de philosophia amorosa.

— Acabaste já?...

— De fallar sobre a coincidencia, acabei, mas agora vou tratar do que muito nos importa.

— Pois falla; mas não gracejes.

— Tens dezeseis annos, D. Celina, continuou Mariquinhas; és bonita, mesmo bem bonita, deram-te muitas prendas, deves ser sensivel e por consequencia não te achas com vocação para o claustro.

— Por que?...

Porque já sabes o que é amar um homem, porque muitos cavalheiros sem duvida já se prostraram diante de ti, já te juraram um amor immenso... desesperado... eterno... que ha de passar além da morte; já te declararam muito positivamente que tua indifferença é capaz de matal-os...

— Oh! basta... que quer dizer isso?

— Quero dar-te um conselho de amiga.

— Qual?...

— Que não tenhas medo de que esses senhores se deixem morrer por tua causa.

— Ora, D. Mariquinhas...

— Que não acredites nelles...

— Certamente, que não.

— Escuta: quando um homem se chegar a ti e começar a fazer o elogio de tua belleza, como se fosse um poeta que recitasse um cantico, e depois a jurar amor, constancia, paixão e ardor por toda a eternidade, desconfia delle; os homens que mais fallam são os que mais mentem.

— E os que não fallam?... perguntou Celina.

— Esses não dizem nada, respondeu Mariquinhas com ingenuidade.

— Ora, tornou a Bella Orphã com um movimento de desagrado, disso já eu sabia.

— Então o que é?...

— Dizes que não devemos acreditar naquelles que fallam muito e juram sempre, bem, e naquelles que de longe nos olham medrosos... tristes... modestos... mas que nos olham com fogo,

e que abaixam a cabeça quando suas vistas se encontram com as nossas?

— Esses, respondeu Mariquinhas, das duas uma, ou amam deveras, e pela primeira vez na vida, ou são peores que todos, são hypocritas.

Fez a Bella Orphã um novo movimento de impaciencia.

— E como distinguir?... perguntou ella.

— Estudando-os em seu proceder.

Celina calou-se.

— Tu tens uma historia para me contar, disse Mariquinhas abraçando-a.

— Historia?...

— Sim: a historia de um moço triste e modesto que te ama, que nunca te fallou de amor, mas que te olha com olhos de fogo.

A Bella Orphã córou.

— Somos duas amigas... quasi de mesma idade; que pejo é esse?...

— Eu não sei.

— Falla.

— Não ouviste outra vez rumor á porta!

— Qual! é a tua imaginação.

— Vou vêr sempre.

— Celina foi de novo á porta do quarto; olhou para um e outro lado e não viu ninguem.

— Falla agora.

— Ah! D. Mariquinhas! exclamou Celina cahindo nos braços da amiga, eu sou bem infeliz!...

VII

Confissão de amor

Celina estava muito commovida.

— Anima-te! disse Mariquinhas.

— Tu já amaste? perguntou aquella.

— Agradecida pelo comprimento, respondeu-lhe a amiga: com que, tendo eu apenas dezenove annos, entendes que já não posso responder senão pelo passado?

— Pois bem, D. Mariquinhas, tu amas?

— Vamos mal: eu vim para perguntar e não para responder.

— Mas tu amas já?

— Desconfio que sim.

— Pois sómente desconfias?...

— E's muito simples, D. Celina.

— Por que?

— Porque ainda não sabes que entre nós, ás moças, desconfiar, neste assumpto, é saber de certo.

— Ah!...

— E tu?

— Eu?... então se tu amas deves ter soffrido muito.

— Sim... sim... sempre se soffre mais ou menos, e tu?...

— Eu tambem.

— Conta-me isso.

— Não se póde contar o que eu soffro.

— Mas por que?

— Párece que não é nada, e é muito, é uma dôr... um desassocego... um abalo interno que se não póde explicar.

— Pois basta que me contes a historia do teu amor: farei idéa de tuas penas pelas minhas.

— Eu penso que amo...

— Sim... comprehendo... desconfias que amas.

— Mas olha. D. Mariquinhas, eu não amei por minha vontade... foi sem sentir...

— Sim... succede a todas nós isso mesmo.

— Foi pouco a pouco que esse sentimento entrou no meu coração... eu não desconfiava disso, aliás saberia combatel-o...

— Debalde!

— Quando me veiu ao pensamento que eu poderia estar amando.... quando cahi em mim oh!... tudo foi em vão... era já muito tarde.

— Tal qual succedeu commigo.

— Chorei muito, D. Mariquinhas, chorei muito... uma noite inteira... e tu?

— Eu?

— Sim; tu choraste tambem muito?

— Eu não, D. Celina.

— Mas por que?

— Por duas razões; primeira, porque eu desejava amar.

— E' possivel?!!

— Eu fazia uma idéa muito engraçada do amor; ha porém muitas moças que pensam como eu, pensava que o amor era para uma moça o mesmo que a boneca para uma menina, um

passatempo innocente, um brinquedo que se deixa quando nos aborrece, e nada mais; por isso eu desejava amar.

— Que louca!

— Depois, eu não devia tambem chorar; não tinha de que; o homem que eu amei era e é digno de mim.

— Certamente não foi por pensar o contrario disso que eu chorei, respondeu Celina córando.

— Então por que foi?

— Tambem não sei, ficava só neste quarto pensando... phantasiando tantas cousas... tantas cousas... depois ia, sem saber porque, tornando-me triste... triste... até que desatava a chorar.

E depois?

— Depois que chorava eu me sentia um pouco mais alliviada de uma dôr, que não se póde dizer como é, continuava a pensar... a phantasiar outra vez... de novo me entristecia, e de novo chorava.

— Pobre D. Celina!...

— Olha; e nem uma só vez tenho rido...

— Mas essa tristeza?

— E' a um tempo muito amarga e muito doce; se me dessem a escolher uma festa, um baile, um bello passeio, uma noite de theatro, ou uma hora de solidão, de isolamento com a minha querida tristeza, eu te juro. D. Mariquinhas, que preferia essa hora de pranto a essas noites de prazer.

— Eu comprehendo...

— Oh! pensar nelle, exclamou Celina, que se ia exaltando pouco a pouco; pensar nelle!... ter sua imagem dentro do coração, e ao mesmo tempo diante dos olhos!... estar elle ausente, e eu vêl-o ao meu lado... ouvir a sua voz tão doce! tão meiga! tão melancolica! sentir o toque de sua mão que me causa um abalo indizivel; o roçar de seu vestido com os meus em uma curta passagem, que me faz estremecer vivamente... vêl-o andando garboso e engraçado, ouvil-o a cantar um hymno de amor tão terno... não existir nada disso, e estarmos vendo e ouvindo tudo isso... oh! é muito! faz que instinctivamente ergamos mãos ao céo, e clamemos: "bemdito seja Deus que nos deu a imaginação para, na ausencia, vermos e ouvirmos assim aquelle a quem tanto amamos!..."

— Tens razão, D. Celina!

— Oh! é sublime! proseguiu a moça; isso é tão bello, tão encantador, tão magico, que eu fico ás vezes uma hora inteira,

mais de uma hora, em contemplação, enlevada nessas delicias, nessas imagens, entre o céo e a terra, porque esse estar assim, esse gozo tem por força alguma cousa de celeste; e por fim, D. Mariquinhas, sem querer, sem sentir, no meio desse sonho de vigilia, sem soffrer dôr alguma, não sei porque mesmo as lagrimas cahem em rios de meus olhos...

— E choras?

— Pranto bem doce! é bom quando se chora assim!...

— Meu Deus!

— Tu não choras nunca assim. D. Mariquinhas?

— Nunca.

— Infeliz! disse a Bella Orphã olhando com piedade para a amiga que a escutava admirada.

— Eu infeliz? por não chorar?

— Oh! sim!... porque ha certas lagrimas que dão um prazer que está acima de todos os prazeres!

— Então tu és bem ditosa?

— Não.

— Como, pois, esse prazer?

— Ah! não me sacia nunca.

— E então...

— Eu sou como aquelle que está devorado por ardente febre: com fervor leva aos labios um copo dagua... esgota-o... e de novo mata-o a sêde. Amor é tambem uma febre... não é?

— Eu já não digo palavra, respondeu Mariquinhas; estás mais adiantada do que eu.

— E' porque tu não amas.

— Mas nota que tenho observado muito.

— Engano! amor não se observa... sente-se!

— Todavia tu és contradictoria, D. Celina.

— Como?

— Começaste queixando-te de tuas lagrimas e acabaste abençoando-as.

— E' porque nem todas são da mesma natureza, a imaginação, que não é nossa escrava, a imaginação, livre, independente, como as aves da floresta virgem, se ás vezes me offerece um quadro de esperança, de amor e de saudade, outras vezes, D. Mariquinhas, cria fantasmas que atemorisam, fantasmas horriveis que bradam a meus ouvidos... que entoam o hymno infernal, o hymno do desespero resumido em uma palavra fatal...

— Qual?

— Impossivel!...

— O som com que a Bella Orphã pronunciou essa palavra foi tal, que tanto ella, como Mariquinhas, se deixaram ficar caladas durante algum tempo, tristes e pensativas.

No emtanto serenou o ardor, que fizera Celina exprimir-se com tanta viveza, de modo que, quando Mariquinhas quiz continuar a conversação, já a achou perturbada e commovida como no principio.

— Mas, D. Celina, ainda me não disseste o que eu desejo principalmente saber.

— O que?

— Quem é o venturoso mancebo que tanto merece de ti.

A Bella Orphã hesitou.

— Se eu não quizesse saber tambem tudo, quanto se tem passado entre elle e ti, continuou Mariquinhas, abster-me-ia de fazer-te esta pergunta.

— Por que?

— Porque não acho muita difficuldade em adivinhar o nome daquelle que amas.

— Já o adivinhaste, D. Mariquinhas?

— Ora!...

— Desde quando?

— Desde antes de teus annos.

— Foi na verdade bem cedo, respondeu Celina; porque então e umesma apenas o suspeitava.

— Não duvido; isso acontece; mas então não queres dizer-m'o?

— Para que, se tu já sabes?

— Seria possivel que eu estivesse em erro.

— E's muito viva para te enganares.

— Pois bem, dir-te-ei eu o nome, com uma condição porém.

— Qual?

— Se eu acertar, has de confessal-o.

— Sim.

— Chama-se...

— Celina olhou para Mariquinhas.

— Candido.

A Bella Orphã abaixou a cabeça.

— Adivinhei?

— Adivinhaste, murmurou a moça.

— Levanta a cabeça; conta-me o que tem havido; não foi para isso que nos reunimos hoje?

Celina pensou um momento e disse:

— Sou uma louca.

— Tu?...

— Sim; mas ao menos a minha loucura poderá agora ser me util.

— Como?...

— Escrevi o que se tem passado commigo...

— A historia do teu amor?...

— Sim...

— Um romance?!!

— Não... uma verdade.

— Como não?... pensas que os romance são mentiras?...

— Tenho certeza disso.

— Neste ponto estás muito atrazada, D. Celina; os romances têm sempre uma verdade por base: o maior trabalho dos romancistas consiste em desfigurar essa verdade de tal modo, que os contemporaneos não cheguem a dar os verdadeiros nomes de baptismo ás personagens que ahi figuram.

— Pelo que ouço, D. Mariquinhas, tu já escreveste!

— Não, mas conversei já com um moço que escreve. Vamos porém ao nosso caso; deixa vêr o teu romance.

— A minha historia, tornou Celina, que abrindo a gaveta da mesa tirou algumas folhas de papel e entregou-as com mão tremula a Mariquinhas.

— "Historia do meu amor", disse esta lendo; ah! eu tinha adivinhado o titulo.

— Peço-te que leias para ti só: eu me envergonharia muito se te ouvisse lêr alto.

Mariquinhas começou a leitura da historia do amor de Celina.

— A Bella Orphã acompanhava com os olhos todos os movimentos, todas as impressões que aquella leitura produzia em sua amiga, córando se esta se sorria, animando-se, tremendo, e confundindo-se segundo as expressões physionomicas da leitora.

Quando Celina viu que os olhos de Mariquinhas volviam-se correndo pelas ultimas linhas da derradeira pagina, abaixou de novo a cabeça, envergonhada e confusa.

— Bravo, D. Celina! estás em bom caminho para romancista; mas repara que não pódes aproveitar muito no nosso paiz.

— Não zombes.

— Fallo séria; porém, dize que destino pretendes que tenham estes papeis?...

— Que destino?... o fogo.

— O fogo?!!

— Sim; queimal-os-ei, respondeu soltando um suspiro a Bella Orphã.

— Não; não commetterás um parricidio: quando tua mão se erguer para lançal-os ás chammas, tua alma, eu o juro, cantará os versos de Torquato:

"Ah! no saria possíbile."

— Pois então que poderia eu fazer delles?...

— Quem sabe?... estes papeis guardam-se: é possivel que cheguem um dia ás mãos do feliz mancebo, que te moveu a escrevel-os.

— Oh! Deus me divre!...

As duas moças calaram-se de repente, sentindo que alguem subia a escada; Celina guardou os papeis na gaveta donde os tinha tirado.

— O Sr. Salustiano, respondeu a escrava.

— O que é?... perguntou Celina.

— O Sr. Salustiano; respondeu a escrava.

— Dize-lhe que meu avô e minha tia sahiram, respondeu a Bella Orphã.

— Mas que nós descemos já para recebêl-o, accrescentou Mariquinhas.

— Não!

— Sim! vae; dize-lhe que o vamos já receber. A escrava desceu.

— Que queres fazer, D. Mariquinhas?...

— Conversar, divertir-me.

— Oh! porém tu me compromettes; este homem é um maldito impertinente...

— Melhor.

— Requesta-me... diz-me loucuras.

— Optimo.

— Eu o aborrego.

— Por isso mesmo.

— Que queres pois?...

— Rir-me.

— Então entendes que devo...

— Zombar delle.

— Como?...

— Como te parecer.

— Mas eu não sei fingir.

— Pois desengana-o; isso tambem me diverte; ainda não vi como fica o rosto de um desenganado.

— Tu és louca.

— Vamos !

— Hei de arrepender-me deste passo.

— Ao contrario, prevejo que terás de agradecer-m'o vamos ! não te lembras que o Sr. Salustiano nos espera ?

Mariquinhas tomou a mão da Bella Orphã, e levou-a quasi á força para o andar inferior.

Quando as moças acabavam de descer a escada, correu-se a cortina que tapava a portinha do fundo, por onde se communicavam as camaras de Marianna e de Celina.

Um homem approximou-se com precaução e cuidado da mesa, junto da qual tinham as moças conversado.

A gaveta dessa mesa estava fechada, mas Celina havia-se esquecido de tirar a chave.

O homem abriu a gaveta, tirou della os papeis que continham — a historia do amor da Bella Orphã — e sahiu com tanto cuidado e precaução como entrára.

Esse homem era o velho Rodrigues.

VIII

Ellas e elle

Entraram as duas moças na sala, e Salustiano, que se tinha recostado a uma janella, voltou-se para recebêl-as.

Sentaram-se todos tres.

Era bem de estudar-se a expressão physionomica de cada uma daquellas tres personagens.

Celina, que havia sido trazida quasi á força para a sala, mostrava-se contrafeita e acanhada; sentou-se bem unida a Mariquinhas, cuja mão apertava como procurando uma defesa.

Salustiano esforçava-se para ostentar a impassibillidade de que se jactava; mas não podia esconder de todo a commoção que sentia na presença da moça que amava, e o quanto o contrariava uma terceira pessoa, que elle não queria encontrar ali naquella occasião.

Mariquinhas completava o grupo; no meio dos dous *desapontados* apparecia risonho, bello e malicioso o rosto da interessante moça; seus olhos vivos e travessos confundiam realmente Salustiano, que, a pezar seu, já não tinha sarcasmos para suas palavras, nem para seus sorrisos.

— Sinto havêl-a incommodado... tinha dito Salustiano muito desenxabidamente.

— Oh! não, não nos incommodou, respondeu Mariquinhas; deu-nos ao contrario muito prazer.

— Seria isso possivel?... perguntou o moço, fitando os olhos em Celina.

— Pois ainda duvida?... tornou a primeira.

— Perdão, minha senhora; mas considero tão subida essa felicidade que muito me custa acreditar nella.

— Ora esta!... eu achava a cousa muito simples!

— Talvez para V. Ex.

— Digo mesmo que a sua visita foi um verdadeiro obsequio que V. S. nos fez.

— Lhes fiz?!! V. Ex. falla em nome de mais alguem?... perguntou sorrindo-se o moço.

— Certamente: fallo tambem em nome da minha amiga.

— Celina apertou com força a mão de Mariquinhas.

— Ai! não me apertes a mão, D. Celina!!...

— Ora, D. Mariquinhas, você está sempre brincando!

— Mas, como eu dizia, V. S. nos fez um verdadeiro obsequio apparecendo aqui.

— Bem... supponhamos que V. Ex. não está apenas dizendo palavras muito lisonjeiras; supponhamos que eu tenho a vaidade de acreditar, que fiz um verdadeiro obsequio a VV. EEx. apparecendo aqui; devo por ventura concluir que eu era esperado e desejado?

Mariquinhas pensou um momento; sorriu-lhe a malicia nos labios, e depois respondeu:

— Esta D. Celina compromette as amigas terrivelmente! é capaz de conservar-se em silencio um dia inteiro!

— Tenha V. Ex. a bondade de responder por ella.

— Pois bem: digo que não era positivamente V. S. quem desejavamos vêr.

— Eis ahi o que eu não comprehendo.

— Queriamos a presença de um de certos cavalheiros, e V. S. serve-nos a mil maravilhas.

— Posso saber para que?...

— Para um estudo particular.

— Ora !... eis-me comprehendendo ainda menos do que ainda ha pouco.

— Trata-se de um segredo de moças.

— Bem... não perguntarei mais nada.

— Oh ! pelo contrario, pergunte; eu sou como as outras; quando tenho um segredo, sou louca por contal-o a todos; na alma de nós outras, um pensamento que se não deve revelar, não é um segredo, é um martyrio.

— Então, o que é segredo ?

— Para as moças ?...

— Sim, minha senhora, o que é um segredo para as moças ?

— E' uma cousa que se diz baixinho aos ouvidos de quasi todos.

— Pois, nesse caso, minha senhora, peço a V. Ex. que, se me julgar digno disso, diga-me o seu segredo, ainda que seja baixinho.

— Oh ! este póde-se contar em voz alta.

— Se portanto me suppõe digno...

— Sem duvida que o julgo; até V. S. nos ha de servir de muito.

— Estou á espera, minha senhora.

— Trata-se de um romance...

— De um romance ? ! ! !

— Sim, de um romance que D. Celina e eu estamos compondo.

— Parabens, minhas senhoras; mas eu não sei... VV. EEx. querem por ventura um terceiro collaborador ?...

— Qual ?...

— Eu. V. Ex. tinha fallado em mim.

— Deus nos livre; perderiamos a gloria de autoras.

— Por que ?

— Os senhores homens custam muito a julgar-nos capazes de escrever; e portanto era V. S. quem ganharia todas as honras da obra.

— Mas esse romance...

— E' uma historia de todos os dias e de todos os salões.

— Já está completa ?

— A invenção completamos hoje; mas a execução nos está dando muito que fazer.

— O que falta ?

— Quasi tudo; atrapalha-nos grandemente uma das principaes personagens.

— Por que ?

— Pela difficuldade de descrevêl-a; mas V. S. chegou muito a tempo.

— E então ?

— Então, é que emquanto nós conversamos, D. Celina vae tomando nota.

— Nesse caso eu...

— V. S. ou outro qualquer... V. S. é como quasi todos...

— Obrigado, minha senhora.

— Cortou-me a palavra; não tem que agradecer-me, pois não sabe o que eu ia dizer.

—Adivinhei.

— Dou-lhes parabens; veja se adivinha tambem o nosso romance.

— Não chego a tanto, minha senhora.

— Quer que lhe tracemos o esqueleto da nossa obra ?...

— Terei muito prazer em ouvir a V. Ex.

— Não poderá fazer uma justa idéa do que será, pela falta dos episodios e dos dialogos.

— Oh ! mas eu comprehendo o que poderá fazer uma penna manejada por quem deve á natureza tanto espirito como V. Ex.

— Agradecida.

— Creia V. Ex. que faz um relevante serviço á tão atrazada literatura do paiz.

— Muito agradecida, respondeu Mariquinhas rindo-se, e sem dar mostras de doer-se da ironia com que Salustiano tentava feril-a.

— Era uma necessidade que desde muito palpitava, tornou Salustiano; o céo devia ao Brasil uma Stael, uma George Sand.

— Mil vezes agradecida; mas então V. S. não quer ouvir o nosso romance ?

— Estou prompto, minha senhora.

— Trata-se de amor.

— Eu o previa.

— E' uma joven senhora de cabellos castanhos quasi pretos, olhos de saphira, labios de coral, rosto pallido, emfim, uma joven senhora bella e muito parecida com D. Celina...

— D. Mariquinhas, basta !... isso é quasi demais ! disse a Bella Orphã.

— Quem fez a pintura da moça fui eu, e portanto posso fallar; a respeito do protogonista fallará então você.

— Continue, minha senhora.

— Pois bem; essa moça, a quem eu ainda não dei nome, ama um jovem modesto e bonito, e é por elle apaixonadamente amada; mas o jovem é pobre, e acredita que sua pobreza é um muro de bronze erguido entre elle e a bella de seus pensamentos.

Salustiano empallideceu sem querer, ouvindo as ultimas palavras de Mariquinhas; começava a comprehender o que queria dizer aquelle romance.

— Acha-se incommodado?... perguntou Mariquinhas encarando Salustiano.

— Oh! não! pelo contrario...

— Cheguei a pensal-o, Sr. Salustiano, porque V. S. mudou de côr.

O mancebo serenou e respondeu sorrindo-se:

— Ah! foi effeito da interessante narração de V. Ex.: sensibilisei-me... realmente o seu romance é muito sentimental... toca no coração.

— Sim... sim, tornou a moça; eu creio bem que elle tocará o coração de V. S.

— Mas, concluiu-se?...

— Certamente que não; ficaria sem sentido, sem pés nem cabeça...

— Era mesmo assim excellente... estava na moda; porém já que o romance não termina ahi, quererá V. Ex. ter a bondade de contar-me o resto!...

— Pois não! com summo prazer; temos, como eu dizia, uma moça bella e um jovem pobre que se amam muito... romanescamente; até ahi não ha senão um idyllio; imaginamos pois, imaginamos não, foi D. Celina quem imaginou uma especie de tyranno de comedia, um outro namorado da heroina, um mancebo rico, honrado, e vaidoso de sua fortuna, que se vem erguer como uma barreira terrivel entre os dous amantes.

Celina apertava a mão de Mariquinhas de instante a instante; mas não se atrevia a dizer palavra.

— E depois?... perguntou Salustiano.

— Depois as scenas se succedem... deverão haver lutas domesticas, esperanças que morrem e revivem... jogo de affectos... e finalmente...

— Finalmente...

— Boa pergunta! por fim de contas triumpha o amor inno-

cente e puro... triumpha a inspiração de Deus... o moço pobre alcança a mão da moça bella.

— E o outro!

— O outro!... exclamou Mariquinhas dando uma risada; o outro deve muito provavelmente ficar com cara de tolo.

Salustiano mordeu os beiços. Mariquinhas proseguiu:

— Mas veja... estavamos em uma verdadeira difficuldade!

— Qual!...

— Não sabiamos como descrever o tal sujeito rico, ousado e vaidoso...

— Ora! que modestia a de V. Ex.!... com tanta imaginação... espirito tão atilado....

— Sim... sim... porém nós queremos seguir á risca a natureza... procuravamos pois um original, quando V. S. chegou.

O ultimo golpe acabava de ser dado tão directamente que Salustiano córou até á raiz dos cabellos.

— Comprehendo tudo, minhas senhoras!...

— Ora... pois o que comprehendeu?

Salustiano pensou alguns momentos, e depois respondeu:

— Que devo tambem escrever um romance.

— Ah! disse Mariquinhas, então isto é contagioso?!!

— Creio que sim, minha senhora.

— Tanto melhor, tornou a moça rindo-se; creia V. S. que faz um relevante serviço á tão atrazada literatura do paiz.

— Agradecido.

— Eu estou pensando já no muito que poderá fazer uma penna manejada, por quem deve á natureza tanto espirito como V. S.

— Muito agradecido.

Era uma necessidade que desde muito palpitava; o céo devia ao Brasil um Cooper, um Walter Scott, um Dumas.

— Mil vezes agradecido.

— Quando começa a escrever?...

— Ora... já está metade escripto.

— Já!... e então!...

— E' o mesmo de VV. EEx.

— O mesmo?... não... não... seria um triste roubo feito a duas pobrezinhas.

— Mas o meu romance, que se parece muito com o de VV. EEx. até o meio, differe completamente no fim.

— Como ?

— No meu romance triumpha o moço rico, o ousado e vaidoso...

Celina ergueu a cabeça nobremente, e fitou os olhos em Salustiano.

— Crê então, que isso chegue a ser verosimil ?... perguntou Mariquinhas.

— Não será sómente verosimil, tornou Salustiano elevando a voz com incrivel audacia; ha de ser tambem uma realidade.

— Bravo !... exclamou Mariquinhas; isto me está parecendo um desafio.

— Pois seja um desafio; veremos qual dos dous romances se realiza.

— Acceito, disse, levantando-se, a Bella Orphã.

O rosto de Celina estava acceso de rubor e de colera; em pé, ella encarava Salustiano com olhos cheios de fogo.

— Minha senhora... ia murmurando o moço.

— Eu lhe disse, que acceito o desafio, senhor !... exclamou Celina; não é bem claro isto ?

Reinou então silencio por alguns instantes, até que Salustiano despediu-se com seu sorrir sarcastico nos labios, e sahiu com o desespero e a raiva no coração.

— Bem bom ! bem bom ! disse Mariquinhas batendo palmas com uma alegria infantil.

— Fizeste mal, D. Mariquinhas.

— Pois sim... concedo, fiz mal; porém tu, D. Celina, fizeste muito bem.

— E agora ?... quem sabe o que me espera ?...

— Que nos importa o futuro ? o futuro é de Deus.

— Mas eu preciso que me animem; eu sou fraca e sou só.

— Vem portanto animar-te... subamos ao segundo andar.

— Para que ?...

— Vamos lêr de novo a historia do teu amor.

— Oh !... sim !... tu és louca como eu, D. Mariquinhas; mas o que acabas de dizer deve ser verdade.

— Vamos pois...

— Vamos.

As moças subiram a escada correndo, como duas crianças travessas; entraram no quarto de Celina... abriu-se a gaveta, onde deveria estar a historia do amor da Bella Orphã...

— Os meus papeis !... exclamou esta.

— Que ha então ?... perguntou Mariquinhas.

— Eu os tinha posto aqui.

— E' certo...

— Oh !... furtaram-mos !...

— Meu Deus !...

— Os meus papeis !... a minha historia !... exclamou dolorosamente a Bella Orphã.

— Como póde ser isto ?...

— Onde estarão elles ?...

— Quem entraria aqui ?... perguntou Mariquinhas.

— Eu não sei... eu não podia vêr !... o que eu sei, o que eu vejo é que estou perdida. Oh ! isto foi uma desgraça !...

— Quem sabe ?... disse Mariquinhas com ar pensativo; tambem póde ser que seja uma felicidade.

IX

O velho Rodrigues e Candido

O velho Rodrigues appareceu á porta do sotão do Purgatorio-trigueiro, e ficou ahi parado alguns instantes.

Candido estava só e tinha os olhos fitos na porta, mas não dizia palavra.

Era porque o moço estava olhando, porém não estava vendo.

Ha alguns homens no mundo que têm frequentemente horas inteiras passadas assim; horas em que, concentrados em um mundo interior, nada vêem, nada ouvem, nada sentem do que se está passando ao redor delles.

Serão pobres loucos ou entes privilegiados esses homens ?

Ha muitos que delles se riem, ou que delles têm piedade; deixal-os rir... deixal-os ter piedade.

O velho Rodrigues fallou:

— Sr. Candido !

— Quem é ? perguntou o moço erguendo-se, e como despertando de um somno afadigado.

— Sou eu... um velho amigo.

— O Sr. Rodrigues... ah ! entre, sente-se.

— Não; preciso voltar já; é pouco o que tenho a dizer-lhe.

— Como quizer... eu lhe escuto.

— Sr. Candido, foi bem triste a ultima vez que nos vimos; foi em uma noite de prazer e de dôr; noite em que a mesma

casa e ao mesmo tempo soavam cantos alegres e corriam lagrimas amargas.

— Já passou tudo isso... esqueçamos.

Não; lembremos antes, mancebo.

— Nessa noite uma intriga foi forjada, e a calumnia venceu então a verdade.

— Senhor... para que fallar nisso ?

— Uma mulher calumniou a outra mulher; as portas do Céo côr de rosa lhe foram fechadas em nome da Bella Orphã... a mulher que intrigava, depois de lançar mortal veneno em seu coração, deixou-o só no jardim, e eu appareci então... e o que lhe disse ? lembra-se ?

— Não; tudo esqueci... o theatro, o drama, as personagens... tudo está esquecido; nem quero outra vez lembrar-me.

— Oh ! mais é preciso lembrar-se ! ouça pois; eu appareci então, e disse: "aquella mulher mentiu !".

— Não mentiu: respondeu com força o mancebo.

— Foi isso mesmo o que me disse, Sr. Candido; mas eu jurei a mim mesmo provar-lhe que a Bella Orphã fôra calumniada, e que o senhor offendia a pureza, a virtude de uma innocente moça sustentando uma calumnia.

— Ah ! Sr. Rodrigues... murmurou meio commovido o moço.

— Eu jurei que havia de confundil-o com a verdade, e de castigal-o com o arrependimento...

—Mas para que...

— Para que ? para que justiça fosse feita a uma interessante virgem; para que balsamo consolador fosse derramado no coração de um desgraçado.

— E quem é esse desgraçado ?

— E' o senhor.

— Tem razão; eu o sou.

— Eu quero que a esperança amanheça de novo em sua alma... que arrependida sua alma se ajoelhe ante a imagem da mulher que amava tanto...

— Senhor... basta.

— Que o seu arrependimento e a sua esperança façam de novo fallar a sua alma; que outra vez de joelhos ante a imagem da bella virgem a sua alma exclame com ardor... — eu te amo! —

— Senhor, senhor, é preciso que eu lhe diga que considero meu inimigo aquelle que me falla de amor...

— E' uma loucura.

— Que o fogo da vergonha ainda queima meu rosto, quando me lembro do que commigo se passou nessa horrivel noite!

— Mas o halito da virgem ha de apagar esse fogo.

— Senhor! nem mais uma palavra sobre ella.

— E as provas de sua innocencia?

—Eu não as quero.

— Para condemnal-a sempre?.

— Não a condemno.

— E o amor que lhe tinha?...

—Eu amo a minha mãe.

— E o amor dessa pobre virgem?...

— Senhor!

— Esse amor angelico?!! esse perfume de flôr que se desabrocha?... esse amor...

— Basta... é demais...

— Não quer ouvir-me então?...

— Dispense-me disso, Sr. Rodrigues.

— Não me acredita?...

— Não.

— E se eu provar o que digo?...

— E' inutil.

— Embora, eu o provarei.

— Mas com que fim?... que lhe importa a minha desgraça ou a minha felicidade!...

O velho olhou fixamente para Candido e disse com voz grave e pausada:

— Póde ser que me importe mais do que pensa: quem sabe se o seu passado, que é tão escuro para todos, não é bem claro para mim?...

— Oh!... exclamou Candido: falle pois!... eu lhe escuto...

— E' tarde; eu já devia ter voltado.

— Mas...

—Eu lhe deixo estes papeis, Sr. Candido; peço que os leia... e que os guarde.

— O velho Rodrigues tirou então do bolso algumas folhas de papel e as deitou sobre a mesa.

— O que contém estes papeis?... perguntou Candido com viva curiosidade.

— Uma historia.

— A minha historia ?...

— Tambem é sua.

— O velho retirou-se vagarosamente, e Candido foi buscar uma luz, e abrindo a primeira pagina daquelles papeis, leu:

HISTORIA DO MEU AMOR

X

Uma hora de leitura

— Deverei eu lêr estes papeis !... fallou Candido comsigo mesmo; não haverá ahi veneno espalhado nessas paginas !... não será fraqueza ceder a um desejo, que não passa de pueril curiosidade !... não; estou determinado; podem rolar um seculo sobre essa mesa, não os hei de lêr nunca.

Mas elle não podia arrancar os olhos dos papeis que lhe deixára o velho, e passados alguns minutos pensou já de outro modo; pensou assim:

— E' que tambem, se eu os não lêr, podem julgar que desconfio de mim mesmo... que tenho medo de amar ainda,... que não sei triumphar de uma paixão de dous dias... é isso; podem julgal-o; pois eu lerei... mas hoje não; mostrarei a minha indifferença não lendo hoje; provarei que nada receio lendo amanhã; estou determinado.

E passado ainda um certo espaço, o mancebo mudou outra vez de resolução, e disse comsigo:

— Mas isto, sim, é que é puerilidade ! lêr amanhã ou hoje, é sempre acabar por lêr; e que tem isso ?... que impressão me póde causar esta leitura ?... e que me importa o juizo que de mim quizerem fazer ?... eu sou pobre... eu sou só... eu sou portanto bem livre.

E abrindo a primeira pagina começou a lêr.

HISTORIA DO MEU AMOR

I

Eu já fui como uma flôr que se desabotôa; sou agora como uma pomba, que geme solitaria.

Quem sabe o que eu virei a ser ainda?... pobre orphã que sou, o meu porvir está tão escuro!...

Até a idade de quinze annos eu fui como uma flôr que se desabotôa.

Meus paes viviam ainda, e eu passava uma vida tão feliz!... eu era a flôrzinha de meus paes; o jardim que eu perfumava era o coração delles.

Meu pae me chamava o seu anjo; minha mãe dizia que eu era a sua alma; e eu via bem que elles sentiam isso que diziam.

As palavras de meu pai eram tão ternas!... os carinhos de minha mãe eram tão doces!... oh! palavras e carinhos, como esses... oh! mais nunca.

Eu era tão feliz... de manhã erguia-me, dava graças a Deus, meu pae e minha mãe me beijavam, e depois eu ia brincar.

Como eu fui travêssa! ás vezes, quando me tornava por demais traquinas, meu pae se fingia enfadado, e me dizia: "Celina... aquieta-te... tu estás ficando feia".

E minha mãe me defendia dizendo: "deixa-a brincar; ainda é feliz!... quem sabe se ha de ser sempre como hoje!..."

Oh! minha mãe adivinhava com o coração! o amor dos paes é assim... prophetiza.

E meu pae se tornava melancolico; abraçava-me, beijava-me, e com os olhos humidos de lagrimas me dizia: — vai brincar.

Oh! sim! bem feliz!... bem feliz!... a minha vida era um laço de cem amores; eu amava a Deus, amava a meus paes, amava a meus parentes, amava os pobres, e amava as flôres.

II

Amava as flôres!...

Como e quando foi que começou esse amor, não sei bem explicar; quando pensei... já as amava.

No berço brinquei com flôres... ensaiei meus primeiros passos para ganhar uma flôr que minha mãe de longe me mostrava; quando pude correr, meu pae me deu um jardim.

Desde então, quando a aurora apparecia, já me encontrava no jardim; eu gostava do primeiro raio do sol.

Os primeiros raios do sol e as flores foram as camaradas que brincaram commigo na infancia.

Eu amava as flôres; gostava de acompanhar a vida de um botãozinho de rosa, que se ia desabrochando pouco a pouco, como um pensamento de amor na alma de uma criança.

Depois eu fiz treze annos, e na noite em que eu fiz treze annos, tive um sonho de flôres; sonhei com um botão de rosa.

Que sonho!... é uma das doces recordações do meu passado; eis-aqui como foi o meu sonho.

.....

.....

III

Eu pois acabava de fazer treze annos; era ainda como a flôr que se desabotôa.

Mas quando completei o terceiro lustro, a morte esvoaçou ao redor de mim, e não me feriu, nem me matou; oh! eu minto; matou-me duas vezes, porque de um só golpe me arrancou pae e mãe.

Porque não fui eu que morri, meu Deus?... eu, que nada era, nada sou, que nada serei no mundo?

Eu, que nesse tempo tinha sómente sorrisos para a vida, e que, apezar disso, morreria sorrindo-me tambem; porque creio em Deus que me ha de salvar!

Oh! que hora tremenda foi essa, em que eu tive de receber duas solemnes bençãos de despedida, lançadas pelas mãos já frias de meu pae e de minha mãe!

Oh! que hora tremenda foi essa, em que eu tive de partir em dous pedaços um adeus de agonia!

Não se morre de dôr.

Eu vi morrer ambos elles... a meu pae e minha mãe; eu vi... e não morri então; eu os estou vendo... e não morro ainda.

Eu estava... tinham-me posto de joelhos junto ao leito de meu pae; era a hora terrivel.

Meu pae voltou o semblante para mim, e fitou os olhos no meu rosto...

Seus olhos brilhantes e pasmos pareciam querer saltar das orbitas sobre mim... oh! se elle não fôra meu pae eu teria tido medo daquelle olhar.

Sua boca se entre-abria... seus labios se moviam; mas ah! o desgraçado não podia fallar.

Olhou... esteve assim olhando muito tempo... muito tempo, até que... oh! meu Deus!...

Duas lagrimas limpidas e brilhantes ficaram pendentes de suas palpebras... sua mão direita apertou o peito no lugar do coração, e... sempre me olhando... sempre me olhando, meu bom pae expirou.

A vida... a alma lhe sahiu pelos olhos; oh! sim! porque elle morreu olhando para sua filha.

Lancei-me sobre o cadaver de meu pae; arrancaram-me dahi; e sabeis para que?... para vêr morrer minha mãe.

Pobre de minha infeliz mãe!... não estava em si quando eu me ajoelhei junto della; delirava.

Começou a brincar com os meus cabellos; passou depois os dedos sobre meus olhos, e, sentindo-os molhados de minhas lagrimas, levou-os aos labios, sorveu as lagrimas de sua filha, dizendo:

— E' bem doce!... é bem doce!...

Depois entrou a rir-se e a cantar; que rir! que cantar aquelle!... até então eu não sabia que a morte tinha tambem seus risos e seus cantos.

Continuou a rir-se e a cantar; a brincar com os meus cabellos, e a beber minhas lagrimas.

Houve um momento terrivel! um tremor subito e desesperado agitou convulsivamente todo seu corpo...

Cessou de rir-se e de cantar, olhou-me... que olhar!... era um adeus que se dizia por mil modos nos seus olhos.

Tinha talvez desapparecido o delirio, mas ella já não podia fallar.

Ouvi alguem, a poucos passos, dizer baixinho — é chegada a hora: — oh! comprehendi tudo... soltei um grito.

Escutando esse grito, que me sahiu do coração, minha mãe agarrou com suas duas mãos a minha cabeça, e com força indizivel levantou-me, approximou meu rosto ao rosto della, uniu meus labios aos seus, deu-me um longo e ardente beijo, e expirou.

A vida... a alma lhe sahiu pelos labios; oh! sim, porque ella morreu beijando sua filha.

As almas de meus paes, antes de subir ao céo, tinham passado por mim; a alma de meu pae pelos meus olhos, a de minha mãe pelos meus labios.

Como eu fiquei então!!!... não se diz.

Não se morre de dôr.

E estava orphã.

Deixei de ser como uma flôr que se desabotôa.

IV

Eu era uma pobre orphã.

Tinha começado a ser como a pomba que geme solitaria.

Chorei! chorei muito! quando não tive nos olhos mais lagrimas para chorar, chorei saudades no coração; choro-as ainda; mas resisti, e resisto, graças á educação que me deram meus paes.

Elles me ensinaram a ter fé e esperança em Deus, ensinaram-me, na prosperidade, a ser christã; sou christã na desgraça.

Quem crê em Deus, chora, mas resiste.

Eu chorei, e resisti.

Tenho esperança de vêr ainda meus paes aos pés do Senhor Deus... não sei quando será; mas espero.

Esta esperança me anima; no emtanto meu coração está sempre cheio de saudades, que não hão de acabar nunca.

Eu, pois, sou agora como uma pomba que geme solitaria.

V

Passou-se um anno.

Um anno de lagrimas é muito tempo; é um seculo.

Passou-se mais tempo ainda; chegou o dia de finados.

Fui rezar no tumulo de meus paes.

Rezavam lá...

Oh! se soubessem como um coração de filha agradece uma oração que se reza por seus paes!...

Rezavam lá!... uma mulher e um homem.

A mulher era uma velha que eu conhecia; o homem não... eu o via então pela primeira vez.

Mas esse homem... a velha ergueu-se, e eu lancei-me de joelhos no mesmo logar, que ella tinha occupado.

Fiquei junto desse homem que rezava por meus paes...

Oh! pela primeira vez, que nos encontravamos na vida, nossos pensamentos se uniam, se misturavam, e subiam juntos ao céo tão iguaes... tão parecidos, como dous irmãozinhos gemeos!...

Oh!... nós não nos haviamos visto nunca, não nos tinhamos olhado ainda, e nossas almas se correspondiam já, fallando a linguagem do Senhor... rezando...

Elle ergueu-se emfim... e fugiu. Eu senti que elle chorava e soluçava.

Eu não sabia se elle era moço ou velho, bonito ou feio, rico

ou pobre... e comtudo desde esse momento eu amei esse homem.

Amei esse coração generoso, que se fôra ajoelhar junto ao tumulo de meus paes!

Esse homem amava portanto meus paes!

Era, pois, meu irmão no amor, meu irmão nas lagrimas e nas orações; quero... devo amal-o: o mais sagrado dos laços uniu-nos aos olhos de Deus, á face de um tumulo.

Eu o amo.

Quem é elle?...

VI

Emfim já pude vêl-o de perto; veiu visitar-nos, acompanhando a velha Irias.

Elle é moço e pallido, é triste e modesto; é bello.

Parece que esconde no coração um grande tormento, que ninguem comprehende, e que elle abafa.

Pallido, triste e silencioso, sua figura tem um não sei quê de gracioso e phantastico, que toca nalma e faz arder a imaginação.

Se elle passa por diante de vós, sem querer vôs vos lembraes da sombra de um ramo de palmeira, quando um ramo de palmeira em noite de claro luar é impellido por brandos favonios.

A's vezes fica pensativo horas inteiras; torna-se alheio a quanto se passa em torno delle...

E' bello vêl-o assim; parece que transportado contempla uma visão; ninguem lhe falla, e elle se sorri... se entristece... se espanta... e murmura phrases inintelligiveis como se estivesse conversando com algum ser vizivel.

Será um louco?... não; elle é um poeta; eu já sonhei que os poetas eram assim.

Eu gosto dos poetas.

Os poetas são homens que mal vivem neste nosso mundo, e que são senhores de mil mundos; habitam um espaço entre o céo e a terra, e fallam a lingua das aves e das flôres, das montanhas e dos mares, dos phantasmas e dos anjos.

Os poetas são homens que sabem amar; os que não são poetas amam como todos, amam com esse amor commum que se vê todos os dias, que não tem nada de novo, que tem bem pouco de bello.

O amor dos poetas é de um fogo que se não accende na terra, é um fogo como o do sol.

Os poetas são irmãos do sol; elles são os astros que illuminam o mundo como o sol illumina o espaço.

A luz que dardejam os poetas e o sol vem da mesma fonte, é a mesma luz santa e pura; veiu-lhes do céo, sahida dos olhos do Senhor Deus.

Eu amo os poetas.

VII

Elle se chama Candido.

Tem continuado a visitar-nos; frequenta os serões do Céo côr de rosa; meu avô o estima e minha tia tambem.

Eu tenho por elle um sentimento tão doce... tão socegado, que me parece que assim é que se ha de amar um irmão.

Quasi nunca se dirige a mim... não conversa commigo... parece que se esconde, que foge de todos os olhos; porque?...

Parece infeliz; gósto ainda mais delle por isso; a melancolia póde tanto na minha alma!...

Um homem melancolico vale mil vezes mais do que aquelle que vive rindo-se constantemente.

Eu tenho pena dessa gente que anda rindo-se de continuo.

Esses homens que vemos sempre a rir, a zombar, a dizer sarcasmos, a ridicularisar tudo, são como insultos que a natureza faz á terra.

A tristeza daquelle mancebo tem alguma cousa de solemne; elle está triste porque soffre.

A's vezes de relance me olha... o seu olhar é então bem terno, e seus olhos quasi sempre amortecidos têm nessas occasiões um fogo...

Desde que pela primeira vez o apanhei olhando-me assim, eu senti alguma cousa de novo em mim... eu córei; porque?... não será puerilidade córar por isso?...

VIII

Preciso conversar com o meu coração; dentro de mim se estão passando muitas cousas, que ainda não comprehendo; é uma serie de contradicções... um desejar sem querer, o que eu estou experimentando.

Como foi que eu comecei a amar este moço, que se chama Candido, não é por certo um mysterio; vi-o de joelhos junto do

tumulo de meus paes, e amei-o por gratidão; amei-o como se eu fôra irmã delle.

Disse a todos que o amava assim; riam-se de me ouvir, e eu não córava.

Nos primeiros dias, quando elle me olhava, seu olhar passava por sobre meu coração, tão suave, tão doce, como o sopro do favonio sobre a rosa que acaba de desabrochar.

Depois... as sensações foram outras; seu olhar não foi mais para o meu coração como o favonio para a rosa, é como a aurora para o céo; porque o céo se avermelha quando o dia amanhece, e meu rosto se enche do rubor do pejo quando elle me olha.

Porque ?...

Agora, quando elle está ausente, eu me afflijo, desejo ardentemente vêl-o chegar; quando elle se annuncia, meu coração palpita; quando elle entra na sala, minhas faces córam; quando elle se chega a mim, meus olhos se abaixam; quando elle me comprimenta, eu não posso responder-lhe.

Porque ?...

Eu gósto de ouvir fallar delle; mas não pronuncio nunca o seu nome; sua imagem apparece nos pensamentos todos de minhas vigilias, e nas bellas imaginações de meus sonhos; parece que a imagem desse mancebo é dona de minha alma.

Porque ?...

Oh ! eu o estimo, e estando a seu lado, tremo; acho-o bonito, e tenho receio de olhar para elle; gósto de ouvil-o fallar, e nunca me animo a conversar com elle.

Porque ?...

Ah ! porque ? porque, meu pobre coração ? porque é que eu sinto que já não amo esse mancebo como se fôra sua irmã ? como é então que o amo agora ?...

IX

Oh ! que revolução se operou em toda minha vida, em todo meu ser !

Eu já sei que se ama a alguem que não é nosso pae, nem nosso irmão, e que não é nosso amigo; eu sei emfim o que é amor; quem m'o ensinou ?... foi o coração, foi a natureza, foi Deus.

O amor é uma flôr que existe em botão na alma da virgem; o homem a quem se tem de amar é o sol que faz desabrochar essa flôr.

E' uma flôr que Deus plantou dentro de nós, porque, quando a virgem nasce, já comsigo a tem no coração.

Oh ! eu já despertei a um bello grito; gritaram-me — elle te ama !... — pois eu deveria têl-o adivinhado.

Sim ! oh ! sim !... eu devo crêr que me ama; porque tambem elle córa quando encontra meus olhos ? porque tambem treme quando me falla ?

Eu revolvo na minha alma quanto se tem passado entre elle e mim, como a mão de uma menina revolve buliçosa uma cêsta cheia de flôres.

Recordemos...

Uma noite... que noite ! dansámos juntos... fui o seu par... nossas mãos tremeram... quizemos fallar e não dissemos nada... ah ! parece que fazendo assim é que nós dissemos tudo !...

Depois fui com duas amigas para meu quarto; contei-lhe a historia do sonho do — botão de rosa; — ninguem me devia ouvir senão ellas.

Em uma das tardes seguintes veiu o velho guarda-portão dar-me a sua hora de musica; cantou um romance; esse romance era a historia do meu sonho... a historia do botão de rosa. Quem escreveu estes versos ? perguntei eu; foi o Sr. Candido; respondeu o velho Rodrigues.

Cheguei a crêr que um genio invisivel velava em prol desse terno sentimento que nascia...

X

Fomos ao Passeio-publico; passeavamos juntos e sós eu e elle; estavamos ambos tão perturbados !... eramos como dous criminosos; ouvi que alguem dizia — são dous namorados: — quasi que morri de vergonha.

Oh ! não é possivel encobrir mais... não é possivel... não... a verdade deve-se dizer.

A flôr que existia em botão dentro de minha alma abriu-se ao terno sopro desse mancebo; eu o amo !

Ainda não lhe disse, não serei capaz de dizer-lhe que o amo; já porém jurei a mim mesma que hei de amal-o toda a minha vida.

Oh ! sim ! eu o confesso... eu amo.

Abençoem lá da eternidade meus paes o amor destes dous corações, que a primeira vez que se encontraram nesta vida foi de joelhos ao pé de seu tumulo.

Abençoem !...

Proteja o Senhor Deus estes dous corações que, antes de se acharem unidos pelos laços de um amor puro e santo, já se haviam identificado em oração, e cahido juntos aos pés do Omnipotente, ligados pela mesma fé, pela mesma esperança e pelo mesmo pensamento.

Oh ! sim ! proteja.

Mas por que motivo elle, a quem eu amo, elle que me ama, foge de meu lado ?... porque me não falla ?... porque continu'a a mostrar-se tão triste como dantes ?...

Eu devo então ser bem infeliz, pois que elle não póde mais ignorar que eu o amo, e todavia sua tristeza é sempre a mesma sempre incuravel.

E no emtanto esse outro que me desagrada tanto, quanto elle me é grato, esse outro impertinente e ousado não me deixa um instante, e ousa fallar-me de amor mesmo diante daquelle que amo.

Que differença entre ambos !

Um é a modestia, que receiosa se afasta e se esconde, e que por isso mesmo é mil vezes mais bella.

O outro é a presumpção que se ostenta, que se impõe e que depois de aborrecer-nos muito, retira-se pensando que nos deixa em extasis.

Um é a palavra da virtude, que sôa unicamente para louvar o merito; é a gravidade do homem nobre, a pureza das almas candidas.

O outro é a loquacidade do vicio, não sabendo fallar senão a linguagem venenosa do sarcasmo; lançando a calumnia, a satyra, e o epigramma no meio da conversação mais séria e delicada; é, quando não falla, o aspecto de um bufo ou de um malvado com seu rir constante, rir maledicente... rir venenoso... ou rir estupido.

Um crê na eternidade e em Deus, e crê na honra dos homens; o outro zomba dos mysterios e não acredita na honra de ninguem. Um é o nectar da virtude... o outro é a peçonha da vibora !...

Que differença entre ambos !...

XI

Já lá vae a noite de meus annos; contradictoria, inconsequente, como tudo mais que hoje commigo se passa, ella encheu a minha alma de prazeres e de pezares.

Pela primeira vez *elle* tinha de cantar no Céo côr de rosa;

chegou a hora de seu canto... *elle* veiu melancolico e gracioso, e sentou-se defronte de mim.

Trouxeram-lhe uma harpa.

Aquelle mancebo pallido e triste, com cabellos tão negros e mãos tão brancas, causou-me uma impressão que eu não posso bem definir; julguei estar vendo um desses quadros amorosos dos tempos romanescos da idade media. .

Sua voz soou... que voz! seu canto sahia-lhe dalma; era um canto de amor.

Seus olhos embebidos no meu rosto me estiveram repetindo o mesmo, que no apaixonado canto dizia: eu era tão feliz!...

Estava orgulhosa do amor desse homem!

Estava suspensa... — não me achava na terra — aquelle canto me erguia em suas azas harmonicas levando-me para a região phantastica, onde mora a imaginação do bardo que cantava.

Terminou o canto... mas eu fiquei ouvindo sempre aquellas doces harmonias, como se um anjo m'as estivesse repetindo aos ouvidos; era talvez o anjo de amor que cantava, e o coração amante que ouvia.

Depois *elle* sahiu da sala; procurei-o todo o resto da noite com os olhos, com o coração e com o pensamento: não appareceu.

Porque se retirou *elle?*... eu tremo.

Oh! o meu amor é tão novo, tão innocente, tão anjo como uma criancinha recemnascida e uma flôr que acaba de desabotoar-se.

Ah! pobre mãe! como é facil, apezar de tuas lagrimas, vêr morrer alli no berço a criancinha de tua alma; ah! triste arbusto!... basta um instante de tempestade para que a tua flôr caia por terra.

E o meu amor é como a criancinha, ou como a flôr; eu tremo.

XII

Eu sou como a pomba que geme solitaria; eu o sou... é bem verdade!..

Desde a noite de meus annos que nunca mais tornei a vêl-o; não será isso uma crueldade de sua parte?...

Que lhe fiz eu?... amal-o?... só se foi esse o meu crime; mais ah! não merecia tão forte castigo.

Tenho chorado muito... já se me acabaram as lagrimas;

agora escrevo, e agora comprehendo que muitas vezes escrever é chorar com o coração.

Ai de mim! nem tenho quem me console; a ninguem ouso dizer porque choro; ninguem saberá a causa de meus tormentos; zombariam de minhas lagrimas.

Oh! é bem triste; todos devem ter padecido o que eu padeço; todos têm coração: todos devem ter amado; como é pois que se ousa ridicularisar as penas de amor?... não zombam de si mesmos aquelles que zombam dellas?...

E comtudo elles se riem sempre!...

Paciencia; soffrerei tudo em silencio; e se isto não é um tormento passageiro; se o meu amor tão novo, tão puro, tão extremoso foi morto por um ingrato, guardarei os restos delle no coração, chorarei com a minha alma de joelhos ao pé desse coração, que foi a um tempo o berço e a sepultura desse amor, como uma mãe extremosa chora abraçada com a urna onde guarda os ossinhos de seu primeiro filho.

Tenho a cabeça perdida... falta-me ás vezes o ar... ás vezes os cabellos me pesam...

A sociedade me aborrece... que tenho eu com os prazeres de toda essa gente?... ninguem me comprehende lá. Desejo estar só... muito só, conversando com as minhas saudades.

Agora a minha amiga é a noite; quando a lua é cheia e o tempo está sereno, eu passo horas inteiras reflectindo á janella de meu quarto.

Nunca me acho só nessas horas; em baixo, no jardim, os favonios conversam com as flôres ao mesmo tempo que eu fallo com o meu coração.

As flôres respondem aos favonios com a exhalação de seus perfumes, como o coração me responde com as suas saudades.

E' assim que passo as noites; os dias são muito tristes, porque já perdi meus antigos prazeres.

Nem mesmo a musica me agrada... se vou tocar, páro no meio de uma harmonia para embeber-me toda em um pensamento, que ella desafia.

Não posso cantar... quasi sempre choro. Agora, por exemplo, seria occasião de ir ouvir o velho Rodrigues cantar suas velhas balladas; era a hora da sésta. Não irei.

Mas... lá sôa a sua voz; elle canta...

E' o romance do botão de rosa...

Eu vou...

XIII

Já comprehendi tudo.

A intriga me separa do homem que amo; a calumnia me nodôa... tudo está revelado.

Minha tia fez crêr ao modesto mancebo que o seu amor me affligia; que eu suppunha a minha reputação em perigo; que *elle* era pobre, e por isso indigno de mim.

Fecharam em meu nome as portas do Céo côr de rosa no rosto do nobre mancebo. Oh! como não terá elle amaldiçoado a primeira hora em que me viu!

Todavia... antes assim...

Não sei quaes sejam os designios de minha tia; agora porém sinto-me com forças de assoberbar a tempestade.

Sequem as minhas lagrimas.

Calumniam-me?... querem separar-me delle por meio da intriga?... pois bem; direi bem alto que o amo, quero que todos ouçam — eu o amo!

Amo-o tanto como amei já as meiguices de minha mãe, e a benção de meu pae, e como amo ainda agora a memoria de ambos.

E' um amor puro e santo, que sáe do amago do coração, como um pensamento sáe dos seios dalma.

E' um amor puro e santo que embelleza a minha vida, como a aurora que se vae sorrindo no céo, como um sorriso, que se vai abrindo nos labios!...

Oh! volta, meu amado, volta!

Volta, para que eu seja outra vez como uma flôr que se desabotôa...

Volta para que eu não seja por mais tempo como a pomba, que geme solitaria.

Volta!... eu te amo.

Quando o mancebo terminou a leitura da historia do amor da Bella Orphã, sentiu que uma revolução profunda e completa se havia operado em todos os seus sentimentos.

A paixão prorompia de novo, o fogo mal amortecido pela intriga flammejava com dobrado impeto.

Os olhos de Candido brilhavam, suas faces pallidas estavam enrubecidas, e seus labios se dilatavam e sorriam-se ante o aspecto da felicidade.

Beijou mil vezes aquellas paginas, que guardavam os pensamentos, e por onde haviam-se deslisado os delicados dedos da Bella Orphã; apertou-as contra o coração exclamando:

— E sou feliz!... eu venço meu destino!...

Lançou mão da penna, e começou a escrever com o ardor e o interesse de um poeta apaixonado.

O que escrevia elle?

Ao romper do dia Candido achava-se adormecido junto da mesa onde escrevera.

Despertou de repente ao zunido do vento.

Começava a bramir uma tempestade... o céo estava escuro; a chuva prestes a cahir.

Candido viu então os seus papeis desordenadamente espalhados pelo chão; alguns rolavam já pela escadinha do velho sotam; correu a apanhal-os, e a pôl-os em ordem.

Achou todos, achou mesmo toda completa a historia do amor da Bella Orphã.

Mas não achou o que elle havia escripto na noite que acabava de terminar.

XI

Eu o exijo! — senão...

Ao tempo que o amor de Candido e da Bella Orphã vacillava enter duvidas, e ia vivendo a vida de todos os primeiros amores, ora animando-se com um sorrir de esperança, ora estremecendo diante de uma chimera, de um receio, ou de um fraco contratempo, caminhava o amor de Henrique e de Marianna ao seu desejado termo.

Poucos dias faltavam para que viesse o hymeneu coroar aquella constancia, com que se haviam sabido amar os dous.

Approximava-se a noite do dia em que o jovem do Purgatorio trigueiro despertara ao bramir da tempestade.

Succedera a uma manhã feia e borrascosa uma tarde amena, fresca e bella, o céo estava claro, a atmosphera leve, a natureza em horas de magia.

Marianna achava-se só na sala do Céo côr de rosa; Anacleto sahira; Celina tinha ido despedir-se do dia entre as flôres do seu jardim.

Meio deitada no sofá, em voluptuoso abandono, com os

olhos quasi completamente cerrados, com os labios levemente dilatados pelo mais gracioso dos sorrisos, a interessante viuva contemplava em sua imaginação, o quadro da ardente felicidade que a esperava; fruia de antemão todos os prazeres, todas as delicias com que durante tão longos annos debalde sonhara.

Seu mundo estava alli... dentro della; dentro della, em sua imaginação, reunia em bello grupo todos os entes que amava; conversava com elles, sorria-se para seu pae, recostada ao seio de Henrique.

Nem uma só nuvemzinha escura naquelle immenso céo bello e sereno que estava creando; era uma dessas horas magicas, que em vão se procura nos dias que se passa na terra, horas que se vive meio-dormindo, meio-acordado, quando se está só, e se está sonhando...

Era uma dessas viagens encantadas, viagens longas, de dezenas de annos, e de milhares de legoas, que se faz com os olhos fechados, com o sorriso nos labios, sem mudar de posição, e ás vezes em uma só hora, em cinco minutos, ou mesmo em rapidos instantes.

Estava pois Marianna embebida naquelle mar de gozos immensos, naquelle mundo de abstracções deleitosas, quando...

Talvez mesmo passava nesse momento por diante de seus olhos a mais cara de suas imagens; porque ella apertou as mãos com indizivel ardor contra o coração, e exhalou um anhelante suspiro; quando soou o rodar de uma carruagem, que parou á porta do Céo côr de rosa.

A viuva soltou um pequeno grito, e ergueu-se inopinadamente.

O mundo abstracto acabava de esvaecer-se; a realidade fria e pesada chegava.

O rosto expansivo e bello de Marianna contrahia-se dolorosamente.

Tinha reconhecido o rodar daquella carruagem; aquella carruagem trazia-lhe um tormento sempre que parava junto do alpendre do Céo côr de rosa.

— A porta da sala abriu-se.

— O Sr. Salustiano; disseram.

— Que entre; murmurou a viuva.

E o rosto de Marianna tomou uma nova expressão; tornou-se frio, mas socegado.

Salustiano entrou, e veiu sentar-se junto da viuva.

Encontravam-se ainda uma vez a sós esse homem e essa mulher que se aborreciam tanto.

— Parece que um anjo bemfazejo me protege, disse Salustiano: sempre que desejo fallar a V. Ex. sem testemunhas, uma occasião propria se me offerece.

— Hoje então...

— V. Ex. se admirava talvez de me não vêr ha muito tempo, não é assim?... perguntou sorrindo-se o mancebo.

— Oh! não; respondeu seccamente Marianna; V. S. deu-nos o prazer de passar comnosco o ultimo serão; foi ainda ha dous dias...

— A resposta não parece das mais lisonjeiras; mas tambem é porque me não fiz comprehender; eu dizia que V. Ex. talvez já se admirasse de me não vêr procurar alguns momentos em que podesse fallar-lhe a sós.

— Tambem não; pensava ao contrario que V. S. já tinha exigido de mim tudo quanto exigir podia, e que pela minha parte eu já me havia mostrado obediente demais.

— Demais que assim fosse; não quereria, porém, V. Ex. pedir-me a entrega de alguma cousa, que julgasse pertencer-lhe?...

— Confesso que não pensava em tal: confiava na sua honra, e julgava que não seria preciso pedir-lhe o que o dever ordenava a V. S. que me entregasse.

— Oh! mil vezes agradecido; V. Ex. pela primeira vez em sua vida parece acreditar na honra do mais humilde de seus escravos.

— Senhor... de que serve aqui a ironia?

— Já vejo, minha senhora, que conserva todas as suas antigas disposições; ama a verdade, e a singeleza sobretudo.

— Entendamo-nos, senhor, disse Marianna com sangue frio, devo crêr que não foi simplesmente para zombar de mim, que teve a complacencia de vir hoje a esta casa.

— Oh! não, por certo.

— Pois então fará o obsequio de explicar-se, estamos sós: o que quer de mim ainda?...

— Primeiramente eu vinha depositar aos pés de V. Ex. os mais sinceros parabens pelo seu proximo casamento.

— Agradecida.

— Oh! eu tenho uma inveja desesperada de um noivo de moça bonita: acreditará V. Ex.?... estou louco por casar-me.

— Felizmente para V. S. o remedio é facil.

— Então aconselha-me?...

— Que se case.

— Esse é o meu desejo, certamente; e como em V. Ex. se concentra toda a minha esperança, eu não hesitei em correr a seus pés.

— Senhor...

— Fallemos com clareza: não ignora, que amo a sua sobrinha.

— Sei ao mesmo tempo que minha sobrinha não o ama.

— E' verdade, disse com sangue frio immenso Salustiano, e se eu tivesse podido agradar á Bella Orphã, acredite V. Ex. que dispensava completamente a sua intervenção.

— E não tendo podido agradar-lhe, senhor, a minha intervenção será sempre improficua.

— Tenho a certeza do contrario.

— Estou hoje convencida de uma verdade que V. S. adivinhou antes de todos; minha sobrinha ama já.

— E' uma difficuldade, convenho; mas...

— Quereria por acaso ligar-se a uma senhora que amasse a outro?...

— Sua digna sobrinha, minha senhora, tem a educação da virtude.

— Oh! mas a educação da virtude, abafa, porém, não mata nunca o amor! a mais nobre, a mais pura das virgens, que se desposasse com um homem, amando ao mesmo tempo a outro, sem querer, a despeito de esforços inauditos, seria infiel na alma a seu esposo.

— Mas uma virgem christã...

— Uma virgem christã não desposa o homem, que não ama. Deus prohibe esses laços sem nobreza: são laços illegitimos: em tal caso, ou não ha verdadeiro casamento, ou o casamento é um sacrilegio.

— Quantos sacrilegios tem portanto havido neste mundo?... disse Salustiano.

— Não é uma razão para que continue a havel-os.

— Póde ser que V. Ex tenha toda razão; tornou o moço descansando uma perna sobre outra: mas o peor é que, ou eu me engano muito, ou me acho desesperadamente apaixonado; e conseguintemente surdo á voz da razão, cego á luz da verdade, vinha dizer a V. Ex. que eu teria o maior prazer deste mundo, se no dia do seu casamento se assignassem as escripturas do meu.

— Creio que não conseguirá o que pretende: minha sobri-

nha é mais forte e decidida do que parece, e meu pae ama-a muito para querer sacrifical-a.

— V. Ex. nada fará por mim!...

— Eu não posso fazer nada.

— Sejamos francos, minha senhora, pela ultima vez, sejamos francos; demos cartas para jogarmos a ultima partida.

A voz de Salustiano tinha mudado de tom, como seu rosto tomara uma expressão physionomica toda nova, era o senhor que se erguia diante da escrava.

No semblante de Marianna apenas uma ligeira contracção dos musculos labiaes atraiçoou seus padecimentos interiores.

— Sejamos francos, disse Salustiano; eu sei que a minha presença nesta casa é incommoda a todos; sei que seu pae me aborrece, que sua sobrinha me despreza e que a senhora me odeia, como a victima odeia o algoz.

Marianna não pronunciou uma só palavra, não fez mesmo o menor signal, o mais leve movimento para desmentir Salustiano.

O mancebo proseguiu:

— E no entanto, senhora, tudo parece ser disposto por um poder superior para que eu me ligue a esta casa.

— Poderes superiores, senhor, concebem-se de diversas naturezas; observou Marianna.

— Um feliz acaso, já o tenho dito muitas vezes, continuou Salustiano, pôz a mais soberba e orgulhosa das mulheres sob a dependencia do mais fraco e humilde dos homens.

— Que humildade!...

— Mas tudo devia ser compensado; e assim como esse feliz acaso me deu aqui o caracter de senhor, o meu coração e o meu amor me faz curvar a cabeça como um escravo.

— E o que mais? o que mais?...

— Eu vim mesmo encontrar nesta casa recordações da minha infancia, ha alguns mezes um velho occupa aqui o logar de guarda-portão, e esse velho, senhora, viu-me nascer, viu-me crescer, e apenas depois da morte de meu pae deixou a minha casa.

— E' possivel?!! exclamou Marianna: um traidor! um espião!...

— Não; nada de injustiças, respondeu Salustiano; eu e esse homem não fomos nunca amigos; e, além disso, acho-me hoje no caso de poder dizel-o; porque tenho sabido velar por meu amor; o velho Rodrigues é protector do jovem Candido; elle

entra todos os dias no Purgatorio-trigueiro, e, ou o ciume não sabe adivinhar segredos, ou esse maldito velho tem concebido o pensamento de ligar o seu protegido á Bella Orphã.

— Emfim, senhor...

— Emfim, senhora, estamos hoje dependendo um do outro, somos dous furiosos inimigos, que uma dependencia mutua póde tornar amigos devotados. Uma palavra diz tudo: um documento por uma mulher, senhora!...

— Que audacia!...

— Trocaremos, no mesmo dia, a mão de uma joven bella por meia folha de papel de peso.

— Que sarcasmo!...

— Oh!... mas não é simplesmente meia folha de papel de peso! é um nome que se póde atirar ao meio da rua... é uma reputação que se póde nodoar para sempre...

— Senhor!...

— Escolha.

— E' uma infamia!...

— Embora; fará com que sua sobrinha seja minha esposa?...

— Nunca.

— Bem, vingar-me-ei.

— Embora! exclamou Marianna com ardor; já me tenho curvado de mais, já tenho arrastado meu rosto pela terra muitas vezes, já tenho compromettido a salvação de minhalma, minhalma que se purgue de seus erros, que expie suas culpas na humilhação e nos tormentos que me esperam!

— Oh! como lhe parecer.

— Já tenho sido fraca de mais! minha reputação... não tem sido ella quasi que nodoada já? não consenti, por ventura, que se persuadissem que eu amava um homem que aborreço, eu, mulher casada, não passei por namorada de um moço sem nobreza? não se lembra, senhor, dessa terrivel noite em que um cravo rajado passou de meu peito para seu seio?... que disseram todos? disseram uma calumnia; mas quem teve culpa dessa calumnia foi a minha fraqueza.

Salustiano levantou os hombros e sorriu-se.

— Ainda ha poucos dias, senhor, para não revolver mais o passado, ainda ha poucos dias não pratiquei uma indignidade?... não calumniei minha innocente sobrinha fazendo um honrado mancebo acreditar que ella o desprezava por ser pobre? não bati com a porta de minha casa no rosto desse mancebo?... oh! o que quer mais?... o que pretende ainda?... devo eu ser miseravel

toda a minha vida? não repara que uma vida assim é pesada como um fardo enorme? não! não! e não!... faça o que lhe parecer, perca-me, mas pela minha parte basta de humilhar-me ante um homem sem generosidade.

— Bem, disse com frieza Salustiano; posso então fazer da carta que pára em minhas mãos o uso que me parecer?...

— Que indignidade!...

— Não responde?

— Faça o que quizer.

— Oh! vê-se bem que a senhora não se lembra do que escreveu ha vinte e um annos passados!

— Senhor!

— Cuida que nesse papel existe apenas a confissão de uma falta que ás vezes o mundo desculpa?... não, senhora! alli se confessa um erro e um crime!

— Senhor!...

— Um crime que horrorisa a natureza... um crime pelo qual a justiça de Deus ha de condemnal-a a penas terriveis, e a justiça dos homens póde arrastal-a ao banco dos condemnados, ao carcere, ao patibulo mesmo!

— Senhor...

— Oh! quem diria que esta mulher orgulhosa e insolente, que se apresenta em toda a parte com a cabeça tão levantada, carrega sobre a cabeça o mais horrivel dos crimes?...

— Miseravel!...

— Sim... sim... miseravel embora; mas este miseravel póde apparecer com o rosto descoberto!... senhora, tudo está decidido: eu rompo o seu casamento, eu mato a sua ventura, eu vingo-me!

Marianna arquejava.

— Primeiro irei ter com o homem que loucamente lhe ama, e mostrar-lhe-hei a sua carta... ou... se não... ah!... que idéa!...

O mancebo soltou uma risada, Marianna não achou em seu furor uma palavra para dizer-lhe.

— Tudo póde acabar em paz, minha senhora, disse com fingida amabilidade Salustiano: não haverá nem banco de condemnados, nem carcere, e muito menos patibulo; a senhora casar-se-á com aquelle que ama, e eu desposarei a joven que adoro.

Marianna ficou olhando, e o terrivel moço proseguiu:

— Dispenso tambem a sua intervenção; achei um bello meio... que estupidez a minha!... deveria têl-o ha mais tempo

lembrado, apparece apenas um inconveniente: ha um velho que talvez morra de desgosto... paciencia.

Marianna estremeceu.

— Amanhã, senhora, terei uma hora de conferencia com o honrado, austéro e amoroso Sr. Anacleto; quando eu o deixar, só levarei a certeza de ser o esposo de Celina, e elle ficará mudo e terrivel, pallido como um cadaver, e se fallar, fallará para amaldiçoar sua filha.

— Oh!

— Porque elle ha de saber (ha de saber pela propria letra da senhora) que a filha de seu coração, que a orgulhosa e bella Marianna, no meio das mil loucuras de seus primeiros annos, amou um homem... e amou tanto... tanto... tanto... que perdeu-se por elle!...

Marianna escondeu o rosto entre as mãos.

— Ha de saber mais, que depois de commettida a primeira falta, commetteu ainda um crime abominavel; ha de saber que sua filha, em resultado de um momento de embriaguez, tinha de ser mãe; que, inspirada pelo demonio, não o foi não; foi mãe... porque... porque...

— Oh!... bradou Marianna.

— Porque matou seu filho.

Succederam a essas terriveis palavras alguns momentos de silencio: Marianna estava convulsa, tinha os labios pallidos, o rosto cadaverico, as mãos estendidas para diante, e tremulas como se quizesse defender de algum objecto; e com os olhos pasmos e terriveis, parecia talvez estar vendo diante della a imagem do filho que havia assassinado.

Depois de algum tempo ella murmurou fracamente.

— Infanticidio... infanticidio...

Soltou um grito, e desatou a chorar.

Salustiano, insensivel e silencioso, esperou muito tempo que Marianna socegasse um pouco. Quando a viu menos sobresaltada, disse-lhe:

— Então, senhora?...

— Perdão, senhor; balbuciou a desgraçada pondo se de joelhos.

Salustiano ergueu-a, fêl-a sentar e continuou:

— Nada do que ouviu será sabido: no dia em que eu me casar com sua sobrinha, queimaremos juntos a carta fatal.

— Mas o que é que eu devo fazer?... perguntou a misera viuva.

— Primeiramente fazer com que esse mancebo, que mora no Purgatorio-trigueiro, desappareça destes logares; conseguir delle uma carta para sua sobrinha, carta em que se apague toda a esperança de amor.

— Oh! mas isso é impossivel.

— Nada é impossivel, senhora.

— Porém de que modo conseguir isso?...

— Uma mulher que se ajoelha e chora aos pés de um homem, consegue tudo, principalmente quando esse homem é um moço.

Marianna abaixou a cabeça.

— Depois, proseguiu Salustiano, convirá que seu pae se interesse a meu favor, convirá que a Bella Orphã ouça os seus conselhos, e até os seus rogos; e, em ultimo caso, é preciso que se imponha.

— E se ella resistir?...

— E' uma criança; resistirá ao principio, chorará depois, e cederá no fim.

— Está bem.

— Não voltarei a esta casa, concluiu Salustiano levantando-se, senão na vespera de seu casamento, e então... ou se hão de assignar as escripturas do meu, ou... a senhora o sabe...

Salustiano sahiu.

— Meu Deus!... meu Deus!... exclamou Marianna dolorosamente; eu não pensava que a minha desgraça fosse tão grande!... eu não me lembrava de ter escripto a confissão do ultimo crime!... Oh!... isso foi loucura... e a loucura que me fez escrever tal, é o primeiro castigo da Providencia!...

.....

Quando Salustiano deixou o Céo côr de rosa, o velho Rodrigues estava socegadamente sentado na porta do alpendre... mas não cantava como de costume.

XII

No jardim

Nessa mesma tarde, em que Marianna fôra perturbada e arrancada do seu bello sonhar de alegres fantasias pelo rodar de uma carruagem, e ao mesmo tempo que na sala tinha logar uma scena dolorosa e terrivel, no jardim do Céo côr de rosa outra se apresentava mais doce, mais terna, mais cheia de esperanças.

Celina, fiel aos innocentes amores de sua infancia, pois que, como ella dizia, tinha amado nessa idade feliz o primeiro raio do sol e as flores, estava sentada no banco de relva do caramanchão, melancolica e pensativa.

Tinha na mão direita um botão de rosa que acabava de colher; ás vezes olhava para elle e suspirava; ás vezes deixava cahir a cabeça e meditava; ás vezes emfim, córando de si mesma, erguia a cabeça e lançava os olhos para o lado esquerdo...

Ao lado esquerdo, e dominando o caramanchão, estava uma pequena janella do sotão do Purgatorio-trigueiro.

Celina era uma dessas jovens de imaginação viva e ardente, que a natureza cria como para serem estrellas do céo dos poetas. Essa viveza, esse ardôr de imaginação transpirava em tudo...

Aquelle sonho do botão de rosa... aquelle coração que se escondia em um envoltorio tão innocente e tão puro... aquelle amor começado por uma oração; aquelles laços que se tinham apertado aos olhos de Deus e á face de um tumulo; aquella historia que ella mesma escrevera em uma hora de feliz melancolia, tudo emfim demonstrava que na alma dessa moça havia o quer que seja de poesia, de amor do bello, *de modo de ver* de artista.

Mas se essa viveza, se esse ardor de imaginação era ainda um encanto de mais na Bella Orphã; encanto que a tornava dobradamente encantadora, era ao mesmo tempo uma lente magica que agigantava seus infortunios e seus pezares.

A imaginação faz do poeta o mais feliz, e ao mesmo tempo o mais desgraçado dos homens; porque na fruição de prazeres, e no soffrimento dos desgostos o poeta goza mais do que ha, e soffre o dobro do que em realidade existe.

Celina achava-se neste caso.

E ella nessa tarde, como em todas as dos ultimos dias, estava sentada no banco de relva do caramanchão meditando tristemente, quando a passos vagorosos e com semblante prazenteiro se approximou do logar, onde se achava a moça, o velho guarda-portão.

Celina olhou para elle com doçura, e quasi com esperança: aquelle homem de ordinario acertava de lhe fallar sobre o jovem do Purgatorio-trigueiro.

— Sempre triste!... disse o velho.

— Pois então... murmurou a moça, devo acaso estar alegre.?.

— Digo que não ha razão... para tão longas melancolias.

— Quando talvez julgam mal de mim... disse córando a Bella Orphã.

— Elle já conhece toda a verdade.

— Quem lh'a expoz?...

— Não fui eu.

— Mas quem foi?...

— Senhora, abusaram de um segredo... roubaram-lhe uns papeis... uma historia de amor...

— Meu Deus!...

— Nessa historia do seu amor a sua justificação estava completa...

— E então...

— Aquelle que lh'a roubou levou-a ao Purgatorio trigueiro, e entregou-a ao Sr. Candido...

— Oh!...

— Elle portanto não póde mais julgal-a ingrata e má; a sua historia contou-lhe tudo.

A Bella Orphã levantou a cabeça, e com o rosto todo rubor de vergonha, exclamou ajuntando as mãos:

— Porém de hoje em diante julgar-me-á leviana... sem nobreza de sentimentos... sem modestia, talvez mesmo sem este pudor que agora me está queimando o rosto!!!

— Não, não, respondeu o velho; o Sr. Candido tambem sabe que se póde furtar papeis.

— Como?...

— Depois que elle acabou de ler a sua historia escreveu quasi toda a noite, e adormeceu sobre a mesa onde escrevia; a tempestade desta manhã o despertou, e quando o pobre moço foi pôr em ordem os seus papeis, achou de menos um...

— Qual?

— O que elle tinha escripto depois de ler a sua historia.

— E quem o furtou?...

— A velha Irias, senhora.

— Oh! mas com que fim?...

— Para pagar-me o trabalho de lhe haver furtado a sua historia.

— Ah! Sr. Rodrigues...

— Nada de reprehensões! disse o velho interrompendo Celina; a senhora e aquelle mancebo são meus filhos... eu amo a ambos e quero que ambos se amem.

A voz do velho Rodrigues teve naquelle momento um não sei que de tão doce e tão solemne que a Bella Orphã abaixou a cabeça, e ficou em silencio por algum tempo.

Finalmente, não se achando com animo de reprehender o guarda-portão, Celina contentou-se com dizer em voz muito baixa:

— Mas agora... a minha historia... eu a quero.

— Eis o que pude obter... disse o velho tirando uma folha de papel do bolso e entregando-a a Celina.

A moça recebeu automaticamente o que lhe dava Rodrigues, e viu que logo depois o bom velho se retirava como chegára, com passos vagarosos, mas com semblante socegado e prazenteiro.

— Os meus papeis!... a minha historia!... exclamou Celina logo que se viu só.

E abrindo o que lhe deixára o velho Rodrigues, de repente soltou um pequeno e abafado grito de admiração.

Ficou muito tempo hesitando; córou e empallideceu, e hesitou de novo muito tempo; mas, finalmente, leu.

A imaginação ardente de Candido tinha produzido um canto arrebatado e cheio de fogo; a historia do amor da Bella Orphã havia arrancado o coração do mancebo do abysmo de profunda tristeza, onde arquejava, e feito raiar em sua alma o bello sol da esperança com esses raios puros e brilhantes, mercê dos quaes a vida do homem parece nadar em mar de luz, de magia e de supremos gozos.

Os entes privilegiados em quem a natureza accendeu essa chama sagrada, a que se dá o nome de poesia, amam, cultivam o objecto de seus amores, aborrecem e demonstram o seu aborrecimento de um modo especial, de um modo que é só delles, e de seus irmãos no engenho. Os artistas e os poetas amam, e vingam-se como nenhuns outros no mundo: amam e vingam-se com a penna, com o pincel, no papel e no marmore... immortalisam seu amor, e sua vingança.

A's vezes uma hora de fogo para esses homens é mais proficua do que um seculo para os outros.

Candido tinha tido uma dessas horas felizes; derramava enchentes de poesia no cantico da esperança, e convertera em hymnos de amor seu coração agradecido.

Celina havia começado a ler receosa e tremula; pouco depois o fogo que animára o poeta, foi ardendo tambem na alma da virgem, que finalmente cedendo aos impulsos da natureza, acabou por ler, com paixão e enthusiasmo, os juramentos de amor daquelle que ella amava tanto.

Quando a Bella Orphã chegou ao fim da ultima pagina, era já a hora do crepusculo, hora voluptuosa e fantastica, em que não é dia nem noite, hora de sonhos e de chimeras certamente; sonhos e chimeras, porém, que todas as realidades desta vida não podem pagar nunca.

Celina docemente recostada no banco de relva do caramanchão ficou meditando muito tempo: não via mais os arbustos cobertos de flores, que tinha diante de si; não ouvia mais o ruido que fazia o favonio brincando com as flores; estava vivendo no mundo encantado da imaginação; estava vendo a figura graciosa de Candido, vibrando as cordas de sua harpa, e ouvindo sua voz harmoniosa e terna entoar o canto do poeta amoroso, como na noite de seus annos:

" Iguaes são no fado que têm a cumprir,
" Iguaes num mysterio a bella e a flor;
" Se a flor tem perfume, que o prado embalsama.
" E' delio perfume da bella o amor.

Os olhos da bella moça ora se fitavam sobre um objecto, que ella então nem via, ora vagavam indifferentes e incertos... até que uma vez...

Celina fez um movimento e lançou os olhos sobre a janelleta do Purgatorio-trigueiro... a janella estava aberta, e junto della um joven bello e gracioso embebia suas vistas na encantadora figura da moça... era elle... era Candido.

O filho adoptivo de Irias havia chegado á fresta da janella, vira a Bella Orphã lendo, conhecera os seus papeis, e arrebatado de prazer e de enthusiasmo abrira a janella, e tinha ficado em terno extasis, devorando com olhares ardentes os encantos daquella que adorava.

Celina ergueu-se um pouco... não mostrou nem pejo nem espanto: Candido lhe apparecia em um momento de fogo immenso de imaginação: nem ella nem elle estavam em si; o poeta e a bella acima do mundo... acima dos homens, viviam nessa hora, no espaço encantador que as almas habitam em completa independencia da materia.

Com os olhos fitos um no outro, como dous magnetisados, com os labios dilatados por doce e terno sorriso, elles ficaram olhando-se muito tempo... muito tempo... vivendo, amando-se, gozando-se pelos olhos!

Nem uma palavra de seus labios... nem um movimento de seus braços... para que?... o que poderiam dizer e significar elles?

As almas de ambos patenteavam-se, conversavam, juravam de mil modos um amor puro e celeste naquelle olhar fixo e ardente, com que os dous amantes se estavam devorando.

O magnetismo do amor os dominava.

A' face do céo e á luz do crepusculo celebrava-se alli um hymineu encantado.

O templo era o jardim: amor era o sacerdote, as testemunhas eram os favonios e as flores.

Os noivos eram aquelles dous corações; desde esse momento Candido e Celina ficavam sendo esposos na alma: não se haviam dado as mãos, mas tinham-se enlaçado pelos olhos.

XIII

O anniversario

Aquelle dia tão cheio de acontecimentos de immensa importancia para os amores de Marianna e Celina, tinha de seguir uma noite não menos fertil ainda.

Eram oito horas.

A voz da velha Irias acabava de chamar a Candido para cear.

O mancebo, alegre como nunca o estivera em toda sua vida, desceu as escadas do velho sotão, e entrando na saleta do Purgatorio-trigueiro encontrou sua mãe adoptiva risonha e prazenteira, como em nenhuma outra noite se mostrára a seus olhos.

Era talvez uma noite de festa aquella que se estava passando na pobre casa; sobre a mesa haviam dous pratos de mais; contra todos os antigos habitos uma garrafa de vinho, e dous copos se apresentavam aos olhos de Candido; e para que nada faltasse, um vaso de flôres naturaes á mesa.

— O que é isto, minha mãe?... perguntou Candido sorrindo-se.

— E' uma noite de prazer, meu filho, respondeu a velha; e graças a Deus que o teu rosto se está parecendo com o meu coração; sorriem-se ambos. Estás alegre hoje?...

— Oh! muito! muito!... tanto que tenho medo do meu prazer.

— Porque?...

— Porque receio sentir-me dobradamente infeliz ao depois.

— E qual é o motivo de tua inesperada alegria hoje?...

— Minha mãe, eu vos peço perdão; mas é um segredo do meu coração.

— Pois bem... eu o respeito.

— E será igualmente um segredo do vosso, o prazer que vos transpira no rosto, e que em tudo mais se demonstra em nossa velha casa?...

— Segredo ou não... eu t'o direi.

— Quando?...

— Mais tarde.

— Bem... esperarei; mas dir-me-eis hoje?

— Sim; depois de cearmos.

— Pois ceiemos.

A velha e o moço sentaram-se e começaram a comer com a melhor vontade.

— Minha mãe, disse Candido, nunca me senti tão feliz!...

— Nem eu tão alegre, meu filho; bemdito seja Deus!...

— Qual de nós terá razão?

— Nós ambos.

Acabado o primeiro prato, a velha encheu os copos e disse:

— Candido, bebamos este copo de vinho pela causa do meu prazer e pela tua ventura.

— Oh! sim! minha mãe!...

— A' saude desta feliz noite! exclamou a velha com as lagrimas nos olhos.

— Sim... sim; e tambem á felicidade da tarde que passou!

Os copos esvasiaram-se.

A cêa prolongou-se até ás nove horas; a velha e o mancebo conversavam alegremente; nunca uma noite igual se havia passado no Purgatorio-trigueiro.

Quando terminada a cêa, a velha escrava de Irias acabava de retirar-se, Candido lembrou á sua mãe adoptiva a promessa, que lhe tinha feito.

— Já ceámos, minha mãe; e eu estou ancioso por conhecer o vosso segredo.

— Ainda não... creio que ainda é cedo; que horas serão?...

— Mais de nove.

— Pois espera até ás onze.

— Por que então?

— E' uma puerilidade... quero começar a fallar ás mesmas horas, em que me bateram á porta.

— Em que vos bateram á porta?...

— Sim.

— E para que? perguntou Candido curioso.

— E' a minha historia... é o meu segredo.

— Vós aguçaes a minha curiosidade, minha mãe!

— Tanto melhor.

— Fallai por quem sois!

—A's onze horas da noite.

— E até lá o que faremos?

— Eu, respondeu a velha, pensarei no presente que me trouxeram a essa hora.

— E eu?...

— Tu... ora... tu podes muito bem pensar na tua ventura da tarde que passou.

— Dizeis bem, senhora!... exclamou o mancebo.

E fechando os olhos, com os labios dilatados pelo mais gracioso dos sorrisos... pensou em Celina, até...

Até ás onze horas da noite.

Quando os sinos deram o signal dessa hora, Candido, como despertando de um somno feliz, exhalou um profundo suspiro, e, abrindo os olhos, viu Irias sentada diante delle:

— Onze horas! disse o mancebo.

— Sim, é tempo, respondeu a velha; eu vou fallar...

Irias e Candido respiraram e arranjaram-se em suas cadeiras, como se aquella tivesse de contar, e este de ouvir uma dessas longas historias que se contam nas noites de inverno; e a velha fallou:

— Ha vinte e um annos...

— Ha vinte e um annos?!! exclamou o mancebo interrompendo Irias; ha vinte e um annos?!! não é essa a minha idade?

— Creio que sim.

— A vossa historia tem pois relação.

— Saberás, se me quizeres ouvir.

—Fallae, disse Candido torcendo as mãos com vivos signaes de impaciente curiosidade.

A velha continuou;

— Era noite; mas não como esta, que vae indo fresca e bella com seu majestoso e claro luar; era uma noite de tempestade, a chuva cahia a cantaros... os fuzis accendiam com intermittencia cheia de temores um fogo infernal, que cegava; os trovões faziam estremecer os moveis e as casas...

— Má noite!... murmurou pensativo o mancebo; má noite!... que presagio!...

— Que é isso? disse Irias; fazes-te melancolico?

— Não é nada; continuae.

— Eu estava de joelhos diante da imagem de Nossa Senhora

das Dores... rezava tremendo pelos navegantes... e por mim; nossa escrava respondia ás minhas orações... a tempestade... a trovoada continuava cada vez mais horrivel, quando ás onze horas...

— A's onze horas...

— Uma mão pesada e forte bateu á porta de nossa velha casa... corremos ambas, eu e a escrava: "quem é?..." perguntei.

— Abra pelo amor de Deus, disseram da rua.

Abri.

Recuei espantada diante de um vulto que entrou; era um homem alto e envolvido em longa capa negra.

— Nada receie, disse elle sem se desembuçar.

— Quem é o senhor? e o que quer de mim?... perguntei.

Em vez de responder-me, o homem fechou a porta por onde acabava de entrar, e ao som dos trovões... perguntou-me:

— A senhora é christã?

— Eu rezava quando o senhor bateu, respondi.

— Póde-se rezar e não crêr, tornou-me; pergunto se é christã, se sabe sêl-o.

Por unica resposta mostrei-lhe a imagem de Nossa Senhora das Dôres, a cujos pés tinha eu estado ha pouco.

— Nossa Senhora das Dôres! exclamou o homem desconhecido; o symbolo da maternidade! a mãe de todos os homens!... de joelhos pois, senhora.

Eu me ajoelhei de novo diante da imagem e o desconhecido proseguiu:

— Em nome da mãe de Deus, que é tambem e principalmente a mãe dos orphãos e dos pobres, acceita, mulher, como teu filho esta infeliz criança recemnascida, que não tem por si no mundo senão o olhar piedoso que do alto do céo está sem duvida lançando sobre elle a Virgem...

— E tem tudo, portanto! accrescentei eu com o coração cheio de fé.

O desconhecido lançou para traz a capa, e entregou-me uma innocente criancinha recemnascida, que acabava de fazer o seu passeio no mundo ao clarão dos relampagos, e ao som dos trovões.

Recebi-a de joelhos como estava; era tão galante essa criança! jurei amal-a como se tivesse sahido de minhas entranhas; jurei pela Santa Virgem, que seria sua mãe.

A criança dormia tão socegada!

Olhei para a imagem da Senhora... pareceu-me que se sorria... que me estava animando com um olhar protector...

A chuva tinha parado... os trovões não se ouviam mais: era sem duvida um milagre de Nossa Senhora.

Examinei a criança... era um menino.

— Como se chama este menino? perguntei.

— Ainda não tem nome.

— Que nome lhe darei?

— O que quizer.

— Sua familia?

— Pois não está vendo que é um enjeitado?

— Bem, eu o adopto; é meu filho.

— Deus lh'o ha de pagar, disse o desconhecido; mas a senhora é pobre... eis-aqui com que pagar-lhe a ama; depois... se elle viver, uma mão mysteriosa cuidará em sua educação; como um amigo incognito velará por elle.

E deixando sobre a mesa uma bolsa cheia de ouro, o desconhecido envolveu-se de novo em sua capa, abriu a porta e desappareceu.

A noite já estava bella e clara; bella e clara como o dia.

Fiquei só com o menino.

— E esse menino, disse tristemente Candido, esse menino era eu.

— Examinei-o todo, continuou a velha; e nem uma letra em suas roupinhas para designar sua familia, e nem um signal em seu corpo para fazêl-o conhecido de seus paes.

—Oh!... e minhã mãe, senhora? perguntou Candido.

— Abençoada seja essa noite, exclamou a velha sem attender a seu filho adoptivo; tu, Candido, foste crescendo ao pé de mim sempre bello, feliz e engraçado; de anno em anno, á mesma noite, ás mesmas horas, o homem desconhecido, embuçado em sua capa negra, vinha agradecer-me os cuidados que o meu amor gastava comtigo, e deixar-me ora uma bolsa repleta de ouro, ora uma carteira contendo somma consideravel em relação ás pequenas despezas que me obrigavas a fazer.

— E esse homem nunca fallou?... nunca disse nada a respeito de meus paes?...

— Nunca; e tu eras tão pequeno, que jamais me veiu á lembrança contar-te a historia dessa noite; depois, quando chegaste aos treze annos de idade, esse homem te veiu arrancar de meus braços... e sabes quanto tempo estivemos separados!

— Oh! eu o vi então! esse homem de vestidos negros... eu me hei de lembrar sempre...

— Voltaste, continuou Irias e é esta a primeira noite de teus annos, que passamos juntos depois da tua volta. Quiz referir-te o que se passou nessa noite, que começando em tempestade, acabou tão bonançosa; oh! foi uma bella noite! bem feliz!... bem ditosa para mim.

— A noite em que me enjeitaram!!! balbuciou o mancebo.

— Todos os dias agradeço a Deus a felicidade de me ter feito tua mãe, porque tu és a consolação e amparo da minha velhice.

— Obrigado, senhora.

— Porque tu me amas como eu te amo.

— E' certo.

— Porque tu me fazes ditosa, e has de ser ditoso tambem.

— Ah! quem sabe?!

— Has de sêl-o; a Senhora das Dores presidiu á hora feliz em que te eu adoptei; tu és seu filho tambem... confia nella.

— E minha mãe!... exclamou o mancebo.

— E que outra melhor mãe do que ella?...

— Oh! nenhuma; mas aquella que me concebeu, tem direito ao amor do meu coração!... oh! minha mãe!... para que eu enxugue suas lagrimas se ella chora...

— Espera.

— Tanto tempo!!!

— Espera; confia na Santa Virgem, a quem te recommendei quando te recebi em meus braços; a Santa Virgem te mostrará tua mãe...

— Oh! que eu a veja!...

Bateram na porta.

— Batem... disse a velha.

— Quando eu pedia minha mãe!...

Bateram de novo.

— E' talvez elle...

— Quem?

— O desconhecido.

Candido lançou-se para a porta, que se abriu immediatamente.

— Entrou um vulto preto.

—E' elle! exclamou a velha.

— Não, respondeu Candido; é uma senhora de mantilha.

XIV

A mulher de mantilha

A mulher de mantilha que tinha acabado de entrar, ficára em pé e silenciosa junto da porta.

Trazia tão fechada a mantilha, que apenas se podia descobrir os olhos, que eram negros e brilhantes.

— Minha senhora, disse Candido, aqui está uma cadeira.

A desconhecida estendeu fóra da mantilha um braço perfeitamente torneado pela natureza, e com uma mão delicada e fina tomando a de Candido, puxou para si o mancebo, com voz muito baixa disse:

— Eu preciso fallar a sós com o senhor.

— Commigo ? a sós ?...

— Sim.

— Prefere conversar aqui mesmo, ou quer antes subir ao meu quarto?...

— Prefiro o lugar onde mais livremente puder fallar-lhe.

A voz da desconhecida estava tremula: Candido pretendia debalde lembrar-se em que occasião, e onde tinha já ouvido uma voz que se parecia com aquella; sentia ao mesmo tempo uma curiosidade immensa de conhecer essa mulher que a taes horas e por tal modo o viera procurar.

— Minha mãe, disse elle voltando-se para Irias, a senhora quer fallar-me sem testemunhas; eu vos peço licença para subir com ella ao sotão.

— Meu filho, respondeu a velha, a casa é tua, dá a mão á senhora.

Candido offereceu a mão á desconhecida, e a guiou pelo corredor á escadinha do sotão.

A velha acompanhou a ambos com um olhar curioso, que se podia traduzir assim: que mulher será esta ?... que relação haverá entre ella e Candido?...

Uma unica e fraca luz estava accesa no sotão do Purgatorio-trigueiro; e logo que ahi entraram os dous, Candido ia accender outra vela, mas a desconhecida o susteve, e disse:

— Basta a que existe.

O mancebo comprehendeu que aquella mulher contrafazia a voz: pretenderia ella não se dar a conhecer ?...

— Perdoai, senhora, a desordem deste quarto, disse Candido

A desconhecida, sem responder á desculpa que lhe dava o

moço, tomou uma de suas mãos entre as della, e apertando-a fortemente, perguntou:

— O senhor é sensivel?

— Prezo-me de o ser, senhora.

— Oh! sim; eu o sabia; mas ha na natureza humana horas de inexplicaveis inconsequencias; horas em que um coração de malvado se dobra como a cêra; e em que tambem, um coração sempre cheio de piedade, se mostra duro como a rocha.

— E o que pretende significar então com o que acaba de dizer?...

— Quero saber que hora é esta para o seu coração; porque eu preciso de toda a caridade de uma alma christã...

— Senhora... uma palavra diz tudo: eu chorava quando lhe ouvi bater á porta.

— Chorava?

— Oh! Chorava lagrimas de amor.

— Senhor, seria uma indiscrição perguntar-lhe porque?

— Não, não; antes eu quereria dizel-o a todos; eu chorava por minha mãe.

— Pois... eu pensava... o senhor...

— E' certo, exclamou Candido; é verdade! eu sou um misero enjeitado!

— Mas então...

— Oh! é que, apezar de ser enjeitado, houve forçosamente um homem, que foi meu pae, e uma mulher me concebeu! esse homem, senhora, é já morto... disseram-m'o: eu sou orphão de pae; mas minha mãe!... essa, diz-me o coração que ainda vive... e eu amo-a com todo este fogo de amor, que Deus accendeu na minha alma!...

— Sem conhecêl-a!...

— Que importa? este amor não se gasta, não se esgota; este amor é como o fogo do sol, sempre o mesmo, ou cada vez mais ardente; quando eu encontrar minha mãe... oh! que amar esse de então!!!

— E' assim... é assim... tem razão; murmurou com voz commovida a senhora de mantilha.

— Uma mãe!... disse Candido ternamente; uma mãe!... um ventre de mulher abençoado por Deus! oh! senhora, a maternidade é tão sublime, é tão sagrada, que foi por ella que Jesus-Christo se pôz em contacto com os homens; foi pela maternidade que Deus salvou-nos!... amaldiçoado seja aquelle que não ama a sua mãe.

— E chora ?... perguntou a desconhecida chorando tambem.

— Oh ! sim ! eu choro... sempre, e muito.

— Porque, senhor ?...

— Porque eu me lembro que minha mãe póde ser desgraçada... porque talvez ella precise de um braço, a que se arrime para fazer a perigosa viagem deste mundo, e eu não a conheço, não lhe posso estender meu braço... enxugar-lhe as lagrimas... ou chorar com ella !

— E' assim ! !...

— Quando, senhora, eu encontro por essas ruas uma pobre mulher doente... mendicante... exposta aos insultos da gente desmoralisada... sendo talvez o objecto do desprezo de muitos... quando de noite, aproveitando as trevas, eu vejo passar junto de mim uma mulher envolta, como a senhora, em negra mantilha, estendendo, vergonhosa, uma mão emmagrecida e tremula para receber a mais chorada esmola... e eu me lembro que tenho no mundo uma mãe, que é por força uma mulher, que não é impossivel que seja uma dessas, que eu encontro; senhora !... eu não sei nesses momentos o que desejo... eu tóco quasi ao desespero... desejo morrer... e não me mato sómente porque sou christão.

Ficaram ambos em silencio por alguns instantes; ambos chorando; até que Candido levantou a cabeça, e enxugando as lagrimas, disse:

— Desculpe-me, era a senhora quem devia fallar, e eu a tenho occupado fallando-lhe de mim; eu escuto.

— Não, respondeu a desconhecida; eu precisava ouvil-o para animar-me.

— Pois bem; agora cabe-lhe dizer em que lhe posso ser util.

— Senhor, disse a desconhecida, o amor de sua mãe é o unico que existe em seu coração ?...

— O unico não; eu amo a minha mãe adoptiva; devo gratidão a algumas pessoas; e mesmo... amo mais alguem.

— Mas qual de todos esses amores será o maior, o mais poderoso ?

O mancebo hesitou; mas depois respondeu com força:

— O de minha mãe.

— Seria capaz de sacrificar tudo por esse ?...

— Tudo.

— E se alguem lhe viesse pedir um obsequio tão grande, que importasse um sacrificio, pelo menos, temporario, e lh'o pedisse em nome de sua mãe ?...

— Senhora...

— Se esse serviço que lhe viessem pedir não o pudesse o senhor fazer sem ferir-se no coração, sem sentir doer-lhe a corda mais sensivel delle; mas se, apezar disso, lh'o pedissem em nome de sua mãe...

— Eu não comprehendo...

— Mas se no cumprimento de tal favor estivesse a salvação de uma mulher, que tem talvez idade de ser sua mãe...

— Senhora! falle...

— Oh! é o senhor quem deve fallar agora; o que faria?

— Eu não sei de que se trata.

— E' um favor immenso que lhe venho pedir em nome de sua mãe...

— Eu o farei; se a minha honra, se a delicadeza não...

— Nada de condições.

— E' impossivel obrigar-me de outro modo.

— Em nome de sua mãe...

— Por minha mãe já eu jurei ser honrado e ser honesto...

— O que eu peço, senhor, não se oppõe á sua honra.

— Servil-a-ei.

—Basta por alguns dias enganar um coração, martyrisando o seu... eis aqui o sacrificio.

Candido sentiu um calafrio terrivel coar-lhe por todo o corpo; pareceu adivinhar o que delle queriam, e exclamou:

— Mentir?!!!

— Por breves dias... mas dessa mentira depende a vida de uma infeliz mulher.

— Mentir!!! isso não, senhora.

A desconhecida abafou um grito doloroso, que lhe sahia do peito.

— De que se trata, senhora? perguntou o mancebo com voz alterada.

A desconhecida, mostrando tomar uma resolução, ergueu-se e perguntou:

— Senhor, já aborreceu alguem em sua vida?...

— Não.

— Nem conserva a lembrança de nenhuma offensa? nem se apraz de vingar-se quando o offendem?

— Não, não.

— Sabe perdoar?

— Sou christão.

— Oh! perdoar deve ás vezes custar muito.

— Deve ser bem doce.

— Em uma palavra, senhor, tem piedade de uma mulher infeliz ?

— Senhora... senhora... sou filho, filho amante, e não conheço minha mãe.

— Basta.

A desconhecida tomou o braço do mancebo, approximou-se da mesa onde estava a luz, e arrancando de sobre si a mantilha, cahiu de joelhos.

Candido soltou um grito de espanto; acabava de reconhecer a filha de Anacleto.

— Senhora ! erga-se...

— Não ! não ! pelo amor de Deus, deixe-me ficar de joelhos.

— E' impossivel... eu não devo...

— Mas eu quero... e não direi nada... e vêr-me-á sahir como uma miseravel condemnada, se quizer obrigar a levantar-me.

— Senhora...

— Não... não !... em nome de sua mãe, por todos os seus amores juntos, outra vez pelo amor de Deus, deixe-me fallar de joelhos.

O mancebo cruzou os braços e ficou ali em pé, com a cabeça cahida para baixo olhando para aquella mulher, que de joelhos, com os braços apertados em cruz contra o peito e com os olhos cravados no chão, começou a fallar:

— Senhor, senhor, o que eu lhe venho dizer e pedir não se diz, não se pede senão a um homem de honra, de piedade e de religião.

— Falle, senhora.

— Eu devo parecer-lhe uma mulher má e intrigante; e todavia eu sou apenas muito desgraçada; ouça-me como um padre ouve no confessionario.

— Falle sem receio, minha senhora.

— Senhor... ia dizendo Marianna.

— Espere, disse Candido interrompendo-a.

A viuva levantou a cabeça, e por entre suas lagrimas viu o mancebo dirigir-se á escada e examinar se alguem os escutava; abaixou de novo a cabeça quando Candido voltava para ouvil-a.

— Estamos sós; pode fallar.

Marianna principiou então a dizer com voz tremula:

— Na primavera de minha vida, senhor, eu fui tida por formosa, e conhecia-me por sensivel; amei... a historia do meu amor começa como todas as do mesmo genero; mas acaba como

as mais desgraçadas; seduziram-me, senhor... e abandonaram-me ! ! ! oh ! mas o meu infortunio se tornou mais doloroso hoje; porque sei que uma de minhas cartas, exactamente uma, em que eu lançava em rosto ao meu seductor o estado em que me deixava, cahiu nas mãos de um homem sem generosidade e sem nobreza, que com ella joga contra mim.

— Oh ! esse miseravel...

— O senhor o conhece; é um mancebo que frequenta nossa casa; é...

— Salustiano...

— Esse mesmo; oh ! senhor, que procedimento abominavel o desse presumido jovem ! ... eu esqueço tudo quanto se tem passado entre nós dous, para dizer sómente o que tem relação com o senhor e que veiu completar a minha desgraça.

— Relação commigo ? exclamou Candido.

— Salustiano, desde muito tempo que ama minha sobrinha, e que debalde trabalha por se fazer amado; ultimamente, com seus olhos de amante zeloso, descobriu que Celina já amava... oh ! adivinhou a verdade; o senhor sabe a quem minha sobrinha amava.

— Ah ! senhora.

— Não o increpo; ella e o senhor são dignos um do outro; mas o amante infeliz jurou levantar uma barreira entre os dous... e essa barreira... a pezar meu... a despeito de todos os esforços, essa barreira sou eu.

— E' possivel ! ...

— Com a carta em que eu confesso meu crime, elle me governa como senhor; com o poder que lhe dá essa carta, elle me disse uma noite: "eu quero que as portas desta casa se fechem ao Sr. Candido !" e eu fui pedir-lhe que me levasse ao jardim, e lá menti, senhor, calumniei minha sobrinha, calumniei meu proprio coração... ousei significar-lhe que a sua presença nos incommodava... despedi-o de nossa casa, e depois fui chorar atraz de uma porta como uma louca ! ... oh ! senhor ! perdão ! perdão ! em nome de sua mãe !

— A senhora não é criminosa, disse Candido tristemente; é infeliz... muito infeliz.

— Mas o plano do monstro falhou; apezar da sua ausencia, Celina o aborrecia como dantes, quando hoje...

— Hoje... repetiu Candido.

— E' preciso que eu diga tudo; eu caso-me, senhor, ou pelo menos deverei casar-me antes de oito dias; pois hoje Salustiano

se apresenta em minha casa, e diz-me: "o meu casamento com sua sobrinha seguirá de perto ao seu; eu o exijo! se não..." oh! com estas palavras é que elle termina sempre.

— E' incrivel!... exclamou Candido.

—Minhas observações, minhas supplicas, minhas lagrimas o não commoveram; e formalmente ordenou-me que eu viesse aqui pôr-me de joelhos a seus pés, e pedir-lhe, senhor, como lhe peço, que salve a meu pae, e que me salve!

— Salval-a? como?...

— Oh! é preciso ter muita coragem para pedir o que eu peço! é um sacrificio... mas estou de joelhos...

— Diga, senhora.

— O seu amor é que me mata! exclamou Marianna; Celina e o senhor me perdem...

— Ah! meu Deus!! bradou Candido apertando a cabeça com as mãos, porque acabava de adivinhar o que se lhe ia pedir.

— A carta fatal será minha, proseguiu Marianna, se o senhor quizer deixar de apparecer a Celina por um mez ao menos, e escrever-lhe um bilhete mentindo, senhor!... mentindo... matando-se...

— Diz bem... matando-me...

— Oh! por piedade! exclamou a viuva abraçando-se com as pernas do mancebo; por compaixão! pelo amor de sua mãe!... não me deixe assim morrer deshonrada...

—Senhora... mas eu hei de dizer que não amo a esse anjo de belleza e candura... a essa pomba celeste...

— Senhor... senhor... eu tenho arrastado meu rosto pela terra, que pisam os seus pés... eu peço misericordia!

— Sacrificar... cooperar para que se sacrifique uma virgem cheia de encantos e virtudes a um monstro... oh! é um crime!

— E eu? e eu então!...

— E' um castigo! a Providencia pune de mil maneiras neste mundo; se eu pudesse soffrer só, senhora, para dar-lhe todo socego, toda ventura que deseja, eu soffreria sem hesitar; mas uma moça innocente! enganal-a, e enganal-a quando apenas foi hoje que comecei a acreditar na possibilidade de um futuro, que seria a vida do paraiso?!!!

— Oh! pois bem, disse com voz concentrada e terrivel a viuva; nada de piedade... nada de misericordia para mim... eu sei bem que as não mereço; porém meu pobre pae!!!

— O Sr. Anacleto?...

— Amanhã... depois de amanhã... daqui a tres ou quatro

dias, ao muito, o meu terrivel inimigo se apresentará diante do cansado e amoroso velho; eu o estou vendo, senhor, magro... pallido... melancolico... com a cabeça branca, embranquecida pelos cuidados que commigo teve, e pelos desgostos que lhe eu tenho dado; elle estende temeroso a mão para receber uma carta, que o monstro lhe vai entregar... oh! elle a lê... é a deshonra de sua filha... é a mão da maior desgraça que o empurra para a cova... oh! o pobre velho não póde mais com a vida... vê-me chorando, e perdôa-me!... mas chora, por sua vez! o resto da vida que ainda tinha elle o desfaz em lagrimas! chora e morre!...

— Ah! senhora!!! que imagem!!!

— No emtanto, senhor, nós ficamos no mundo; proseguiu com ironia desesperadora a viuva; Celina é sua... o amor os liga... a religião soldou os laços; mas quando ao anoitecer o Sr. Candido voltar para casa, no meio dessas mulheres doentes... andrajosas... trazendo no rosto a côr amarellenta da miseria, ou melhor, senhor, a côr de todas as miserias, magras, abatidas, mendicantes, apparecerá um vulto mais tocante que todos aquelles vultos... ao menos para o Sr. Candido; serei eu, senhor! estenderei a minha mão para receber um vintem... e depois... vagarosa... desvairada... louca, eu me irei retirando e balbuciando duas palavras, que resumiram toda a minha historia!.. crime e miseria!...

— Basta, senhora!

— E de noite, senhor, no leito de amor, mesmo junto de Celina, a hedionda figura da mendiga ha de apparecer na sua imaginação, e ainda mais... a mendiga ha de estar apontando para um sepulcro... o sepulcro ha de ir abrindo... e de dentro delle irá sahindo branca... branca, a cabeça de um velho... e o rosto deste velho ha de ir apparecendo horrivelmente contrahido deante da miseria da mendiga!... serão dous espectros... um pae e uma filha! um pae morto de desgostos... uma filha perdida pelo crime e pelos remorsos! serão dous espectros, senhor, Anacleto e Marianna.

— Basta, senhora!... exclamou de novo Candido, cuja imaginação ardente dava côres ainda mais vivas ao horrivel quadro que lhe traçava a viuva.

— Piedade!... misericordia!... dizia esta sem cessar, abraçando-se com as pernas do mancebo.

— Oh! meu Deus! meu Deus!...

Um pensamento novo e atrevido, uma dessas idéas rapidas,

brilhantes, felizes, dignas sómente de uma imaginação de mulher, brilhou nos olhos de Marianna.

Ella ergueu-se, enxugou as lagrimas, e com voz segura perguntou a Candido:

— Que idade tem, senhor ?

— Vinte e um annos.

— E eu tenho trinta e seis, disse ella.

—Que quer dizer ?...

Marianna, com os olhos em fogo, e um sorrir nervoso, murmurou com voz tremula e vagarosa:

— Mancebo, sabes tu se eu sou tua mãe ? ! !

Candido soltou um grito surdo, que lhe sahiu dos seios da alma.

— Senhora, pela vida de seu pae, exclamou elle depois de vencer a primeira e profundissima impressão, que ás palavras de Marianna lhe produziram: diga-me a verdade; em que idade commetteu essa falta, de que se accusa ?...

— Aos quinze annos, respondeu Marianna com tom grave.

— Quinze para trinta e seis... vinte e um !... é a minha idade !...

— Sem duvida; teria vinte e um annos ! ! ! balbuciou lugubremente e a tremer a viuva.

— Oh !... é certo !... a senhora deveria ter um filho ?...

— Deveria ! ! ! respondeu Marianna; e tremia convulsivamente; deveria ! ! !

E a idéa do maior dos seus crimes dava mil punhaladas no coração da infeliz mulher.

— Meu Deus !... meu Deus !... quem sabe ? quem me arranca desta duvida ?...

— Senhor, disse a viuva, não procurará apparecer a Celina ?...

— Não !... não !...

— Está prompto a escrever o bilhete ?

— Sim... estou prompto.

— Sente-se e escreva; eu dito.

Candido sentou-se, tomou papel e penna, e escreveu o que lhe ditou Marianna.

"Senhora. Eu parto; eu fujo para sempre de vossos olhos; tenho remorsos... fingia amar-vos... illudia uma innocente moça; os remorsos abriram-me os olhos; perdoae aquelle que antes quer parecer ingrato do que continuar a ser um monstro. — *Candido.*"

O moço escreveu sem hesitar; assignou com a mão firme, fechou o bilhete e voltando-se para a viuva entregou-lh'o e disse:

— Eis ahi a morte do mais puro dos amores; mas agora, em troco do que acabo de fazer, protesta dizer-me a verdade a respeito do que lhe vou perguntar?

— E primeiro o senhor jura que cumprirá o que me prometteu, qualquer que seja a resposta que lhe eu der?...

— Juro.

— Pela alma de seu pae?

— Pela alma de meu pae.

— Pelo amor de sua mãe?...

— Pelo amor de minha mãe.

— Bem: póde perguntar.

— Senhora, diga-me, em nome do céo, é verdade tudo quanto dizia ha pouco?...

— E' verdade.

— Senhora! exclamou Candido cahindo aos pés de Marianna, vós sois minha mãe!...

— Oh!... pobre moço!... balbuciou a viuva.

— Vós sois minha mãe!... continuou elle beijando a barra do vestido de Marianna; vós sois minha mãe! desde muito o coração dentro do peito m'o dizia; sem saber porque, eu vos amava com um amor candido e bello, como sómente é o amor filial; eu vos olhava com santo respeito; a vossa voz soava dentro de minha alma; vossos sorrisos me animavam!! quando eu pensava em minha mãe, vossa graciosa figura se desenhava deante de mim!... em meus sonhos de filho vinha um anjo, e apontava para uma mulher, cujo rosto estava coberto com um véu, e me dizia "eis ahi tua mãe": eu corria para essa mulher, arrancava-lhe o véu, e o rosto que eu via era o vosso; ah! vós sois minha mãe!... bemdito seja Deus! vós sois minha mãe!...

Marianna sacudiu tristemente a cabeça e respondeu:

— Não sou sua mãe.

— Onde está pois vosso filho?...

A viuva tornou a tremer da cabeça aos pés, e, apontando para cima, disse:

— Está no céo.

— Morto!...

— Sim, morreu...

Marianna deveria ter dito — matei-o; por isso sua resposta foi como um surdo gemido.

Candido ficou petrificado.

A viuva envolveu-se de novo em sua mantilha e despediu-se dizendo:

— Eu o deixo; um dia Deus lhe pagará o que vai fazer por mim.

E partiu.

XV

Salustiano

A casa em que morava Salustiano, e que elle havia herdado de seu pae, rico e honrado negociante, estava situada em uma das mais frequentadas e commerciaes ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Importa tão pouco saber o nome dessa rua como descrever essa casa; é de sobra dizer que ella era de dous andares, e que no segundo andar tinha Salustiano estabelecido o seu gabinete particular, com o qual se communicava o quarto em que dormia.

No dia que seguiu a noite amarga, em que Marianna tanto tempo se deixara ficar ajoelhada aos pés de Candido, estava Salustiano em seu gabinete occupado em examinar diversos papeis e livros mercantis, trabalho em que o ajudava um velho alto, de rosto vermelho e de cabeça calva.

Esse velho chamava-se João, e era o agente principal da casa de Salustiano.

João era um homem de poucas palavras, de olhar atrevido, de genio de fogo de coração bom e de tempera de ferro.

Pela volta das onze horas appareceu um caixeiro á porta do gabinete, e disse:

— Está ahi o Sr. Jacob.

— Que entre para aqui, respondeu Salustiano.

O caixeiro retirou-se.

— Sr. João, continuou Salustiano, suspendamos este trabalho, tenho que fallar a sós com o homem, que acaba de ser annunciado, desça ao primeiro andar e logo que se retirar aquelle que nos veiu interromper, suba de novo para continuarmos a trabalhar.

O velho, sem dizer palavra, limpou a penna com que estava tomando notas, prendeu-a atrás da orelha e sahiu.

Quando ia descendo a escada vinha subindo o homem que se annunciára.

O caixeiro que acompanhava o homem reparou que, contra todos os seus habitos, o velho João tratou aquelle sujeito com familiaridade e vivas demonstrações de estima.

Os dous apertaram fortemente as mãos, disseram finezas e mostraram-se mutuamente amigos.

Era um facto admiravel na vida de João.

Finalmente o recem-chegado foi introduzido no gabinete de Salustiano e o caixeiro deixou os dous a sós.

O homem sentou-se na cadeira em que antes estivera sentado João.

Era elle baixo, um pouco gordo, e um pouco calvo; tinha olhos vivos e mostrava-se alegre, vinha vestido de fraque roxo, abotoado até em cima e de calças pretas, calçava botins de cordovam de lustro, e chavama-se Jacob.

Já não póde haver duvida nenhuma; era o escrivão que morava na rua de... exactamente defronte do Céo côr de rosa.

Travou-se entre Jacob e Salustiano a seguinte conversação:

— Muito bem, senhor Jacob, o senhor é sempre pontual.

— E' um habito da vida passada; quando eu era escrivão, chegava á casa dos juízes sempre dez minutos antes da hora das audiencias.

— Não é esse o seu unico merito, o senhor é capaz de descobrir o maior segredo deste mundo.

— A ellas, meu caro.

— Poucas porém boas.

— Vamos, pois; que noticias me dá?

— A vida passada! a vida passada! o tino, a pratica dos interrogatorios...

— Hontem, depois das onze horas da noite, a lua estava clara como o dia...

— Dispenso todos os segredos, que o senhor possa ter descoberto na lua.

— Habitos da vida passada! nos corpos de delicto o luar é uma circumstancia, que sempre se faz notar... ás vezes importa muito.

— Adeante.

— Bem, pouco depois das onze horas da noite sahiu do alpendre do Céo côr de rosa um vulto de mulher...

— Oh!

— Envolvia-se em uma mantilha, era com effeito uma mulher.

— Está bem certo disso?

— Sim; o andar era majestoso e engraçado... aquella mulher nunca tinha usado mantilha.

— Por que?

— Porque envolvia-se nella como em um chale, mas o andar, que era majestoso e engraçado, era ao mesmo tempo tão delicado, as passadas tão curtas e ligeiras, que não podia deixar de ser o andar de uma mulher.

Bem; e depois?

— Foi direitinha á porta do Purgatorio-trigueiro.

— Ah!

— Tirou debaixo da mantilha e estendeu para fóra um lindo braço, e com formosa mão...

— Então viu tambem que o braço era lindo, e a mão formosa?

— Sem duvida; porque em um dos dedos dessa bella mão havia um annel de brilhantes.

— Oh! que homem admiravel; até nisso repara! como póde vêr esse annel?

— Brilhou, como só brilha uma pedra de alto preço.

— Está bom... deixemos o annel.

— Ao contrario, o annel é uma circumstancia muito importante, elle só vale uma prova no libello accusatorio.

— Por que?

— Porque a viuvinha recebeu ha tres dias da mão de seu noivo um annel de brilhantes, e não o tirou mais do dedo.

— Como soube disso?

— Uma escrava da viuvinha o contou lá á senhora.

— Por consequencia?

— Por consequencia recaem todas as suspeitas sobre a viuva.

— E que mais?

— A mulher de mantilha bateu á porta do Purgatorio-trigueiro, abriram-lh'a, ella entrou e esteve lá mais de uma hora.

— E depois?

— Voltou para o Céo côr de rosa.

— Não sabe mais nada?

— Sei que a tal senhora tirou a mantilha dentro do Purgatorio-trigueiro.

— Isso importa pouco; mas como o soube?...

— Porque, quando ella para lá foi, a mantilha arrastava pelo lado esquerdo, e quando voltou, estava muito mais curta desse lado, e ia varrendo a rua pelo outro.

— Sabe só isso?

— Não, sei ainda mais alguma cousa.

— Vá dizendo.

— O velho coruja vai todos os dias conversar com a velha bruxa.

— Hontem?

— Esteve lá ao anoitecer.

— Hoje?

— Para lá foi ao romper do dia.

— De que tratam?

— Sempre do amor do enjeitado e da orphã.

— De que trataram hoje? o que disseram?

— Não pude saber; o diabo da velha, quando o coruja entrou, mandou a negra fazer as compras para o almoço.

— Tem ainda alguma cousa a esse respeito para dizer?

— Por hoje mais nada.

— Então póde voltar depois de amanhã, ás mesmas horas.

— Serei prompto: nunca me esqueço o quanto convém ter em lembrança os dias de apparecer nos casos de appellação.

— Estamos justos.

As ultimas palavras de Salustiano significavam uma despedida; mas Jacob ficou firme em sua cadeira com o semblante prazenteiro e os olhinhos vivos como sempre.

Salustiano pareceu incommodar-se com a demora de Jacob, e disse:

— Quer mais alguma cousa?

— E' provavel.

— Diga.

— Quero que me dê cem mil réis.

— Oh! ha tres dias que lhe dei igual quantia.

— Sim, respondeu o ex-escrivão soltando uma risada; mas V. S. esquece-se de que agora temos dous negocios.

— Dous? como é isso?

— Pois então?... agora tem V. S. de pagar-me o trabalho de ser o espião de policia dos seus amores.

— Convenho.

— E depois... aquelles papeis...

— Oh! o senhor é exigente de mais! por aquelles papeis, disse Salustiano empallidecendo, deu-lhe meu defunto pae por uma só vez quatro contos de réis.

— Sim... sim... mais por causa daquelles papeis estive eu na cadeia oito mezes, e perdi o meu querido officio.

— E faltou á sua palavra!

— Como é lá isso?...

— O senhor havia recebido quatro contos de réis para queimar o processo.

— Assim era eu tolo! aquelles papeis são verdadeiras letras de dinheiro, que eu tenho a juros.

— E nem ao menos se lembra de que já não poucas vezes o tenho liberalmente soccorrido?

— Sim; mas V. S. tem obrigação restricta de pagar-me perdas e damnos.

— Em uma palavra, e para acabar de todo com estas questões, o senhor quanto quer receber de uma vez por esse processo?...

— Cedendo-lhe todo o direito que tenho a elle?

— Por certo.

— Chama-se a isso queimar a minha fortuna, disse socegadamente o ex-escrivão.

— Emfim...

— Emfim... dar-lhe-ei esses papeis com a mão direita, exactamente no momento em que V. S. me depositar na esquerda uma quantia igual á que me deu o senhor seu pae.

— Quatro contos de réis! é muito!

— Então não temos feito nada, conservarei o processo.

— Oh! mas é preciso acabar com isto; quando volta o senhor aqui?

— Já disse que dou grande importancia aos dias de apparecer, depois de amanhã virei receber as suas ordens.

— Traga-me o processo.

— Dar-me-á os quatro contos?

— Sim.

— Palavra de honra?

— Sim.

— Bem. A's ordens de V. S.

— Até depois de amanhã.

— Mas ah! disse Jacob suspendendo-se, pois que já ia sahindo; falta ainda alguma cousa.

— O que? perguntou Salustiano.

— Os cem mil réis.

— Ainda!

— São juros vencidos; a satisfação do principal é conta á parte.

— Depois de amanhã...

— Perdôe-me V. S., mas eu precisava muito hoje dessa quantia.

Salustiano arremessou-se para dentro do seu quarto; Jacob estendeu o pescoço e viu o mancebo abrir uma carteira de jacarandá já meio usada, e tirar della alguns bilhetes.

Salustiano, na agitação em que estava, deixou a chave na carteira, e voltou ao gabinete com o dinheiro.

— Eis aqui os cem mil réis, disse elle entregando os bilhetes a Jacob.

O ex-escrivão, apenas recebeu o dinheiro, tomou o chapéo, fez uma profunda cortezia ao moço, e foi sahindo.

Salustiano o seguiu de perto, e desceu com elle as escadas.

Pouco depois de haverem os dous deixado o gabinete, entrou João.

O velho ia sentar-se na cadeira que pouco antes havia occupado, quando notou que a porta do quarto de Salustiano estava aberta.

Dirigiu-se immediatamente para o quarto, e apenas chegou ao limiar da porta, soltou uma exclamação:

— Emfim!

E lançou-se para a carteira, abriu-a, apertou com o dedo pollegar uma mola que havia do lado esquerdo, e no fundo da gaveta desse lado abriu-se um escaninho.

Com promptidão e destreza tirou o velho alguns papeis, que ahi se achavam: eram pela maior parte cartas.

João as foi examinando, e passando por ellas sem abrir, até que parou em uma que não tinha subscripto.

— 12.ª! exclamou o velho; emfim!

Abriu a carta e leu:

"Senhor, maldita seja a hora em que nos vimos, esse amor fatal com que eu vos amava e que fingistes votar-me para que eu me perdesse, se já desappareceu para nós ambos, a nós ambos deve ter deixado o tormento dos remorsos, vós me fizestes a mais desgraçada, e eu me fiz a mais criminosa das mulheres, vós me perdestes, e eu ia ser mãe, e não quizestes ser diante dos homens o pae de vosso filho; pois bem, sabeis o que eu fiz? tremei... horrorisai-vos: eu matei meu filho; dentro de meu ventre cavei-lhe a sepultura. Agora... preparemo-nos ambos, teremos de dar contas a Deus, vós da honra, da innocencia de uma mulher, e eu da vida de um innocente. Senhor... somos dignos um do outro; nasceram para se encontrar no mundo vós e

Marianna."

— Emfim, repetiu o velho guardando a carta no bolso.

— Emfim!... bradou Salustiano lançando-se sobre João...

O velho recuou dous passos.

— Que veiu fazer aqui? perguntou o moço.

— Vim realizar o que desde muito premeditava, respondeu friamente o velho.

— Que tirou daquella carteira?

— O que lhe não pertencia.

— Uma carta!

— Sim.

— Restitua-m'a.

— Não.

— Oh! Sr. João!...

— Não, já disse.

— E' porque não sabe que esta carta é tudo para mim.

— E' por essa mesma razão.

— Por bem ou por mal, senhor, eu hei de reconquistar essa carta.

— Veremos.

— O senhor abusa do respeito que sempre lhe consagrei.

— E o senhor deshonra o nome de seu pae.

— A carta!

— Nunca.

Salustiano atirou-se sobre o velho; os braços de ambos se entrelaçaram; lutaram ambos.

Longa foi a luta e por fim triumphou o mancebo.

Com um joelho sobre o peito de João, Salustiano bradou-lhe:

— A carta!

— Nunca! respondeu o velho com voz suffocada.

O moço, apezar de todos os esforços de João, lançou a mão no bolso do vestido deste, e apoderou-se da carta.

Deixou então livre o seu adversario, e erguendo-se estendeu o braço, e mostrou-lhe com o dedo tremulo a porta:

— Para sempre fóra de minha casa! disse em desordem, e a raiva no coração.

O velho respondeu:

— Sim, mas não para sempre, porque hei de voltar para vingar-me.

E sahiu.

XVI

Os dous irmãos

Rodrigues estava no seu posto, no alpendre.

Achava-se sentado e meditando em um canto delle, á sua mão esquerda via-se meio cerrada a porta de seu quarto.

De repente entrou no alpendre apressado e arquejando de fadiga um homem que trazia os vestidos em desordem e pintada no semblante a mais viva agitação.

O velho Rodrigues ergueu-se surprehendido e dando dous passos para o recem-chegado, exclamou:

— João!

A personagem que acabava de entrar atirou com o chapéo a um canto e sentou-se na cadeira, da qual se tinha levantado Rodrigues.

Esses dous homens eram os mesmos que em certa noite Jacob vira sentados, e conversando á portaria do convento d'Ajuda.

Vistos agora á luz do dia e ao pé um do outro, admiraria a similhança de seus semblantes; a unica differença, que se podia notar, era ser João muito mais sanguineo.

João e Rodrigues eram irmãos gemeos.

— João! exclamou de novo o velho guarda-portão, que é isso?... o que tens?...

— O que tenho?... respondeu o antigo agente da casa de Salustiano; tu me perguntas o que tenho? é a raiva dentro do coração, é a vingança inspirando projectos infernaes.

— Mas como?... falla!...

— Disse tudo.

— Porém vingança contra quem?

— Contra o falsario... o ladrão! murmurou surdamente João.

— Oh!...

— Sim... contra elle.

— E' filho delle! disse com voz reprehendedora Rodrigues.

— E tambem filho della!... accrescentou lugubremente João.

— Embora! tornou o primeiro, juramos protegel-o: lembra-te.

— Sim... sim... disse o outro com terrivel accento: protegel-o... amal-o... ainda que elle te pise com suas botas, e te cuspa no rosto! não?!!

— Como é isso?

— E' assim mesmo,

— Pois elle ousou...

— Tudo, respondeu João com voz surda.

— E tu?

— Tenho sessenta annos... já não sou o mesmo; antigamente atacava cara a cara, e vencedor ou vencido, tudo estava acabado, acabada a luta. Hoje não, estou velho... minhas juntas se acham enferrujadas... lutei com um mancebo, e elle ganhou a partida; mas agora tambem o caso é outro... não esqueço como dantes. O forte póde bater-se braço a braço, o fraco espera atrás de uma esquina!

— João!

O irmão de Rodrigues soltou uma gargalhada nervosa e horrivel; uma dessas gargalhadas filhas do furor e do desespero.

— João! queres ser um vil assassino no fim de teus dias?

— Não! bradou o outro, não!... pois é só atrás das esquinas e com a faca, com a arma da traição que se vingam os fracos?... outra vez não! eu quero estar livre... quero passear á minha vontade pelas ruas!... oh! quem sabe se eu não terei de comprimentar um galé?...

— João!...

— Sim; já o disse, vêl-o-ei com prazer arrastando as cadêas dos criminosos publicos!... não pertence elle de direito ao seu numero?... sim, pertence... commetteu um crime vergonhoso.

— Graças a Deus, João, o fogo consumiu as provas dessa loucura.

— Graças a Deus, Rodrigues, as provas existem ainda, e eu hei de apoderar-me dellas.

— Que estás dizendo?... é verdade o que acabas de dizer!...

— Sem duvida.

— Como chegaste a saber disso?... como has de conseguir...

— E' o segredo da minha vingança.

— Nada de vingança, irmão.

— Fui offendido demais.

— Conta-me o que houve, eu te escuto.

— Para que?...

— Quero aconselhar-te, João.

— Eu não vim pedir-te conselhos.

O velho Rodrigues deixou cahir a cabeça tristemente, effectiu alguns instantes, e depois perguntou:

— Com que fim pois vieste vêr-me?

— Tenho que dizer-te.

— Falla.

— Meu irmão, até hoje de manhã um só pensamento nos occupava, dora avante nossos designios são distinctos. Até hoje pensavamos sómente em fazer bem, tu continúas sempre com a mesma idéa; eu, porém, estou determinado agora a fazer mal.

— Adeante, disse Rodrigues.

— Vim pois dizer-te o que descobri, o que sei, o que pretendi, e não pude fazer, para que tu fiques trabalhando para completar a obra, que começamos juntos, e que pela minha parte não posso levar ao cabo.

— Então o que ha?

— Salustiano está com effeito de posse da decima segunda carta...

— De certo?

— Eu a vi.

— Tu?...

— Eu a li... tive-a em minhas mãos!

— Oh!...

— Trabalhavamos eu e elle em seu gabinete particular, annunciou-se um homem que tu conheces bem, e elle quiz ficar a sós com esse homem, desci; meia hora depois os dous desceram por sua vez, e eu subi de novo... a porta do quarto de Salustiano estava aberta, entrei... a carteira velha tinha a chave na fechadura, abri-a... toquei no segredo da primeira gaveta do lado esquerdo, e a decima segunda estava lá!...

— Bravo! bravo!... exclamou o velho Rodrigues, sem lembrar-se do que antecedentemente lhe dissera seu irmão.

— Emfim!... exclamei eu, continuava João; e abrindo essa carta fatal, li-a do novo; mas quando já guardava-a no bolso... uma voz terrivel soou a meus ouvidos e um braço forte veiu deter meus passos...

— Ah!...

— Era elle, Rodrigues; e durante algum tempo lutamos ambos desabridamente... emfim a mocidade venceu...

— A carta?

— Ficou outra vez em suas mãos!

— Oh!...

— Os pés do mancebo pisaram o rosto do velho!...

— E a carta?... a carta?... exclamou Rodrigues.

— Está lá.

— Insolente moço!... e elle não tremeu?

— Tem ouro.

— Oh! desgraçado!...

— Sim... desgraçado... imprudente!... elle ha de tremer, porque eu me hei de vingar.

O velho Rodrigues deixou cahir de novo a cabeça e pareceu abysmado em profundas reflexões.

João ficou olhando para elle e reflectindo tambem.

Ambos aquelles velhos meditavam; o primeiro pensava nos meios de chegar a uma completa harmonia; o segundo sonhava com a vingança.

Levantaram a cabeça ao mesmo tempo, Rodrigues exhalando um longo suspiro, João desprendendo um surdo gemido.

Era o acordar da paz e da guerra.

— João, disse Rodrigues, sabes de quem me estava lembrando?

— Não; de quem?

— Delle.

— Do insolente?

— De seu pae, João.

— E eu de sua mãe, Rodrigues.

— João, perdoemos áquelles, que estão na eternidade.

— Sim; mas castiguemos os máos que pesam neste mundo.

O velho Rodrigues sacudiu a cabeça, suspirou de novo, e depois cruzando as mãos sobre o peito, disse com voz terna e commovida:

— João, pela memoria do nosso bom amigo, perdôa a injuria que recebeste de seu filho.

João conservou-se muito tempo em silencio olhando para seu irmão, que, melancolico e piedoso, tinha ainda as mãos cruzadas sobre o peito, como se estivesse orando.

— Rodrigues, murmurou emfim o velho, esse atrevido mancebo calcou o pé sobre o meu ventre!

Por unica resposta duas grossas lagrimas correram pelas faces enrugadas do velho guarda-portão.

— Que é isso, homem?... perguntou João.

— Não é nada, respondeu Rodrigues; isto não é nada... choro... ha bem tempo que o não faço.

E depois balbuciou dolorosamente:

— Pobre amigo!... está morto!... não póde valer a seu filho...

E as lagrimas começaram a cahir-lhe de quatro em quatro.

Alguns momentos depois os dous velhos choravam juntos e abraçados um com o outro.

— Perdôas-lhe, João? perguntou finalmente Rodrigues.

— E esse pobre Candido, irmão?!!!

— Devemos fazel-o feliz, é verdade.

— Mas aquella carta...

— Podiamos prescindir della; porém nesse caso teriamos uma mulher desgraçada... e criminosa.

— Que nos importa... é um castigo.

— Não, de modo nenhum, João; eu espero ainda tudo da Providencia.

— Bem, crês então que devemos cruzar os braços.

— Tambem não; escuta: eu vou fallar a esse presumido moço, que te insultou.

— E para que fim?... que lhe irás dizer?

— Contar-lhe-ei ainda uma vez a nossa historia.

— Rir-se-á della.

— Lembrar-lhe-ei o crime que commetteu...

— Zombará de ti, Rodrigues.

— Hei de assustal-o com teus projectos de vingança.

— Rir-se-á de novo.

— Exigirei por preço de nosso silencio, e como condição para vencer o teu resentimento, a entrega da carta fatal.

— Mandar-te-á lançar na rua pelos seus escravos.

— Não, João; elle ha de entregar-me a carta.

— Nada conseguirás.

— Nesse caso justiça será feita.

— Bem.

— Adeus, João; dentro de duas horas estou de volta.

— Eu te espero, respondeu João.

O velho Rodrigues tomou o chapéu, e dirigiu-se á casa de Salustiano.

XVII

Tia e sobrinha

Pouco mais ou menos á mesma hora em que o velho Rodrigues se dirigia á casa de Salustiano, uma escrava desceu do segundo andar do Céo côr de rosa, e entrando na sala do primeiro, onde se achava Celina, disse-lhe que sua tia lhe pedia quizesse subir ao seu quarto para dar-lhe uma palavra.

— Diga-lhe que já vou; respondeu a Bella Orphã.

E, pouco depois, subiu a escada vagarosamente, e pensando no que poderia ter dado motivo para tal conferencia.

Celina não podia aborrecer a ninguem; mas, desde que soubera da scena que no jardim tivera lugar entre Marianna e Candido, começára tambem a desconfiar muito de sua tia.

Marianna estava em seu quarto, pallida, abatida e pensativa, sentada em uma cadeira de braços; o franzimento de sua fronte, seus olhares ás vezes amortecidos, ás vezes pasmos, e sempre cravados no chão, e finalmente um não sei que descuido em seu penteado e em seus vestidos, pareciam revelar que uma dôr profunda e transidôra a atormentava.

Tambem as ricas e grandes senhoras padecem no fundo d'alma! por detraz desses brilhantes adereços e custosas joias, que lhes ornam e cobrem o collo, está ás vezes aberta uma ferida, que lhes vae até o amago do coração; e esses labios que se sorriem tão graciosos, estão mil vezes a ponto de ser desmentidos pelo pranto dos olhos; e essas palavras de prazer e felicidade, que se dizem nas assembléas, fazem ás pobres miseras que as pronunciam, uma acerba e terrivel ironia! ellas rindo-se tanto e tão á força, e sendo tão desgraçadas na alma!!! Doirado vaso, que encheram de fel, cofre aprimorado, que esconde perigoso arcano... ahi tendes a imagem de todas essas, que são como Marianna.

Escravas sempre da vaidade, as mulheres acham sempre na vaidade os seus tormentos e o seu castigo. Lutam annos inteiros umas com as outras, e têm por armas os vestidos e as joias, os sorrisos e os olhos; e uma dóe-se, recebe um golpe cruel sómente porque o vestido da outra é mais bello; e não dorme uma noite inteira porque appareceram uns olhos pretos que valem o dobro dos seus!... mas isto é nada; o que é tudo é a vaidade dos sentimentos, que obriga a rir com o céo nos labios, tendo o inferno dentro do coração; que obriga a fingir-se venturosa, quando se é desgraçada!... Estar em torturas, e dizer — sou feliz! — enganar o mundo por causa do mundo, e para ser invejada e não parecer vencida, nem mesmo nos mimos da fortuna!... tanta riqueza vestindo tão grande miseria!...

Deve ser bem amargosa vida!...

Porém Marianna sentiu que subiam a escada, e conheceu as pisadas de sua sobrinha; immediatamente uma revolução completa se operou nella; sua fronte desenrugou-se, seus olhos ergueram-se e brilharam; em um momento, e com toda essa habili-

dade que caracterisa as senhoras, fez desapparecer todos os descuidos de seu *toilette*, e enfeitou os labios com um sorriso angelico. Era, embora sua sobrinha, uma moça bella, e portanto uma rival que chegava. A mulher infeliz e abatida cedeu o lugar á senhora das festas e dos prazeres; a verdade foi abafada; a mentira ergueu-se.

Celina entrou; Marianna mostrou-lhe com o dedo, e com graça indizivel, uma cadeira defronte della; e, vendo-a assentada, esteve por alguns momentos contemplando-a com expressão de enlevamento e prazer, até que a Bella Orphã, como para escapar áquelle olhar, perguntou:

— Porque me está olhando assim, minha tia?...

— Oh! porque tu és a minha vaidade, Celina! olha, quando te comtemplo... lembro-me do que fui... parece-me que ainda estou nos dezeseis annos defronte do meu toucador, rindo-me vaidosa e louquinha, contente de mim mesma, e namorada de meus proprios encantos.

— Senhora...

— Não é verdade que dizem por ahi que eu fui bem formosa?

— Dizem que minha tia ainda o é.

— Lisonjeira!... oh! mas emfim, eu conheço que não devo assustar a ninguem.

— Então...

— Todavia os dezeseis annos! os dezeseis annos! nesse tempo se está na flôr da vida, e no viço das graças! ninguem é feio aos dezeseis annos!

Depois de alguns instantes de silencio a viuva proseguiu dizendo:

— Para mim a vida de prazer e de encantos está em vesperas de acabar; para ti é agora que começa. A primavera da idade com esse rosto tão bello, com esse olhar tão puro, Celina, faz sempre as delicias da mulher. Ainda não sentiste que para ti são guardadas todas as attenções?... ainda não notaste como te olham ardentes, como te fallam tremendo, como te escutam em extasis? Celina, ahi está a prova solemne de tua formosura. A moça bella é o delirio do mundo; ah! que se aos dezeseis annos tivesse a mulher a experiencia dos trinta, então com a belleza conseguiria tudo... honra... fortuna... posição... tudo!...

— Ainda bem, minha tia, que as moças não são ambiciosas.

— Não, não o são; o amor as occupa demais para que ellas o fossem. Embriagadas (com os deleitosos perfumes que vêm

arder a seus pés; cheios os ouvidos de verdades e de lisonjas; a cada passo que dão ouvindo uma exclamação de agradavel sorpresa; no theatro sentindo cem oculos lançados sobre seus rostos; em toda parte vendo adoradores escravos; e em breve tendo mesmo já no coração uma sympathia que vae crescendo e acaba por amor; ellas não têm, ellas não podem ter outra idéa que não seja a de ser bellas, outro desejo que não seja o de ser amadas, e outro futuro que não seja tudo esperado de um amor com que ellas sonham de dia e de noite, e que, desgraçadamente, não se realiza nunca.

— Nunca?...

— Nunca, Celina.

A Bella Orphã suspirou involuntariamente.

— Já suspiras, Celina?... quem sabe se eu não estive fazendo o teu retrato?... pois bem, sou tua tia... quasi tua tutora, e portanto devo aconselhar-te; mas para bem fazêl-o preciso é antes ganhar uma confiança de que ainda me não julgaste merecedora, entrar no teu coração, vêr o que nelle se passa, para depois dizer o que convém.

Marianna, fingindo ignorar o segredo de amor de sua sobrinha, queria leval-a pouco a pouco a um fim que tinha no pensamento, e pelo qual promovera aquella conferencia.

Porém Celina desconfiava de sua tia; guardou mais que nunca o seu segredo, e nada respondeu.

— Então ficas muda?... perguntou a viuva; será possivel que penses em fazer-me crêr que ainda não sonhas bellos sonhos de amor, tendo já dezeseis annos de idade?...

— Muito moça ainda, não é assim?

— Por certo que não és nenhuma velha; e comtudo estás em idade de casar.

— Tão cedo!...

— Não no nosso paiz, Celina, onde tudo é rapido e precoce. Emfim, eu sou tua tia, meu pae é teu tutor, e por dever santo e respeitavel devo procurar para ti um estado... uma posição.

— Obrigada, minha tia.

— Temos entendido que é tempo de te casar, não só para fazer a tua ventura, como para completar a nossa missão, e conseguir o nosso socego.

— Para o vosso socego... eu creio; mas para minha ventura!...

— Para tua ventura tambem, sim; e graças a Deus, meu pae e eu não somos duas crianças como tu és, Celina.

— Porque, minha tia ?

— Porque, na questão da escolha de um marido, tu cortarias todas as difficuldades com o coração, e nós decidiremos tudo com o juizo.

— Ah ! sim !...

— Um marido é o homem que deve acompanhar-nos toda a vida...

— Provavelmente, minha tia.

— O homem de quem tomamos o nome, a posição, e as amizades.

— Eu o pensava já.

— E' portanto, quando se trata de uma escolha dessa natureza, toda a prudencia se faz necessaria.

— Sem duvida.

— Nós queriamos para teu marido um moço bonito, de boas qualidades, de bom nome, e de boa fortuna.

— A's vezes é difficil achar-se tanta cousa junta.

— Tivemos a felicidade de encontrar um, que preenche nossos desejos...

— Ah ! então já, minha tia ?... sem que eu ao menos o suspeitasse ?

—E' verdade; um interessante mancebo veiu pedir-nos a tua mão.

— Realmente foi um pouco apressado... nem ao menos procurou conhecer a minha opinião.

— Já sabes quem é ?...

— Não, senhora.

— Vê se adivinhas.

— Não pretendo incommodar-me com isso.

— Porque ?... perguntou Marianna, que se ia impacientando um pouco.

— Por nada, minha tia; respondeu seccamente a Bella Orphã.

— Estás zombando commigo, Celina ?...

— Não, minha tia.

— Queres que te diga o nome desse moço ?...

— Se lhe parecer conveniente.

— E' o Sr. Salustiano.

— Ah !

— Tens que dizer alguma cousa ?

— Nada... eu, nada; minha tia é que um dia me disse que aborrecia o Sr. Salustiano como se aborrece um malvado.

Escapou aos olhos de Celina um movimento rapido de Marianna.

— Eu estava em erro, disse esta sem hesitar.

— Apezar disso, minha tia, e apezar de todas as grandes e nobres qualidades que ornam esse mancebo, sou obrigada a declara, desde já, que não serei sua mulher.

— Porque ?... perguntou a viuva.

— Porque amo a outro; respondeu sem hesitação nem temor a Bella Orphã.

Marianna ficou por alguns momentos olhando para aquella fraca e modesta menina, que pela primeira vez a surprehendia com um signal de caracter decidido e forte.

— Amas já ?... perguntou emfim a viuva.

— Já o declarei, senhora.

— E a quem amas, minha pobre Celina ?

—Ao Sr. Candido.

— E elle ?...

— Ama-me tambem.

— Infeliz!... tu foste enganada!...

Celina não demonstrou nem surpresa, nem receio, nem desgosto; desconfiava de tudo quanto lhe dizia Marianna; deixou-se ficar em silencio, olhando e sorrindo-se para sua tia.

— Duvidas do que eu digo ?...

— Muito, senhora.

— E se eu te der uma prova ?...

Celina continuou a sorrir-se meigamente. Marianna lançou a mão ao bolso de seu vestido, tirou delle uma pequena carta, e entregou-a á Bella Orphã.

Celina abriu a carta e leu-a; seu rosto cobriu-se de mortal pallidez. Era a carta que a mulher de mantilha havia conseguido de Candido.

— E agora ?... perguntou cruelmente Marianna.

— Agora ?... não sei... duvido ainda, respondeu a custo e erguendo-se a Bella Orphã.

— Onde vae, Celina ?

— Preciso recolher-me e ficar só, senhora.

Celina já estava na porta.

— E o Sr.' Salustiano ?

A moça voltou-se e respondeu quasi com altivez:

— Ainda quando isto não seja effeito duma nova calumnia, senhora, eu nunca serei esposa desse homem por quem se mostra interessada.

E sahiu.

Por sua vez Marianna empallideceu, e ficou de novo muda, pensativa e abatida.

XVIII

Historia dos dous velhos

No mesmo gabinete em que, poucas horas antes, escreviam João e Salustiano, foi que Rodrigues achou este ultimo ainda agitado pela scena que tivera lugar.

O velho entrou com ar solemne e grave, e cumprimentou o mancebo com um simples movimento de cabeça.

— Póde sentar-se, disse seccamente Salustiano.

— Obrigado, disse Rodrigues, estou bem de pé.

— Como lhe parecer. Dirá então o motivo que me deu a honra de sua visita.

— A visita de um pobre velho não honra... incommoda.

— Deixemo-nos disso, disse o moço; tenho que fazer; diga o que quer.

O velho guarda-portão sorriu-se amargamente daquelle modo incrivel e daquelle arduo despreso com que era tratado por Salustiano.

— Então ? ! ! tornou este.

— Venho contar-te uma historia, mancebo.

— Crê o senhor que tenho tempo de sobra para gastar ouvindo suas historias ?...

— Oh ! que sim ! rico senhor ! baixando á sepultura, teu pae te repetiu com voz já sumida as mesmas palavras que mil vezes te havia dito nos tempos da vida: — ouve, meu filho, ouve e obedece a João e a Rodrigues, como se fôsse a mim que obedecesses.

— E a que vem isso ?

—E' preciso, portanto, que ouças a historia desses dous velhos, e a de teu pai tambem; porque emfim... o moço vae de novo indo no máu caminho !

— Senhor !

— Mancebo ! escuta; não é por mim, é por ti que eu aqui venho. O raio está levantado sobre tua cabeça, e prestes a desfechar-se... eu quero mostrar-te o meio de vencer a tempestade: escuta.

A voz do velho tinha um não sei quê de lugubre e terrivel, que causou impressão profunda em Salustiano, o qual, como para esconder a commoção que ella acabava de produzir em seu animo, sorriu-se á força, e disse:

— Portanto, escutemos o propheta.

Rodrigues fingiu não ter ouvido a zombaria do moço, e cruzando os braços sobre o peito, em pé, defronte de Salustiano, começou a historia assim:

— Noutro tempo, mancebo (bastantes annos já são passados), havia nesta mesma provincia do Rio de Janeiro, e em um dos seus municipios de serra acima, dous jovens bellos, ardentes e generosos; tinham ambos a mesma idade, vinte e cinco annos; seus paes haviam morrido, e lhes deixado ricas heranças; Pedro e Paulo se chamavam elles; não eram parentes; achavam-se no mundo sós e com um destino em tudo similhante; Paulo tinha apenas um tio que delle não gostava; Pedro não conhecia parente algum. Esses dous moços encontraram-se, pois, no mundo tão iguaes, tão similhantes, que se abraçaram um com o outro, juraram amizade eterna, amaram-se como irmãos gemeos, misturaram seus prazeres e seus pezares; de modo que aquelle que offendesse Paulo teria offendido Pedro, e o que fôsse amigo deste seria por força tambem amigo daquelle.

— Até ahi nada de novo, meu caro, disse Salustiano; e, para poupar-lhe palavras, declaro que já sei que esse Paulo era meu bisavô, e esse Pedro o respeitavel avô do Sr. Rodrigues.

Sem dar attenção ao que acabava de dizer Salustiano, o velho continuou:

— Esses dous amigos amaram ao mesmo tempo duas interes-

santes jovens; casaram-se no mesmo dia, e cedendo ao ardor da idade e ás instigações de falsos amigos, votaram-se ambos a uma vida de prazeres e de loucuras, que elles não pensavam de acabar um dia. Os banquetes eram succedidos por outros banquetes, e sómente interrompidos pelas caçadas, pelas pescarias, e por mil outros prazeres. Levaram muito tempo assim, até que chegou um dia em que Pedro foi ter com o seu amigo, e disse-lhe:

— Paulo, temos andado mal; os meus bens chegam apenas para os meus credores. . .

— Pedro, disse o outro, acordamos tarde; eu devo tambem tudo quanto possuo.

— Que faremos agora ?

— Primeiro que tudo pagar a quem devemos.

—Os dous amigos chamaram os seus credores, satisfizeram suas obrigações como homens honrados que eram, e acharam-se com uma simples e pobre casinha para ambos, com uma mulher e um filho cada um delles, com duas espingardas, dous cães de caça, uma canôa, uma rede, e mais nada.

Sorriram-se ambos, olhando um para o outro, quando inventariaram os restos de sua antiga riqueza..

Os antigos companheiros de festas e de seus prazeres desprezaram os dous amigos; elles riram-se ainda.

Eram dous homens de grande coração, de muito orgulho, e de immenso valor.

Pedro nada tinha que esperar; Paulo nunca se lembrou que lhe restava um tio.

Unidos sempre, esses homens embarcavam-se na leve canôa, e os ferteis rios do Brasil lhes davam peixe para suas mulheres e seus filhos.

Outras vezes, seguidos dos dous unicos amigos que tinham ficado sempre fieis, de seus dous cães, Pedro e Paulo embrenhavam-se nessas mattas verdes-negras, que cobrem numerosas legoas sem interrupção; ahi, ao lado um do outro, com seus cães ao pé e suas espingardas no hombro, impavidos e frios, elles esperavam a hora, em que começariam a combater com o tigre e o javali.

Cem vezes Pedro salvou a vida de Paulo; cem vezes Paulo livrou da morte a Pedro; e depois, rotos, feridos, cobertos de

manchas de sangue, elles voltavam á sua pobre casinha curvados sob o peso das victimas de seu valor e de sua dextreza.

Mas um dia, no meio dessa vida de trabalhos e de perigos, chega a noticia da morte do tio de Paulo, e outra vez a riqueza para este.

Paulo era herdeiro de seu tio.

— Somos ricos outra vez, disse este ao seu amigo; vamos para nossa casa; e agora saberemos ajuntar para nossos filhos.

— Vamos, respondeu Pedro sem vexame.

Começaram de novo os dous amigos a gozar vida de abundancia e de socego; porém nada mais de banquetes, nem de festas.

E quando elles morreram, deixaram seus dous filhos unidos como se fôssem dous irmãos gemeos.

O filho de Paulo tinha ficado rico, e o seu amigo era apenas senhor de mediocres teres; mas essa differença da fortuna não mudou nada á amizade, que os ligava.

Amaram-se constantemente como seus paes; como seus paes casaram-se no mesmo dia. Um delles teve um fruto de seu hymeneu; foi um bello menino que se chamou Leandro! foi o filho do rico.

— Meu pai, murmurou Salustiano.

— O outro teve dous filhos gemeos e uma filha que se chamavam João, Rodrigues e Emilia. Fomos nós, Sr. Salustiano..

— Eu o sei.

— Quando nossos paes morreram, bem cedo!... ficamos no mundo, herdeiros dessa amizade pura e sagrada, que era a honra de nossas familias, e que fazia admiração das outras.

Salustiano não disse nada.

— Com orgulho, com a consciencia cheia de prazer, de verdade e de socego, nós diziamos: — seremos como nossos paes! — oh! não desmentimos nunca!... fomos os derradeiros, é certo... porque minha irmã morreu, e meu irmão e eu não temos filhos; e porque o Sr. Leandro teve um filho que se não parece com seus antepassados.

— Senhor!

— Silencio, mancebo!... eu tenho o direito de te reprehender! fui o irmão de alma de teu pae... sou um dos ultimos herdeiros da amizade de cem annos!... abaixa os olhos diante de mim; porque tu não serás nunca como foram os teus e os meus, e como somos ainda, meu irmão e eu. Silencio, mancebo; quem falla aqui não é o pobre velho Rodrigues, é a voz da amizade de cem annos.

O moço, a pezar seu, abaixou a cabeça.

O velho proseguiu:

— Sim... honra a nós; nós fomos como os nossos; Leandro, João e Rodrigues eram um só homem, e Emilia, dez annos mais moça do que nós e seis do que Leandro, era a menina dos olhos de todos tres, era o brilhante que se preparava para a corôa de alguem que fosse digno de ajuntar-se comnosco. Emilia era bella, pura, ingenua como um anjo, com seus olhos pretos, suas faces pallidas, e seu corpinho debil... pobre Emilia!...

O velho enxugou com a face dorsal da mão direita duas grossas lagrimas, que estavam pendendo de suas palpebras. Depois continuou:

— Leandro apaixonou-se de uma joven senhora, tão linda como vaidosa, tão rica como pouco nobre; tarde conhecemos esses defeitos; aliás, o nosso amigo não teria sido esposo de Mathilde.

— Falla de minha mãe, senhor? disse Salustiano erguendo a cabeça.

— Bem o sei, tornou o velho proseguindo; depois de casar-se, Leandro pediu-nos que consentissemos que Emilia fosse morar com sua mulher; nossa irmã tinha então dezeseis annos. Consentimos. Passaram os primeiros mezes sem que suspeitassemos, sem que cousa alguma pudessemos recear. Cêdo, porém, começou Leandro a experimentar os excessos e effeitos da vaidade de sua mulher; sua casa se tornou em um inferno; sua vida foi um martyrio constante. O unico lenitivo que achava para minorar seus soffrimentos o nosso pobre amigo era vir depositar suas magoas em nossos corações, e ir choral-as ao pé de minha irmã.

O velho respirou, e depois disse ainda:

— Tua mãe, mancebo, aborreceu os amigos de teu pae; ciumenta e louca, viu uma rival em minha irmã, e inspirada pelo demonio, esquecida de tudo quanto é nobre e generoso, concebeu um pensamento infame!...

—Senhor!

— Na manhã de um domingo, depois do sacrificio da missa, que se celebrava na capella da fazenda de Leandro, estando a casa cheia, diante de meu irmão e de mim, mesmo á vista de seu marido, ella enxotou de sua casa a minha irmã, cobrindo-a de improperios e de maldições, dizendo contra ella calumnias que a nodoavam! oh! sim, mancebo, a lingua de tua mãe deshonrou a minha irmã! disse que uma virgem era uma mulher impura!... disse que seu marido a desprezava por minha irmã... disse tudo...

tudo... disse tanto, que Emilia cahiu desmaiada nos meus braços.

Salustiano não pronunciou uma só palavra em defesa de sua mãe. O velho continuou:

— Levámos a pobre moça desmaiada como estava para nossa casa, mancebo! quando minha irmã tornou a si, estava doida. Infeliz! vagava horas inteiras e sem cessar, interrompendo-se apenas para levantar a voz bradando — é falso!... — e vagava de novo, corria ajoelhando-se, erguia as mãos ao céo, e bradava — é falso! — lançava-se em nossos braços, chorava, soluçava, e por entre seus soluços deixava escapar o seu grito de innocencia — é falso. — Ah! mancebo! mancebo!... um mez inteiro se passou desse modo, e no fim desse mez ella expirou em nossos braços murmurando ainda a triste phrase — é falso! — Mancebo! mancebo! quem fez enlouquecer, quem fez morrer nossa irmã?...

Salustiano não respondeu nada.

— Foi tua mãe. Pois bem: a Providencia tomou o cuidado de vingar-nos; Mathilde não gozou o doce prazer de beijar seu filho. Mancebo, tu custaste a vida de tua mãe; ella morreu alguns momentos depois de te haver dado á luz.

— Infeliz! balbuciou Salustiano.

— E em nossos corações, proseguiu o velho, a santa e immaculada amizade de cem annos teve força bastante para fazer com que João e Rodrigues carregassem ao collo o filho da assassina de Emilia: sim! porque o filho de Mathilde o era tambem de Leandro. Mas o nosso amigo tinha recebido terriveis golpes; a lembrança de Emilia o atormentava; a morte de sua mulher, que apezar de tudo elle amára extremosamente, veiu augmentar seus pezares; lembrou-se da côrte, sempre cheia de ruido, de festas e de prazeres, e emfim, resolveu-se a deixar a vida do campo. Vendemos quanto possuiamos, e viemos estabelecer-nos aqui. Mancebo, o resto de nossa vida tu sabes... é uma historia de vinte e cinco annos de cuidados gastos comtigo, pois que tinhas apenas um anno quando deixaste os campos onde nasceste. Dize, pois, não te lembras nunca do amor com que te tratavam os dous amigos de teu pae?...

— Senhor...

— Eras um menino indocil... passaste a ser um moço extravagante e altivo; dize, pois, já te esqueceste de que uma nodoa... a deshonra te ia manchar, e de que fomos nós os que te arrancámos da infamia?!!

— Basta! exclamou Salustiano córando.

— Ninguem nos ouve aqui, tornou o velho; podemos fallar sem receio: para alimentar teus vicios ousaste furtar uma firma... teu nome foi escripto no rol dos criminosos... e quem te valeu então?... quem comprou um escrivão sem honra, que prestou-se a queimar o processo?... quem pagou ao homem cuja firma tinhas imitado?... lembra-te, mancebo, que fomos nós, João e Rodrigues; porque teu pae queria que o filho indigno soffresse a pena merecida... lembra-te que fomos nós que suspendemos a maldição que dos labios de um pae austéro ia cahir sobre o filho pervertido.

— Senhor! Senhor!...

— Sim... conseguimos o teu perdão; e quando a morte veiu arrebatar-nos o nosso amigo, as ultimas palavras que te dirigiu, foram essas, que já m'as ouviste hoje: "ouve, meu filho, ouve e obedece a João e Rodrigues, como se fosse a mim que obedecesses".

— E' preciso concluir, senhor!

— Morto teu pae, uma nobre missão chamou-me longe desta casa: meu irmão, porém, ficou velando por ti. Mancebo, como pagaste ao amigo de teu pae os extremos que gastou comtigo?... dize.

— Respeitei-o, disse Salustiano; respeitei-o até hontem.

— E hoje?

— Hoje o offendido fui eu.

— E qual a offensa?... pretender meu irmão arrancar de teu poder um papel, que te não pertence?... que direito tens sobre aquella carta?... que uso queres fazer della?... ah! mancebo, o amigo de teu pae vem dizer-te que isso que tens no pensamento, e que cuidas realizar, mercê dessa carta, é uma infamia.

— Senhor!

— Mas ainda é tempo de voltar atrás; os olhos da amizade dos cem annos ainda te olham com piedade; em nome de teu pae, João te perdôa; em nome de teu pae eu te venho chamar para o caminho da honra. Mancebo, dá-me a carta da filha de Anacleto.

— Oh!... eu tinha adivinhado o motivo da sua visita, Sr. Rodrigues.

— E então?

— E' impossivel conseguir de mim o que pretende: reconheço os serviços que lhe devo; respeito os velhos amigos de meu pae, mas não posso abandonar assim a unica esperança...

— A esperança de que?

— De alcançar a posse da mulher que adoro.

— Não a alcançarás nunca.

— E essa carta, senhor?!!!

— Essa carta fará a desgraça de uma mulher, e mais nada.

— Mas essa mulher terá meios de fazer-me esposo de Celina.

— Não, não; porque haverá quem se levante entre a virgem pura e nobre e o mancebo pervertido...

— E quem ousará?...

— Eu.

— Bem, Sr. Rodrigues, veremos.

— E a carta, infeliz moço?...

— Nunca.

— Mas quando a vingança do offendido vier cahir sobre tua cabeça?...

— Nada receio.

— Pensa bem, mancebo: daqui a uma hora nada poderá salvar-te... pensa...

— Estou decidido, senhor.

— Então toda a esperança de conciliação está perdida?

— Toda.

— E as consequencias?...

— Embora.

— Fiz quanto pude, disse o velho com voz lugubre; agora nada mais ha que esperar.

Salustiano sorriu-se.

Rodrigues ergueu o braço direito como apontando para o céo, e sahiu dizendo:

— Justiça será feita.

XIX

No alpendre

Logo que Rodrigues sahiu, João entrou para o quarto deste, cerrou a porta e esperou a volta de seu irmão, meditando sobre os meios de realizar um projecto, que desde muitos dias, e então mais que nunca, o occupava.

Chegou Rodrigues, e adivinhando onde se recolhera o irmão, abriu a porta e entrou.

O velho guarda-portão estava triste e abatido.

— Então?... perguntou João.

— Nada.

— Não te havia eu prevenido de que serão inuteis todos os teus esforços?

— Paciencia; mas fiz o que devia.

— E agora ainda quererás suspender-me?

— Não; convém que aquelle moço seja abatido.

— Bem: tomo isso á minha conta.

Ficaram os dous velhos pensando durante algum tempo, e depois João perguntou:

— E a respeito do outro, que novidades ha?

— Hontem á noite fez elle vinte e um annos.

— Eu o sei.

— A' meia noite bateu á porta do Purgatorio-trigueiro uma mulher de mantilha, que o foi procurar.

— E essa mulher...

— Era Marianna.

— O que queria delle?

— Não sei bem, mas parece que conseguiu muito, porque ao romper do dia de hoje cheguei ao Purgatorio-trigueiro muito a tempo...

— A tempo de que?

— De desmanchar um projecto de viagem a mais extravagante do mundo. Candido ia partir.

— Para onde?

— Elle mesmo não sabia dizer.

— Rodrigues, aquella mulher é o diabo em pessoa.

— E' muito desgraçada, João.

— Por culpa della: tu foste sempre mais piedoso do que eu.

— Não, tu é que te finges máo.

— Está bem; e então não conseguiste saber o motivo dessa viagem?

— O nosso pequeno teimou em occultal-o.

— Mas, por fim, cedeu e ficou.

— Sim; porém custou-me muito: foi-me preciso tocar-lhe na corda mais sonora de seu coração.

— Ah! já sei; fallaste-lhe em sua mãe.

— E' verdade.

— Pobre rapaz!... e como vae elle de amores?

— Olha, João, eu não o entendo: até hontem á meia noite era todo ardor, paixão e esperança.

— E hoje?

— Não quer ouvir o nome da Bella Orphã.

— E esta!...

— A mulher de mantilha dobrou muito á sua vontade aquelle coração.

— Quando eu digo que ella é o diabo!

— Infeliz! treme diante do mundo: Salustiano é um espectro que a assombra; obedece-lhe como a um senhor.

— Cedo eu a livrarei desse phantasma.

— Como?

João ficou olhando por algum tempo para Rodrigues, e depois disse:

— Está bem... era um segredo que eu queria guardar para mim só; mas vou dizer-t'o.

Rodrigues escutou curioso.

— Tens um bello vizinho alli defronte, disse João.

— Sim, é o celebre Jacob... aquelle nosso escrivão do processo.

— Pois sabe que é muito meu amigo.

— Teu amigo!... e tu apertas a mão de semelhante homem?

— Aperto.

— João!

— Nada de reprehensões; escuta: observei que o tal Jacob ia de vez em quando ter com Salustiano; ficavam a sós por algum tempo, e depois o escrivão retirava-se muito alegrezinho, e o outro ficava por algumas horas de máo humor.

— E a razão?

— Um dia consegui ficar em posição de ouvil-os, e apanhei-lhes o segredo. O escrivão é duas vezes infame.

— Como?... explica-te.

— Infame, porque recebeu dinheiro para queimar um processo, e por isso perdeu o officio; e infame outra vez, porque o processo não está queimado.

— E então?...

— Elle o guarda.

— Oh! mas isso é o diabo.

— Pelo contrario, eu julgo que é excellente. Já te disse que tenho estreita amizade com Jacob.

— E que pretendes fazer?

— Ir morar com elle.

— E esperas conseguir isso?

—Com dinheiro tudo se consegue daquelle homem: vou alugar-lhe um quarto em sua propria casa.

— E depois?

— Depois os papeis estão lá, e hão de ser meus, custe o que custar.

— Fallar-lhe-ás nisso?

— Deus me defenda: Salustiano deve tel-os pago bem, para que elle m'os quizesse ceder!

— Olha, João, se te vaes metter em alguma...

— Deixa o caso por minha conta; mas que é isto?...

Ouviu-se uma voz terna e melancolica, que começava a cantar o romance do Sonho da Virgem.

" Era um dia um mancebo, qu'ardente,
" Pobre vida esquecido vivia;
" E uma virgem...

O velho Rodrigues sorriu-se.

— De que te ris?... perguntou João.

— E' que este canto me está chamando. A Bella Orphã tem que me confiar.

— Pois vae; adeus.

— Não, espera; póde ser que convenha que saibas o que ella tem para me dizer.

João ficou outra vez só no quarto de Rodrigues.

Uma hora depois voltou o velho guarda-portão.

— Que novidades ha? perguntou João.

— O caso vae-se complicando.

— Então que temos?

— A tal mulherzinha de mantilha obteve do nosso pequeno uma carta para Celina.

— Bravo! provavelmente o rapaz desmanchou-se todo em juramentos de amor.

— Ao contrario, declara á nossa Bella Orphã que a não ama, e que não quer illudil-a por mais tempo.

— E esta!... que dizes a isto?

— Fiquei com a cara á banda, João!

— Que disseste á pobre menina?

— Que desconfiasse, e que esperasse.

— Realmente foi boa resposta.

— Agora vamos sahir, João.

— Para onde?

— Tu para casa de Jacob, e eu para o Purgatorio-trigueiro.

— Vamos.

Os dous velhos separaram-se á porta do alpendre. João entrou na casa de Jacob, e Rodrigues foi conversar com a velha Irias.

XX

O coração de Jacob

Estava correndo a segunda noite depois daquelle dia, em que João tinha sido lançado fóra da casa de Salustiano.

Eram cerca de dez horas.

Na acanhada saleta de jantar da cozinha, que ficava fronteira ao Céo côr de rosa, estavam tres personagens ceando alegremente, sentadas ao redor de uma pequena mesa: eram Jacob, Helena e João.

O antigo agente da casa de Salustiano tinha calculado bem com o genio interesseiro do ex-escrivão; logo que se separou de Rodrigues, apresentou-se na casa de Jacob com a bolsa na mão, e foi immediatamente recebido e installado no melhor quarto da casa.

Logo na primeira noite João offereceu a seus hospedes uma excellente ceia. Jacob era amigo de bom vinho, e Helena, ou por condescendencia, ou porque quer que fosse, gostava de tudo de que seu marido gostava, portanto comeu-se e bebeu-se até alta noite.

Na que se estava seguindo, repetiu-se a mesma scena.

No entanto conversavam.

— Mas, como ia fazendo notar, disse João, parece que o destino foi quem decidiu que nos ajuntassemos; eu fui um dos que cooperaram para sua desgraça, e portanto era justo que viesse ajudal-o a soffrel-a.

— Não nos lembremos disso, disse Helena.

— Sim, afoguemos os pezares com vinho.

— Vá feito! exclamou Jacob; á saúde da boa amizade.

E apenas esvasiados os copos, João os encheu de novo, porém com vinho differente.

— Esta mistura de vinhos é que hontem me fez mal, observou Helena.

— Ora, saúde... um dia não é todos os dias...

— Apoiado! bradou Jacob.

— Comamos um pouco deste bôlo inglez para fazer lastro.

— Vamos a elle, que está excellente!

— Eu já pedi a uma comadre minha a receita dos bôlos inglezes; mas a maldita egoista deu-me uma como a cara della.

— Perdemos uma duzia de ovos, meu caro João.

— Deixe estar, Sra. Helena, que eu lhe hei de trazer a verdadeira receita dos bôlos inglezes.

— Oh! Sr. João, não faz idéa do gosto que me dá.

— Sr. Jacob, lá vai a saúde da sua boa senhora!...

Jacob e Helena, pouco habituados a beber vinhos de diversas qualidades, começavam a demonstrar uma alegria e vivacidade muito significativas.

— Que vinho delicioso! disse o escrivão.

— Tem vinte e cinco annos de sepultado.

— Ah!... eu logo vi...

— Mais um copo.

Os dous não se fizeram rogar.

— A proposito, disse João: hontem o Sr. Jacob começou a contar-me uma historia que infelizmente não pôde concluir.

— Qual?

— A historia de uma grande trovoada domestica: uma briga entre marido e mulher, a consequente separação dos sujeitinhos, e depois a sua recente conciliação... que diabo! eu fiquei espantado de o ouvir contar as cousas, como se as tivesse testemunhado, e ainda mais me espantei quando disse que tinha documentos disso no coração.

— Quando... ah!...

Helena soltou tambem a sua risada.

— Elle não entende o que é o meu coração!...

— E' verdade... confesso que não posso adivinhar semelhante charada.

— E' segredo de familia, e portanto...

— Basta... já não quero saber. Vá um copo de vinho aos segredos de familia.

— Vá!

João, que desde a noite anterior concebia as melhores esperanças de realizar o plano que trouxera em mente quando viera morar em casa de Jacob, deixou passar cerca de um quarto de hora, durante o qual fez com que o ex-escrivão e sua mulher esvasiassem ainda mais dous calices de vinho, e depois disse:

— Mas, tornando, como lá se diz, á vacca fria, devo notar que não são muito concordes em um ponto da tal historia.

— Em qual?

— O Sr. Jacob diz que o casal brigado e separado reconciliou-se em consequencia de uma carta muito cheia de lamurias e de tolices, escripta por um delles.

— E' certo!

— Foi tal qual.

— Sim; mas hontem o Sr. Jacob sustentou que a carta estava assignada pela mulher, e a Sra. D. Helena jurou que era do proprio punho do marido.

— E' da mulher.

— E' do marido.

— Então em que ficamos?

— Não faltava mais nada?... uma mulher abaixar a cabeça a um homem!...

— Pois digo-lhe eu que a carta é da mulher! exclamou Jacob, dando na mesa um forte murro.

— E' mentira, Sr. João!

O velho soltou uma gargalhada estrepitosa.

Jacob e Helena, extremamente *espiritualisados*, teimavam um com o outro com desespero e furor: João, em vez de apazigual-os, os desafiava cada vez mais com suas gargalhadas.

— Ferve-me o sangue quando esta mulher do diabo teima commigo!

— Este homem, Sr. João, não abre a bocca que não minta! é um inimigo das mulheres...

— Pois se a carta é da mulher!...

— E' do marido!

— Oh! senhora... não teime...

— Tenho dito: é do marido.

— A senhora não sabe que eu tenho a carta no meu coração?...

João fez um movimento.

— Pois, se lhe parece... eu não tenho medo...

Jacob olhou para João com ar ainda meio temeroso.

Deixemo-nos disto, disse este; acabemos com esta contenda; vá á saúde dos bons esposos!

Os copos esvasiaram-se de novo; dahi a algum tempo João tornou:

— Mas vamos: a carta era da mulher ou do marido?

A embriaguez de Jacob e Helena já então era completa;

gaguejavam ambos, fallando ao mesmo tempo.

— E' da mu... lher...

— E' do ma... ri... do...

— Quem falla verdade? decidamos.

— Eu...

— Eu...

Os dous disputantes ficaram desesperados outra vez.

— Eu... vou... bus... car.. o co... ra... ção!... exclamou Jacob.

Helena respondeu-lhe com um insulto, e o escrivão, cambaleando e segurando-se pelas paredes, dirigiu-se ao seu quarto.

No entanto, e para que Jacob não se deixasse ficar no quarto, pois que tudo se podia esperar do estado de embriaguez em que se achava, João, instigando Helena, fazia com que a mulher injuriasse em alta voz a seu marido.

Jacob appareceu de novo á porta da pequena saleta.

João lançou um olhar cheio de curiosidade, de duvida e de esperança sobre aquelle homem.

O ex-escrivão vinha abraçado com uma caixa de jacarandá, que se mostrava sob a fórma de um coração.

Era de facto aquillo que ardentemente desejava vêr o antigo agente de Salustiano: era o coração de Jacob.

— Até que, emfim! murmurou João por entre os dentes.

E ergueu-se para ir ajudar a Jacob que vinha cambaleando.

O ex-escrivão chegou finalmente á mesa, e indo depositar ahi a caixa que trazia, debruçou-se sobre ella olhando meio risonho, e ainda meio desconfiado para João.

— Vamos decidir a questão, disse este.

— E' do ma... ri... do, balbuciou Helena.

Com um movimento de desespero o ex-escrivão desabotoou o seu infallivel fraque roxo, abriu a camisa, e deixando vêr um peito vermelho e cabelludo, foi com mão mal segura tirar um cordão preto, a que estava presa uma pequena chave.

— Vejamos... vejamos... disse João todo desejos e esperanças.

Jacob trabalhou por muito tempo para introduzir a chavinha na fechadura; porém, conhecendo que o não podia fazer, sentou-se de novo risonho, e disse gaguejando:

— Que... di... a... bo... não pos... so.. pa... re...-ce...-me que... es... tou be... ba... do.

— Dê-me a chave, que eu abro...

O ex-escrivão soltou uma gargalhada, sacudiu a cabeça e tornou a enfiar o cordão no pescoço.

— Tambem não vale a pena perder tanto tempo por isso, tornou João; acabemos o prazer desta noite com um ultimo copo de vinho.

E encheu os copos. Jacob bebeu metade, e entornou sobre a mesa e sobre si mesmo a outra metade.

Helena não bebeu, porque já dormia a somno solto.

O antigo agente de Salustiano deixou cahir a cabeça, e pareceu adormecido.

Dahi a pouco Jacob roncava como um endemoninhado.

No fim de um quarto de hora João ergueu-se, observou cuidadoso os dous esposos; abriu a camisa do ex-escrivão tirou-lhe o cordão do pescoço, e introduzindo a chavinha na fechadura da mysteriosa caixa, deu uma volta, e o coração de Jacob ficou por dentro patente a seus olhos.

A caixa estava cheia de papeis de todos os tamanhos e de toda natureza.

Cartas de familia, escriptos de amor, originaes de antigos impressos, tiras de papel com algumas linhas escriptas, mas cujo sentido era quasi impossivel decifrar, antigos processos... papeis judiciaes... e uma multidão immensa de outros objectos enchiam o coração de Jacob.

O ex-escrivão tinha realmente dádo um nome muito significativo áquella caixa: era o seu coração.

Era o coração do homem máo, intrigante, maledicente. Dentro delle estavam os materiaes, com que elle podia accender a guerra entre familias.

Jacob era um malvado, ou para melhor dizer, um miseravel malvado.

João não se demorou em fazer observações sobre o que tinha diante dos olhos; foi passando um por um todos aquelles papeis, até que chegou a um processo.

— Ah! eil-o aqui!... eil-o aqui!... exclamou sem poder sustel-se.

E folheando o processo chegou a um logar, em que havia um documento:

— A letra falsa!... disse.

E como se mais nada lhe importasse do resto; como se houvera completado a sua missão naquella casa, guardou o processo no largo bolso de sua sobrecasaca, fechou o coração do máo, poz de novo o cordão no pescoço de Jacob, e indo ao corredor da casa despertou a escrava, mandou que lhe abrisse a porta da rua e tomando o chapéo, sahiu.

Era mais de meia noite.

XXI

Marianna

Uma verdadeira guerra de emboscadas era a que estava declarada: cada um dos combatentes tinha seu segredo, e por elle velava: alguns tinham dous segredos tambem; um que fazia alentar e outro que fazia córar: outros viviam suspensos e temerosos, victimas innocentes da intriga que fumegava.

João e Rodrigues, senhores das pontas daquella meada embaraçada velavam, tendo os olhos fitos em Salustiano e Marianna; mas pareciam guardar ainda para si o — seu segredo querido, — que era talvez a historia de Candido.

Salustiano e Marianna esperavam e tremiam: tinham ambos que esperar: ambos porém tinham ao mesmo tempo de córar.

A velha Irias ignorava por ventura tudo? parece ao menos que sim.

Anacleto, Candido e Celina eram aquelles que viviam suspensos e temerosos, eram elles as victimas innocentes que se preparavam, porque o primeiro deveria chorar por sua filha, e os dous ultimos por seu amor.

Henrique nada temia e tudo esperava; estava quasi a brilhar o dia de seu casamento.

Os acontecimentos se iam precipitando e deixavam adivinhar que o drama corria para um proximo desfecho. O dia que succedeu á noite de embriaguez de Jacob e de Helena, embriaguez que havia deixado cahir o coração do ex-escrivão nas mãos do antigo agente da casa de Salustiano, foi de terriveis surprezas para o primeiro e para Marianna.

Salustiano soube na manhã desse dia que um documento importante, que o tornava criminoso publico, havia cahido nas mãos do homem que dous dias antes se declarára seu inimigo.

Concebe-se qual deveria ser o effeito dessa horrivel noticia: era um raio que acabava de levantar-se sobre a cabeça do misero mancebo.

A Providencia castiga o crime por todas as maneiras: castiga-o mil vezes por seus descuidos e imprevidencias; aquelles que tinham comprado Jacob, poderiam e deveriam têl-o visto queimar o processo e a letra falsa: a falta desse cuidado era agora um castigo que vinha sobre o crime, que não deveria ficar impune.

Salustiano mandou deitar fóra de sua casa o ex-escrivão, que acabava de lhe trazer a fatal nova, e ficou só... perdido em um mar de reflexões torturadoras... aterrado e furioso.

Depois lançou-se sobre sua secretária e escreveu uma carta com rapidez e desesperação.

.....

Por sua parte Marianna tinha apparecido naquelle dia mais abatida que de ordinario. Um sonho terrivel a atormentára toda a noite; acordára tres vezes aos gritos de uma criancinha recemnascida que lhe bradava: — minha mãe!

Depois do almoço retirou-se para o seu quarto e ficou dolorosamente pensando... no futuro que a esperava.

Era um futuro portanto bem duvidoso!... de um lado estava Celina, que não daria nunca sua mão a Salustiano; do outro lado estava esse mancebo abominavel prompto para fallar, e com uma folha de papel na mão: e sua primeira palavra era a deshonra, e esse papel era o corpo de delicto da desgraçada viuva!... e para completar o quadro, via-se no fundo um misero velho curvado pelos annos e pelos pezares, chorando com os olhos em sua filha, e descendo para dentro de uma cova funda como um abysmo!

E depois de tudo isso a imagem de um mancebo pallido e melancolico... a imagem de Henrique tão bello, tão cheio do mais puro amor, tão capaz de fazer a ventura de Marianna!...

Pensava nisso, via tudo isso a infeliz mulher, continuava sempre a pensar e a ver, até que ás onze horas da manhã uma escrava entrou em seu quarto, e entregou-lhe uma carta que acabava de chegar.

Marianna abriu a carta e estremeceu ao ler a assignatura.

Era a carta de Salustiano.

Retirou-se a escrava a um aceno da viuva, que, apenas se achou só, leu a carta: "Senhora, um acontecimento, que pouco lhe importará saber qual seja, porque sómente a mim diz respeito, acaba de abrigar-me a modificar minhas disposições; a escriptura

de meu casamento com a senhora sua sobrinha devem impreterivelmente ser hoje assignada. As cinco horas da tarde terei o prazer de ir ao Céo cor de rosa, levando commigo a escriptura de que fallo, e a carta, que, com toda probabilidade, espero deixar hoje em suas mãos. Tenho a honra de assignar-me, etc. — Salustiano".

Marianna ficou petrificada, pallida e immovel como um cadaver ao principio; depois com o rosto contrahido, os olhos espantados e o corpo convulso, causaria piedade ao coração mais duro.

Era a sentença final que a misera acabava de ler... que lhe restava?... que lhe cumpria fazer?...

Mas, passada uma hora, a graciosa cabeça daquella encantadora mulher ergueu-se bella e orgulhosa; brilharam seus olhos com ardor immenso, suas faces se animaram com o rubor da vida, e um sorriso, que se não podia bem traduzir, que tinha alguma cousa do rir terrivel do desespero, e do rir socegado de um martyr christão, raiou em seus labios grossos e voluptuosos, deixando alvejar seus lindissimos dentes.

Animava-a a idéa de um novo crime: ella se exaltava com um pensamento sinistro.

— Vencerei... a meu modo!... murmurou ella.

E depois, por entre uma risada nervosa, e como filha da loucura, accrescentou:

— E' um tigre!... é um tigre que pretende devorar-me!... livrarei a minh'alma de suas garras... deixar-lhe-ei o meu corpo... ah! sim!... o tigre que se farte no meu cadaver!...

A infanticida meditava no suicidio!...

Porém ella sentiu rumor: ouviu passos compassados de alguem que vinha subindo a escada: eram os passos de um velho.

Marianna correu a receber seu pae.

— Meu pae!... exclamou ella.

O velho recuou dous passos, como sobresaltado, depois cruzou as mãos e disse:

— Graças a Deus!

— Porque, senhor?

— Por que emfim te vejo alegre, Marianna.

Foi com tão viva expressão de prazer que aquelle bom velho agradeceu ao céo a alegria que estava brilhando no rosto de sua filha, que ella mesma não pôde resistir á dor que lhe causava a mentira que illudia seu pae.

Os olhos de Marianna arrazaram-se de agua: a misera come-

çou a soluçar desabridamente, de joelhos, abraçada com as pernas do sensivel velho.

— Minha filha! minha querida filha!... que é isto?... bradou então elle; por acaso enganei-me eu?... és sempre incomprehensivelmente desgraçada?...

Marianna chorava mais ainda.

— Filha da minh'alma, continuou Anacleto chorando tambem, falla! derrama no meu coração os teus pezares... falla pelo amor de Deus! se tens um segredo, onde acharás para esse arcano mais bem cerrado tumulo, do que o coração de teu pae?... oh! falla!... a alma de um pae se abre piedosa ás penas que te dilaceram; falla! se um tal silencio continúa e continuam essas lagrimas e esse constante soffrer, cuja causa me escondes, eu não posso resistir mais... eu morro, de certo!

— Senhor... balbuciou a misera.

— Ah! é porque tu não sabes o que é ser pae Marianna; é porque ignoras que não ha punhal que rasgue mais dolorosamente as entranhas de um pae, do que as lagrimas de uma querida filha!... falla, meu anjo, falla, meu amor, falla, minha filha!... por que choras?... tens por ventura commettido uma falta?... a alma de teu pae é grande para t'a perdoar!... offenderam-te?... falla, e meu tremulo braço readquirirá as perdidas forças para vingar-te... o que tens? vê que o teu silencio faz mal a ti mesma... lembra-te que esse mysterio, em que envolves a tua dor, póde dar logar a que alguem suspeite...

Com a rapidez do relampago desappareceram todos os signaes de dor ou de enternecimento, que em Marianna acabavam de mostrar-se. Tinha despertado a vaidade... a mentira.

A viuva ergueu-se.

— Então, minha filha?

— Nada soffro, meu pae.

— Mas que contradicção é essa?... chego e acho-te risonha; dou graças a Deus pelo teu contentamento, e cahes a meus pés desfazendo-te em pranto; chorando tambem por minha vez, peço-te que falles; e tu te ergues altiva, com os olhos enxutos, e me dizes que nada soffres?!! como explicar isto?

A viuva pensou um momento, e depois respondeu tão socegadamente como se fôra a propria verdade, que nos seus labios fallasse:

— Meu pae, disse ella, tenho-lhe causado immensos pezares...

— Não nos lembremos das dores passadas: o que eu quero saber é simples: o que te atormenta hoje?

— Remorsos.

— Remorsos?!! exclamou Anacleto.

— Sim, meu pae; remorsos dos desgostos que lhe tenho causado.

O velho fitou por alguns instantes os olhos no rosto de sua filha; depois, sacudindo tristemente a cabeça, disse:

— Não é isso.

— Oh! é isso, meu pae, é isso mesmo. Fui desde criança uma louca, cheia de presumpção e vaidade, a mais pequena contrariedade offendia meu orgulho; um homem, que deixasse de queimar incenso a meus pés me levava ao desespero; e depois, envergonhada de meus sentimentos, de minhas puerilidades, eu escondia a causa de minhas penas a meu pae, que chorava julgando-me desgraçada, quando eu era sómente uma pobre louca.

— E mais nada? perguntou Anacleto.

— Muito mais, meu pae, muito mais; porém tudo se reduz pouco mais ou menos a isso.

— E ultimamente?

— Ultimamente eu era, eu sou louca como d'antes; eu sou criança ainda hoje, meu pae.

E com um sorrir gracioso Marianna continuou:

— Devo confessal-o?... pois bem: eu sou ciumenta, meu pae, perdidamente ciumenta: estou para casar-me, e se Henrique olha duas vezes para uma senhora, faz-me estar triste um dia inteiro; se conversa com prazer com outra, sou capaz de chorar duas horas. Eu não disse já que era louca?

— E mais nada? perguntou Anacleto de novo.

— Pois o que mais, meu pae?

— Minha filha, tu não queres ainda confiar-me os teus pezares; não tens piedade deste pobre velho, que tanto te ama!... paciencia!

Outra vez se encheram de lagrimas os olhos de Marianna.

— Choras ainda?... eis ahi...

— Meu pae! eu lhe tenho feito soffrer muito; ainda hoje, ainda agora acaba de chorar por minha causa; pois bem; eu lhe prometto que amanhã, e que mais nunca me ha de ver pezarosa.

Anacleto estremeceu todo, e disse:

— Marianna!...

— O que tem, meu pae?

— O que acabas de dizer póde-se entender de dous modos:

é um pensamento que pertence tanto á vida como á morte, e talvez que ainda mais a esta ultima.

— Morte!... disse a viuva rindo-se; pensar em morte uma moça, que está em vesperas de casar-se?

— Ah! Marianna, quem te poderá comprehender sufficientemente?!!

A viuva apertou a mão de seu pae entre as suas, e perguntou:

— Meu pae, encommendou as flôres?

— Encommendei, respondeu o velho suspirando.

— Eu quero que o meu vestido de casamento esteja prompto amanhã.

— Está bem.

— Meu adereço de brilhantes?

— Tambem amanhã o terás.

— Como meu pae me ama!!! exclamou Marianna abraçando o velho.

Anacleto apertou sua filha contra o coração sem dizer palavra.

O velho soffria muito; apezar de todos os esforços que fazia a viuva, o olhar penetrante de seu pae lia-lhe a mentira no rosto.

Ah!... se elle pudesse lêr tambem o pensamento sinistro e infernal, que pairava no animo de Marianna; se elle adivinhasse que debaixo daquelle rosto tão bello e tão risonho, daquelles olhos tão ardentes, e dentro daquella cabeça tão graciosa estava a idéa da morte... o suicidio!...

— Mas, disse Marianna, agora é que eu reparo... meu pae está vestido para sahir.

— Sim; lembrei-me, apenas ha uma hora, que faz hoje annos um de meus velhos amigos, e vou jantar com elle; vinha por isso dizer-te adeus.

— Não pretende voltar cedo?

— De ordinario a gente se demora mais nestes dias...

— Então a que horas?

— A's dez da noite, pouco mais ou menos.

Apezar seu, Marianna sentiu que lhe iam faltar as forças... tornou-se pallida, e segurou-se a uma cadeira.

Infelizmente escapou isso aos olhos de Anacleto, que se dispunha já a sahir.

— Meu pae, disse a viuva com voz muito commovida e suspendendo o velho, que já se achava na porta, meu pae, prometti-

lhe que nunca mais me havia de ver pezarosa... pois bem; abençôe de coração a sua filha.

— Anacleto voltou-se com os olhos humidos, e abençoou Marianna. Depois sahiu.

— Abençoou-me pela ultima vez! murmurou surdamente a viuva.

E ficou estatica... pasma... aterrada. Tinha a morte n'alma.

XXII

Os remorsos

O crime mesmo, quando parece triumphar ou poder fugir ao castigo dos homens, envolto nas sombras dos mysterios, é ainda assim mil vezes mais desgraçado do que a innocencia, que succumbe.

A innocencia é sempre bella, sempre pura, sempre anjo aos olhos de Deus, que vê tudo, que vê o bem e o mal. A innocencia espesinhada pelos homens, ou com nobreza os despreza, ou chora doida de suas injustiças; mas seu coração se volta para o céo, e suas esperanças voam para a eternidade: lá em cima o juizo dos homens é nada.

A innocencia é a virgem encantadora amada por Deus: Elle lhe paga cada lagrima com um triumpho: a gloria que a espera é tanto mais subida, quanto mais doloroso foi o seu martyrio cá em baixo.

E o crime?...

O crime é sempre duas vezes formidavelmente castigado, sem contar com as penas e tormentos a que o podem condemnar os homens.

E' castigado uma vez cá em baixo, e outras lá em cima: a sentença não tem appellação nem na terra nem na eternidade; porque, quem sentenceia é o juizo seguro, justo e severo de Deus.

Os castigos inventados pelos homens são nada. A que se reduzem esses castigos?... aos tormentos physicos, á dôr: tornam-se inefficazes, ou por momentaneos, ou porque o habito de os soffrer os nullifica.

O que é a forca ou a guilhotina?... uma hora de terror, e um momento de dôr. O que é a prisão com trabalhos?... per-

guntae aos galés se no fim de um anno lhes pesam os ferros como no primeiro dia; se no fim de dez annos os seus soffrimentos são os do primeiro anno?....

E depois, contra a policia e vigilancia dos homens, tem o crime os ermos e as noites; e tem mil vezes, para vergonha da humanidade, uma protecção escandalosa, que o torna impune; embora em casos taes essa protecção deva ser considerada um outro crime... igual talvez ao primeiro.

Mas, graças a Deus, ahi está sobre os homens, vigilante sempre, o olhar luminoso da Providencia.

Não ha ermos para esse olhar; os bosques sombrios, as cavernas, as altas penedias apparecem diante delle lisos todos como a superficie de um quieto lago.

Não ha noite, não ha trevas, não ha mysterio: esse olhar e o sol.

Não ha protecção possivel; perante o alto juizo, quem protege um delinquente é o delinquente mesmo com o arrependimento sincero e profundo; com a pratica de nobres e puras acções.

E esse juiz severo e justo castiga duas vezes: cá... e lá, e os tormentos não são destinados ao corpo: o pó fica desprezado, quem soffre é a alma.

O juiz severo, justo e omnipotente castiga lá... em sua infinita sabedoria — elle sabe como; — nós, miseros insectos diante delle, não podemos comprehender esse castigar da omnipotencia.

E cá, elle creou na alma do homem a consciencia. A consciencia é terrivel... a sabedoria de Deus fez cada homem juiz de si mesmo, e cada criminoso algoz de si proprio.

A consciencia castiga com os remorsos. O corpo continúa sempre desprezado, os tormentos são ainda e sempre votados ao principio, que pecca.

O ladrão não dorme o somno que regenera as forças; dorme um somno que fatiga; porque elle desperta cem vezes ouvindo o tinir do ouro, que roubou; e outras tantas vezes vendo diante de si a imagem do carrasco.

O assassino inda mais, esse homem que, mercê da morte e da solidão, matou impunemente o seu semelhante, que enterrou seu cadaver ás escondidas no deserto, e que vos parece viver socegado e impune, porque a justiça humana ignora o seu crime; esse homem... soffre mais do que soffreu sua victima no momento terrivel, em que viu erguido sobre o seu peito o punhal mortifero, esse homem véla sempre... de dia e de noite um phantasma o persegue e maldiz; sua sombra tornou-se um es-

pectro; elle vê a cada passo a sepultura que abriu; vê o cadaver que enterrou; escuta o som do soquete com que calcou a terra... e vê erguendo-se da cova vingativo e formidavel o esqueleto do morto.

Sabes quem é o pintor que prepara esse quadro formidavel?... é a imaginação escravisada pelos remorsos. Os remorsos não são outra cousa mais do que o castigo, que Deus impõe ao crime cá na terra.

A infinita sabedoria de Deus quiz que o homem se punisse a si mesmo; e o homem, com effeito, a si proprio se atormenta com esse apparelho de horriveis torturas, a que se dá o nome de remorsos.

A desgraçada filha de Anacleto estava sendo a prova viva desta verdade eterna.

Marianna era uma mulher enormemente criminosa, não tinha ainda comparecido como ré diante de nenhum tribunal da terra; mas o castigo de Deus torturava a misera.

Ella tinha remorsos.

Como havia essa mulher sido levada á perpetração de um crime horroroso? ella, filha de um homem bom, irmã de um honem virtuoso, tendo diante dos olhos constantes exemplos de piedade e religião?... como?... ah! não precisaes ir pedir uma resposta ao pessimo da natureza humana, com que erradamente pretendeis explicar os effeitos das paixões, que não foram combatidos desde o berço.

Quereis saber porque Marianna ousou tanto?... perguntae á vaidade.

A filha de Anacleto, lindo anjinho na infancia, encantadora moça depois, bella senhora inda então, cheia de graças e de espirito, havia sido creada sempre no meio de uma atmosphera de fataes lisonjas, respirou um ar de mentiras desde o principio, com esse ar habituaram-se os seus pulmões; a verdade que fôsse um pouco menos lisonjeira seria capaz de suffocal-a; objecto de um amor extremoso e cego da parte de seus parentes; objecto de culto e de adoração dos estranhos, Marianna julgou-se a princeza da formosura, empunhou orgulhosa o sceptro da belleza; ergueu a cabeça acima de todas as suas contemporaneas, e, cheia de vaidade, queria fitos em si todos os olhos, absortos diante della todos os homens, e curvos a seus pés todos os amores.

Perder essa posição seria morrer.

Mas ella amou, amou, e foi fraca, amou, e um dia viu que o seu throno ia ser despedaçado; que o sceptro ia escapar de suas

mãos; que os cultos e as adorações tinham de desapparecer para ella; que ao muito ella seria dahi por diante objecto de commiseração e piedade; porque, emfim, ella tinha amado e sido fraca; tinha murchado em seu rosto a mais bella das flôres, a flôr da innocencia, e a natureza fallava em voz alta dentro de seu seio...

A misera lembrou-se então desse mundo encantador, que a adorava como rainha, e que bem depressa se ergueria rebellado e furioso para arrancar-lhe o sceptro de flôres...

Que partido havia a tomar?

Um meio lhe suggeria o espirito; um meio que a livrava das humilhações: era um meio extremo... e desesperado; era o suicidio; mas o mundo se mostrava a seus olhos tão bello... tão feiticeiro!... e ella tinha apenas quinze annos de idade!... qual é a moça de quinze annos que não ama loucamente um mundo, que se sorri de joelhos a seus pés? morrer, não, aos quinze annos Marianna não se achou com bastante força para matar-se.

Que outro partido restava?... a resignação.

Ainda ha pouco, tinha fallado o amor do mundo para repellir a idéa da morte; agora, contra a idéa da resignação, ergueu-se o amor de si mesma levado a excesso; ergueu-se a vaidade. Resignar-se a que?... a passar de rainha a vassalla?... não ganhar mais nunca um só desses olhares ardentes e puros, que corações anhelantes dardejam sobre o rosto da innocencia?... resignar-se-ia, quando passasse pallida e dolorosa, ouvir dizer — coitada! — quando ella estava acostumada a escutar — formosa!... — oh! era muito para Marianna. A mulher vaidosa escolheria antes a morte que a resignação.

E, com effeito, a filha de Anacleto não se quiz resignar ao triste papel que lhe marcavam as consequencias do seu erro. Primeiro esperou que o homem que a illudira a salvasse; quando não pôde mais esperar nada desse homem, esperou do tempo... ella mesma não sabia o que; mas esperava sempre.

Quando, porém, o tempo correu tanto, que tinha já corrido assás... Marianna despertou assombrada ante o aspecto sinistro de uma desgraça imminente.

Fallou outra vez a morte... fallou outra vez a vaidade... a resignação ficou sempre vencida, as paixões triumpharam sempre.

A misera teve um dia de desespero, de febre... um dos mais fataes demonios, que tentam e perdem o coração humano, a vaidade soprou um pensamento horroroso... abominavel na alma da

desgraçada mulher; esse pensamento era uma infamia... era um crime... mais realizou-se.

Foi um infanticidio.

. . . . . .

Marianna era sempre rainha.

O segredo de sua honra tinha escapado aos olhos do mundo. Os homens não podiam julgal-a criminosa...

Mas o olhar de Deus estava sobre ella terrivel e severo.

Mas a lei eterna da Omnipotencia se estava cumprindo á risca, a delinquente se punia a si mesma; a mãe desnaturada era o algoz de si propria.

Marianna tinha remorsos.

No movimento bello, encantado, estrepitoso de um baile, quando tudo era prazer, perfumes e flôres; ao som dos instrumentos, que executavam a musica viva de uma valsa; ao som das doces lisonjas que dez cavalheiros murmuravam a seus ouvidos, Marianna via a imagem de uma criança recem-nascida, que jazia morta no meio da sala: ouvia a natureza exhalando um gemido pungente... e ouvia maldições e pragas, que mil bocas invisiveis estavam proferindo contra ella...

Depois vinha um menino loiro, travesso e bello, brincar ao seu lado... então ella se lembrava!... e essa lembrança era terrivel; era um punhal de lamina envenenada... era o castigo de Deus.

A sua vida foi sempre assim, sempre triste e fria dentro do coração, embora os labios se sorrissem obedecendo ainda á vaidade, que os mandava sorrir. Era uma vida partida em duas, bem distincta uma da outra: uma, a vida exterior, que era a mentira, que lhe brincava no rosto; outra, a vida interior, que era a verdade, que lhe roia o coração. Resumidas e combinadas ambas essas vidas, davam em resultado a peor de todas: a vida de desgosto de si mesma.

Ao menos, porém, estava no meio de tudo isso, triumphando, a sua vaidade.

Ella era sempre rainha.

Mas uma noite... em uma dessas noites de festa, de ardor, de prazeres fugitivos, um mancebo se apresentou junto della, deu-lhe o braço, e aproveitando um passeio, pronunciou a seus ouvidos duas palavras sómente.

O terrivel mancebo sabia tudo!...

A rainha cahiu do seu throno... uma palavra só daquelle mancebo a podia tornar objecto de sarcasmos e de maldições...

E a vaidade ainda triumphou, Marianna ainda se não quiz resignar, e para continuar a ser incensada naquelle mundo, que era tudo para ella, sujeitou-se a representar dahi por diante o triste papel de escrava de Salustiano.

O resultado de tudo isto já não se ignora. Marianna estava soffrendo tambem o castigo de seu crime, imposto pelo poder de um homem.

E o seu destino tocava um terrivel extremo, a hora fatal batia.

.. ..

A desgraçada filha de Anacleto havia ficado em seu quarto pasma e aterrada logo depois que seu pae a deixou só.

Agora é o começo da tarde.

Marianna havia descido, e achava-se sentada no sofá, na sala de visitas do Céo côr de rosa.

Tinha vindo esperar Salustiano; no entanto meditava.

O aspecto da triste viuva trazia em si um não sei quê de sinistro, seus supercilios, bastos e negros, estavam dolorosamente enrugados, de modo que quasi se confundiam um com o outro; no entanto, e apezar disso, seus olhos brilhavam, mas não com o fogo da vida... todas as suas feições se achavam contrahidas, e quando ella fallava, notava-se em sua voz alguma cousa, que se não podia explicar, mas que produzia uma impressão sobremodo desagradavel.

Estava toda vestida de branco, mas trazia cingindo-lhe a cintura uma fita negra, cujas pontas cahiam até o chão. Essa fita era lugubre.

Conservou-se muito tempo na mesma posição, immovel e indifferente a tudo; parecia haver medido perfeitamente o fundo do abysmo, aberto debaixo de seus pés, e como que penetrada da certeza de não poder salvar-se delle. Não estava socegada, estava inerte.

Marianna tinha tomado todas as medidas para não ser incommodada por testemunhas importunas naquellas horas; seu pae deveria voltar bem tarde; e a rogos della, Celina promettera não descer ao primeiro andar senão quando fôsse chamada.

E, portanto, ella esperava sómente uma pessoa; esperava Salustiano... a morte.

Depois de algum tempo de sinistra immobilidade e mudez, a viuva levantou a cabeça que tinha um pouco inclinada, e, como se fallasse a alguem, murmurou com voz pausada:

— Eu lhe disse um dia que elle se não lembrava de que, se os homens sabem matar, as mulheres sabem morrer.

Sorriu-se terrivelmente, e disse:

— Provar-lh'o-ei.

Sorriu-se de novo, e ainda mais terrivelmente; depois tirou do seio um pequeno embrulho de papel; abriu-o com mão firme, e olhou; o que havia dentro era pó branco.

— Arsenico!... balbuciou a misera com ironia amarga e despedaçadora; arsenico!... o unico amigo, que nesta crise me acompanha e me salva, é um pouco de arsenico!...

Guardou de novo o embrulho no seio, e depois proseguiu:

— Vejamos se ainda me lembro do que li.

Ella pareceu recordar-se de alguma cousa, e foi repetindo compassadamente.

— Sabor acerbo e metalico... constricção de garganta... soluços... syncopes... resfriamento do corpo... sêde... vomitos... prostração... delirio... convulsões... morte!...

Passado um instante perguntou a si mesma:

— E depois?!!!

E respondeu a si mesma com um tom horrivelmente lugubre:

— Depois, a eternidade.

E estremeceu da cabeça até aos pés.

Ficou por algum tempo muda, e como que aterrada; mas, emfim começou a dar um livre curso a seus pensamentos.

— O suicidio!... o suicidio!... que quer dizer o suicidio! quer dizer que um homem ou uma mulher tem horror de si mesmo, julga-se de mais na terra, accusa-se perante si proprio, sentenceia-se, condemna-se, e executa-se!... Oh! tenho eu o direito de matar-me?... dizem que não, mas o mundo não tem tambem o direito de cuspir-me no rosto?

Mas a religião proscreve o suicidio... e que faço eu?... tróco um martyrio horrivel por outro mais horrivel ainda... tróco os martyrios da carne pelos tormentos da alma... tróco o mundo pelo inferno!!!

A misera soltou uma risada nervosa.

— Ainda bem! proseguiu; ainda bem que o sei... o inferno me pertence...

O rosto de Marianna tomou uma expressão medonha... ella

murmurou no meio de uma dilatação de labios, que não era riso, que era quasi uma convulsão horrorosa:

— Eu sou um demonio... eu matei meu filho!...

Respirou dolorosamente e continuou:

— O suicidio! oh! sim! este é o meu segundo suicidio; pois então! não matei eu a carne de minha carne?... não derramei o sangue do meu sangue?... sim; esta é a segunda vez que eu mato; inda bem que é a derradeira.

E eu devo realmente desapparecer do mundo; onde me havia de esconder amanhã? entre os homens?... quem?... eu?... a infanticida?... oh! os homens lançariam sobre mim os cães... eu não sou da sua especie... eu não tenho alma, ou então tenho alma negra!... deveria ir occultar-me nas brenhas?... oh! tambem não... lá os tigres amam seus filhos; eu sou mais feroz que os tigres.

O que me resta é bem claro; neste mundo resta-me um sepulchro... no outro espera-me o inferno.

Este mundo dar-me-á mais do que devia; porque o cadaver da mãe que mata seu filho ha de tornar esteril a terra, onde se enterrar. O outro mundo dar-me-á o mais que póde... o que eu mereço.

Ah! eu me amaldiçôo a mim mesma!

E' preciso que eu morra; sim... esta mão, que deveria estar mirrada, ia tocar a dextra de Henrique... a mão pura de um mancebo honesto e honrado; oh! o crime é contagioso... eu ia infectal-o... o meu amor é hediondo; eu sou para as féras mais sanguinarias o que as féras mais sanguinarias são para os homens.

E' preciso que eu morra.

E meu pae?!!

A misera arrancou das entranhas um gemido pungentissimo; desenhava-se a seus olhos a figura dolorosa do pobre velho, morrendo, a chorar ajoelhado sobre sua cóva.

— Meu Deus! meu Deus! exclamou ella de joelhos e com as mãos levantadas: meu Deus! não me perdoeis embora os horriveis peccados que tenho em minha nefanda vida commettido; mas perdoae-me senhor da minhalma, perdoae-me as lagrimas que meu pae tem chorado e vae ainda chorar por mim; perdoae-me meu Deus, os desgostos de que tenho enchido aquelle amoroso coração! meu Deus! meu Senhor! valei a meu pae na dôr immensa, que elle vae soffrer!

Depois ella ergueu-se, e como se devesse estar vagando de tor-

mento em tormento, como se tivesse antes de chegar o termo fatal, a morte, de passar por mil torturas, Marianna apertou as mãos contra o seio, e murmurou chorando:

— E meu filho!...

E proseguiu por entre soluços:

— Meu filho, que hoje deveria ser um bello mancebo, que me levaria pelo braço á igreja e aos passeios, que me consolaria em minhas afflicções, que me defenderia... que daria a vida por sua mãe!... oh! para que fui eu fazer-me a mais malvada e mais infeliz de todas as criaturas?!!

"Meu filho! meu querido innocente!... meu bello anjinho! Ah! se elle vivesse, vêr-me-ia eu hoje reduzida a tanta miseria?... louca... criminosa que fui? troquei a vida de meu filho por um pouco de arsenico! crimes duas vezes... demonio sempre!

E apertando a cabeça com as mãos, a misera, tendo os cabellos já cahidos desordenadamente, começou a vagar a largos passos pela sala, exclamando de um modo horroroso:

— Eu o matei! eu o matei!

Finalmente pareceu serenar: veiu sentar-se de novo no sofá; mas quem lhe visse o rizo estupido que lhe enfeiava os labios, quem lhe notasse os movimentos successivos, rapidos e inconsequentes, comprehenderia que um excesso de dôr punha em desarranjo as idéas daquella infeliz mulher.

Ella sentou-se, pois, e dahi a pouco com uma especie de alegria que era capaz de fazer chorar, disse baixinho:

— Ninguem o sabe... ninguem o sabe; só elle... o máo; porém, elle me verá morrer, e guardará segredo; ainda bem... ainda bem... ninguem o sabe.

— Eu o sei, senhora! disse uma voz rouca.

Marianna ergueu-se convulsa, lançou-se sobre a porta da sala, e perguntou desesperada:

— Quem está ahi?

A porta da sala abriu-se.

Appareceu o velho Rodrigues.

XXIII

Marianna e Rodrigues

Marianna, com os cabellos eriçados e os braços estendidos para diante, recuou espavorida, como se lhe tivesse apparecido um espectro.

O velho Rodrigues entrou vagaroso e socegado.

— Quem é?... perguntou a viuva aterrada, quem é o senhor?

— Sou o guarda-portão do Céo côr de rosa, senhora.

— E ouviu tudo?... balbuciou a misera.

— Não, respondeu o velho, eu não precisava ouvir nada, desde vinte e um annos que eu sei tudo.

Marianna deixou-se cahir quasi desfallecida sobre o sofá.

Rodrigues, vivamente commovido, approximou-se da infeliz mulher, e repetiu:

— Eu sei tudo.

A viuva sacudiu dolorosamente a cabeça, e murmurou:

— Não... não... é impossivel!

O velho, em pé diante de Marianna, descansou a mão sobre o encosto da cadeira, e disse:

— Mulher! tens soffrido muito.

— Oh! sim!...

— Vaidosa, tu és ferida na tua vaidade.

— Oh!... sim!...

— Rainha, tu te tornaste escrava.

— Oh!... sim!...

— Caracter forte, intrepido, e até insolente, tu te rebaixas hoje, tu te revolves no pó, tu tremes de palavras, que se dizem em segredo.

— E' verdade!

— Mulher destemida, tu és hoje a mais cobarde entre todas.

— E' certo.

— Tão cobarde, que te queres despojar da vida!...

— Oh!...

— Christã, tu olvidas as leis de Christo!

— Oh!...

— Ahi, no teu seio, tu escondes um instrumento de morte.

— Senhor!...

— Eu tinha os olhos sobre ti, mulher; eu vi tudo. E sabes e que te acobarda?... sabes o que te leva ao desespero? sabes o que te empurra para o tumulo? oh! tu o sabes, tu o sentes... é a consciencia do crime.

— Meu Deus!...

— Não ha véo bastante denso para esconder de todo os delictos: tarde ou cedo... tudo se descobre; e muitas vezes, um homem que commetteu um crime abominavel, e que se julga impune, porque acredita que todos ignoram a acção nefanda, que pra-

ticou; vai passando pela multidão com a cabeça levantada, sem saber que outro está apontando para elle e dizendo:

"Alli vai um malvado!"

— Oh! é verdade!!

— Mulher, desde muito que eu sei a tua historia, eu a sei mesmo muito melhor do que tu; vou repetir-t'a... escuta:

— Não... não...

— E' preciso que me ouças; quem sabe se dentro em pouco não estarás de joelhos a meus pés? escuta..

Marianna escutou com o rosto abrigado entre suas duas mãos.

O velho Rodrigues começou:

— No fim do anno de 1822, a cidade do Rio de Janeiro vivia a vida do enthusiasmo e das festas; a independencia estava proclamada, os ferros coloniaes tinham sido quebrados com desprezo; o congresso nacional, a assembléa constituinte ia em breve reunir-se, e trabalhar na execução da grande obra; levantar o magestoso monumento. O povo enthusiasta da liberdade festejava a liberdade; os saráos seguiam-se uns aos outros; o prazer estava em toda a parte.

Marianna exhalou, involuntariamente talvez, um suspiro de saudade.

— E no meio de mil formosas donzellas, que davam vida a essas festas, havia uma joven senhora, uma moça que acabava de sahir da infancia, e que fazia o orgulho das sociedades e martyrio das outras moças.

Marianna sentiu apertar-se-lhe o coração.

— Era uma joven extrema e perigosamente encantadora; era morena, tinha os cabellos e os olhos negros e brilhantes, o rosto cheio de viveza e malicia, o pescoço garboso como o de um cysne, e toda ella era bemfeita; formosa e bemfeita, que arrebatava, e tinha um olhar magnifico, fixo e ardente como o do tigre, um sorrir meigo e carinhoso que enfeitiçava; uma voz harmoniosa e tocante, e, finalmente, um andar que provocava, era uma mulher perigosa e terrivel... era capaz de ser o anjo da salvação, ou o demonio da perdição de um homem. Essa mulher immensamente encantadora chamava-se Marianna.

E Marianna suspirou de novo.

— Objecto de todas as attenções, os mancebos a rodeavam e festejavam de mil modos; os paes davam parabens ao pae da feliz moça; e as moças a invejavam; e as casadas tinham os olhos fitos em seus maridos por causa della; e as mães a malqueriam por causa de suas filhas; porém Marianna, orgulhosa de seus encan-

tos, passeava por entre aquellas senhoras, e por entre todos aquelles homens, como o sol que faz o seu giro no espaço, escurecendo as estrellas, e espalhando sua luz por toda a parte.

E a viuva suspirou ainda uma vez.

— Idolo de tantos, idolo de todos os homens, pelo menos, a indifferença de um era um insulto para essa moça tão bella, como vaidosa; era um insulto de que ella sabia vingar-se, trabalhando por prender maniatado ao seu carro o insolente, que se esquecera de vir queimar incenso aos pés da princeza das festas. Essa moça queria escravos adoradores, e presumpçosa acceitava todos esses cultos, concedendo ás vezes um olhar a este, um sorriso áquelle, uma palavra meiga áquelle outro, mas não dando o seu amor a nenhum.

— Foi assim, murmurou a infeliz.

— Todavia appareceu nas sociedades um homem, que não se lembrou de correr aos pés de Marianna, não era uma criança, nem um velho; ninguem lhe daria menos de vinte seis annos, nem mais de trinta; estava livre, tinha coração; e portanto devia pretender agradar á bella moça; esse homem não curou disso; melancolico e abatido, sempre vestido de luto, parecia tão occupado com suas magoas passadas, que não tinha tempo de admirar a belleza do dia. Esse foi a principio julgado uma féra bravia por Marianna, e portanto indigno de suas costumadas vinganças; depois, ella mudou de opinião, entendeu que era um motannhez mal educado; depois acreditou-o insolente e orgulhoso; e depois...

— Provoquei-o!... balbuciou Marianna.

— Provocou-o, repetiu o velho; Leandro (era o nome desse homem) despertou ás provocações da bella moça; viu... viu então, e observou pela vez primeira esse diluvio de encantos e de graças, que a natureza tinha accumulado nessa mulher, e não pôde resistir á necessidade de admiral-a, o amor tinha algum tempo antes aberto no coração de Leandro profundas feridas, que ainda não haviam cicatrizado; e, pois, elle fugiu de Marianna, como de um perigo, de uma tentação, de um encanto insidioso.

— Offendeu a minha vaidade!

— Sim, offendeu á vaidade da mulher altiva; e ella jurou ser, a todo o custo, dona daquelle coração; desde o momento em que concebeu um tal proposito, Marianna esqueceu todos os seus antigos adoradores, e, sem o pensar, queimou incenso por sua vez aos pés de um homem...

— Amei-o!

— Sim; a vaidade de Marianna fêl-a amar a Leandro. Todos

os meios de seducção de que ella podia dispôr foram postos em campo... o homem não resistiu; Marianna e Leandro amaram-se.

— Oh! foi assim mesmo!

— A' primeira hora de declaração do amor, seguiram-se dias de embriaguez e de felicidade inconcebivel, e seguiu-se uma noite de paixão delirante... de prazer feroz...

— Oh! basta.

— Teve logar em um dos arrabaldes da côrte uma brilhante festa campestre; havia um sarão no meio das flôres... um jardim illuminado... um lago cercado de luzes... um bosque de arbustos floridos adiante... encanto em toda a parte. Leandro e Marianna acharam-se presentes á festa, dançaram juntos, e foram juntos passear pelo jardim. Esqueceram o mundo e os homens... lembravam-se unicamente de seu amor... e primeiro vagaram por entre as flôres... depois conversaram espelhando-se nas aguas socegadas do lago... e depois entraram no bosque...

— Oh!

— O interior do bosque era sombrio; fóra soava a musica terna e maviosa; dentro exhalavam-se embriagadores perfumes; mas... outra vez o bosque era sombrio... senhora! Leandro e Marianna perderam-se no bosque.

— Perderam-se!... balbuciou dolorosamente a viuva.

— Quando voltaram, para de novo tomar parte na festa, Marianna estava pallida, e Leandro mais que nunca apaixonado.

— Elle sabe tudo! disse a pobre mulher.

— No dia seguinte, proseguiu o velho, Leandro foi visitar o pae de Marianna, e pediu-lhe a mão da bella moça; o casamento foi ajustado; deveria celebrar-se dahi a um mez; no entanto Leandro e Anacleto ligaram-se, como bons amigos.

— Ah!... por bem pouco tempo!...

— E' verdade; a intolerancia politica veiu logo separal-os; com effeito, o ministerio da independencia, o gabinete Andrada acabava de cahir; homens accusados de sympathia pelo antigo systema subiram ao poder; a população dividiu-se em dous campos inimigos, e a exaltação dominou em ambos. Anacleto extremava-se defendendo as velhas idéas, Leandro representava as novas, que pouco antes haviam triumphado. Um dia o velho e o moço encontraram-se defronte um do outro em completo antagonismo; o exaltamento de ambos inspirou-lhes palavras desabridas, e o pae de Marianna, estendendo o braço, mostrou ao noivo de sua filha a porta por onde devia sahir, para não tornar mais nunca á sua casa; ficaram inimigos irreconciliaveis.

— Oh! foi assim!

— Anacleto ordenou a sua filha que esquecesse para sempre o *feroz republicano;* e a desgraçada, que já não tinha o direito de esquecel-o, não teve animo de cahir aos pés de seu pae e de confessar-lhe que havia commettido um erro, e que sentia fortemente as consequencias desse erro. Mais ainda; Anacleto fez-se perseguidor de Leandro, que viu-se obrigado a viver occulto durante alguns mezes dessa época tão calamitosa. No entanto, senhora, tinham chegado do campo dous amigos de Leandro, dous amigos, que não hesitaram em dar a vida por elle; o infeliz abriu-lhes o seu coração... contou-lhes tudo; e João e Rodrigues, os dous amigos, tomaram sobre seus hombros o encargo de observar Marianna, de velar por ella...

Marianna levantou um pouco a cabeça.

— Como lamentavas tu, mulher vaidosa, a desgraça do homem que te amava?... como choravas tu, mulher imprevidente e louca, a tua propria desgraça?... alegre e festiva tu te embriagavas de novo com os prazeres da côrte... os saráos... os passeios... a vida de loucuras continuava sempre!... parecias até esquecida de ti mesma, ah! sim! mulher, a tua cabeça não se lembrava de teu seio.

Marianna tornou a esconder o rosto entre as mãos.

— O teu viver exasperava o infeliz Leandro, que não podia estar a teu lado, e que, escondido, via-te apenas pelos olhos de seus dous amigos. Elle comprehendeu que não serias nunca uma esposa extremosa e devotada em corpo e alma a seu marido; e todavia o pensamento unico que o occupava, a idéa que lhe roubava o somno, era a divida immensa, que te ficara devendo; suspirava pela liberdade para salvar-te; sabendo que te sorrias no mundo, que sorrias, mulher, tu que devias chorar, o infeliz chorava em dobro... chorava por ti... e por si.

Marianna não disse nada; conhecia-se porém que estava soffrendo muito.

— No entanto, proseguiu o velho Rodrigues, o tempo corria... as perseguições continuavam, a assembléa constituinte tinha sido dissolvida... os mais extremados patriotas deportados, Leandro não podia ainda apparecer. Foi então que soubemos que Marianna havia deixado a côrte para passar algum tempo com uma velha parenta estabelecida na roça. Comprehendemos o fim da viagem, e um dos amigos de Leandro, eu, senhora, fui encarregado de seguir Marianna. Compenetrei-me da delicadeza de

minha missão, e, decidido a tudo arrostar, tive uma conferencia particular com a velha parenta da amante de Leandro.

— Basta! balbuciou Marianna; vejo que nada ignora... nem do que falta... mas basta.

Sorriu-se tristemente o velho, e prosegulu:

— Rodrigues e a velha parenta deram-se as mãos, e velaram de commum accordo; e queres saber, mulher, qual foi o primeiro resultado dessa vigilancia?... foi descobrir-se que havia em uma das gavetas do toucador de Marianna um frasquinho cheio de um liquido sinistro... a decima parte desse liquido contido no frasquinho sobejava para afogar uma criança... e a mãe dessa criança tambem.

— Oh!...

— Pois, passado um mez, Marianna fez a sua primeira experiencia; bebeu a decima parte daquelle liquido, e, contra sua expectativa, passou ás mil maravilhas.

— Senhor...

— Passado outro mez... segunda tentativa; e o mesmo resultado ainda...

— Então...

— Ah! o outro mez era realmente para temer-se, a mulher louca e vaidosa empunhou o frasquinho, levou-o aos labios, e esvasiou-o todo, devia ser a morte o que ella tinha bebido.

— Meu Deus!...

— Ao anoitecer... dôres... ancias horriveis... no fim de algumas horas perda completa de sentidos... ficou como morta.

— Oh!... porque não morri, meu Deus!

— Senhora, quando aquella mulher abriu outra vez os olhos, a natureza fallou antes da vaidade, ella abriu os olhos e exclamou com dôr immensa: — meu filho!... — e a velha parenta, que a pouca distancia a observava tristemente, respondeu: — nasceu morto.

Ah!...

— Porém, no dia seguinte, ás onze horas da noite, senhora, a borrasca ribombava... a chuva cahia... os elementos estavam desenfreados... e um homem envolvido em longa capa negra foi bater á porta de uma pobre casa na cidade do Rio de Janeiro. Dentro dessa casa estavam rezando aos pés de Nossa Senhora das Dôres uma mulher velha e uma escrava; a porta foi aberta, o homem entrou, lançou a capa fóra de seus hombros, e em nome da Santissima Virgem Mãe de Deus, aquella mulher recebeu e adoptou uma criança recem-nascida.

— E essa criança?... exclamou Marianna com um grito desesperado.

— Era teu filho, Marianna!

A viuva soltou um brado arrancado do amago do coração, e cahiu aos pés do velho Rodrigues.

— O licor do sinistro frasquinho havia sido trocado.

— Meu filho!... meu filho!... bradava a pobre senhora.

— Mas desde que Leandro soube que a alma de Marianna concebera o horrivel pensamento de um infanticidio, e tratara de realizal-o, aborreceu-a tanto quanto a havia amado.

— E meu filho?... onde está meu filho?... perguntava Marianna desesperadamente.

— Essa criança foi criada com desvello e ternura; nada lhe faltou nunca... ao sahir da infancia partiu para a Europa... Educava-se lá quando seu pae morreu...

— E meu filho!

— Na vespera do dia de sua morte, Leandro fez sahir todos de seu quarto, e ficou só com seus dous amigos. "João, Rodrigues, eu vou deixar-vos o meu mais caro thesouro, disse-nos o triste pae; deixo-vos meu filho. Eu podia fazer testamento, e reconhecer por meu filho esse pobre innocente, que ambos conheceis, mas elle póde morrer antes de chegar á idade em que deverá receber a herança que lhe compete, e eu teria infructiferamente publicado um erro de minha mocidade, e dado assim a conhecer a uma mãe desnaturada o filho, que ella pensa ter assassinado. Pensei melhor, quanto a mim".

Leandro mandou-nos abrir a gaveta e tirar della um papel que designou, uma carta que estava fechada.

Eis aqui, continuou elle, uma carta que fareis chegar cautelosamente ás mãos da filha de Anacleto; vai ahi dentro toda a nossa correspondencia do tempo de amor e de esperança. Agora este papel, meus amigos, é a ultima prova que vos dou da minha amizade. Este papel é o escripto de reconhecimento de meu filho, que vós ides assignar como testemunhas, guardar para depositar em suas mãos, quando elle fizer vinte e um annos.

— João e eu assignamos e guardamos então o escripto de reconhecimento de teu filho, mulher.

— Oh! exclamou Marianna; mas que me importa isso?... que tenho eu com essa historia? ouviu, senhor, eu quero meu filho!

— Leandro morreu, senhora, continuou Rodrigues sem attender a Marianna; e ficaram seus dous amigos velando sempre so-

bre o pobre moço. Elle voltou da Europa, e eu tive o pensamento de trazel-o ao tecto em que morava sua mãe.

— Oh! sim!... sim... disse a viuva com as mãos postas.

— Para conseguil-o vim aqui pedir, como um pobre velho sem meios, o logar de guarda-portão do Céo côr de rosa. Dalli, daquelle alpendre velei por teu filho, mulher! dalli, daquelle alpendre, concebi o projecto de trazêl-o para junto de sua mãe, fazendo- oesposo da mais bella das virgens, esposo de Celina...

— Oh!... bradou Marianna, em cujo espirito tinha brilhado um raio de luz.

— E agora, mulher, teú filho? teu filho tem já vinte e um annos... ama a Celina; e tu, mulher, queres matar a mãe do misero mancebo, porque não pudeste conseguir roubar-lhe o coração da amada! sim, queres suicidar-te!...

— Meu filho!... meu filho!... meu filho!... bradava Marianna andando como louca pela sala.

— Tu o enxotaste já uma vez para longe desta casa!

— Meu filho!...

O movimento que havia, e o ruido que se fazia na sala, impediu que Rodrigues e Marianna ouvissem os soluços de alguem que se achava escutando junto da porta.

— Mas emfim, mulher, continuou o velho, tu tens sido já bem castigada!... agora...

— Eu quero meu filho!

Marianna fallava por entre lagrimas; seus cabellos estavam soltos, seu olhar brilhante, seu rosto enrubescido, e sua voz alterada.

— Escuta, disse o velho.

— Ouvi de mais, exclamou ella com força, não escuto nada... não quero... não posso, eu quero vêr meu filho... quero abraçal-o... quero beijal-o... quero... oh! meu filho é o anjo que me salva! meu filho é o perdão de meus peccados, que eu não merecia, e que Deus me concede!... ah!... não preciso que me guiem... eu conheço, eu sei quem é, eu sei onde está meu filho! vou vêl-o, vou buscal-o!... meu filho!...

E, quasi delirante, atirou-se para a porta.

Batiam nesse momento desesperadamente.

Rodrigues, com os olhos lavados em lagrimas, e soluçando com força, deu volta á chave.

A porta abriu-se, e elle entrou...

Mãe e filho cahiram ambos de joelhos, e abraçaram-se um com o outro chorando, e exclamando ao mesmo tempo:

— Minha mãe!...
— Meu filho!...
O filho de Marianna era Candido.

Filho e irmão

Elles continuavam abraçados misturando suas lagrimas e seus carinhos.

Era um thesouro insondavel, uma riqueza enormissima que ambos acabavam de obter do céo.

Candido achava finalmente o objecto daquelle amor santo de seu coração: abraçava sua mãe.

Marianna encontrava inesperadamente no mundo uma criatura que suppunha ter ella mesma feito desapparecer do mundo: abraçava seu filho.

Não havia mais vacuo no coração do mancebo; nem fantasma na imaginação da mulher.

Choravam ambos; suas lagrimas, porém, eram bem doces; eram lagrimas de uma felicidade que se não mede: felicidade tão grande que não lhe bastam os labios por onde sae em sorrisos, que lhe são precisos tambem os olhos por onde em lagrimas se derrama.

Completava o quadro a figura nobre do velho Rodrigues.

Aquelle moço e aquella senhora abraçados, e de joelhos junto daquelle velho alto e respeitavel, pareciam, talvez, dous amantes trocando votos do mais terno e puro amor, á sombra de uma arvore secular e majestosa.

De repente, e com um movimento rapido e forte, Marianna desenlaçou-se dos braços de seu filho e recuou dous passos.

— Minha mãe!... exclamou o mancebo com os braços estendidos para ella.

Marianna lançou a mão ao seio e tirou de dentro o embrulho de arsenico.

— Era a morte!... disse ella, lançando o papel no chão e pisando-o com força: entre meu filho e meu peito estava ainda um crime de permeio! agora sim... estou livre... estou bella... estou pura!... o amor de meu filho lava todas as minhas culpas.

E atirou-se de novo nos braços de Candido.

Aquelle prazer, a felicidade era tão grande em ambos, que Marianna esquecia Henrique, e Candido não se lembrava de Celina.

Mas ouviu-se o rodar de uma carruagem que parou junto ao alpendre do Céo côr de rosa.

— E' elle! disse o velho Rodrigues.

— E' elle! disse erguendo-se Candido, que já sabia de tudo.

— Agora póde chegar, disse por sua vez Marianna, erguendo-se tambem.

Com effeito pouco depois entrou na sala Salustiano, que pareceu admirar-se de achar Marianna acompanhada de duas pessoas.

O irmão de Candido estava mais pallido que nunca.

— Pensava encontral-a só, senhora, disse elle.

— Enganou-se: eu quiz que duas pessoas testemunhassem o que se vae passar entre nós dous, respondeu a viuva levantando nobremente a cabeça.

Salustiano chegou-se para uma janella.

— Se é uma traição o que se me prepara, tornou elle, lembre-se, minha senhora, que ainda não é noite fechada, que muita gente está passando por baixo desta janella, e que ao primeiro signal de emprego de força, eu farei presente de uma folha de papel ao primeiro que passar.

Sorriu-se Marianna, e disse:

Descanse, meu caro senhor, tudo se concluirá em perfeita paz; vejo, porém, que me lembrou a tempo do que me devia ter já lembrado: a noite começa, e estamos quasi ás escuras.

Deu dous passos para a porta do corredor, e disse:

— Luzes! tragam luzes!

Candido de um lado e Rodrigues do outro, observavam a scena de braços cruzados.

A sala achou-se bem depressa illuminada.

— Nada de cerimonias: sentemo-nos. Vejamos, meu nobre senhor, apresente-nos o seu ultimatum.

— Senhora!...

— Nada de interjeições: sobretudo, eu tenho pressa.

— Pois bem, senhora; eis aqui um contrato de casamento ao qual só falta a assignatura de sua sobrinha.

Marianna recebeu o contrato, e, depois de seriamente examinal-o, disse:

— Pouco entendo de direito; todavia, creio que o tabellião e as testemunhas deveriam ter-se achado aqui.

— E' possivel que o desejasse?

— Certamente; e como faltou essa formalidade, que me dizem

ser de modo mui positivo recommendada pela lei, peço-lhe licença para, em nome de minha sobrinha, rejeitar este papel.

Salustiano mordeu os beiços, e disse:

— E terei eu tambem licença para mostrar aqui e em toda a parte um outro papel que trago no meu bolso?

— Aqui é desnecessario, respondeu Marianna sem hesitar; porque sabemos ambos que o Sr. Rodrigues tem inteiro conhecimento desse papel, e o Sr. Candido já não ignora sobre que elle trata.

— E lá fóra! perguntou Salustiano elevando a voz.

— Lá fóra, senhor, poderá mostral-o a quem bem lhe parecer; mas já que se quer dar ao incommodo de tornar publico um erro de meus primeiros annos de moça offereço-me para facilitar-lhe a prova viva e documental desse erro.

— Eu a tenho no meu bolso, senhora.

— Quero dar-lhe outra muito melhor.

— Melhor ainda? e qual?

— E' meu filho, disse a viuva apontando para Candido.

Salustiano ficou estupefacto.

Candido approximou-se delle, e offerecendo-lhe a mão, disse com accento commovido:

— Meu irmão...

A voz de Candido despertou Salustiano, que, soltando uma risada de escarneo, exclamou:

— Impostor!

Candido córou até á raiz dos cabellos e recolhendo a mão que havia estendido, encruzou de novo os braços.

Marianna apertou entre as suas uma das mãos do mancebo; dizendo-lhe:

— Não córes assim, meu filho; que importa que teu irmão te desconheça, se tua mãe te abre os braços?... vem... eu quero apertar-te contra meu seio diante delle; vem!

E depois de abraçar apertadamente seu filho, continuou dirigindo-se a Salustiano:

— Vê bem que já não receio o veneno da sua lingua: acabou-se o senhor, desappareceu a escrava; agora eu o desafio orgulhosa!

— Ainda quando o que se representa aqui não fosse uma miseravel comedia, respondeu Salustiano, ainda quando o que está dizendo tivesse todos os visos de verdade; acredita, minha senhora, que toda a esperança de vingar-me estava perdida para mim?

— Oh!... ainda?...

— Pois bem... o Sr. Candido é seu filho? qual é o nome do pae de seu filho?

Marianna fez um movimento.

— Senhor!...

— Não responde?... tanto melhor: irei perguntal-o ao Sr. Henrique...

A viuva empallideceu; lembrou-se do amor daquelle que o inesperado apparecimento de seu filho fizera esquecer tanto tempo: duas lagrimas eloquentes penderam das palpebras de Marianna.

Candido, com um olhar cheio de amor e de profundo sentimento, mostrou comprehender a significação destas lagrimas.

— A resposta de Henrique, senhora, será prompta e nobre; não preciso dizer qual seja...

— Embora... balbuciou, como gemendo, a mãe de Candido, olhando ternamente para seu filho.

— Deixarei Henrique, senhora, proseguiu Salustiano, e hei de vir fazer a mesma pergunta a um honrado velho, que vive de amar sua filha... que a julga pura, que...

Marianna soltou um grito; Candido ia dar um passo; mas ella atirou-se entre elle e Salustiano.

— Embora! exclamou com fogo: embora! perca-se tudo! rompa-se este casamento que deveria fazer a ventura do resto da minha vida! derrame ainda meu pae lagrimas amargas por minha causa; mas renegar meu filho? afastal-o de meus olhos? negar-lhe o meu seio? nunca! nunca! agora, senhor, antes de todos está meu filho.

E chorando lagrimas de amor, abraçou-se estreitamente com Candido.

— Bem, senhora, disse Salustiano, tomando o chapéo; eu me retiro... tudo está decidido entre nós.

Candido tinha sentido vibrar todas as cordas do coração de sua mãe; comprehendeu que ia ser a causa de seus tormentos e de sua desgraça; e fazendo um violento esforço, desprendeu-se dos braços que o apertavam, e lançando-se adiante de Salustiano, exclamou:

— Uma palavra, senhor!

— O que temos? perguntou com desprezo o moço.

— Conhece a lettra de seu pae?

— Sim.

— Pois veja.

— E tirando do bolso uma folha de papel, que mostrava ter estado por muito tempo guardada, Candido abriu-a aos olhos de Salustiano.

Era o escripto pelo qual Leandro reconhecia Candido por seu filho.

Salustiano quando acabou de ler, tremia da cabeça até aos pés, e estava pallido como um finado.

— Eu sou seu irmão, disse Candido.

Salustiano não respondeu.

— Metade da fortuna de que se acha de posse pertence-me de direito.

Salustiano, com os labios brancos e convulsos, olhou com um olhar espantado e feroz para aquelle que lhe estava fallando.

Candido voltou o rosto para Rodrigues e perguntou:

— Diga-me, Sr. Rodrigues, sabe pouco mais ou menos quanto devo receber do Sr. Salustiano?

— Um milhão, respondeu o velho.

— Pois bem, tornou Candido com todo o sangue frio; Sr. Salustiano... meu irmão; eu dou-lhe um milhão pela carta de minha mãe.

O velho deu um passo...

Marianna ficou extactica...

Salustiano continuou a olhar espantado para Candido.

— O caso é simples, continuou Candido: o senhor não conseguirá nunca desposar aquella que pretende; ao muito fará infructiferamente a desgraça de minha mãe. E para que isso, senhor? para que procurar um remorso? acabemos com isto: eis aqui uma vela que arde, accendamos nella nossas duas folhas de papel; um queima um escripto que lhe dá um milhão, outro, extingue uma carta que vale uma desgraça. Senhor, outra vez, o caso é simples: trata-se de um milhão!

Salustiano instinctivamente lançou a mão ao bolso e tirou delle um papel.

Os dous mancebos approximaram-se um do outro; Salustiano estava desfigurado, Candido risonho e animado.

— Senhor, disse este, permitta que minha mãe examine se é essa a carta de que se trata.

Salustiano chegou-se a Marianna, que, depois de ler a carta, respondeu:

— E' ella mesma.

— Senhor, continuou Candido dirigindo-se a seu irmão; jura

pela sua honra, pela salvação de sua alma e pelas cinzas de sua mãe e de nosso pae, que nunca abusará deste segredo?

— Juro, murmurou Salustiano.

— Então... ao fogo!

Chegaram-se os dous moços para junto da luz; mas o velho Rodrigues, suspendendo Candido, exclamou:

— Mancebo, lembra-te que vaes queimar um milhão.

Candido, com o mais eloquente silencio, apontou com a mão esquerda para sua mãe e deixou cahir a direita sobre a luz.

Emquanto as duas folhas de papel ardiam, Salustiano olhava para as chammas com a estupidez de um idiota, e Candido com o sorrir de um anjo.

Só restavam cinzas... Marianna lançou-se com enthusiasmo sobre Candido.

— Meu filho!

Candido recebeu-a de joelhos.

— Agora eu! disse uma voz.

Todos olharam: era João que acabava de entrar na sala.

— Que é isto?...

— E' a vingança! bradou elle.

Salustiano deixou-se cahir aterrado sobre uma cadeira.

— Falsario!... falsario!... exclamou João sacudindo o processo, subtrahido a Jacob, diante dos olhos de Salustiano; falsario! falsario! eis aqui a vingança!....

— O que quer dizer isto? perguntou Candido a Rodrigues.

Breves palavras do velho explicaram tudo.

Candido avançou para João.

— Meu bom amigo, eu sou o filho de Leandro, eu sou o herdeiro da amizade de cem annos.

A voz do moço era doce e tão terna, como foi o olhar que João lançou sobre elle.

— Em nome de meu pae, em nome da sagrada amizade que d'ora ávante ha de ligar-nos até á morte, João, meu amigo, dá-me esse processo!...

João ficou immovel, arrasaram-se-lhe os olhos d'agua.

Candido estendeu o braço e tirou-lhe o processo das mãos, sem que o velho fizesse a menor resistencia.

— Por mais que queiras, João, disse Rodrigues commovido, tu não pódes ser máo...

Candido tinha-se chegado outra vez junto da luz, e queimava o processo.

— E' meu irmão, disse elle soluçando.

CONCLUSÃO

A felicidade e o prazer se estavam sorrindo de mil modos no Céo cor de rosa.

Candido frequentava de novo e mais assíduamente que nunca a casa de Anacleto: dirigindo-se a Marianna, tratava-a por — minha senhora; — mas sua voz tinha um tom de indizivel ternura.

Marianna estava bella e deslumbradora como em seus primeiros dias de ventura; chamava o mancebo como dantes — Sr. Candido, — porêm seus olhos ardentes e amorosos lhe davam ao mesmo tempo o mais carinhoso dos nomes.

Anacleto não podia comprehender aquella metamorphose; mas, respeitava o segredo da felicidade de sua filha, tanto quanto havia respeitado outr'ora o de seus tormentos.

Celina sorria-se para a vida... amava, era amada e emfim esperava ser feliz; que lhe importava o mais?...

. . . . . .

Chegou o dia destinado para o casamento de Henrique e Marianna.

Tudo estava prompto: o altar, o sacerdote, os dous amantes e os convidados.

Só faltava Candido. Debalde o esperaram por muito tempo.

. . . . . .

Na manhã desse dia Candido, ao erguer-se do leito, recebeu da mão de Irias uma volumosa carta a elle dirigida.

Abriu e leu a carta curioso.

"Meu irmão: — Déste-me uma grande lição de virtude: mostrar-te-ei que a não gastaste mal commigo.

"Eu era um moço perdido, sem nobreza, sem generosidade e sem amor do que é verdadeiramente bello: provarei, que, com o exemplo da honra, soube conhecer os meus erros.

"Meu irmão, quando eu tornar a apparecer a teus olhos, não te envergonharás de me apertar a mão. Eu parto, para onde não sei ainda...

"Voltarei talvez um dia... quando o estudo, a meditação, as lagrimas e as viagens tiverem gasto todos os meus remorsos, e me disserem que já não sou o mesmo.

"Voltarei digno de meu irmão; digno daquelle que fez arder a meus olhos um milhão e um processo.

"No entanto, meu irmão, eu te deixo a minha casa, confio-te a riqueza que nos deixou nosso pae. Acompanham a esta a escri-

ptura e toras as disposições necessarias para que tomes a direcção da casa como seu administrador geral e meu socio.

"Não é possivel recusar, meu irmão; em nossa casa te esperam; e quando receberes esta, já estarei longe do Rio de Janeiro.

"Adeus, meu irmão. Eu te agradeço teres-me feito bom... teres-me feito christão.

"Adeus! até um dia.

"Teu irmão, — *Salustiano.*

Acabando de ler a carta, Candido vestiu-se apressadamente e sahiu agitado: encontrando João e Rodrigues, contou-lhes o que havia e correram todos tres em procura de Salustiano.

Perderam quasi sodo o dia em inuteis indagações; finalmente descobriram que o mancebo tinha tirado um passaporte, e que se embarcára ao romper da aurora em um navio europeu.

Os tres amigos correram á praia... tomaram informações; um inconveniente inesperado demorava o navio por algumas horas. Candido, Rodrigues e João atiraram-se dentro de um bote e mandaram remar com toda a força para o navio.

Já não estavam longe... reconheceram em pé sobre a tolda, com os olhos embebidos na cidade que ia deixar, o infeliz Salustiano: Candido soltou um grito de prazer; era-lhe possivel arredar seu irmão daquella triste viagem.

Salustiano ouviu o grito... lançou os olhos sobre o batel e estendeu os braços...

Mas o navio abriu de repente as azas... e gracioso deslisou-se sobre as aguas.

— Adeus! gritou Salustiano agitando seu lenço branco; adeus! até um dia!

— Adeus! respondeu Candido chorando.

. . . . . .

Eram nove horas da noite quando, em companhia de João e Irias, Candido entrou no Céo cor de rosa.

O sarão tinha já começado.

O mancebo desculpou o melhor que pôde a sua ausencia, dirigindo-se a Anacleto e Henrique.

Correu depois aos pés de Marianna, e, approveitando um momento, disse-lhe toda a verdade em duas palavras.

Faltava Celina.

A Bella Orphã saudára com sorriso de amor a chegada de seu

amado, e não podendo esconder sua perturbação, sahiu da sala e fugiu para o jardim.

Marianna comprehendeu o olhar de Candido que se voltava por toda a sala, e apontando para a porta do corredor, disse sorrindo-se:

— No jardim.

Candido voou para o jardim.

Celina estava em pé junto de uma roseira.

Os dous amantes ficaram defronte um do outro perturbados, suspirando, e sem dizer palavra durante muito tempo.

Quando, emfim, Candido ia pronunciar a primeira phrase de amor... ouviu-se uma voz melancolica e tremula que cantava perto:

" Era um dia um mancebo, qu'ardente
" Pobre vida esquecido vivia;
" E uma virgem formosa, innocente,
" Qu'outra igual não se viu, não se via.
" Quem separa o ardor da belleza?...
" Um abysmo fatal: — a pobreza".

Candido e Celina reconheceram a voz do velho Rodrigues, e ficaram suspensos escutando o romance da virgem.

Finalmente o bom velho chegou á ultima estrophe do romance, e cantou:

" E o mancebo, que tinha tentado
" A paixão que nascia, abafar,
" Hoje a ella de todo curvado
" Stá c'os olhos no céo a clamar:
" Quem não fôra nascido; — ou então
" Quem me déra o terceiro botão!..."

Candido, sem pensar talvez no que fazia, repetiu como um éco, o ultimo verso da estrophe.

" Quem me déra o terceiro botão!..."

A Bella Orphã comprehendeu o pensamento de Candido; tirou da roseira um botão de rosa e o offereceu ao feliz mancebo.

Dava-lhe o seu coração.

Candido recebeu de joelhos o presente de amor.

— Parabens!... disse uma voz doce.

Os dous amantes voltaram-se e viram junto de si Marianna e Henrique.

Ficaram ambos confusos.

— Não se perturbem, exclamou Marianna: nós approvamos o vosso amor.

Depois, dirigindo-se a Henrique, continuou:

— Olha, Henrique, não são bem dignos um do outro?...

Henrique sorriu-se.

— Queres tu que os adoptemos por nossos filhos?...

Henrique abriu os braços a Celina.

— Minha filha!... disse o esposo de Marianna abraçando a Bella Orphã.

— Meu filho! exclamou Marianna com um grito d'alma.

— Minha mãe! respondeu Candido cahindo-lhe aos pés.

— Graças a Deus! disse o velho Rodrigues que acabava de mostrar-se.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO TOMO

Todos os leitores do

JORNAL DO BRASIL

devem

tomar parte nos seus Concursos

que offerecem sempre

surpresas agradaveis e uteis

Supplemento Romantico

DO

JORNAL DO BRASIL

Edição especial dos Concursos do JORNAL DO BRASIL

Para vulgarizar os romances classicos da nossa literatura resolveu o "Jornal do Brasil" offerecel-os aos concurrentes de seus Concursos em pequenos volumes, como supplemento gratuito, fornecido nas condiçoes exaradas nos annuncios publicados no "Jornal do Brasil" na secção dos Concursos.

VOLUMES PUBLICADOS:

N. 1 — DIVA de José de Alencar.
N. 2 — O GARIMPEIRO de Bernardo Guimarães.
Ns. 3 e 4 — IRACEMA E UBIRAJARA de José de Alencar.
Ns. 5 e 6 — A MYSTERIOSA, OS QUATRO PONTOS CARDEAES de Joaquim M. de Macedo.
N. 7 — SARGENTO DE MILICIAS de M. A. de Almeida.
N. 8 — COMEDIAS de Martins Penna.
N. 9 — SENHORA de J. de Alnecar.
N. 10 — O CABELLEIRA de Franklin Tavora.
N. 11 — A ESCRAVA ISAURA de Bernardo Guimarães.
N. 12 — LUCIOLA de José de Alencar.
N. 13 — O TRONCO DO IPÊ de José de Alencar.
N. 14 — O SEMINARISTA de Bernardo Guimarães
N. 15 — ENCARNAÇÃO de José de Alencar
Ns. 16 e 17—OS DOUS AMORES de J. M. Macedo — 1° e 2° volumes

Microfilmed
SOLINET/ASERL PROJECT
1990-92

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00028623909